

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

WESLEI PINHEIRO MACIEL

KAFKA E WEBER:
AFINIDADES E LIMITES ENTRE A INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA E CIENTÍFICA

Guarulhos

2019

WESLEI PINHEIRO MACIEL

KAFKA E WEBER:

AFINIDADES E LIMITES ENTRE A INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA E CIENTÍFICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Escola Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dra. Ana Lúcia de Freitas Teixeira

Guarulhos

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Pinheiro, Weslei

Kafka e Weber: Afinidades e limites entre a interpretação literária e científica / Weslei Pinheiro Maciel.– 2019.

168 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), Guarulhos, 2019.

Orientação: Prof. Dr^a. Ana Lúcia de Freitas Teixeira

1.Sociologia. 2.Teoria Sociológica. 3.Sociologia da Literatura. I. Título.

PINHEIRO, Weslei. **Kafka e Weber**: Afinidades e limites entre a interpretação literária e científica. Dissertação (Mestrado) apresentada à Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Aos integrantes do FDI, Rafael Rodrigues, Felipe Amorim, Caio Cardoso, Letícia Pedrozo e José de Martini, que sempre foram refúgio e morada do pensar, com quem partilhei os desafios de pensar, as melhores provocações e um espaço plural.

Aos meus pais, que ao enfrentarem os percalços da vida possibilitaram longos voos a esse jovem.

À Nicole, amizade e amor mais sincero, que sempre tenta me mostrar aquilo que sou incapaz de enxergar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Paulo e seu programa da pós-graduação, que me acolheu no ano de 2017 e possibilitou a sequência de minha formação com todo suporte possível. Nesse novo espaço encontrei professores, aos quais também sou grato, pois renovaram as águas do moinho da reflexão sociológica. Neste mesmo local tive a oportunidade de conhecer uma pessoa das mais incríveis e de pensamento mais acurado e que felizmente me acolheu como seu orientando, Professora Ana Lúcia de Freitas Teixeira, que foi, é e sempre será minha orientadora. Agradeço pelas orientações, pelas conversas sobre as angústias de nossos tempos e pelo apoio nos momentos de dificuldade e tristeza que se apresentaram nesse caminho. Minha dívida contigo é infindável, assim como o orgulho de tê-la conhecido.

Agradeço também à Fundação Escola de Sociologia e Política, local onde meus pensamentos foram tomando forma. Ali encontrei professores magníficos que se tornaram exemplo para a sequência da vida acadêmica e da vida em geral. Gostaria de agradecer ao Professor Paulo Niccoli Ramirez, meu primeiro orientador, aquele com quem tive o prazer de estabelecer amplo diálogo durante os quatro anos de minha graduação e dividir minhas dúvidas, foi uma grande inspiração e responsável por minha formação. O trabalho aqui presente, em muito, é fruto de nossas conversas. Me recordo até hoje do dia em que o tema de pesquisa surgiu e depois disso foi sendo lapidado até tomar a forma presente. Também agradeço ao Professor Rodrigo Estramano de Almeida, figura ilustre, orientou-me durante a formulação do projeto de mestrado e me apresentou um mundo completamente novo dentro da sociologia da literatura. Sempre estive ao meu lado para tirar dúvidas, me ajudou a pensar e propôs novos desafios, além de tudo, sempre foi figura muito solícita, inspiradora, apoiante e que, em muito, facilitou os caminhos da reflexão.

Agradeço também à Professora Isabela Oliveira Kalil, que foi peça importante na minha formação e exemplo de coragem quando o assunto é o pensamento e a reflexão. Sempre foi muito solícita nos momentos de angústia e de dificuldade, colocando-se sempre a disposição para ajudar a resolver problemas ou apenas ouvi-los. Dessa forma, além de uma das responsáveis por minha formação, hoje é uma grande amizade que levo para a vida.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da Bolsa de Mestrado nos últimos dois anos, isso viabilizou a execução e desenvolvimento da pesquisa.

Também faço agradecimento especial aos Professores Markus Volker Lasch e Carlos Eduardo Sell pelas orientações dadas durante o exame de qualificação. Elas foram decisivas para os rumos da pesquisa e também foram de grande valia para o enriquecimento e ampliação de horizontes

Aos grandes amigos que a graduação me ofereceu não existe agradecimento que dê conta. Rafael Rodrigues da Costa, Caio Cardoso, Felipe Amorim, Letícia Pedrozo e José de Martini, vocês tem espaço especial em meu coração e em meus pensamentos, espero que essa amizade seja interminável como as discussões do Fórum do qual fazemos parte (Fórum das Discussões Intermináveis – FDI). Se não fosse por vocês, pensar, sem dúvida alguma, seria apenas mais uma atividade biológica sem graça, como comer, dormir e respirar. Vocês tornaram algo natural em algo completamente especial e cheio de cores. Junto de vocês não existem medos, barreiras, apenas as infinitas possibilidades da razão e da experiência agradável que é estar junto de todos vocês. Dizem que pensar é uma atividade solitária por excelência, mas vocês me mostraram que ela é muito mais proveitosa quando é feita na diversidade e na pluralidade, quando o pensar é produzido em conjunto. E saibam sempre que o Fórum, assim como a àgora e a pólis, não é um lugar físico estático onde pessoas se encontram, mas onde cada um de nós nos encontrarmos, é o espaço criado por cada palavra que trocamos onde quer que estejamos, perto ou longe.

Gostaria de agradecer também aos amigos de infância, Daniel Naoiti, André Barbosa, Otávio Santos e Lucas Santos, que sempre compreenderam os sumiços por conta da dissertação, mas sempre foram cúmplices e irmãos em toda a vida. Sempre me apoiaram e me ajudaram a levantar nos momentos mais difíceis. Apesar de todos os pesares eu amo e sempre amarei vocês, estando eu presente ou ausente, vocês fazem parte daquilo que hoje sou.

Aos meus pais também faltam palavras, Edvaldo Correia Maciel e Rosemar Jacinto Pinheiro Maciel. Me deram todo apoio e suporte necessário. São os maiores exemplos de perseverança e esforço que já vi caminhar sobre a terra. Sem a ajuda deles nada em minha vida seria possível. A eles agradecer não basta, nem mesmo o amor incondicional me parece suficiente. Aproveito também para agradecer minha irmã Ana Carolina Pinheiro Maciel que, com seu exemplo de vida, me mostrou que apesar dos pesares risos são possíveis e os melhores remédios mesmo nos momentos mais difíceis e destemperados.

Nicole Elias Rodrigues, seja como amante ou como amiga, estando na minha vida nos últimos 18 anos, sempre foi cúmplice e companheira. Sempre lendo aquilo que escrevia e ouvindo aquilo que pensava. Ela durante muito tempo me deu forças para seguir. Por ela tenho um amor incondicional que, para mim, é o exemplo mais claro do que é *philia*.

*Todo conhecimento surge por meio de separação,
delimitação e abreviação; não há conhecimento
absoluto de uma totalidade!*

(Friedrich Nietzsche)

*Conhecemos apenas uma realidade – a dos
pensamentos.*

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

PINHEIRO, Weslei. **Kafka e Weber**: Afinidades e limites entre a interpretação literária e científica. 2019. Xxx f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.

Resumo: O presente trabalho procura elaborar uma compreensão acerca das interpretações sociológicas e literárias sobre a realidade social e para além disso compreender os pontos de toque entre tais interpretações. Para tal empreendimento, lançaremos vista sobre as obras *Amerika, ou o desaparecido* (1912), de Franz Kafka, e os textos *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904-5; 1920), *Seitas Protestantes e o Espírito do Capitalismo* (1906) e *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha* (1904), de Max Weber. As obras selecionadas, além de fazerem parte de uma mesma época, decorrem da cultura germanófona e tratam, em certa medida, de um mesmo tema: os Estados Unidos da América. Ao olharem para a América, descrevem-na como um país emblemático do processo de racionalização que ocorre no ocidente. Tomaremos tanto literatura quanto sociologia enquanto formas de conhecimento, mesmo que aceitando suas limitações e diferenças com relação à “objetividade”, para compreender as representações que cada uma delas faz sobre uma mesma temática. Procuraremos traçar as afinidades e possíveis diálogos entre a sociologia weberiana e a literatura kafkiana a partir de seus retratos e interpretações da América.

Palavras-chave: Max Weber; Franz Kafka; América; Representação.

ABSTRACT

PINHEIRO, Wesley. **Kafka and Weber**: affinities and boundaries between scientific and literary interpretation. 2019. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.

The current work seeks to elaborate a comprehension about sociological and literary interpretations of social reality and beyond that comprehend the touchpoints between such interpretations. To this end we'll cast sight over the Works *Amerika* (1912) by Franz Kafka and *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism* (1904-5;1920), *Protestants Sects and the Spirit of Capitalism* (1906) and *Capitalism and rural society in Germany* (1904) by Max Weber. The selected works, besides being contemporary works, are also result of a germanic World View, and, to a certain extent, handle about the same subject: The United States of America. When they look to America they describe as a emblematic country of the rationalization process that occurred in the West. We'll take either literature and sociology as forms of knowledge, notwithstanding their limitations and differences with respect to "objectivity", to comprehend the representations that each of them makes on the same theme . We will try to trace the possible dialogues and affinities between the weberian sociology and the kafkian literature through their portraits and interpretations of America.

Keywords: Max Weber; Franz Kafka; America; Representation.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
RELAÇÕES ENTRE SOCIOLOGIA E LITERATURA:	14
AMÉRICA COMO PANO DE FUNDO:	30
1 AMÉRICA DE KAFKA:	37
1.1 UMA INTRODUÇÃO AO ROMANCE:	37
1.2 ASPECTOS ULTRAMODERNOS E ARQUITETÔNICOS	44
1.3 TRABALHO: ENTRE A DISCIPLINA E A JUSTIÇA	49
2 AMÉRICA DE WEBER:	57
2.1 UM COMPARATIVO ENTRE AMÉRICA E ALEMANHA: <i>CAPITALISMO E SOCIEDADE RURAL NA ALEMANHA</i>	57
2.2 PROTESTANTISMO, ESPÍRITO CAPITALISTA E AMÉRICA EM <i>A ÉTICA PROTESTANTE E O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO</i>	62
2.2.1 <i>BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA RELAÇÃO ENTRE A AMÉRICA E A ÉTICA PROTESTANTE E O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO</i>	62
2.2.2 <i>AMÉRICA EM TRÊS CONTEXTOS: COLÔNIA, BENJAMIN FRANKLIN E PRESENTE DE WEBER</i>	81
2.3 SEITAS PROTESTANTES E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO: UM RELATO HISTÓRICO	93
3. PONTES ENTRE WEBER E KAFKA	101
3.1 O OLHAR ESTRANGEIRO: EXPERIÊNCIAS DE WEBER E ROSSMANN NA AMÉRICA	101
3.2 TRABALHO E VOCAÇÃO	113
3.3 LÓGICA DOS SENTIDOS DUALIDADE COMUM ENTRE KAFKA E WEBER	129
3.4 CONDUTA DE VIDA E OS VALORES EM WEBER E KAFKA	134
3.5 A EXPANSÃO PARA O OESTE:	143
3.6 DESAPARECIMENTOS AMERICANOS: DESAPARECIMENTO É INSERÇÃO.	148
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
5. REFERÊNCIAS	166

INTRODUÇÃO

As afinidades entre Kafka e Weber são inúmeras, tanto intelectual quanto biograficamente. Contemporâneos germanófonos (um austro-húngaro e o outro alemão) que puderam vivenciar a primeira guerra mundial, e tiveram no âmbito familiar uma série de conflitos com seus respectivos pais. Weber sofreu com a morte do pai logo após tê-lo expulsado de casa, e essa é uma das possíveis causas de seus surtos nervosos segundo alguns de seus biógrafos¹. Kafka, por outro lado, sofria com o peso de uma autoridade paterna que lhe tolhia a liberdade e impedia sua realização artística. Ambos tiveram formação jurídica, Weber iniciou seus estudos em 1882 e obteve seu doutoramento em 1889, Kafka entre os anos de 1901 e 1906, tendo como orientador de doutoramento o irmão de Weber, Alfred Weber. Não eram especificamente sujeitos religiosos, mas tinham famílias e viviam em comunidades religiosas, o que causou grande impacto em suas obras. Weber era filho de protestantes e durante sua infância conviveu em uma casa na qual ocorriam reuniões religiosas frequentemente. Os apontamentos citados não explicam a entrada do protestantismo em suas obras, mas nos permite inferir. Kafka era filho de judeus e também cresceu em um bairro judeu de Praga. Embora não fosse fortemente ligado ao judaísmo, a religião conquistou espaço importante dentro de sua obra e em sua forma de pensar. Algumas proximidades biográficas são suficientes para contextualizar as proximidades intelectuais de que trataremos no presente trabalho.

Weber e Kafka são autores comumente trazidos para o debate acadêmico quando falamos sobre temas como burocracia, poder e a questão do sentido no mundo moderno. Uma primeira coisa pontuada quando lançamos mão das perspectivas oferecidas por esses dois autores é: ambos estão, muitas vezes, falando dos mesmos temas, porém, em registros diferentes. Weber nos fala sobre mundo moderno e sociedade moderna a partir da chave sociológica; Kafka, a partir de sua obra, oferece-nos possibilidades de interpretações do mundo moderno e nos direciona a certas alegorias da sociedade moderna capitalista pela chave da literatura. As relações que podem ser construídas por meio das obras de Weber e Kafka são indícios de que linguagens diversas podem falar e até mesmo representar coisas semelhantes,

¹ Ver POLLAK, M. Max Weber: Uma biografia sociointelectual. *Mana*, 1996. “Um ano depois de sua nomeação para a cátedra de economia política na Universidade de Heidelberg, pela primeira vez Weber assume, em 1897, o conflito que o opõe a seu pai. Este não queria que a esposa fosse sozinha passar as férias na casa da família do filho. Max Weber toma partido da mãe e expulsa de sua casa o pai que tinha ido junto com a mulher, contra a vontade dela. Pouco tempo depois, o pai morre (Mitzman 1970:149 e ss.). Semanas depois do enterro, Max Weber enfrenta a primeira depressão nervosa. As causas dessa depressão não ficam muito claras. O excesso de trabalho e o fracasso político devem ter contribuído para isso tanto quanto as circunstâncias da morte do pai. Até 1903, Weber não consegue trabalhar. São anos em que faz muitas viagens, sobretudo à Itália.” (p.92)

servindo como formas de conhecimento paralelas, e contribuindo mutua e inconscientemente para um quadro de compreensão de determinado fenômeno social.

No presente trabalho pretendemos lançar vistas a uma dessas temáticas que aproximam as obras de Max Weber e Franz Kafka: a representação dos Estados Unidos da América. Para que tal tarefa seja exequível, teremos como objetos de estudo os textos *A Ética Protestantes e o Espírito do Capitalismo*, *As seitas Protestantes e o Espírito do Capitalismo* e *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha*, de Max Weber, e, por parte de Franz Kafka, *O Desaparecido* ou *Amerika*. Esses textos têm, em certa medida, como cenário de fundo e referência, os Estados Unidos da América, e, a partir disso, constroem uma ideia de como era o país na época em que foram produzidos. Deixemos claro que os Estados Unidos não se limitam a essas duas perspectivas, posto que existem outras formas de entrada no tema e também outras representações construídas, porém a intenção deste trabalho é demonstrar como as representações produzidas por Kafka e Weber podem ser aproximadas e comparadas. Como os conteúdos das duas narrativas se aproximam ou distanciam? Quais os pontos de toque entre os agentes construídos por Weber e por Kafka? São essas algumas das questões que buscamos enfrentar em nossa pesquisa.

A presente dissertação se divide em algumas discussões temáticas por meio das quais procuraremos abordar, primeiramente e de maneira introdutória, as pontes epistêmicas entre a sociologia de Weber e a literatura de Kafka (Relações entre sociologia e literatura), e posteriormente apresentar o contexto da América nas obras dos referidos autores e alguns dados históricos com relação à América em suas vidas (América como pano de fundo). Nosso primeiro capítulo é destinado a algumas questões levantadas pela obra de Kafka. Iniciamos por 1.1 Uma breve introdução ao romance; passamos para o tema da modernidade e aspectos arquitetônicos no texto do literato de Praga (1.2 Hipermodernidade e o choque arquitetônico) e, por fim, abordamos o espaço que o tema do trabalho e sua representação, em relação com a disciplina, ganham no romance de Kafka (1.3 Trabalho: Entre a justiça e disciplina). Nosso segundo capítulo passa às reflexões sobre os três textos de Weber, fazendo um panorama geral do aparecimento e da representação da América em *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha*, *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* e *Seitas protestantes e o espírito do capitalismo*. Cada uma das produções recebe um tópico dentro desse capítulo onde abordamos temas como modernização e modernidade, disciplina, ética, conduta de vida, trabalho e a própria experiência histórica que Weber teve nos EUA (2.1 um comparativo entre América e Europa: Capitalismo e sociedade rural na Alemanha; 2.2 Protestantismo, Espírito do capitalismo e Ética na *Ética Protestante e o espírito do capitalismo*; 2.3 *Seitas protestantes e o*

espírito do capitalismo: um relato histórico). No último capítulo da dissertação, retomamos as pontes de comparação com base nas temáticas abordadas nos capítulos isolados, dando continuidade à uma discussão epistemológica entre os autores, feita na introdução, aproximando e construindo pontes entre as concepções do mundo moderno, com base na experiência de viagem de Weber com a passagem de Karl Rossmann pelo país, em como o trabalho de tipo capitalista aparece representado na obra e como esse novo país é representado por uma forma de construção de uma nova subjetividade.

RELAÇÕES ENTRE SOCIOLOGIA E LITERATURA:

Na presente dissertação, analisamos as proximidades entre as obras de Max Weber e Franz Kafka no que diz respeito às suas representações dos Estados Unidos da América em elementos como modernidade, modernização e trabalho. Esses três temas se constroem, na obra de Weber, em textos como *A ética Protestante e o espírito do capitalismo*, *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha*, *Seitas protestantes e o espírito do capitalismo* e no romance de Franz Kafka *O desaparecido ou Amerika*. Aproximar essas obras, pertencentes a campos distintos, significa observar menos o grau de racionalidade que existe em cada uma das esferas de conhecimento, e mais as interpretações produzidas de imagens de mundo construídas por cada um desses autores. O que compreendemos em nosso trabalho, é que tanto literatura quanto sociologia são formas de olhar e interpretar o mundo. Procuraremos justificar nossa perspectiva pelas interpretações da obra de Kafka e pelas formulações metodológicas da obra de Weber. Então, nesse primeiro momento, antes de introduzirmos os conteúdos das obras que serão apresentados e investigados nos capítulos subsequentes, nos limitaremos a uma discussão epistemológica, na tentativa de aproximar os procedimentos da escrita de Kafka, da metodologias de Weber.

Apresentaremos interpretações pontuais da obra de Kafka, que a relacionam com uma representação da realidade, não compreendendo-a meramente como obra fictícia. Paralelamente, devemos dispensar especial atenção à proposta metodológica de Max Weber que traz uma compreensão de sociologia enquanto estudo da realidade, sem se propor a transpor o real para seus textos. Procuraremos formular a ideia de realidade com a qual trabalharemos, e que transparece na proposta de estruturação da sociologia, por parte de Max Weber, e em textos de interpretação e crítica, por parte de Franz Kafka. A partir dessa compreensão, podemos passar à análise dos discursos e das interpretações produzidas por cada um dos autores, de forma a não nivelar ou hierarquizar as obras por meio de um critério de maior ou menor distância em relação ao real, mas lidando somente com as idealizações e temáticas

desenvolvidas, pois as proximidades e distâncias das interpretações de Weber e Kafka serão propostas menos voltadas para o campo da América empírica, e mais para as imagens produzidas por eles. Então, não entraremos no mérito de uma discussão sobre qual representação possui maior ou menor verossimilhança, buscando mais uma complementariedade entre elas, sendo a sociologia de Weber uma forma possível de ter contato com a realidade, e a literatura de Kafka outra.

Avaliamos na presente dissertação a sociologia e literatura enquanto dotadas de valores epistêmicos, evidentemente diferentes, mas que podem ser aproximados. Nesse debate sobre proximidades e distâncias entre a sociologia e a literatura devemos então ponderar que a primeira diz respeito a um conhecimento procedimental que “é expresso pela fórmula ‘x sabe como alcança z’ [...], Nesse sentido o conhecimento procedimental acerca-se das habilidades técnicas e metodológicas” (SEVÄNEN, 2018:63), o que simplesmente diz respeito a um método para alcançar e construir, de forma intencional, um conhecimento sobre a realidade empírica. A segunda forma de conhecimento é a do conhecimento declarativo, isto é “[...] conhecimento referido a situações que prevalecem no mundo e que podem ser expressas pela fórmula ‘x sabe que y tem tais e tais propriedades’” (SEVÄNEN, 2018:63). Dessa forma, a literatura absorve para dentro de sua estrutura e reproduz certos conhecimentos, sentidos comuns e discursos científicos. Mas claro que não é apenas a literatura que lança mão do conhecimento declarativo, posto que toda forma de conhecimento parte de um conhecimento declarativo, seja para reafirmá-lo ou para contradizê-lo. Erkki Sevänen oferece uma interessante reflexão sobre a literatura enquanto conhecimento, onde faz um balanço da crítica literária moderna que compreende a literatura dessa forma:

“[...] Os estudos de Mikhail Bakhtin (2007), Hans-Georg Gadamer (1986) e Hans Jauss (1984) oferecem uma base mais adequada para a sociologia da literatura moderna. Esses três estudiosos entenderam a literatura como uma prática comunicativa ou discursiva que se mantém em relação dialógica com a sociedade e as tradições culturais. Um ponto de partida para a criação literária moderna é, geralmente, um problema filosófico, social, intelectual ou moral causado pelo desenvolvimento sociocultural e percebido pessoalmente pelo autor de um texto literário como relevante. As obras literárias modernas podem ser consideradas reações ou respostas mais ou menos conscientes a problemas como esses. [...]” (Sevänen, 2018:60-61)

A partir desse balanço, que apresenta o potencial da obra literária para além de uma forma estética, que irá atribuir outros sentidos à literatura, entre eles o de produtora de conhecimento das questões do mundo, Sevänen aponta que devemos levar em consideração a experiencialidade da qual é composta a literatura, ou seja, os elementos da experiência do autor que acabam servindo como matéria prima para a produção do texto. Fazemos mais uma vez

referência à ótima elaboração de Sevänen sobre essa constituição do texto entrecruzando a vida social e a ficção:

Ao lidar com a realidade sociocultural, os autores de obras literárias partem de suas próprias percepções dessa realidade e de sua própria experiência de vida. (a) Assim, as obras literárias portam percepções subjetivas ou pessoais do mundo, mas os autores complementam suas percepções e experiências com personagens, eventos e ambientes fictícios, ajustam esses elementos à fluência lógica da narrativa e interpretam todos esses elementos por meio de distintos referenciais cognitivos. (b) Consequentemente, as obras literárias utilizam convenções e tradições literárias e agregam referências a elas. Esta utilização não é semanticamente neutra, pois modifica os significados e representações transmitidos pelas obras literárias. Além disso, as obras literárias apoiam-se em diferentes referenciais cognitivos. (SEVÄNEN, 2018: 68)

A crítica literária entende as experiências do mundo como matéria prima para a arte e observa a possibilidade de relacionar uma obra com aquilo que lhe é exterior, como forma de interpretação, crítica, compreensão, distorção e outras características que ela poderia assumir. Outro ponto colocado pela crítica literária, nesse sentido, é que a literatura não se encerra e nem se explica apenas por algo externo ao texto; acrescentam-se à realidade do mundo outros elementos que darão aspecto literário e não simplesmente histórico, ficcionaliza-se a experiência de forma a torná-la, além de uma interpretação da realidade ou de um tema, também uma realidade autônoma e própria. O que a crítica literária apresentada por Sevänen considera uma possibilidade para a literatura – lançar mão da experiência do real como matéria prima para a construção da obra – é elemento fundante na sociologia e inclusive ligeiramente óbvio. Mas, por outro lado, algumas das vezes esquecemos do exercício básico da ciência, que é criar, em alguma medida, abstrações da realidade para melhor compreendê-la. É exatamente esse movimento que queremos ressaltar daqui em diante, um movimento que demonstra a limitação da ciência com relação a um conhecimento da realidade e também contribui para sua formação enquanto construção de uma realidade que não é dada, acabada e dotada de sentido inato. Por exemplo, se observarmos as proposições de Weber podemos ver até onde suas posições teórico metodológicas nos ajudam a aproximar sociologia e literatura exatamente por problematizar questões da ciência enquanto construção e criação em algumas circunstâncias. Devemos pensar em algumas questões-chave que estão postas em *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*. Nesse texto, Weber deixará, de certa forma, marcados aspectos como a “objetividade”, a seletividade, o aspecto de construção, a limitação com relação ao real e a produção de importância e desimportância de certas perspectivas na própria ciência. Passemos por alguns desses tópicos, começando pelo aspecto objetivo da ciência:

De tudo o que até aqui se disse, resulta que carece de razão de ser um estudo “objetivo” dos acontecimentos culturais, no sentido de que o fim ideal do trabalho científico deverá consistir numa redução da realidade empírica a certas leis. Carece de razão de ser não porque – como frequentemente se sustentou – os acontecimentos culturais ou, se quiser, os fenômenos espirituais, evoluam “objetivamente” de modo menos sujeito

a leis, mas: a) porque o conhecimento de leis sociais não é um conhecimento do socialmente real, mas unicamente um dos diversos meios auxiliares de que nosso pensamento serve para esse efeito; [...] (WEBER, 2001:130)

O que percebemos aqui de saída é uma posição epistemológica muito inovadora para seu período, onde imperava o positivismo e também proposições científicas que procuravam leis gerais para as mais diversas ciências. O autor ainda pondera que as leis sociais não são “um conhecimento do socialmente real, mas unicamente um dos diversos meios auxiliares de que nosso pensamento serve para esse efeito”. Então elas não são a realidade, mas uma formulação mental que nos auxilia a compreender esta de maneira intelectual e não factual. As leis sociais e a realidade social não são *ipsis literis* correlatas, são meios para se alcançar um fim desejável, que auxiliam o conhecimento científico, mas não dão conta do real. São mais uma representação, ou uma *mimesis* da realidade, do que uma explicação totalmente referencial. O autor ainda continua:

[...]; e b) porque nenhum conhecimento dos acontecimentos culturais poderá ser concebido senão com base na significação que a realidade da vida, sempre configurada de modo individual, possui para nós em determinadas relações singulares. Não existe nenhuma lei que nos mostre em que sentido e em que condições isso sucede, pois o decisivo são as idéias de valor, prisma sob o qual consideramos a “cultura” em cada caso. (WEBER, 2001:130)

Aqui está o segundo motivo pelo qual carece de razão de ser o estudo “objetivo” que se converta em leis gerais: os acontecimentos culturais só podem ser compreendidos com base na significação da realidade, que passa por individualidade e relações singulares. O que Weber está tentando evidenciar como decisivo é que as leis nos impedem de demonstrar a singularidade dos casos e dificultam o contato com as *ideias de valor*, que são as formas pelas quais entramos em contato com a cultura em cada quadro específico. E por “cultura” o autor compreende “um segmento finito e destituído de sentido próprio do mundo, a que o pensamento conferiu – do ponto de vista do homem – um sentido e uma significação.” (WEBER, 2001:130). E sobre o homem da cultura e as ideias de valor:

[...] afirmamos que todo o indivíduo histórico está arraigado, de modo logicamente necessário, em “ideias de valor”. A premissa transcendental de qualquer ciência da cultura reside não no fato de considerarmos valiosa uma “cultura” determinada, mas na circunstância de sermos homens de cultura, dotados da capacidade e da vontade de assumirmos uma posição consciente em face do mundo e de lhe conferirmos um sentido. Seja qual for este sentido, ele influirá para que, no decurso de nossa vida, extraíamos dele avaliações de determinados fenômenos da convivência humana e assumamos, perante eles, considerados significativos, uma posição (positiva ou negativa). Qualquer que seja o conteúdo desta tomada de posição, esses fenômenos possuem para nós uma significação cultural que constitui a base única do seu interesse científico. Consequentemente, quando utilizamos aqui a terminologia dos lógicos modernos (Rickert) e dizemos que o conhecimento cultural é condicionado por determinadas ideias de valor, esperamos que isso não seja suscetível a mal-entendidos tão grosseiros a opinião de que apenas se deve atribuir significação cultural aos fenômenos valiosos. Pois tanto a prostituição como a religião ou o dinheiro são fenômenos culturais. E todos os três o são, única e exclusivamente, enquanto a sua

existência e a força que historicamente adotam correspondem, direta ou indiretamente, aos nossos interesses culturais, enquanto animam o nosso desejo de conhecimento a partir de pontos de vista derivados das ideias de valor, as quais tomam significativo para nós o fragmento de realidade expresso naqueles conceitos. (WEBER, 2001:130-131)

O que fica claro na perspectiva de Weber, a partir dos trechos acima, é que o mundo cultural passa pelo posicionamento que os homens tomam e pelos sentidos que eles atribuem ao mesmo, baseados em suas ideias de valor. Não existe conhecimento intrínseco ao mundo e nem intrínseco ao homem, este segundo atribui sentido e significado ao primeiro, ao passo que também é inserido em um mundo que já possui alguns sentidos e significados atribuídos pelos valores de sua tradição. Logo, o homem passa a avaliar e tornar significativos alguns elementos do mundo e da vida em detrimento de outros, posicionando-se e dando sentido aos mesmos. Ponderando, claro, que todo fenômeno social possui significação, mas que a depender dos valores, dos desejos e da vontade de cada sujeito, alguns fenômenos o atraem mais do que outros para que produza conhecimento sobre ele. Dessa forma, o conhecimento passa pela perspectiva de quem observa, pelo filtro do olhar e da seleção do cientista, sendo, portanto, sempre parcial, pois estará à luz dos valores com que se depara tanto o observador quanto o próprio objeto observado, como Weber concluirá:

Disso resulta que todo conhecimento da realidade cultural é sempre subordinado a pontos de vista especificamente particulares. [...] A propósito desta seleção de “aspectos” especiais e individuais do devir, que sempre e em todos os casos se realiza consciente ou inconscientemente, reina também essa concepção do trabalho científico-cultural que constitui a base da tão repetida afirmação de que o elemento “pessoal” é o que verdadeiramente confere valor a uma obra científica. Ou seja, de que qualquer obra deverá exprimir uma “personalidade” paralelamente a outras qualidades. Por certo que, sem as ideias de valor do investigador, não existiria nenhum princípio de seleção, nem o conhecimento sensato do real singular, da mesma forma como sem a crença do pesquisador na significação de um conteúdo cultural qualquer, resultaria completamente desprovido de sentido todo o estudo do conhecimento da realidade individual, pois também a orientação da sua convicção pessoal e a difração de valores no espelho da sua alma conferem ao seu trabalho uma direção. E os valores a que o gênio científico refere os objetos da sua investigação poderão determinar a “concepção” que se fará de toda uma época. Isto é, não só poderão ser decisivos para aquilo que, nos fenômenos, se considera ‘valioso’, mas ainda para o que passa por significativo ou insignificante, “importante” ou “secundário”. (WEBER, 2001: 131-132)

Com essa citação, podemos compreender que o indivíduo -o pesquisador, no caso-, é como um vetor de aspectos do seu tempo. Valores o atravessam e operam na seleção dos objetos de pesquisa. São as ideias de valor, que estão encrustadas na personalidade, que dão o tom do princípio de seleção dos objetos de estudo. O pessoal faz parte do científico também, mas apenas porque é impossível se desvencilhar dele, e isso interfere não necessariamente de forma negativa no estudo feito, posto que os valores apontam o norte que a pesquisa seguirá e também a partir do que ela se iniciou. “E os valores que o gênio científico refere aos objetos

poderão determinar a “concepção” que se fará de toda uma época.” (WEBER, 2001:132), são esses valores que determinarão o que é importante e o que é secundário, o que merece atenção e o que não merece. A depender do lugar que a interpretação produzida ocupar, ela pode definir os rumos de uma ciência ou mesmo criar paradigmas. Esse aspecto “subjetivo” do fazer científico não significa que lhe falte objetividade, mas que ele ocupa um lugar diferente, ele é garantido pelo método empreendido e não pelo olhar ausente de valor, as coisas em si mesmas não são totalmente objetivas, pois a elas são atrelados sentidos e significados humanos, cercados de valores, interesses e aspectos simbólicos.

Se a realidade social é uma construção representada em produções linguísticas, somos levados a compreender que ela é localizada no tempo e no espaço, e não algo simplesmente atemporal que atravessa toda a existência. As interpretações sobre essa realidade social são feitas em determinados contextos e carregam certos valores, que são transpostos nas obras. Nesse sentido, quando olhamos para obras artísticas ou científicas de um mesmo período, comumente conseguimos encontrar diálogos em suas temáticas ou até mesmo certas confluências que aparecem em algumas interpretações semelhantes. Isto acontece porque estão tratando, em alguma medida, de questões postas aos autores pelas épocas e culturas em que se encontram. Ao trabalharmos com Weber e Kafka, conseguimos observar certos pontos de contato em suas obras que foram tão bem explorados, como por exemplo a temática da burocracia², um tema que era candente na virada do século XIX para o XX. Nenhum pensador, seja ele filósofo, literato, cientista ou pintor, parte de um ponto zero ao pensar a condição humana, mas sim de inúmeras bases estruturadas e oferecidas pela cultura na qual está inserido. Kafka e Weber possuem suas proximidades e distanciamentos nesse sentido. Weber nasce no Reino da Prússia, em um lar protestante, filho de uma mãe protestante e um pai político, imerso na alta cultura alemã, se forma em direito, como jurista; Kafka nasce no Império Austro-Hungaro, em um lar judeu, filho de mãe judia e pai comerciante e judeu assimilado, se forma também em direito. Os pontos de contato mais latentes entre os dois personagens de nosso estudo são a cultura alemã da qual são tributários e também a formação jurídica. Mas essas duas semelhanças de formação não são suficientes para que tracemos, de imediato, um paralelo entre ambos.

² GARCIA, J.M.G. La máquina burocrática: afinidades electivas entre Max Weber e Franz Kafka; MCDANIEL, T. R. Two Faces of bureaucracy: A Study of the Bureaucratic Phenomenon in the Thought of Max Weber and Franz Kafka; LÖWY, M. Paper Chains: Bureaucratic Despotism and Voluntary Servitude in Franz Kafka's The Castle; WARNER, M. Kafka and Weber and the organization theory; JØRGENSEN, T. B. Weber and Kafka: the rational and the enigmatic bureaucracy; IANNI, O. Sociologia e Literatura.

Um paralelo entre Max Weber e Franz Kafka passa necessariamente pelas análises de seus textos, para ver até onde vão as proximidades e os limites de tal paralelo. A dificuldade primeira, como dizíamos, é a de lidar com dois autores que estão em campos e esferas de conhecimento distintas. A sociologia é uma ciência e Weber é um dos responsáveis pelo estabelecimento desse campo do conhecimento enquanto ciência; Kafka é um literato que proporcionou grandes mudanças estéticas à literatura do século XX e XXI, e sem sombra de dúvida um dos escritores mais influentes do mundo moderno. Não ignoramos as diferenças entre sociologia e literatura; há uma distinção entre a intencionalidade do cientista em explicar com certa acuidade, lançando mão da objetividade científica, que não é uma preocupação por parte dos literatos, por mais que algumas vezes esses proponham um tipo de realismo. O que nos interessa aqui não é tanto o procedimento utilizado para se chegar às interpretações ou aos textos, mas as interpretações e os textos em si. Apesar das diferenças metodológicas, das preocupações com uma explicação e interpretação da realidade, tanto sociologia quanto literatura fazem uma reconstrução da realidade social e inserem na linha do tempo uma nova compreensão do que é o mundo, auxiliando-nos a entender melhor nossa situação neste e seu próprio funcionamento, pois tanto sociologia quanto literatura são formas simbólicas que colaboram para que possamos compreender a ideia de mundo que está sendo constantemente pensada e construída.

Atentar-nos-emos ao conteúdo das obras de Weber e Kafka que fazem uma aproximação entre o moderno e o tradicional. Esse conteúdo possui, como base, experiências muito específicas de Weber e de Kafka. Walter Benjamin, em carta à Gershom Scholem, argumenta no sentido de que Kafka estava em posição privilegiada para escrever o que escrevia – nesta carta Benjamin fazia oposição à interpretação teológica e às demais interpretações correntes sobre o autor. O mundo que se oferecia a Kafka era um mundo cindido entre a tradição mística do judaísmo e a modernidade do Império Austro-Húngaro, que estava se desenvolvendo, ou, nas palavras do próprio crítico alemão, “A obra de Kafka é uma elipse cujos focos, bem afastados um do outro, são definidos, de um lado, pela tradição mística (que é antes de tudo a experiência da tradição), de outro, pela experiência do habitante moderno da grande cidade” (BENJAMIN, 1993: 104) onde a cidade moderna é compreendida pelos aparelhos burocráticos que nela se desenvolvem, o progresso técnico e científico, a industrialização, o aumento da velocidade – elementos esses que aparecem na obra *O desaparecido ou Amerika* como a experiência de um sujeito vindo da Alemanha menos desenvolvida para a moderna Nova York. O que aparece aqui é que Kafka recebe o mundo moderno tendo em vista as lentes da tradição judaica em que foi formado, construindo, a partir disso, um outro mundo, que

Benjamin chama de *complementar*. Kafka percebia, ao mesmo tempo, a ascensão da modernidade e a derrocada da tradição, que estava sendo deixada para trás.

Essa inserção específica em um contexto fez com que Kafka, segundo Benjamin, elaborasse uma obra que representava a doença da tradição, atingido por um mundo em mudança, ao mesmo tempo em que estava ancorado em alguma espécie de tradição que é contrariada e esmagada pelo moderno. Benjamin afirmará que, na obra de Kafka, esse aspecto aparecerá sobretudo pela sua forma de escrita, que irá fazer um jogo com o sentido, dando a impressão de que a obra não possui um sentido acabado, como se ele pegasse a forma das parábolas emprestadas da tradição – parábolas enquanto textos que trazem uma lição de moral, uma interpretação mais ou menos convencionada que transmite uma espécie de sabedoria – e a misturasse com o romance moderno, enquanto algo que possui um desfecho (sabe-se quando acaba e não necessariamente ele procura nos ensinar algo além da história que foi narrada) de forma que nessa mistura Kafka brinca com o sentido e nos apresenta parábolas sem lição e sabedoria e romances sem desfechos. Esse elemento ressaltado por Benjamin nos ajuda a compreender não só o aspecto formal, pois aquilo que está na forma transparece, em alguma medida, no conteúdo, então a própria construção da obra que apresenta essas dicotomias entre o moderno e o arcaico são características da obra de Kafka e dos dilemas que são postos pelo próprio desenvolvimento do moderno.

Ao olharmos para a obra de Weber, percebemos ser possível argumentar que ela também representa, em algum sentido, a doença da tradição³, visto que uma das grandes preocupações do autor é justamente a constituição das condutas de vida da modernidade, como o mundo moderno se tornou o que se tornou, e quais foram as tradições, os valores, os sentidos construídos que nos trouxeram até onde chegamos. Para além do citado, ao olharmos para um

³ “Kafka, como bem o situa Benjamin, “percebeu o que vinha”, sem perceber o que é de hoje, pois ele “escutou a tradição”. Mas Kafka também fez algo inusitado: apegou-se à transmissibilidade e não ao teor de verdade, cuja consistência se perdeu. Isso significa que embora não tenha sido o primeiro escritor a confrontar-se com essa realidade, ele foi o primeiro a não se conformar com ela. Kafka deixou sua zona de conforto e não se alinhou a um modelo de verdade ou a uma ideia individual de verdade. Em vez disso, nos dirá Benjamin, Kafka desenvolveu uma escuta para os rumores, para os boatos que parecem ser legítimos, mas que são apenas coisas indistintas que sopram do “mar do ditoso esquecimento”, são daquelas coisas que não se destinam a alguém em particular e ao mesmo tempo a todos em especial. Esses rumores, que nunca são ouvidos de forma linear ou nítida, reforçam a soberania do esquecimento e deixam à mostra a perda da autenticidade e do valor da experiência. E esse esquecimento, nos dirá também Benjamin, “não é nunca um esquecimento meramente individual.” Esse esquecimento coletivo que Kafka “ouvia” precisava ser interpretado, precisava ser, e esta é a palavra, compartilhado. Com suas orelhas de concha, Kafka escuta lembranças do que ficou esquecido e assim nos lembra de que nos esquecemos, embora não saibamos dizer do quê e nem de quem. Somos, assim como Kafka, os atingidos, os acometidos por essa doença. Como não conseguimos nomear nosso esquecimento, são nossos comportamentos repetitivos, nossos gestos, nossos corpos, enfim, que expressam esse prognóstico. Tornam-se a tradução do esquecimento.” (BIONDILO, R. 2016: 358-9)

livro como a *Ética Protestante e o Espírito do capitalismo*, percebemos que há um duplo movimento de compreensão: o de compreender a quebra da tradição que, ocasionada pelo protestantismo, derivando daí a nova tradição construída por ele e que envolve o conceito de vocação como algo extremamente importante para a constituição da conduta de vida dos sujeitos no capitalismo. O segundo momento seria o de observar o capitalismo já maduro que se desprende dos elementos da tradição e se sustenta por si próprio, não carecendo de uma justificativa para existir ou para agir de tal ou qual maneira, de forma que aquilo que antes era uma tradição, passada por um conjunto cultural, passa a ser um hábito quase natural.

Análise semelhante é feita por Weber ao observar o processo de desencantamento do mundo, promovido tanto pela religião quanto pela ciência - o que caminha de forma ainda mais paralela com a interpretação de Benjamin sobre Kafka, pois, aqui, a preocupação com o desencantamento do mundo, que aparece como um processo de racionalização da vida, pode ser compreendido, em certo sentido, como aquilo que Benjamin chama de aspecto moderno no qual Kafka está envolto e que entra em conflito com a tradição. A modernização cultural do ocidente, aos olhos de Weber, é compreendida por três processos: racionalização, desencantamento do mundo e secularização.

A racionalização de que falamos aqui é definida por Weber, na *consideração intermediária*, em “termos de diferenciação, autonomização e institucionalização das diversas ordens da vida” (PIERUCCI, 2013; 137), e diz respeito a um processo de compreensão e especificidade do fim almejado por cada uma das ordens da vida. Mais que isso, diz respeito às ações racionais (valorativas ou de finalidade) que serão características dessas esferas. O desencantamento do mundo, por sua vez, é um processo famoso na teoria weberiana e diz respeito, em um primeiro momento – tese defendida por Flávio Pierucci – a um desencantamento religioso do mundo, ou seja, um deslocamento da magia para o plano irracional e ascensão da religião sistematizada ao papel de portadora de um conhecimento que conduz à salvação ou redenção. Esse primeiro momento pode ser resumido como desmagificação do mundo. O segundo momento do desencantamento do mundo é o do desencantamento científico, que diz respeito ao deslocamento da religião, então empurrada pelas esferas mais racionalizadas e pelo processo de intelectualização a uma posição de irracionalidade. É chamado de científico pois se antes a religião era produtora de verdade e de formas de conduzir a vida, agora há uma mudança: a esfera intelectual passa a ser a esfera produtora de verdades, e as demais esferas assumem também protagonismo e autonomia em relação à religião, pautando os interesses dos indivíduos. Esse segundo momento está muito atrelado ao processo de secularização que, em seu sentido mais cotidiano, diz respeito à

expropriação de bens eclesiásticos ao poder institucional (PIERUCCI, 2000;129). Podemos também compreender a secularização como um momento de expropriação da interpretação una e legítima do mundo da religião, para uma interpretação multifacetada que diz respeito às diversas ordens da vida que estão desvinculadas de qualquer valor religioso ou ordem superior ao mundo.

Mantendo a interpretação de Walter Benjamin sobre Kafka e aplicando ela também a Weber, devemos levantar alguns apontamentos do crítico alemão sobre o literato de Praga, onde ele irá demonstrar que Kafka é muitas vezes visto como um sujeito que previu os acontecimentos da segunda guerra, como um visionário ou mesmo um adivinho, embora tenha sido apenas um sujeito que sentiu o conflito entre a tradição e o moderno, que “escutava a tradição e quem escuta com muito esforço não vê”; “essa escuta exige esforço sobretudo porque a quem escuta só chegam as coisas mais indistintas, não há ensinamento que se pudesse aprender, nem conhecimento que se pudesse conservar” (BENJAMIN, 105, 1993). Kafka, formado na tradição, foi atingido por um mundo que tentava adormecê-la, então esta, apesar de poderosa, já não surtia mais o mesmo efeito de outrora. Podemos fazer alguns apontamentos sobre a escuta da tradição e a relação de Weber com ela. Weber era um sujeito que escutava⁴ com muito esforço a tradição, justamente na intenção de ver algo, de compreender as mudanças do mundo. Dessa forma, Weber, assim como Kafka, escutava a tradição e via coisas que já não cabiam no mundo moderno e coisas que estavam mudando nele. Podemos dizer pouco sobre a percepção e representação da realidade produzida por Kafka, o que nos é possível afirmar é que elas aparecem em sua obra de forma ocasional e, para utilizarmos o conceito que talvez o distinguiria de Weber, podemos dizer que Kafka intuía as características da modernidade e elas transpareciam em sua obra. Weber, por sua vez, olhava para a religião em busca de elementos da tradição que, apesar de já não fazerem sentido de forma ampla, foram responsáveis por construir o sentido do mundo moderno. Olhar para as bases do protestantismo, para os livros de teologia e manuais de conduta, era olhar justamente para onde estava falando a tradição e como ela contribuía para formar aqueles que já não a escutavam mais. Weber, pela sua audição pouco musical à religião, percebia, ao mesmo tempo, conflitos e afinidades eletivas entre o moderno e o tradicional, e experienciava/intuía a mudança, procurando estruturar isso em conhecimento sociológico.

Se olharmos em específico para a questão da representação dos Estados Unidos, percebemos que Kafka intui certos aspectos daquele país, visto que nunca havia posto os pés

⁴ “Eu sou absolutamente sem ouvido musical para religião”(WEBER)

em tal terra, apenas lido e estudado sobre ela, conversado com familiares que tinham morado lá, e contado com fontes como livros de viajantes e até mesmo a autobiografia de Benjamin Franklin. Kafka possuía um contato mediado com a América e construiu a partir disso sua própria imagem dela, uma imagem que elaborava uma espécie de intuição muito razoável daquele país, uma América que ele considerava hipermoderna. A perspectiva de Weber é outra; seus pontos de partida são distintos. Ele experienciou de fato as terras americanas, teve oportunidade de contrastar o cenário e sua experiência na América com suas experiências europeias, de forma a construir não apenas uma intuição, mas uma espécie de conhecimento empírico e com certo rigor metodológico na tentativa de explicar fenômenos americanos em comparação com os europeus. Kafka amplia sua visão do conflito entre o moderno e o tradicional por meio da relação de Rossmann com a América, o personagem europeu que ainda possui vínculos com uma Europa mais próxima do tradicional, entra em conflito e tenta assimilar o modo de vida moderno que é descrito na América, apresentada aos leitores como o ponto alto do desenvolvimento tecnológico e industrial. Weber coloca em perspectiva a situação e desenvolvimento americano com o europeu a partir de sua experiência de viagem, que ofereceu grandes contribuições para a formulação de sua obra, olhando com maior cuidado para aquilo que considerava valioso para sua análise sociológica e atento aos elementos que chamavam atenção e destoavam de sua experiência europeia.

Temos aqui apresentadas duas formas de conhecimento distintas, mas ainda assim duas formas de conhecimento e de interpretação da realidade social. Não cabe a nós entrar no mérito das validades, rigores e nem ordenar de forma hierárquica o conhecimento, visto que aqui eles nos interessam enquanto discursos e como formas acabadas de interpretação que nos ajudam a compreender a realidade, não sendo eles reflexo ou cópia da mesma. A sociologia do próprio Weber não possui interesse de ser um reflexo do real, assim como a literatura de Kafka não tem disposição de representar a realidade tal como ela é. Ambas as interpretações contribuem para desvendar algo que estava oculto na realidade, ou realçar um elemento que estava obscuro. Ambas elaboram questões sobre o mundo e o problematizam.

Cabe passarmos brevemente por considerações sobre os métodos de Weber e os de Kafka para que compreendamos essas formas de aproximação do mundo. Sobre a escrita kafkiana, partiremos de duas interpretações que compreendem seu texto como mais próximo do realismo, sendo este dotado de uma certa forma de interpretar a realidade e abordar um problema do mundo, fazendo com que a obra não seja explicada pela realidade externa, mas sim que a explique.

Partiremos de Hannah Arendt. Segundo sua perspectiva, Kafka, por meio de sua obra, possui grande empenho em revelar a estrutura íntima daquilo que narra, lançando luz aos acontecimentos, aos problemas e às questões do mundo, da vida cotidiana e comum⁵. Arendt, ao descrever a atitude da escrita de Kafka, comentando uma de suas parábolas, afirma o seguinte

“[...] Ao passo que consideramos como imediatamente evidente associar riqueza de detalhes concretos e ação dramática à experiência de uma dada realidade, atribuindo assim certa palidez abstrata aos processos mentais como tributo a ser pago por sua ordem e precisão, Kafka, graças à pura força de inteligência e imaginação espiritual, criou, a partir de um mínimo de experiência despojado e “abstrato”, uma espécie de paisagem-pensamento que, sem perda de precisão, abriga todas as riquezas, variedades e elementos dramáticos característicos da vida “real”.(ARENDT, 2013: 36)

A autora, em texto destinado a interpretação da obra de Kafka, apresenta mais aspectos da obra do literato, de forma a retratá-la como obra que trata da realidade. Ao usar o exemplo *d'O Processo*, ela argumenta que aquilo que estava descrito era o conhecimento de Kafka do funcionamento do sistema burocrático, embora o conhecimento da burocracia não houvesse chegado em ponto de impressionar pela similaridade entre o texto e o real. Dessa forma, sua obra acabava por chocar mais do que o próprio mundo real, o que teria como consequência a busca de interpretações ainda mais profundas da obra de Kafka, como se algo na escrita estivesse obscuro, escondido. Para Arendt, o pensamento posto na obra do literato é sobre o real, sobre o mundo. Ela argumenta no sentido de demonstrar que aquilo que era visto como o pesadelo da obra de Kafka, não era apenas pesadelo, tendo se concretizado nos anos 40, com os regimes totalitários, o que a leva à uma análise interessante da obra do literato, que segue a linha da doença da tradição apresentada por Benjamin, onde afirma o seguinte:

[...]Em uma sociedade em dissolução, que segue cegamente o curso natural da ruína, as catástrofes podem ser previstas. Apenas a salvação, não a ruína, chega inesperadamente, pois a salvação e não a ruína depende da liberdade e da vontade dos homens. As então chamadas profecias de Kafka eram nada mais que sóbrias análises de estruturas subjacentes que hoje vieram à superfície. Essas estruturas ruinosas estavam apoiadas na crença, quase universais nesse momento, em um processo automático e necessário ao qual o homem devia se submeter, e o processo da ruína se acelerou com base em tal crença. [...](ARENDT, 1994: 74)

Aqui a autora estava mais preocupada com a abordagem de temas como os dos romances *O castelo* e *O processo*, porém, a interpretação acerca de uma representação do real, de uma elaboração acerca de problemas do mundo, presentes na obra de Kafka, se sustentam no conjunto de sua obra, tanto que ela passará a análises de outros textos ainda nesse ensaio, o que a faz chegar a uma conclusão interessante, de que Kafka não se limita a apresentar conflitos, ou mesmo avaliar paradoxos, mas sim “resultados desses conflitos e desses paradoxos”, nos

⁵ Esse desvelamento de estruturas íntimas aparece em textos como o Prefácio de *Entre o Passado e o futuro* (p. 33) e também em seu texto sobre o autor, *Kafka A revaluation* (p. 72)

apresenta em seu texto uma máquina onde cada personagem possui uma função, como estas acontecem e a quais resultados elas levam. Dessa forma ela compreende que “Kafka inventa livremente apenas em relação às funções”(ARENDT, 1994: 76), e complementando essa afirmação com sua análise sobre a técnica de que Kafka lança mão, conclui:

[...] A técnica de Kafka seria melhor descrita como construção de modelos. Se um homem quer construir uma casa ou se ele quer conhecer uma casa bem o suficiente para ser capaz de predizer sua estabilidade, ele deverá ter uma planta da construção ou desenhará uma para si. As histórias de Kafka são as tais plantas; elas são o produto do pensamento ao invés de uma mera experiência sensível. Comparado com uma casa real, certamente, a planta é algo muito irreal; mas sem ela a casa não poderia vir a ser, nem tampouco poderia reconhecer as fundações e estruturas que fizeram dela uma casa real. A mesma imaginação que se usa para construir casas – a saber, a imaginação que nas palavras de Kant cria “outra natureza a partir do material que a natureza real lhe dá – deve ser usada para compreendê-las. Plantas não podem ser entendidas exceto por aqueles que estão dispostos e capazes de tornar real, com sua própria imaginação, as intenções do arquiteto e a aparência futura das construções.(ARENDT, 1994: 76)

Essa característica de Kafka enquanto construtor de modelos e desenhista de plantas, que é uma abstração de coisas que de alguma forma se realizam, nos é interessante para que tracemos um paralelo com o conceito de tipos ideais de Max Weber, porém, antes de entrarmos na perspectiva weberiana, gostaríamos de trazer a do terceiro autor de que falávamos, Gunther Anders, pois ela nos oferece uma aproximação da obra kafkiana com relação a certo aspecto científico que nos possibilita traçar um paralelo com a forma como Max Weber compreende a ciência. Anders, em *Kafka: pró e contra*, considera que na obra de Kafka há um movimento de *deslucamento* da realidade, onde o autor “deslucou a aparência aparentemente normal do nosso mundo louco, para tornar visível sua loucura, manipula, contudo, essa aparência louca como algo muito normal” (ANDERS, 2007: 15). Nessa passagem, fica exposto o procedimento pelo qual Anders considera que Kafka lida com a realidade. Se Benjamin aponta que a realidade aparece na obra de Kafka por conta de sua experiência com um mundo onde há o conflito entre a tradição e o moderno, e Arendt aponta que ele constrói modelos abstratos que possuem lastro com o mundo real e por isso sua obra apresentaria uma expressão que se aproxima tanto dos adventos do mundo moderno, Anders não falará da tradição, mas manterá a linha de que a realidade aparece representada⁶ de forma que Kafka subverte a ordem, onde o louco é convertido em normal e elementos da sociedade ganham proporções exageradas. Justamente esse *deslucamento* é que Anders relaciona com aspectos científicos, e ao tratar disso ele afirma o seguinte:

⁶ Anders irá destoar de Benjamin nas conclusões. Onde Benjamin via a representação de uma doença da tradição, que era um fenômeno do mundo moderno na obra de Kafka, onde se constrói uma parábola sem lição e um romance sem desfecho, Anders, com sua visão mais marxista, verá um problema do conformismo, onde existe crítica sem projeto de saída, mas não nos deteremos a esse detalhe.

Em vez de se reconhecer este método – de forma alguma indevassável –, viu-se apenas o exótico na fisionomia de seu mundo, qualificado de sobrenatural, onírico, mítico ou simbólico. Mas Kafka não é estetizante, santo ou sonhador, nem forjador de mitos ou simbolista – pelo menos nada disso em primeiro plano: é um fabulador realista. Todos nós deveríamos estar familiarizados com a deformação como método: a ciência natural moderna remete seu objeto a uma situação artificial – a experimental – para tocar o cerne da realidade. Estabelece uma ordem em que insere o objeto, o qual fica, assim, deslocado. Mas o resultado é fixação. [...]. (ANDERS, 2007: 16)

Anders chama atenção para esse *deslucamento* enquanto espécie de abstração e construção perfeita de análise, mobilizada pelo que ele chama de ciência natural, o que vai aparecer como a forma artificial para chegar, em algum grau, mais próximo da realidade. Nos autorizaremos a ampliar a relação construída por Anders da técnica de Kafka com a ciência natural para a ciência de forma ampla. A ciência de forma ampla opera pelo recorte de um aspecto da realidade, isolando-o para tentar compreendê-lo e depois contextualizá-lo em um cenário mais amplo. Mas, de forma geral, a ciência opera sempre com certo nível de abstração, pois ela não corresponde à realidade tal qual, e isso não é um problema, mas uma condição do conhecimento por si mesmo. Conhecer é conhecer de forma limitada e não de forma absoluta.

Dizíamos que a abstração é elemento comum em ciências além da natural e além da ciência experiencial também. Fizemos esse movimento para chegar à formulação de *tipos ideais* de Max Weber, pois acreditamos ter material suficiente sobre Kafka, as noções de modelo, planta e deslucamento, para pensar esses dois autores em relação “metodológica”. O próprio Weber, mesmo nas ciências humanas, lança mão da “deformação” como método, remete o objeto que estuda a uma situação artificial, e constrói modelos⁷ (tipos ideais) que funcionam como plantas que nos ajudam a compreender a realidade. Weber formula uma metodologia tipológica, utilizando-se da ferramenta dos *tipos ideais* para a compreensão da realidade. Aqui encontramos parte da criatividade científica, a formulação de uma metodologia que se encaixe na pesquisa. Weber, nesse movimento criativo, busca inspiração na teoria econômica abstrata para formular sua noção de *tipos ideais*, que são, basicamente, formulações de conceitos e noções vazias de contradições. Nas palavras de Weber:

Na teoria econômica abstrata temos um exemplo dessa síntese a que se costuma chamar de ‘ideias’ dos fenômenos históricos. Oferece-nos um quadro ideal de eventos. [...] Este quadro de pensamento reúne determinadas relações e acontecimentos da vida histórica para formar um cosmos não contraditório de relações pensadas. Pelo seu conteúdo, essa construção reveste-se do caráter de utopia, obtida mediante a acentuação mental de determinados elementos da realidade. A sua relação com os fatos empiricamente dados consiste apenas em que, onde quer que se comprove ou se suspeite que determinadas relações chegaram a atuar, em algum grau, sobre a

⁷ Compreendemos aqui modelo não no sentido de algo a ser seguido, mas no sentido de uma representação construída para que haja melhor compreensão de certas características de um certo objeto observado, como em modelos econômicos, modelos científicos e afins.

realidade, podemos representar e tornar compreensível pragmaticamente a natureza particular dessas relações mediante um tipo ideal. (WEBER, 2001, p. 137)

Sendo o tipo ideal uma utopia – ou seja, um não lugar, um ponto inexistente, porém estratégico para que o cientista possa pensar e construir o seu objeto de pesquisa, enquanto ausente de conflitos e contradições, não dotado dos aspectos materiais, assim como uma planta – o que ocorre apenas no nível ideal, pois, na realidade o tipo ideal se distância dos fenômenos objetivos –, ele é uma ferramenta que apresenta o específico e singular de cada um dos fenômenos caso fosse possível apreendê-lo em sua pureza, o movimento da pesquisa acresceria ao tipo ideal elementos que aparecem na multiplicidade da realidade empírica. Podemos perceber em Weber também, para manter o vocabulário de Anders, certo *deslucamento* da realidade. Claro que as intenções do sociólogo não envolvem representar a normalidade da loucura em nossa realidade, mas é aquilo que Anders também tributa a Kafka, tornar algo da sociedade visível, aspecto que é tão reforçado por Hannah Arendt no pensamento de Kafka, como um autor que procura lançar luz em estruturas obscuras.

Abstrair e acentuar as características de algo contribui para que tenhamos maior clareza sobre a definição daquilo para que olhamos. Pode parecer um jogo irônico, mas fugir da realidade é a forma pela qual tentamos tocar o real, e fazê-lo é justamente o esforço de criar *fixação*; o sociólogo fixa por meio de conceitos – no caso de Weber, pelos tipos ideais –, que são formas mais acuradas de definir algo, sem encerrar a realidade, embora produzam uma espécie de conhecimento mínimo pelo qual podemos tentar explicar e compreender algo sobre a mesma. Essa compreensão passa pelo estabelecimento de critérios e características mais ou menos estáveis, que são constitutivas de determinados fenômenos. A *fixação* aparecerá também em um sentido distinto do de tentar construir um conhecimento estável, ela atuará como a forma pela qual o pensamento se fixa na história, como ele se torna interpretação corrente ou, se preferirmos, paradigma do pensamento. As plantas de Kafka, os tipos ideais de Weber, fixaram na cultura ocidental uma certa maneira de compreender o mundo, produziram espécies de ferramentas auxiliares ao pensamento, tornaram-se interpretações válidas sobre a realidade, de forma que seus textos se constituíram enquanto tradição literária e sociológica. É difícil passar pela sociologia sem nunca esbarrar em Weber, como é difícil falar em literatura moderna sem citar Kafka, pois ambos os autores foram capazes de fixar obras que transcendem sua própria temporalidade e se estabelecem como modelos de interpretação e ferramentas que nos ajudam a pensar problemas.

A obra literária de Kafka, tal como compreendemos aqui – como obra que mais compreende a realidade do que obra que se deixa explicar por ela, e também enquanto texto

que carece de um esforço interpretativo, de um exercício da imaginação, para que se construa as pontes entre o real e o ficcional, de forma que eles não sejam figuras opostas, mas complementares – acaba criando certas relações com a metodologia e com a sociologia weberiana, o que pode ser um facilitador nas aproximações das representações da modernidade, da América e do trabalho nas obras dos autores. A sociologia weberiana não é uma ciência que afirma “este é o real” – mesmo sendo uma ciência da realidade –, mas uma sociologia que compreende que todas suas teorias são construções e que, enquanto construções acerca de um mundo empírico, são limitadas e não dão conta de explicar o todo do mundo exterior. Ou, como Weber explicita em seu texto metodológico sobre a objetividade do conhecimento nas ciências sociais:

[...]A ciência social que pretendemos exercitar é uma ciência da realidade. Procuramos entender na realidade que está no nosso redor, e na qual nos encontramos situados, aquilo que ela tem de específico, por um lado, as conexões e a significação cultural das nossas diversas manifestações na sua configuração atual e, por outro, as causas pelas quais ela se desenvolveu historicamente de uma forma e não de outra. Acontece que, tão logo tentamos tomar consciência do modo como se nos apresenta imediatamente a vida, verificamos que ela se nos manifesta “dentro” e “fora” de nós, sob uma quase infinita diversidade de eventos que aparecem e desaparecem sucessiva e simultaneamente. [...]. Assim, todo o conhecimento da realidade infinita, realizado pelo espírito humano finito, baseia-se na premissa tácita de que apenas um fragmento limitado dessa realidade poderá constituir de cada vez o objeto da compreensão científica e de que só ele será “essencial” no sentido de “digno de ser conhecido”. (WEBER, 2001, p. 124)

Mesmo que Weber se empenhe em fazer uma ciência da realidade, ele apresenta junto dela as limitações que existem no conhecimento do mundo, seguindo a trajetória germânica kantiana e se afastando de outras perspectivas científicas que abraçam os fatos como acessíveis. Essa limitação do conhecimento não é uma limitação da sociologia, mas do próprio conhecer. Evidentemente a sociologia e a ciência lançam mão de um maior grau de racionalidade para compreender a realidade social, porém, empregar maior racionalidade não é a única possibilidade de compreensão da realidade. Weber, por meio de sua compreensão de ciência e objetividade, e mesmo de esferas de valor, nos oferece uma alternativa ao discurso que procura apresentar a ciência como única forma válida de conhecimento da realidade e também àqueles que, ao olhar para a literatura e as artes, procuram inviabilizá-las como produtoras de interpretação do mundo, por possuir um menor grau de racionalidade ou por seu aspecto ficcional. Aqui não temos o interesse em hierarquizar conhecimentos ou submeter um discurso ao outro, o que não significa que concordemos que literatura e sociologia sejam indistintas e que tudo valha. O que procuramos é traçar diálogos e pontes de contato entre essas duas formas de compreender o mundo e de interpretar a realidade. Visando evidenciar onde os conteúdos sobre a América de Weber e de Kafka se cruzam ou destoam, buscamos semelhanças

e diferenças nas formas como esses dois autores produziram e nos apresentaram interpretações possíveis da realidade, olhando para objetos análogos e com ferramentas distintas. Daqui para frente, procuraremos introduzir a América como pano de fundo dos textos com os quais iremos trabalhar e organizar os conteúdos presentes em cada uma das interpretações, de forma que elas se interpenetrem e sejam contribuintes mútuas para uma melhor compreensão do que foi a América e seu desenvolvimento ou de como foi entendida ao longo da história.

AMÉRICA COMO PANO DE FUNDO:

No presente trabalho procuraremos elaborar e compreender as afinidades e distâncias entre a representação que se constrói dos Estados Unidos nas obras de Weber e Kafka. Para realizarmos essa tarefa é interessante que tenhamos em mente qual o contato com os Estados Unidos que cada um de nossos autores possuíam, qual a imagem pré-concebida e qual era a posição americana no início do século XX, pois foi a partir dessa imagem e de uma leitura presente na Europa central que tornou-se possível que eles elaborassem suas respectivas interpretações sobre o país em questão.

Primeiramente pensemos no contexto histórico mais geral. Os Estados Unidos, no início do século XX, ainda não eram a maior potência mundial, como vemos hoje. Ainda vivíamos um contexto colonial muito forte, onde a posição de grandeza passava muito pela posse de colônias, mas estamos, ainda assim, falando de um país que saiu da condição de colônia e estava se estabelecendo em um cenário global. Todo país está constantemente em construção, mas podemos dizer que, na primeira década do século XX, os EUA estavam chegando em um momento crucial de sua constituição enquanto nação. Eles passavam a chamar atenção no cenário geral por serem um país jovem e relativamente autônomo. Um país que, desde sua declaração de independência, estabeleceu um projeto de nação muito calcado nas tradições que estavam criando naquele momento, entre elas o que caracteriza a constituição e expansão territorial do país, a ideia de destino manifesto, ou seja, um povo escolhido por Deus, e essa escolha envolvia um grande desenvolvimento econômico, uma ampla expansão territorial e a proteção do restante do mundo⁸. Na virada do século XIX para o século XX, essas promessas começam a se tornar palpáveis, sobretudo com as crises europeias por conta dos conflitos pelas colônias na África, que desaguaram na primeira guerra mundial.

⁸ Sobre isso ver: DA FONSECA, C. “Deus Está do Nosso Lado”: Excepcionalismo e Religião nos EUA. *Contexto Internacional*, v. 29, n. 1, 2007.

Com as duas grandes guerras, os Estados Unidos passam a ser fiadores dos países europeus e um grande fornecedor de mantimentos, armamentos e tecnologia. O centro econômico do globo é, em definitivo, transferido da Europa para a América do Norte após a segunda guerra mundial, mas, no início do século, haviam alguns indícios de que os EUA ocupariam um espaço decisivo na constituição do capitalismo global. Os Estados Unidos eram vistos, na Europa do começo do século XX, como a terra prometida, uma terra de grandes oportunidades e de recomeço. Muitos que chegavam ali se sentiam como responsáveis por concretizar o destino manifesto. Concretizar os seus sonhos de uma vida melhor era também concretizar o sonho de uma América grandiosa.

No início do século XX a América era vista ainda como uma promessa, mas havia quem visse muito potencial naquele país. Weber e Kafka eram dois nomes que vislumbravam na América um país com grande potencial no futuro, pois viam um lugar que se desenvolvia de forma diferente da Europa. Ali a modernidade caminhava a plenos pulmões. E modernidade aqui podemos compreender em dois sentidos: uma visão um pouco mais positiva e esperançosa, a de Max Weber, e outra com muitas nuances, que seria a de Kafka.

Falemos agora do contexto histórico em que ambos os autores escreviam sobre os Estados Unidos. A América, nesse período, ainda era um país que recebia muitos imigrantes que saíam da Europa e buscavam uma nova vida. No primeiro quarto de século havia aqueles que fugiriam da primeira guerra, mas também aqueles que buscavam realização. Vemos que a população norte americana é constituída basicamente por imigrantes. No século XIX, cidades como Milwaukee, Detroit, Nova York e Chicago chegaram a ter uma média de 84% da sua população constituída por imigrantes⁹. Ainda falando em números, podemos observar que o fluxo de migração da Europa, sobretudo da Alemanha e do Império Austro-Húngaro, são bem elevados. Jeremy Tambling, em seu livro sobre literatura e representação da América, nos mostra alguns levantamentos desse processo de imigração e de troca de informação sobre o país além-mar:

Meio milhão de alemães emigraram para os Estados Unidos nas década de 1840, um número crescente até o ano de seu maior desenvolvimento, 1882, 250 mil. Em cada ano das décadas de 1890, quatro milhões de cartas foram enviadas da América para a Alemanha. Entre 1870 e 1914, mais de 90 guias de viagem ou contas de viagem apareceram na Alemanha (TAMBILING, 2001: 183) (Tradução minha).

Tambling, no último capítulo de seu livro, está observando o romance *O desaparecido*, de Franz Kafka, e por esse motivo traz esses dados, numa tentativa de ilustrar a

⁹ Os dados de imigrantes foram retirados de KARNAL, L. [et al.]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*, São Paulo, Contexto, 2007 – Imigrantes e o sonho de “fazer a américa” (E-Book).

importância que os Estados Unidos possuíam para a Europa central. Não apenas alemães vão da Europa para a América, mas tem início um grande fluxo de informações sobre a América para dentro da Europa e isso começa a ser representado dentro de guias de viagem para alemães que tinham interesse em viajar para os EUA.

Façamos uma ponderação extremamente necessária sobre as construções da América feitas por Kafka e Weber. Kafka jamais colocou seus pés nos Estados Unidos e Max Weber viajou por três meses pelo território Americano no ano de 1904. Temos aí uma construção com base em fontes secundárias, relatos de viajantes, descrições de familiares e contato com literatura sobre os Estados Unidos¹⁰. Weber, por sua vez, teve uma experiência empírica, efetuou pesquisa em território norte-americano e a partir dessa experiência *in loco* desenvolveu seus escritos e representações sobre a América. Isso demarca de maneira mais vívida a nossa escolha metodológica pela divisão entre conhecimento procedimental e declarativo¹¹, pois formas diversas de conhecer uma realidade produzem também conhecimentos e representações diferentes.

Retornemos ao tema da imigração e tentemos mostrar um pouco a forma como cada um dos autores de que tratamos aqui entra em contato com o país representado em suas obras. Kafka, como dito acima, teve contato com o país por intermédio de seus familiares que foram tentar a vida na América do Norte e do Sul, mais precisamente dois tios por parte de mãe: Alfred e Joseph Loewy¹². Também teve um primo que fez vida em Chicago. Tambling nos traz um relato que representa a imagem que esse primo passava à sua família sobre sua vida na América:

Durante os doze anos desde que eu desembarquei nesse país... Eu não dependi da ajuda ou assistência de ninguém. Eu não fiz um centavo sequer que não fosse fruto de trabalho duro e eu dei o meu melhor para me adaptar o mais rápido possível aos ideais e perspectivas americanas. Quando eu cheguei eu não conhecia uma alma. Eu não tinha meios e não podia falar o idioma. Eu comecei como porteiro de uma firma de espalhos recebendo cinco dólares por semana e trabalhando o meu máximo para me tornar administrador de uma exportadora que eu criei, superando as consideráveis oposições de parte dos chefes da firma. O antigo dirigente da companhia logo ficou muito interessado no novo método assim que os resultados começaram a aparecer. Eu

¹⁰ Na introdução à edição americana, feita pela editora de Oxford, da obra *The man Who Disappeared*, Ritchie Robertson nos apresenta exemplos dos contatos de Kafka com seus familiares que haviam vivido ou mesmo visitado a América, os contatos serviram de fonte secundária para a formulação de uma imagem da América. Assim como a leitura de obras como a autobiografia de Benjamin Franklin por Kafka também repercute em sua obra. A introdução também nos apresenta as leituras de livros de viagem, como por exemplo *America today and Tomorrow* de Arthur Holitscher, que era publicado em uma revista literária que Kafka lia regularmente. Mais sobre em: KAFKA, Franz. **The Man who Disappeared:(America)**. OUP Oxford, 2012.

¹¹ O conhecimento procedimental, como demonstra Sevänen, que citamos acima, tem relação com a construção do conhecimento por meio de metodologias e procedimentos, enquanto o conhecimento declarativo possui uma relação mais automática com a realidade apresentada, está quase calcado no conhecimento comum e imediato da realidade, capaz de produzir certas afirmações básicas e óbvias da realidade. (SEVÄNEN, 2018:63)

¹² TAMBLING, 2001: 185.

fiquei lá por três anos e saí por causa de intrigas de meu assistente contra mim enquanto estava em uma viagem no exterior. (TAMBILING, 2001: 185) (Tradução minha).

No âmbito familiar essa era a imagem com a qual Kafka tinha contato em relação aos Estados Unidos da América; uma terra onde era possível realizar grandes coisas e onde a vida era possível a partir do zero, o que vai ao encontro de uma das frases que Janouch coloca na boca de Kafka em seu livro *Conversas com Kafka*, onde, após ver alguns quadros construtivistas com o autor, disse: “Tudo isso não passa de sonhos de uma América de conto de fadas, de um maravilhoso país de possibilidades ilimitadas. É bem compreensível, tendo em vista que a Europa torna-se cada vez mais o país da impossível limitação” (JANOUGH, 2008:169). A América aparece como terra de possibilidades, mas Kafka ainda a coloca sob uma perspectiva crítica. Por maiores que fossem as possibilidades que essa nova terra oferecesse, ainda era vista como um país de capitalismo selvagem e de modo de trabalho extremamente taylorista, que alienava o homem e o tornava descartável. Após uma conversa com seu primo Emil Kafka, o autor descreveu em seu diário (9 de dezembro de 1914) o papel do familiar em seus dois trabalhos na América da seguinte forma: “Até agora ele teve dois empregos, cada um por cinco anos, e quando ele retorna – ele teve partidas indefinidas – ele voltará para o mesmo trabalho, eles sempre podem usá-lo, mas também podem sempre fazer tudo sem ele” (KAFKA, 1988)¹³.

Alguns dos apontamentos que Kafka fez em seus diários e em suas cartas dizem respeito àquilo que chegou a ele por meio de seus parentes ou mesmo por meio da literatura com a qual ele tinha contato. O período de escrita de *O Desaparecido* foi um período em que ele se debruçou sobre relatos de viajantes que foram aos Estados Unidos. Não por acaso ele constrói um cenário americano que é constituído majoritariamente por estrangeiros (alemães, irlandeses, italianos entre outros.). Mesmo sem nenhum contato empírico, Kafka conseguiu vislumbrar algum potencial nesse novo país, dedicando a ele um lugar entre os temas de suas obras.

Max Weber, por sua vez, teve um caminho um pouco diferente. Assim como Karl Rossmann, protagonista do romance de Kafka, ele chegou ao porto de Nova York e se deparou com esse novo país. Ele foi um estrangeiro na América, mas um estrangeiro que tinha interesses muito específicos com relação aos EUA. Weber acabara de escrever a primeira parte de *A Ética Protestante e o Espírito do capitalismo*, ou seja, os capítulos 1 e 2, então a viagem aos Estados Unidos foi crucial para a continuidade dos capítulos subsequentes e também para o horizonte

¹³ Tradução minha

intelectual do próprio Weber. Como chama atenção Lawrence Scaff, autor de um texto histórico biográfico da passagem de Weber pela América, a viagem foi muito oportuna, pois:

Ela surgiu exatamente quando Weber voltou sua atenção para os problemas de seu mais famoso trabalho: o tema da relação entre ação econômica, desenvolvimento econômico e a ordem moral da sociedade, explorado no ensaio dividido em duas partes e intitulado *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Diante desse novo projeto, cuja publicação e conclusão abarcava os meses nos Estados Unidos, ele estava preparado para buscar por aqueles aspectos da vida social destacados em sua própria tese sobre a afinidade eletiva entre uma ética religiosa ascética e atividade econômica capitalista. (SCAFF, 2011:13) (Tradução minha)

A viagem foi a oportunidade que Weber aproveitou para fazer algumas observações de campo que comprovassem e reforçassem sua tese d'*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Foi uma oportunidade única para estudar as estruturas sociais e econômicas dos Estados Unidos da América. Ele passou a viagem visitando seitas religiosas e universidades, acompanhou o processo eleitoral da campanha presidencial daquele ano, conheceu as estruturas burocráticas e democráticas daquele país, em suma, vislumbrou o projeto que estava sendo desenvolvido no novo mundo para a construção de uma nação e esteve em contato com referências e velhos amigos alemães que estavam vivendo na América. Sobre a viagem de forma geral, Weber disse em uma de suas cartas:

Claro, não pode ser dito que para mim os resultados “científicos” da viagem podem ser comparados com os gastos. Eu conquistei um número considerável de interessantes contribuintes para nosso periódico. Estou muito melhor preparado do que antes para entender as estatísticas e relatórios do governo dos Estados Unidos. E eu deverei escrever algumas críticas de literatura sobre negros e afins, talvez algumas outras pequenas coisas. Mas para meu trabalho histórico cultural eu não vi muito mais do que onde as coisas estão e aquilo que eu precisava ver, especialmente as bibliotecas que tinha que usar, que estão espalhadas por todo o país em pequenas seitas e faculdades. Sob essas circunstâncias, naturalmente, a viagem pode ser justificada em nossa situação atual somente do ponto de vista geral de expansão do horizonte científico (e melhora da minha saúde). A este respeito os frutos da viagem só podem mostrar-se depois de algum tempo (after November 19; MWP) (SCAFF, 2011: 181) (Tradução minha)

Mas toquemos um pouco no momento de sua chegada à América antes de falarmos de suas consequências. Chegando em Nova York, o casal Weber estava em situação muito próxima à descrita por Kafka no primeiro capítulo de seu romance: um navio ancorando em Nova York, onde a tripulação era composta por imigrantes. Scaff nos oferece também alguns dados do navio em que Mariane e Max Weber chegaram:

O manifesto lista 1679 passageiros, aproximadamente 60 por cento deles imigrantes da Rússia e das terras dos Habsburgos da Europa Central e Oriental, incluindo as províncias que agora compreendem a Polônia. A maioria dos homens e mulheres tinham menos de vinte e cinco anos, e muitos eram Judeus (“Hebreus” no código dos estatutos de imigração), amontoados na terceira classe e nos conveses inferiores. Em suas cartas para casa Marianne relatou precisamente quinhentos imigrantes Judeus. (SCAFF, 2011:25) (Tradução minha)

Olhando para essa breve descrição da tripulação, poderíamos pensar que seria a característica exclusiva desse navio, mas o autor também traz alguns dados complementares que demonstram situação e números dos imigrantes nos Estados Unidos durante essa primeira década do século XX. Max e Marianne Weber passaram a atentar para esse fenômeno dos imigrantes durante sua viagem pelo país. Os dados trazidos por Scaff nos mostram que por volta de 1910 mais de 40% da população de Nova York era constituída por estrangeiros. Até 1900 sua maioria era nascida na Alemanha e Irlanda, e após esse ano foram substituídos por russos, austro-húngaros e italianos. Dos 8,2 milhões de estrangeiros que chegaram na primeira década, dois terços eram oriundos desses países (SCAFF, 2011:26)¹⁴. Esse cenário descrito por Scaff e visto por Weber nos demonstra muito da verossimilhança que podemos observar na obra de Franz Kafka quando retrata suas personagens como estrangeiros, sobretudo um estrangeiro alemão/austro-húngaro.

Como dissemos, a importância da viagem de Weber aos Estados Unidos consistia na oportunidade de ver o objeto de sua pesquisa em ato, tendo sido isso que o motivou e que surpreendeu Marianne, pois Weber ainda sofria dos nervos no período que iniciaram a viagem e ela o viu extremamente disposto e alegre no meio de seu processo de conhecimento e descobertas sobre a América. Weber fez questão de coletar bibliografias pelas universidades pelas quais foi passando, que posteriormente aparecem em suas notas da *Ética*. A viagem também tornou possível a observação das seitas protestantes e suas formas de organização nos EUA, onde as que tiveram maior destaque foram as seitas batistas que contribuíram para um espírito democrático-republicano de participação dos indivíduos na vida em comunidade, como se sua forma de organização oferecesse um modelo para a própria política do país. Weber vislumbrou, em sua viagem, uma nova tradição sendo formada, algo diferente do que vivenciava na Europa. Teve a possibilidade de ver o capitalismo formar sua tradição em uma terra que não possuía tradições passadas e que, com auxílio do protestantismo, nascia já capitalista da forma mais moderna possível.

Algumas das referências históricas que levantamos nos parágrafos passados demonstram a importância que ganhou os Estados Unidos nas obras de nossos dois autores, de forma que ele se torna, praticamente, figura central, mesmo antes de se tornar uma potência. Weber e Kafka deram atenção a esse país, e produziram imagens muito típicas do que ele representa, de certa forma. Weber vinha em um sentido muito próximo do de Alexis de Tocqueville em *Democracia na América*, mostrando a importância das seitas religiosas nos

¹⁴ Tradução minha

Estados Unidos para a formação de um espírito público, e como aquele país, em certo sentido, era a vanguarda da modernidade, mesmo sem ser, ainda, a maior potência mundial. Kafka atenta para aspectos de um país que cresce com o declínio da Europa e oferece sonhos e infinitas possibilidades, mas que se convertem, facilmente, em alienação e desaparecimento.

Feita essa breve introdução, é o momento de entrarmos em nossas análises dos textos, pois os panoramas históricos, inevitavelmente, passam a constituir as obras. Existem então alguns pontos específicos a serem trabalhados em ambos os autores, sendo que nosso projeto é construir a perspectiva individual de ambos sobre a América nos próximos dois tópicos, iniciando pela América de Kafka, seguindo para a América de Weber, para, em seguida, construir em um terceiro tópico de análise comparativa entre temáticas e perspectivas das obras dos autores.

1 AMÉRICA DE KAFKA:

1.1 UMA INTRODUÇÃO AO ROMANCE:

O romance *Amerika* ou *O desaparecido* é a primeira história de fôlego escrita por Franz Kafka. Por não ter sido publicado em vida, o texto causa algumas confusões, como, por exemplo, Walter Benjamin, em texto escrito dez anos após a morte de Kafka, cometer o equívoco de considerá-lo o terceiro romance de uma “trilogia”, o único com um final feliz¹⁵. A obra de Kafka, por si mesma, é, de certa maneira, fragmentária, e o próprio autor não via isso como um problema. Sobre *Amerika* ele considerava que apenas 50 páginas das quase 500 escritas eram de valor literário, mas, mesmo assim, seguia seu projeto no livro. Um projeto que ocorria a sobressaltos, escrito de tempos em tempos, um livro posto e retirado da gaveta inúmeras vezes. Talvez seja uma das histórias menos conhecidas do autor, mas, com certeza, como ele deixa claro em uma de suas cartas a Felice em que descrevia o livro em que estava trabalhando:

[...] o fato de que até meu último suspiro quero me entregar a minha novela, que também pertence a você ou, melhor dito, que deve te conferir do bom que há em mim uma melhor imagem do que puderam fazer as palavras meramente indicativas das mais extensas cartas da mais larga vida. A história que estou escrevendo, e que estava planejada há muito tempo, tem o nome, para te dar uma ideia provisória, *O desaparecido*, e se desenvolve exclusivamente nos Estados Unidos da América. Até agora foram concluídos cinco capítulos e quase o sexto. Dois capítulos diferentes são intitulados: *O foguista*, *II O Tio*, *III Uma casa de campo nos arredores de Nova York*, *IV A marcha para Ramsés*, *V No Hotel Occidental*, *VI O caso Robinson*. Citei esses títulos como se pudesse imaginar algo com eles; está claro que isto não é possível, mas queria guardar os títulos com você até que seja possível. Se trata do primeiro trabalho de envergadura que depois de quinze anos de tormentos desanimadores, com escassas exceções, me faz sentir seguro no último mês e meio. (KAFKA, 2003:35-36) (Tradução minha)

Já em novembro de 1912, Kafka havia esboçado e escrito boa parte de seu livro. Nessa descrição sumária do livro apenas não cita dois fragmentos que se tornaram os capítulos finais da organização da obra feita por Max Brod. Um livro dividido em seis capítulos que apresenta a chegada de um jovem à América, suas desventuras e busca por inserção e redenção. Esse livro é considerado pelo próprio autor, como demonstra o trecho da carta acima, um trabalho de envergadura que trouxe novamente confiança a Kafka para seu projeto enquanto escritor. Fazemos não um resumo, mas ponderações sobre o que acontece em cada um dos capítulos do livro, para que nosso leitor possa se situar na trama pela qual passa Karl Rossmann e, feitos esses breves apontamentos, possamos dar continuidade aos aspectos analíticos gerais da obra que consideramos a construção da representação kafkiana da América.

¹⁵ BENJAMIN, W. Franz Kafka: A propósito do décimo aniversário de sua morte. P.156 In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (147-178)

Em *Amerika ou O Desaparecido*, temos a história de Karl Rossmann, um jovem que é expulso de sua casa na Europa, após engravidar a empregada, e é enviado à América como uma espécie de punição e fuga das responsabilidades com a criança e a empregada. O primeiro capítulo da novela demonstra a chegada de Karl ao porto de Nova York. No momento de desembarcar ele tem problemas com sua mala e, ao procurá-la pelo navio, acaba encontrando um foguista que se sente injustiçado em seu trabalho. Karl acaba criando vínculos com o foguista e o apoia a fazer reclamações a seus superiores. Ambos vão à sala do capitão e lá, onde havia mais dois senhores, fazem suas reclamações. Karl dá total apoio ao funcionário do navio e é muitas vezes enfático em sua defesa, como se fossem amigos de longa data. Nesse ocorrido, Karl descobre que um dos sujeitos que acompanhava a discussão era seu tio, o Senador Edward Jakob, que estava ali para lhe buscar. Karl continua preocupado com o foguista, mas seu tio pondera que não é papel deles tratar daquilo, justamente porque justiça e disciplina são papéis que devem ser desempenhados pelo capitão do navio. Após as queixas do Caixa-mor e de Schubal, o foguista acaba ficando em condições desfavoráveis e Karl sente que uma injustiça seria perpetrada. O protagonista nunca mais voltaria a encontrar o foguista, o único amigo que fez em uma longa viagem. Mas saía daquela sala com a esperança de uma vida futura promissora, por conta das ótimas recomendações e do papel importante de seu tio na sociedade, como ponderou o capitão ao descobrir de quem ele era sobrinho. Karl e seu tio rumam então para casa antes do desfecho daquela espécie de “julgamento”.

O segundo capítulo, intitulado “O Tio” diz respeito à chegada de Karl Rossmann à residência de seu tio Jakob, onde funcionava também sua empresa. Nesse capítulo, Karl tem maior contato com a cidade de Nova York, tem seus deslumbres por ela e passa a aprender o idioma local com um professor particular para poder orgulhar e agradecer seu tio e, quem sabe, se integrar aos negócios. Também é nesse momento que conhece alguns amigos de seu tio, no Clube de Hipismo e na própria empresa. Entre eles Mack, Green e Pollunder, grandes amigos e parceiros de negócio de Jakob. Pollunder, ao conhecer o jovem Karl, convida-o para passar um tempo em sua casa no campo. Jakob fica um pouco receoso por conta das responsabilidades do jovem, como estudar e ir às aulas de equitação, mas autoriza sua partida após alguma pressão de Pollunder que tinha deixado sua filha esperando, e pede que ele volte no mesmo dia, frustrando tanto Karl quanto o futuro anfitrião. Mesmo com certa relutância de Jakob, partem para a casa no campo do Senhor Pollunder, e temos aí o terceiro capítulo, “Uma casa de campo nos arredores de Nova York”. Nesse momento, Karl tem contato com outro cenário da cidade de Nova York, que ele chama de “casas antigas”, uma região menos movimentada, porém não livre dos aborrecimentos da cidade grande. Ao chegarem, recebem a notícia de Klara, filha do

senhor Pollunder, que Green passaria por lá à noite e jantaria com eles. Nessa casa de campo ele coleciona alguns enrusgos com a jovem Klara, noiva de Mack, como em uma relação de amor, ódio e teimosia. Após se cansar do tratamento na casa, ele resolve ir embora, porém, os senhores Pollunder e Green não o autorizam. Chegando próximo à meia-noite, o Senhor Green tinha uma surpresa, que seria a mala de Karl encontrada no navio e enviada pelo Capitão e também uma carta de despedida de Jakob, onde ele expulsava Karl de sua casa e pedia que não mais voltasse, pois ele havia escolhido ir embora. Green esperou até meia-noite para obedecer as regras de Jakob e também lhe entregou um ticket para ele ir a São Francisco, onde, embora não tivesse contato com o Tio, teria uma melhor chance como imigrante, porém, acabou optando por marchar em uma direção escolhida de forma arbitrária ao sair da casa do Senhor Pollunder.

No quarto Capítulo, *Marcha para Ramsés*, Kafka ilustra a chegada de Karl a uma hospedaria onde conhece duas figuras importantíssimas para o resto da narrativa: Delamarché, um francês, e Robinson, um irlandês, ambos torneiros mecânicos com quem dividiu quarto na hospedaria e que estavam caminhando para Butterford em busca de trabalho. Na realidade, buscavam ser garimpeiros, o que acreditavam que os faria melhorar de vida. Karl, já de início, tinha muita desconfiança dos dois sujeitos, mas fora acolhido por eles, que demonstravam, de alguma forma, que poderiam ajudá-lo. Ao saírem da hospedaria, seguem em sua marcha. Os dois novos amigos eram conhecedores da cidade e acabaram convencendo Karl a acompanhá-los. Os dois estavam se aproveitando do jovem (pegando seu dinheiro e dando-lhe tarefas), porém ele os seguiu com esperança, visto que pareciam saber o que estavam fazendo. No meio de sua marcha, o jovem Karl entra no Hotel Ocidente, onde é acolhido pela Cozinheira-mor, que propõe que ele largue seus dois novos amigos e fique no Hotel, assim ela poderia fazer mais do que lhe dar de comer, poderia fazer-lhe uma proposta de emprego. Rossmann, que já estava cansado dos excessos de seus amigos, que mexiam em suas coisas e tiravam vantagem dele, escolheu ficar no Hotel e deixa-los para trás.

Seu trabalho no Hotel é o que nos conta o quinto capítulo: “No Hotel Ocidental”. A Cozinheira-mor, por ter gostado muito do jovem e também por ser sua compatriota, consegue para ele um cargo inicial de ascensorista, no que ele passa a trabalhar com grande afinho para encaixar sua vida novamente em algum lugar. Ali conhece Therese, secretária da Cozinheira, com quem cria laços afetivos e de quem se torna um grande amigo. Mas seu vínculo realmente era com os mecanismos do elevador, pois a única coisa que realmente fazia era trabalhar e descansar em suas folgas. Tudo ia bem, até que Robinson vai ao Hotel Ocidente em um dia de trabalho de Rossmann, e temos o desenrolar do sexto capítulo do livro: “O caso Robinson”.

Nesse capítulo temos mais um momento problemático da vida americana de Karl. Ele, que estava bem estabelecido no Hotel Occidental e sendo um trabalhador exemplar, passa por sérios problemas ao receber seu antigo amigo bêbado no hotel. Karl, com medo de ter problemas que lhe custariam o emprego, coloca Robinson, que estava passando mal, no dormitório coletivo, mas, para isso, precisa abandonar o seu posto de trabalho, o que é suficiente para o Camareiro-mor lhe chamar em sua sala e demiti-lo, pois aquilo era inadmissível. A Cozinheira-mor tenta remediar a situação, porém, o camareiro e o porteiro não são favoráveis ao jovem Karl. Tudo só piora quando chega aos ouvidos do camareiro-mor que ele havia colocado alguém no dormitório. O camareiro, então, ameaça mandar prender Karl, porém, em consideração à cozinheira, não o faz.

Depois de muita discussão e tentativa de se defender, Karl vê que é um caso perdido e decide deixar o hotel para não decepcionar mais Therese e a cozinheira-mor. Ao sair do Hotel, encontra-se com Robinson que estava esperando um automóvel para levá-lo para casa, Karl o acompanha, visto que não tinha lugar para ir. Chegando ao destino, Karl se envolve em problemas para se identificar com a polícia, por estar sem roupas “adequadas”, pois ao partir do hotel saiu sem seu paletó e alguns de seus pertences. Não tinha consigo seus documentos e acabara de ser demitido. Isso lhe proporcionou uma cena constrangedora com o policial. Acabou fugindo para “evitar” maiores problemas. Após toda a confusão Karl viu-se obrigado a ficar na casa de Brunelda, para quem trabalhava Robinson e com quem Delamarche tinha um caso. Passou, então, a trabalhar na casa de Brunelda como um serviçal, junto de Robinson. Ali teve contato com um jovem estudante que lhe contou um pouco sobre sua experiência na universidade e também sobre horizontes, para que o próprio Karl pudesse entrar na universidade ou seguir trabalhando com Delamarche.

Esse é o último capítulo escrito e integrado por Kafka, como vemos na passagem da carta acima, mas o livro publicado é constituído ainda por mais dois fragmentos que seriam o desfecho da desventura de Karl Rossmann na América. Um primeiro fragmento diz respeito à ajuda de Karl a Brunelda em uma mudança, onde ele a carrega até seu destino em um carro de doente. O segundo fragmento seria o da ida de Karl até o Theatro Oklahama, onde Karl encontra todo tipo de gente, todos como que excluídos na América, em busca de emprego nesse Theatro que é famoso por ter espaço para todos. Karl passa por uma entrevista em que altera seu nome para Negro, tal como era chamado no Hotel Occidente. Tenta assumir uma posição que não é a sua, de engenheiro formado, mas é descoberto e consolado, pois ali ninguém precisa mentir e há espaço para todos que chegam ao Theatro. Ali Karl se encontrava aceito na América mais uma vez, dessa vez visando estabilidade na função de operário técnico. Sua desventura se

encerra com ele em um trem rumando finalmente ao Theatro e o romance é finalizado com uma sensação de justiça e redenção.

Essa é apenas uma primeira introdução ao enredo do romance em questão, para trazer os pontos altos da história e também para situar todos os leitores que estiverem nos acompanhando. Mais à frente entraremos nos pormenores, como dissemos, das caracterizações da América feita por Kafka em seu romance. Essa introdução leva em consideração o fato de o romance *O desaparecido* ser o menos lido entre as obras de Franz Kafka. Porém, mesmo pouco lido, possui extrema importância para o conjunto da obra de nosso autor. Essa obra, além de ser o primeiro romance do autor, marca o retorno de Kafka à vocação da escrita e, de certa forma, já possui traços que aparecerão nos romances mais conhecidos e famosos (*O Processo* e *O Castelo*). Os livros de Kafka que são muitas vezes considerados como hiper-realistas (ROSENFELD, 1967; 1994) por tratar de temas extremamente próximos à vida do autor e tão corriqueiros do cotidiano moderno faz com que eles transcendam a própria realidade e vão de encontro com o absurdo em sua escrita. Temos o entrecruzamento, comum na literatura, entre um lugar real e uma história fictícia. Kafka arriscou criar uma América sem nem mesmo a ter experienciado. Essa falta de contato não o impediu e nem limitou seu processo produtivo, tampouco foi visto como empecilho, como fica claro em carta destinada a Felice Bauer:

Minha querida: em meu romance acontecem coisas muito instrutivas, já viu alguma vez as manifestações que ocupam as cidades norte-americanas às vésperas da eleição de um juiz de distrito? Com certeza tão pouco como eu, mas em meu romance estão se produzindo agora estas manifestações. (KAFKA, 2003:40) (Tradução minha)

O que podemos ressaltar dessa troca de cartas é o aspecto criativo para o qual o autor, em alguma medida, chama atenção. Esse aspecto não retira de sua obra os lastros que ela possui com a realidade, apenas modifica a lógica pela qual devemos compreender a literatura e sua relação com a realidade; não como simples espelho ou reprodução, mas como uma representação do real somado ao específico do criativo. Mesmo nunca tendo presenciado manifestações em véspera de eleições americanas, Kafka produz em sua obra esse cenário conciliando o conhecimento que adquiriu da América por meio de seus estudos, do contato com imigrantes e de outras formas de conhecer e ter informações do país, mas também por meio de sua faculdade criativa. Em sua escrita encontramos uma América que vai mesclando elementos do real e do fictício. Kafka constrói os Estados Unidos a partir de algumas pressuposições e de alguns estudos literários que faz em seu período de escrita, isso o auxilia em seu processo, mas não exclui certas incongruências com a América real, algo que é comum no processo de construção da literatura, mas não exclusivo desse meio.

Talvez a mais emblemática das incongruências, que nos faz questionar as relações entre o real e o fictício, e o quanto um carrega elementos do outro, seja a imagem da Estátua da Liberdade feita por Kafka, praticamente na primeira página de seu Romance. A chegada de Rossmann à América tem início com uma cena clássica para quem viaja à Nova York: o jovem se depara com “[...] a estátua da deusa da liberdade, [...]. O braço com a espada erguia-se como se tivesse recém se elevado [...]” (KAFKA, 2012:13) Percebemos um elemento estranho à imagem real da estátua, não sabemos se a troca da tocha pela espada é pensada por Kafka ou um equívoco, mas na ficção esse equívoco é permitido e possibilita novas interpretações sobre a América e também sobre o enredo que está sendo construído pelo autor. A estátua real empunha uma tocha acesa, que seria a forma pela qual guiaria os que estão à procura de liberdade, em sua maioria “os que estão cansados, os pobres e as massas ansiosas para respirar livremente”¹⁶. A tocha também é signo do período iluminista que antecede as revoluções burguesas do século XVIII. A substituição da tocha pela espada, em nível interpretativo, pode indicar um sentido muito mais de autoridade, de rigidez. A espada é um símbolo bélico e muitas vezes aparece como a substituta ou realizadora da lei quando esta não é obedecida, também é sinal de grandes atos, mas podemos dizer que o símbolo espada está na extremidade oposta da iluminação de uma tocha.

A troca da tocha pela espada, se por engano ou proposital, enriquece o enredo com outras chaves interpretativas. E como que de saída já nos demonstra: Estou aqui falando da América, mas alterando seu maior símbolo demonstro que esta não é qualquer América, esta é a América aos meus olhos, uma representação que é tributária do original, mas que possui algo de muito específico. Como se a ficção dissesse ao real: você existe, mas dentro desse livro você se submete à criação. Criação essa que ainda assim possui como baliza aquilo que conhecia Kafka sobre a América, colocar o principal monumento e o que está em maior evidência quando se chega ao porto de Nova York como abertura de sua obra marca que o real possui grande importância para a produção de verossimilhança, mas não é só dele que ela se faz.

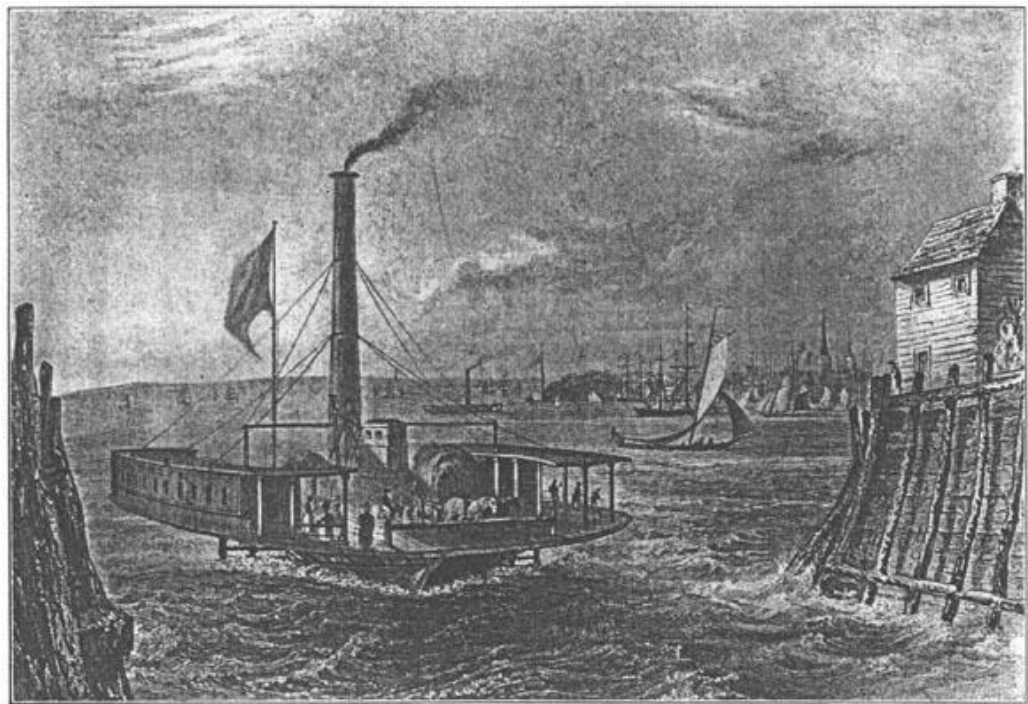
A representação kafkiana da América ganha tons quase que intuitivos, fruto de uma imagem ideal de uma terra extremamente desenvolvida e moderna, inclusive o próprio Kafka

¹⁶ Como demonstra o poema escrito por Emma Lazarus, em homenagem à estátua: Not like the brazen giant of Greek fame,/ With conquering limbs astride from land to land;/ Here at our sea-washed, sunset gates shall stand/ A mighty woman with a torch, whose flame/ Is the imprisoned lightning, and her name/ Mother of Exiles. From her beacon-hand/ Glows world-wide welcome; her mild eyes command/ The air-bridged harbor that twin cities frame./ “Keep, ancient lands, your storied pomp!” cries she/ With silent lips. “Give me your tired, your poor,/ Your huddled masses yearning to breathe free,/ The wretched refuse of your teeming shore./ Send these, the homeless, tempest-tost to me,/ I lift my lamp beside the golden door!”

coloca em questão em alguns comentários sobre a representação que ele faz dos Estados Unidos da América ao discutir uma imagem incluída na capa da primeira edição de *O Foguista*., onde pondera que a imagem e suas descrições se contradiziam. Podemos ter ideia dessa perspectiva do autor em carta escrita a seu editor em maio de 1913:

Quando vi a ilustração no meu livro, o início, fiquei surpreso, pois em primeiro lugar contradizia a mim, que havia descrito a Nova York mais ultramoderna; em segundo lugar tinha uma vantagem frente a história, visto que surtia efeito antes dela, e como imagem, o efeito é mais concentrado que a prosa; e em terceiro lugar era demasiado linda. Se não fosse uma gravura antiga, poderia dizer que é uma obra de Kubin. Mas agora já estou acostumado com a ilustração, e inclusive fico feliz de que tenha me surpreendido com ela, pois se me tivesse perguntado, não teria sido capaz de me decidir e teria perdido esta linda obra. Parece realmente que meu livro foi enriquecido pela imagem enquanto o livro e a gravura trocam seus pontos fortes e fracos. A propósito, de onde vem a gravura? (KAFKA, 2003:48) (Tradução minha)

A imagem da qual fala Kafka no caso seria a seguinte:



A imagem é de um autor desconhecido, mas retrata um porto, que supostamente deveria ser o porto de Nova York, onde começa a história de *O Foguista*, primeiro capítulo da novela *O Desaparecido*. Percebemos que a imagem retrata um cenário muito simples, com construções sustentadas por barragens. Na verdade a imagem não dizia respeito a Nova York do início do século XX, é uma gravura feita em metal retratando a vista do Porto de Nova York do século XIX, não se sabe exatamente o período. Essa imagem, segundo o próprio Kafka, causa certos efeitos, ela se antepõe ao início da história e, de certa maneira, oferece um contexto ao leitor. Mesmo que esse contexto não seja condizente com o da narrativa, ele é uma espécie de representação imagética que localizaria, por exemplo, um leitor que nunca tinha visto ou

imaginado o porto de Nova York, e ainda causa um efeito anterior e mais “concentrado” que o da prosa, como diz Kafka, ele torna presente por meio de imagem o que ele está dizendo. Por mais que a imagem e a descrição de Kafka não sejam de uma mesma Nova York, ele considera ainda que elas contribuem mutuamente uma para a outra. A representação imagética e a verbal fazem uma trança de realidades construídas e apresentadas aos leitores e apreciadores do texto de Kafka, são duas formas de apresentação da América que possuem “debilidades” e “força”. Nem uma e nem outra está mais correta, ambas oferecem uma possível perspectiva.

Kafka está escrevendo sua novela no ano de 1912, e como ele mesmo afirma, a imagem representa um porto americano levemente diferente do que ele imaginava, melhor do que ele nos descreve. Nesse período, historicamente já temos o início do *boom* das grandes construções de arranha-céus nos Estados Unidos, sobretudo em Nova York. A imagem colocada à capa causa uma tensão, que é presente na própria construção do texto kafkiano, onde temos, por muitas vezes, um aspecto comparativo entre as memórias de Rossmann da Europa e o que está vivendo na América, podemos dizer que seria uma tensão entre o antigo e o moderno. A chegada de Rossmann ao porto de Nova York se apresenta de forma diferente da imagem colocada na primeira edição publicada de *O Fuguista*. Mas a ficção é constituída exatamente de uma espécie de reconstrução muito específica da realidade. Talvez, por esse motivo Kafka não se importou com a inserção da imagem em sua publicação. Isso nos traz aqui ao primeiro tópico para o qual gostaríamos de chamar atenção: os aspectos arquitetônicos e estruturais que representam a ultramodernidade descrita por Kafka.

1.2 ASPECTOS ULTRAMODERNOS E ARQUITETÔNICOS

Então daremos sequência em uma análise da discussão sobre os aspectos modernos que muitas vezes relacionam América e Europa, como em uma comparação entre o moderno e o antigo, ou aquilo que ele denomina em sua carta ao editor como ultramoderno. Isso aparecerá no texto de Kafka como elementos de desenvolvimento tecnológico que tornam o ritmo das cidades americanas por onde Karl Rossmann passa extremamente velozes, os ambientes de trabalho grandiosos e modernos, como aparecem em suas descrições e também nos aspectos de metrópole que ele descreve ao chegar em Nova York, algo que se relaciona em muito por descrições da verticalização das cidades, mudanças no jeito de agir dos cidadãos, remissões a aspectos da multidão na cidade grande. Esses principais aspectos do ultramoderno que localizamos no texto de Kafka e traremos para nossa discussão, entrecruzam uma maneira de agir moderna e aspectos estruturais (arquitetura e tecnologia) modernos.

Iniciemos por alguns aspectos apontados já no primeiro capítulo do livro, durante a chegada de Karl ao porto de Nova York. Nosso protagonista passa por alguns problemas de viagem ao tentar desembarcar do navio: perde guarda-chuva e malas e, na busca por suas posses, encontra com o primeiro personagem com quem constrói vínculos, o foguista (daremos atenção a esse personagem quando discutirmos questões relacionadas ao trabalho dentro do romance, visto que essa é a grande temática do primeiro capítulo, em certa medida). Por ora basta sabermos que Karl tenta ajudar o foguista com alguns problemas e injustiças pelas quais vem passando em seu trabalho. Rossmann, ao convencê-lo e incentivá-lo a fazer as devidas reclamações aos seus superiores, o acompanha à sala do capitão do navio. Ao entrar na sala do capitão, a narrativa nos demonstra a distração de Rossmann com a vista das três janelas que ali existem. Ele visualiza grandes navios, navios de guerra com canhões e também outras embarcações comerciais. Mas o que vai ao ponto do que estamos aqui discutindo e chama a atenção por entrar em conflito com a imagem da contracapa, escolhida pelo editor, é exatamente o que ele vê por de trás dos navios e do mar: “[...]. Por trás de tudo isso, porém, estava Novayork a contemplar Karl com as cem mil janelas de seus arranha-céus. Sim, nessa sala sabia-se exatamente onde se estava” (KAFKA, 2012: 22). A imagem que talvez se aproxime da descrição de Kafka seja exatamente a de uma Nova York das primeiras duas décadas do século XX. A vista ficcional aproxima-se do que realmente era Nova York (ou Novayork/Novawork como escrevia Kafka). Essa proximidade colocada pela prosa, que ele dizia ser menos concentrada que a imagem, na verdade se demonstra muito certa, pois, de forma involuntária, ela era uma imagem quase fiel do porto de Nova York naquele período. Mesmo que o autor nunca tivesse posto seus pés naquele país, conseguiu converter sua imaginação em algo muito próximo à realidade.



Essa ideia de uma América verticalizada não se encerra nessa breve passagem, ela volta a ser motivo de impacto na estadia de Karl no primeiro capítulo e um dos elementos de choque construídos no romance. Para darmos mais um exemplo podemos saltar ao início do segundo capítulo, intitulado “O tio”. Ao chegar na residência de seu tio, Senador nos Estados Unidos e também um grande empresário, que o encontrou no navio, justamente na sala do capitão, em meio à polêmica do foguista, a narrativa demonstra mais um estado quase catártico de Karl em relação aos aspectos arquitetônicos modernos e verticalizantes da cidade americana. Rossmann tinha seus aposentos localizados no sexto andar do prédio, que pertencia a seu tio, Jakob. Ali, do sexto andar, as impressões de Karl em relação à sacada de seus aposentos são descritas da seguinte forma:

Uma estreita sacada estendia-se diante do quarto em todo o seu comprimento. Mas o que na cidade natal de Karl teria sido o mais alto mirante, aqui não permitia muito mais do que avistar uma rua que corria reta por entre duas fileiras de casas virtualmente entrecortadas e que por isso corria como que em fuga para longe, onde em meio a uma espessa bruma erguiam-se monstruosas as formas de uma catedral. E tanto pela manhã quanto à noite os sonhos da madrugada agitava-se nessa rua um tráfego cada vez mais intenso que, visto de cima, aparecia como uma mistura de figuras humanas deformadas e tetos de veículos de toda a espécie que se fundiam continuamente uns com os outros, na qual se elevava uma confusão ainda maior e mais selvagem, formada por ruídos, poeiras e cheiros – tudo isso envolto e penetrado por um feixe de luz poderoso que era constantemente dissipado, levado e trazido de novo escrupulosamente pela massa de objetos, uma luz que parecia tão corpórea ao olhar atordoado, como se por cima da rua a cada instante se espatifasse violentamente uma placa de vidro que a tudo recobrisse. (KAFKA, 2012: 44)

Karl, por algumas vezes no desenrolar do romance, chama atenção para as diferenças entre sua terra natal e para o novo país aonde está, em um movimento comparativo. Na maioria das vezes a comparação surge para demonstrar um déficit de modernidade em sua terra natal, isso fica ilustrado na passagem acima quando é posta em evidência a relação entre o mirante alemão e a parede de prédios americana que impossibilita a visualização do céu ou horizonte ao olhar para frente. Esse aspecto verticalizado é marca de um processo de modernização pelo qual a América passou de forma mais acelerada que os países Europeus que, ainda hoje, muitas vezes, optam por uma arquitetura mais tradicional e projetos urbanísticos que mantenham algumas dessas características de cidades mais padronizadas. Além desse aspecto vertical, temos a apresentação de cidades com fluxos intensos e constante de pessoas e carros, que marcam um processo de aumento de velocidade da vida na metrópole, como descrita por Simmel¹⁷ em seu texto sociológico clássico, ou mesmo as descrições de Walter Benjamin¹⁸ sobre a vida na multidão das cidades, que tinha como base um texto literário de Edgar Allan

¹⁷ SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903).

¹⁸ BENJAMIN, W. Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

Poe. Uma cidade de fluxo intenso e de pessoas se locomovendo até ficarem deformadas é como uma imagem expressionista, onde o movimento não cessa mesmo no momento congelado de uma imagem. Essa é a sensação representada por Kafka em seu texto pelos olhos de Rossmann. A presença de inúmeros veículos que reforçam essa hipermodernidade que ele dizia em sua carta à Karl Wolff.

Essa relação de choque pela qual passa Karl Rossmann não é apenas de encanto e deslumbre, é também um estranhamento que gera incômodo. Por se deparar com os arranha-céus americanos, Karl testemunha a excessiva presença de construções feitas em estruturas de metal, que seria a única forma de sustentação dos enormes prédios americanos. Não pensamos aqui em afirmar que essa técnica da construção civil seja exclusividade dos americanos, muito menos que não existissem tais edificações na Europa, mas Karl fica chocado com o excesso destas. Inclusive morando em um desses prédios, quando, no segundo capítulo, externa tal incômodo:

[...]. A acústica do quarto também era excelente, o que contribuiu para fazer com que desaparecesse completamente o pequeno mal-estar inicial que sentia por morar num prédio de ferro. De fato, por mais que de fora o prédio parecesse de ferro, no quarto não se percebia absolutamente nada de partes construídas em ferro e ninguém poderia identificar na decoração o mínimo detalhe de certa forma destoante do mais perfeito aconchego ambiente. [...] (KAFKA, 2012:46)

O mal-estar sofrido por Karl é a expressão desse estranhamento com uma primeira experiência, que no caso da personagem causa desconfiança e desconforto, mas que aos poucos é superado, visto que o processo de inserção em terras americanas por parte de Karl deve ser de assimilação veloz dos novos fatos com que vai se defrontando; a modernidade, em certa medida, pede por passividade dos sujeitos frente à velocidade e a constante mudança e estranheza que existem dentro da mesma, algo entre o *blasé* de Simmel e o *flanêur* de Benjamin/Baudelaire. Pensemos, então, em como esses aspectos modernizantes da América influem sobre o processo de se tornar americano de que nos fala o tio de Rossmann, e também como ele acompanha o enredo do romance, pois estar na América é acompanhado também por um se tornar outro, nascer outra vez.

Essa noção de uma América extremamente moderna, quase um mundo à parte em relação à Europa, aparece em diversos momentos do romance, mas também é colocado como uma problemática pelo autor. Ao demonstrar essa reação de choque do protagonista, Kafka nos induz a imaginar esse cenário hipermoderno que nunca fora visto em lugar algum antes e isso nos coloca duas questões: até onde a América é realmente superdesenvolvida e até onde a experiência de estranhamento de Karl nos causa esse impacto. Essa perspectiva é posta em um dos diálogos entre Rossmann e Klara, quando ambos estão na casa de campo, na primeira vez

em que Karl se afasta da gigante Nova York. Claro que devemos ponderar que o anfitrião, Senhor Pollunder, achava que aquela casa de campo ainda era agitada demais para ser entendida como uma fuga do caos novo iorquino. O diálogo se desenvolve da seguinte forma:

A nova instalação elétrica só chegou até agora à sala de jantar – explicou Klara. – Compramos esta casa faz pouco e a reformamos totalmente, se é que de modo geral é possível reformar uma casa velha com todos os caprichos de sua arquitetura.
 – Então, na América também existem casas velhas – disse Karl.
 – Claro – disse Klara rindo e continuando a puxá-lo –. Faz uma ideia estranha da América. (KAFKA, 2012:65)

A surpresa protagonizada por Karl ao perceber a existência de casas mais antigas e não tão modernas quanto a estrutura de metal na qual estava vivendo, traz o jovem um pouco mais para a realidade. A reação jocosa de Klara em relação a Karl deriva do fato de ela também nunca ter estado na Europa, o que produz nela uma outra imagem das grandes diferenças entre os dois continentes. Isso é ponderado por Karl a certa altura de sua conversa com ela. O que estamos tentando apontar com os trechos selecionados são as sensações e experiências elaboradas por Karl em território Americano, sendo que muitas delas passam por um processo de estranhamento da modernização daquele país, e são muito distintas daquelas vividas na Europa. No romance temos imagens de carros cobrindo as avenidas e tornando inviável o tráfego paralelo de pessoas, descrições de multidões nas calçadas ou mesmo nas ruas, consistidas de passos acelerados de todos os cidadãos que saem de seus trabalhos e rumam para as respectivas casas, o show de luzes e a mistura musical gerada pela visão dos apartamentos no horário de jantar das famílias. A América, estruturalmente descrita por Kafka e vivenciada por Karl, é um local, naquele período histórico, inovador.

Toda essa inovação carrega um princípio de crítica que passa por muitas narrativas de Kafka. O autor frequentemente chama atenção para alguns aspectos alienantes da vida como, por exemplo, o estranhamento e a desconexão entre o homem e seu meio, que gera uma espécie de dialética. Os processos nos quais os personagens de Kafka estão envolvidos acontecem de forma quase automática e natural, sem questionamento ou explicação maior, enquanto o papel da personagem é o de questionar a situação, que na maioria das vezes recai em um vazio de respostas. A alienação que consideramos no texto de Kafka assumirá um duplo sentido: o de uma desfamiliarização – essa situação é posta pelas rupturas com o tio, demissão e modelo de trabalho posto dentro da obra –, mas também de um estranhamento posto pela própria condição de estrangeiro tentando se inserir – essa busca de inserção e assimilação das mudanças que é algo típico da vida moderna.

Neste momento trataremos do segundo grau de alienação, a do estrangeiro e do estranhamento. Na narrativa kafkiana há uma constante relação entre falta de sentido e sua

procura, o que produz ao mesmo tempo o estrangeiro e o estranhamento. Faz parte da constituição do mundo moderno os sujeitos não mais saberem o que são desde seu nascimento, não terem certeza de sua posição. A modernidade põe em perspectiva a constituição prévia dos sujeitos. Nela os sujeitos vão se construindo de acordo com a história pela qual passam, não existe um destino a ser seguido. Essa construção também é produtora de uma angústia que, inevitavelmente, clama para que o indivíduo se encontre e se realize, atribuindo sentido a tudo aquilo que existe em sua volta, evitando a constante alienação de si com o mundo. E em *Amerika* isso aparecerá, conforme observaremos, em uma passagem específica que demonstra, a partir de uma análise estrutural da cidade de Nova York, essa sensação de vazio de sentido pela qual passa Karl, além do quanto a cidade moderna aparece em suas vistas, algo que talvez ele não tivesse vivido na Europa.

– [...]. Chegaram a uma região que se elevava e, nas vezes em que pararam, ao olhar para trás podiam ver descortinar-se cada vez mais extensamente o panorama de Nova York e seu porto. A ponte que liga Nova York a Boston pendia suavemente sobre o rio Hudson e quando apertavam os olhos para enxergar melhor, ela parecia estremecer. Aparentemente a ponte estava completamente desimpedida e abaixo dela estendia-se a faixa de água lisa, inanimada. Tudo naquelas duas cidades gigantescas parecia deserto e sem utilidade. Quanto aos prédios, mal havia diferença entre grandes e pequenos. Nas invisíveis profundezas das ruas a vida provavelmente continuava à sua maneira, mas sobre elas não se via nada além de uma leve névoa que embora não se movesse parecia fácil de dissipar. Mesmo no porto – o maior do mundo – retornara a paz e somente de vez em quando acreditava-se ver deslizar – por certo sob influência da memória de algum momento anterior quando ele tinha sido visto de mais perto – por um curto trecho algum navio. Mas tampouco era possível segui-lo com o olhar muito tempo, ele saía do campo de visão e não era possível mais encontra-lo. (KAFKA, 2012:98)

A América de Kafka, em sentido estrutural, arquitetônico e também na forma como o protagonista do romance se relaciona com o novo lugar, aparece realmente como hipermoderna, com grande número de veículos, cidades extremamente verticalizadas e com multidões de pessoas circulando por elas. Não é só isso que caracteriza a América, como tenta demonstrar Klara a Karl, há cidades do campo, há arquitetura mais tradicional, há lugares calmos e resguardados, mas para viver essa realidade quando se está em Nova York é necessária uma vida abastada. A *América* descrita é, de certa forma, capaz de devorar aqueles que chegam até ela, há algumas exigências para que se assimile aquele novo país. O processo de transição não é tão tranquilo, há quase uma necessidade de se tornar um americano de fato e de desaparecer com seu velho ser. É esse o processo pelo qual passa Karl. Entre estranhamentos, alienações e tentativas de inserção, a história de Karl na América se desdobra, é como um constante nascer de novo.

1.3 TRABALHO: ENTRE A DISCIPLINA E A JUSTIÇA

Trabalho, justiça e disciplina, no enredo de Kafka, caminham juntos. O trabalho recebe centralidade nesse romance. A busca incessante de inserção na sociedade americana, tentada por Karl Rossmann, passa a todo instante pelo trabalho, pelo menos depois que seu tio o expulsa de casa, e esse episódio também envolve questões de disciplina e justiça, mas voltaremos a essa situação na sequência. O primeiro capítulo do romance se desdobra a partir de uma controvérsia em torno do trabalho do personagem foguista, um trabalhador do navio que transportou Karl da Europa à América. Este pensava em abandonar o seu posto no navio por conta do baixo reconhecimento, da perseguição que sofria e da desvalorização em relação aos estrangeiros que ali trabalhavam. É interessante que observemos os argumentos de Rossmann ao sair em defesa do foguista, expondo sua perspectiva ao capitão:

– Tomo a liberdade de dizer – começou ele – que na minha opinião foi cometida uma injustiça contra o senhor foguista. Há aqui um certo Schubal que o importuna. Ele já serviu em muitos navios, os quais pode citar aqui, de maneira plenamente satisfatória, é trabalhador, bem intencionado em seu trabalho; realmente não se entende por que ele trabalharia mal justo nesse navio, onde o serviço nem é excessivamente pesado como , p. ex., nos veleiros mercantes. Por isso só pode ser uma calúnia que o impede de progredir e o priva do reconhecimento que de outra forma com toda certeza não lhe faltaria. Eu falei apenas dos aspectos gerais dessa questão; as reclamações específicas, ele mesmo as apresentará aos senhores. (KAFKA, 2012: 23)

Diante dessa exposição, houve o contraponto do caixa-mor, que dizia que o foguista era um “querelante”, havia levado seu superior, Schubal, ao desespero, ele que é uma pessoa tranquila, argumentava que qualquer queixa era injustificada e que ele era um insubordinado. A perspectiva do caixa-mor era de que o foguista deveria obedecer a hierarquia estabelecida ali, coisa que ele não fazia, sempre tomando caminhos ao topo da hierarquia para resolver seus problemas. O capitão argumentava que Schubal havia se tornado demasiado autônomo, o que poderia ser um problema para a própria hierarquia, de forma que ele talvez pudesse estar sendo injusto. O foguista e Karl, em sua defesa, argumentavam que Schubal era injusto e por isso tomava esse caminho, ele privilegiava os estrangeiros e fazia com que o foguista exercesse funções que não eram dele, como por exemplo, limpar banheiros. O desfecho desse problema e desse imbróglio não nos é demonstrado dentro do romance. Com a chegada de Schubal para se defender, parece que o caminho que esse “julgamento” da inocência e redenção do foguista vai tomando é a direção de uma derrota, da reafirmação da injustiça sofrida. Como disse o Tio de Rossmann acima, mais que justiça, esse caso é um caso de disciplina, e ali era o que mais importava. Essa noção de disciplina em conflito com a justiça será extremamente importante para o desenvolvimento do romance e para a caracterização da América de Kafka.

O trabalho é algo extremamente importante para o desenvolvimento em *Amerika*. É o que o Tio de Rossmann aponta quando afirma que cresceu e conquistou sua empresa com

muito esforço e afinco. Claro que, em um primeiro momento, essa não é uma preocupação de Karl, dada a posição de seu tio naquele país, tanto que ele demora para ser apresentado aos negócios. Os primeiros investimentos de Karl na América são culturais, simbólicos e intelectuais: aprender um novo idioma, conhecer a literatura local, ter contato com música e também inserir-se nos grupos sociais e de amigos de seu Tio. Nesse processo de inserção no meio social do parente, conhecendo amigos e visitando-os, Karl vai passar um final de semana na casa de campo do Senhor Pollunder e no percurso de viagem, mais uma vez, as reivindicações trabalhistas aparecem como fundo de cena. Durante a viagem, Karl e o Senhor Pollunder se deparam com uma greve de trabalhadores que estava parando as ruas de Nova York, enquanto os dois iam em direção à casa de campo. Kafka coloca atenção nos conflitos da classe trabalhadora com seus superiores, e também a classe trabalhadora como ator social importante nesse cenário moderno, ao mesmo passo que representa uma América onde movimentos sociais estão em ebulição. Lancemos luz sobre esses movimentos trabalhistas por meio das passagens de Kafka:

Saindo por ruas em que o público acorria em massa aos teatros, andando a passos rápidos evidentemente com muito medo de se atrasar, ou dentro de veículos em alta velocidade, eles chegaram, depois de passar por bairros intermediários, aos subúrbios onde seu automóvel foi desviado para ruas laterais por agentes da cavalaria, já que as avenidas estavam ocupadas por uma passeata de metalúrgicos em greve e apenas o trânsito minimamente indispensável de carros podia ser consentido nos cruzamentos. E quando o automóvel, vindo de ruas escuríssimas das quais ecoavam ruídos abafados, atravessou a seguir uma dessas avenidas que parecem verdadeiras praças, apareceram, de ambos os lados e em perspectivas que nenhum olhar conseguia seguir até o fim, calçadas apinhadas com uma massa que se movia a passos minúsculos e cujo canto era mais uniforme que o de uma única voz humana. Na pista que fora mantida livre via-se aqui e ali algum policial sobre um cavalo imóvel, ou então pessoas carregando bandeiras, ou faixas com os dizeres estendidas sobre a rua, ou então algum dirigente operário cercado por seus colaboradores ou ordenanças, ou ainda um vagão de um bonde elétrico que não tinha escapado com rapidez e agora estava ali, vazio na escuridão, com o condutor e o cobrador sentados na plataforma. Pequenos grupos de curiosos paravam muito longe dos verdadeiros manifestantes e não deixavam seus lugares, embora permanecessem sem saber claramente o que de fato se passava. Karl, por sua vez, apoiou-se alegremente no braço que o senhor Pollunder tinha colocado ao seu redor: a certeza de que em breve seria um hóspede bem-vindo numa casa de campo bem iluminada, cercada por muros e vigiada por cães, fazia-lhe um bem que excedia todas as medidas [...]. (KAFKA, 2012: 55)

A passagem engloba além dos elementos trabalhistas também uma série de elementos que configuram a modernidade daquele país. Temos a representação da velocidade com que os trabalhadores caminham. Os veículos em alta velocidade e as multidões tão características das cidades grandes. O movimento grevista caminha na contramão dessa descrição hipermoderna e coloca um freio nessa descrição quase atomizada dos sujeitos, trazendo em cena um sujeito coletivo que caminha a passos vagarosos, em cuja massa podiam ser percebidas as reivindicações. A greve aparece como mais um símbolo do trabalho envolto

pela justiça. É basicamente essa a reivindicação dos movimentos trabalhistas: condições melhores e mais justas de trabalho. Enquanto isso, tentando controlar aquele movimento e inserir alguma ordem, para que a cidade continuasse seu fluxo, estava o agente disciplinador, representado pela polícia e pela cavalaria. A descrição de Kafka desse movimento tem seu fim com a incompreensão de quem passava um pouco mais longe do que está acontecendo e também com a felicidade de Karl por, em breve, estar em casa seguro. A preocupação e revolta que tinha com as injustiças já não eram as mesmas que no caso do foguista, onde se perguntava como seus pais se sentiriam ao saber que ele estava fazendo o bem em terras americanas. O pouco tempo com seu tio, aparentemente, o desligou dessas preocupações justas, mesmo que por pouco tempo.

Não é a única vez que o tema greve aparece em seu enredo. Já no quarto capítulo, “Marcha para Ramsés”, Karl, na hospedaria, tem mais uma experiência com essa controvérsia em torno do trabalho. As notícias sobre a greve chegavam até ali, dessa vez por meio dos operários e também dos jornais. As percepções de Karl sobre esse evento se dão da seguinte forma:

[...]. Na mesa ao lado estavam sentados operários vestidos com camisas respingadas de cal, e todos bebiam do mesmo líquido. Os automóveis, que passavam em grande número, deixavam nuvens de pó sobre as mesas. Grandes páginas de jornal circulavam, falava-se sobre a greve dos operários da construção e o nome Mack foi mencionado várias vezes. Karl informou-se a respeito dele e descobriu que era o pai do Mack seu conhecido, e era o maior empresário da construção civil de Nova-York. A greve custava-lhe milhões e ameaçava talvez a situação de seus negócios. Karl não acreditou em nenhuma palavra daquela conversa de gente malévola e mal-informada. (KAFKA, 2012:100)

Os elementos que configuram a ultramodernidade de que falávamos no tópico anterior (carros, velocidade, multidão) são mantidos, também nessa cena é acrescentado um elemento característico do ambiente pós trabalho no século XX: os bares. Sobre a greve, mais uma vez, Karl não se sente tocado. Ele desconfia do que está sendo noticiado e informado sobre ela por conta de certa relação, se não de amizade, pelo menos de afinidade, com o patrão dos grevistas, Mack, que era amigo de seu tio e conhecido seu. A partir dessa desconfiança com relação à greve percebemos outra característica importante da forma como os indivíduos se relacionam dentro do romance, são esses os laços de afinidade, que são importantes para construção de julgamentos e contribuições entre os personagens. Essas afinidades – que podem ser similaridades de nacionalidade, familiaridade ou mesmo amizade – criam vínculos que tornam as avaliações de certas situações menos objetivas e também frágeis, sobretudo por parte de Rossmann. O que estamos tentando demonstrar é que a descrição de manifestações e greves dentro do enredo reforçam o papel que o trabalho ocupa dentro da obra. Mas a via reivindicativa

não é a única forma com que ele aparece na obra de Kafka. Se, pelas representações de reivindicação apresentadas na imagem do foguista, das manifestações e greves, temos a questão da justiça como elemento primeiro, quando o enredo aborda as questões relacionadas ao trabalho e ao ato de trabalhar temos uma outra companhia: a disciplina.

O tema da disciplina é trazido pelo Tio de Karl desde o evento do foguista, onde ela se sobrepõe à justiça. Quando Karl chega à sua casa é colocado sob uma rotina de estudos e atividades para sua educação mais ampla. Karl propõe quebrar essa rotina para visitar Klara e a residência do senhor Pollunder, amigo de Jakob. Este possuía ressalvas por conta das responsabilidades que Karl teria naquele dia, e mantinha uma posição de que elas não poderiam ser deixadas de lado. Jakob autoriza Rossmann a fazer sua pequena viagem, desde que volte no mesmo dia e não perca suas atividades. O senhor Pollunder deixa claro para Karl que seu Tio é uma pessoa que se preocupa muito com a formação dele, por isso a preocupação e rigidez. Porém, naquela noite, na casa de campo, o Senhor Green dá a notícia de expulsão de Karl da casa de seu Tio. Na carta redigida, o parente justifica a decisão:

Caro sobrinho! Como deverá ter notado ao longo de nossa convivência, infelizmente por demais breve, sou antes de tudo um homem de princípios. Isso não é extremamente desagradável e triste só para os que me rodeiam – é desagradável e triste também para mim; mas eu devo aos meus princípios tudo o que sou, e ninguém tem o direito de exigir de mim que negue minha existência sobre a face da terra, ninguém, nem você meu querido sobrinho, ainda que fosse justamente você o primeiro da fila, caso alguma vez me viesse em mente permitir um tal ataque generalizado contra mim. Então seria justo você que eu mais gostaria de acolher e levar para o alto com estas duas mãos com que estou segurando o papel e escrevendo. Entretanto, como por ora nada indica que isso poderia acontecer algum dia, sou necessariamente obrigado, depois do ocorrido hoje, a afastá-lo de mim; peço-lhe encarecidamente que não venha me ver, nem tente entrar em contato comigo por carta ou por intermediários. Decidiu, contra minha vontade, afastar-se de mim. Então, mantenha essa decisão por toda a sua vida – só assim será uma decisão de um homem. [...]. (KAFKA, 2012: 85)

Jakob era um homem de princípios, consequentemente um homem muito disciplinado, e era o que ensinava a Karl quando falava sobre se tornar um americano; que não pode se distrair com pequenas coisas, como, por exemplo, ficar observando a paisagem pela sacada de seu quarto, algo considerado como uma distração reprovável. Ele também demonstrou que fugir de suas responsabilidades e se afastar dele eram posições suficientes para levar a uma punição. Podemos afirmar com certa tranquilidade que essa teria sido a consequência de uma indisciplina. Daí em diante restava a Karl caminhar com as próprias pernas na América, e desvendar aquela sua questão inicial: o que seria dele sem o Tio?

A saída para seus problemas seria, pela primeira vez na América, trabalhar. Em um primeiro momento conhece Robinson e Delamarche, que pretendiam ir até Butterford conseguir trabalho já que tinham ideia de se tornar garimpeiros, pois viam essa profissão como algo que dava dinheiro, embora tivessem qualificação de torneiros mecânicos e pudessem facilmente se

inserir na indústria. Karl, sem estudos e também sem experiência, teria mais dificuldade. O que acontece é que um dia, ao visitar o Hotel Occidental, procurando comida para ele e seus amigos, conhece a Cozinheira-mor do hotel, que lhe oferece um emprego como ascensorista do hotel. Ele possuía o suficiente para ocupar essa função, já que ela se baseava em apertar botões e carregar malas. Para falar com os clientes do hotel ele possuía o inglês já muito bom e também o alemão. Karl aceita o trabalho e também considera que:

[...] agora, para ele, o mais importante era começar a trabalhar, pois na Europa já havia feito o erro de interromper um trabalho que tinha um propósito muito diverso, e só agora começava a trabalhar como ascensorista, numa idade em que outros rapazes, pelo menos os mais capacitados, estavam prestes a assumir um cargo superior como consequência natural de seu trabalho. Era perfeitamente correto começar como ascensorista; mas igualmente correto era o fato de que devia fazê-lo o mais rapidamente possível. [...]. (KAFKA, 2012:124)

Mas o trabalho que ocupava não era necessariamente dos mais proveitosos, era um trabalho que exigia demasiado esforço e não tinha muitas pausas para descanso. Um trabalho que podemos remeter a um taylorismo desenfreado, a função repetitiva que exerceria tinha muitas desvantagens, entre elas o baixo potencial de aprendizagem e de desenvolvimento intelectual, tanto que

[...]. Karl decepcionou-se com o fato de que o único vínculo de um ascensorista com o mecanismo do elevador estava em apertar um botão para simplesmente colocá-lo em movimento, sendo que para os consertos do motor eram utilizados única e exclusivamente os mecânicos do hotel, de modo que Giacomo, p. ex., em meio a um ano de serviço jamais vira com seus próprios olhos nem o motor no poço, nem o maquinário da parte interna do elevador, embora ele desejasse muito fazê-lo, como dissera expressamente. De modo geral era um serviço monótono e cansativo com sua jornada de doze horas de trabalho em turnos noturnos e diurnos alternados, que, de acordo com as informações de Giacomo, aquilo se tornava absolutamente insuportável se não pudesse dormir alguns minutos em pé. [...]. (KAFKA, 2012: 125)

E essa passou a ser a vida de Rossmann, trabalhando no hotel durante doze horas por dia e descansando durante seu período de folga. Desenvolveu uma responsabilidade ímpar com o trabalho, praticamente vivia para aquilo, pois aparentemente via ali sua única perspectiva em solo americano, o que representa uma certa ética do trabalho muito próxima à que seu Tio possuía no início de sua empresa. Karl havia percebido que trabalhar com afinco poderia lhe render frutos, por isso, em seu tempo fora do trabalho, preferia descansar para poder retomar bem seu trabalho e se furtar da diversão.

O trabalho de Karl se mantém seguro e garantido até a chegada de Robinson alcoolizado em um dia em que ele estava trabalhando. Para ajudar seu amigo, Karl teve que se ausentar de seu posto, o que era considerado uma falta gravíssima e imperdoável na posição em que estava. Assim que Robinson chegou e Karl percebeu que ele estava alcoolizado, pensou na segurança e manutenção de seu trabalho, vendo que seria muito pior se o deixasse ali. Seu primeiro pensamento foi que seria demitido, visto que o ascensorista ocupa a mais baixa posição

da hierarquia e, entre todos os funcionários, é o mais dispensável de todos, pois estava atrapalhando a ordem do hotel. Sua demissão se daria por ter abandonado o cargo, o que era considerado a falta mais grave, mesmo que tivesse saído por dois minutos, o tempo de levar Robinson até o dormitório e voltar, sem, ainda, avisar o camareiro-mor. Seu posto de trabalho era organizado de forma que qualquer ausência deveria ser avisada pelo telefone disponível próximo ao elevador. Desrespeitando essa ordem, foi convocado a comparecer à sala do camareiro-mor, cuja decisão foi cabal:

— Abandonou seu posto sem permissão. Sabe o que isso significa? Significa demissão. Não quero ouvir nenhum pedido de perdão, pode conservar para si as suas desculpas esfarrapadas, para mim é mais do que suficiente o fato de que você não estava lá. Se eu tolerar e perdoar isso nem que seja um única vez, daqui a pouco todos os quarenta ascensoristas sairão de seus postos e eu terei de carregar sozinho escada acima os meus cinco mil hóspedes. (KAFKA, 2012: 148)

O motivo da demissão constava na cláusula do contrato de trabalho de Karl e também nas normas de trabalho do hotel. Seu breve desvio de conduta, considerado como uma indisciplina por seu superior foi o motivo de sua demissão. A questão aqui mais uma vez não é necessariamente de justiça, visto que segundo a fria lei de conduta do hotel ao se quebrar as normas a consequência seria aquela. Então mais uma vez a justiça não era o parâmetro mais importante. E mesmo sendo um grande protegido da cozinheira-mor, por quem o camareiro-mor era apaixonado e de quem fazia todas as vontades, não conseguiu burlar a lei para se defender. Seu caso foi indefensável. Se o camareiro voltasse atrás ele compreendia que teria sua autoridade minada, pois perdoar um ato desse poderia perverter todo o grupo de ascensoristas.

Kafka, em seu enredo, vai construindo uma relação de tensão entre a justiça e a disciplina em relação ao trabalho, onde a primeira seria algo menor e, talvez, menos importante. Aparentemente essa América, que é garantida por princípios e valores, muitas vezes produz injustiças por nivelar todas as atitudes com base na disciplina. Então fugir da regra é, necessariamente, estar errado, desobedecer é motivo de punição, não importando o contexto. Produz-se uma necessidade quase robótica de agir de tal ou qual maneira para permanecer estabelecido em uma posição segura, muitas vezes se fazer cego a problemas circundantes apenas para não sair de seu papel. Karl Rossmann, durante todo o enredo, vai sofrendo injustiças por conta de indisciplinas descontextualizadas. A obra de Kafka acusa uma espécie de ética da obediência que seria o motor das relações na América e envolveria, principalmente, as relações de trabalho apresentadas. Essa ética se preocupa com a justiça de forma específica, pois o justo é o cumprimento das ordens, e, no romance, é responsável por devorar relações e vínculos sociais entre os personagens, causando a ruptura entre tio e sobrinho, uma relação

consanguínea, e também entre a cozinheira-mor e Karl Rossmann, que tinham fortes vínculos afetivos e também de co-nacionalidade.

As relações do trabalho expostas se dividem, então, por um lado, em uma representação das agitações políticas causadas por motivos trabalhistas na América – como no caso da greve e das manifestações e também por conta de aspectos estruturais e de organização do trabalho, de forma a ter características ultramodernas, como, por exemplo, a organização da empresa do tio e, ainda, pelos aspectos tayloristas da divisão do trabalho elaboradas no romance –, por outro, o romance acaba produzindo uma ética da obediência que tem menos a ver com uma representação da América e mais com a própria constituição do mundo moderno, que Kafka elabora não apenas no romance *Amerika*, mas também em outras de suas obras, como *O Veredicto*, *O Processo* e *Na Colônia Penal*. Aqui temos, então, elementos que vão em dois caminhos: uma representação da América e uma ética que constitui a Modernidade.

2 AMÉRICA DE WEBER:

2.1 UM COMPARATIVO ENTRE AMÉRICA E ALEMANHA: *CAPITALISMO E SOCIEDADE RURAL NA ALEMANHA*

A viagem de Max Weber para a América não foi apenas turística, ele tinha como responsabilidade uma apresentação em um congresso de artes e ciências em St. Louis. O tema escolhido pelo autor foi a sociedade rural na Alemanha, sobre a qual traçou um comparativo com a situação americana do ano de 1904. Na apresentação que fez, tratou de temas estruturais do capitalismo americano e do capitalismo europeu que não aparecem nos textos sobre o protestantismo, mas oferecem um ótimo pano de fundo para as teses defendidas nos dois ensaios de que trataremos na sequência. Ele, já no início de sua fala, deixa claro que há uma distinção entre a sociedade rural alemã e a americana. O que o autor chama de sociedade rural já não existe na América pois, mesmo no campo, as relações já são industriais e mecanizadas, o que faz com que ele considere o fazendeiro americano um *empresário*. Nesse sentido, ao definir as condições rurais, ao falar da América, ele chama atenção para o fato de que “se há alguma característica das condições rurais dos grandes estados produtores de trigo da América, ela é – falando em termos gerais – o individualismo absoluto do agricultor, a sua qualidade como simples homem de negócios” (WEBER, 1982:414). Esse tipo de trato com o negócio se distinguia com o que era visto na Europa, onde as terras estavam envoltas no problema do patrimonialismo e do direito hereditário, de forma que as zonas rurais eram tocadas por uma espécie de aristocracia rural.

A situação rural europeia se distingue da americana nos seguintes pontos: nos Estados Unidos da época não era necessário lidar com uma alta densidade demográfica e uma cultura constituída que luta para não ser apagada, como no caso alemão. A esses dois problemas se soma a questão da indisponibilidade de terras para ocupação. Aqueles que eram detentores das porções de terra, mantinham-nas por um direito hereditário, nunca se desfazendo delas, e aumentando seu preço e monopolizando sua posse. Na América havia ainda grandes espaços de terra a serem ocupados e o peso da herança era muito menor, não constituindo assim uma tradição e nem uma velha aristocracia que dominasse esse setor social. Então, em relação com o agricultor americano, por conta da tradição, o agricultor europeu mantinha reserva com as revoluções da produção: inserção de maquinários, mudança na matéria prima e modernização da mão de obra. Dessa forma, “o poder da tradição, inevitavelmente, na agricultura, cria e mantém tipos de população rural no continente europeu que já não existem num país novo como os Estados Unidos” (WEBER, 1982:415). E nesse caminho, Weber, ao falar do tipo de agricultor americano e inglês, aponta para um fator interessante que ocupa lugar de importância

na argumentação da *A ética protestante e o “espírito”* do capitalismo no que diz respeito à constituição do “espírito” do capitalismo:

Ele é totalmente diferente do agricultor da Inglaterra ou da América. O primeiro é hoje, por vezes, um empresário e produtor notável para o mercado; quase sempre, alugou a sua propriedade. O fazendeiro americano é um agricultor que habitualmente adquiriu, pela compra ou por ser o primeiro colonizador, a terra como sua propriedade pessoal; mas por vezes a aluga. Na América, o agricultor produz para o mercado. O mercado é mais antigo do que ele na América. O camponês europeu do tipo antigo era um homem que, na maioria dos casos, herdou a terra e produzia principalmente para atender às suas próprias necessidades. Na Europa, o mercado é mais novo do que o produtor. É claro que durante muitos anos o camponês vendeu seus produtos excedentes e, embora tecesse e fiasse, não podia satisfazer suas necessidades com o seu próprio trabalho. Os últimos dois mil anos não treinaram o camponês para produzir visando ao lucro. (WEBER, 1982:415)

Essa presença do mercado, e sua pré-existência ou não, é decisiva para a produção de um tipo de *ethos* que se distingue da conduta tradicional. O mercado, no caso americano, é aquilo que constituirá a tradição, é no que a sociedade se funda, enquanto, no caso Europeu, o mercado era aquilo que contrariava a tradição, o elemento que disputava espaço com uma tradição, muitas vezes bem instituída, pelo menos desde a idade média, e sedimentada na sociedade feudal que antecede a capitalista. A forma de conduta, tema que é tão importante para Weber distinguir o capitalismo moderno dos demais capitalisms, aparece representada na última frase do excerto: “Os últimos dois mil anos não treinaram o camponês para produzir visando ao lucro” (WEBER, 1982:415). O modo de vida colocado pela tradição não imputava uma dinâmica pautada pelo negócio e pela comercialização, mas pela sobrevivência e manutenção da vida. A tradição, enquanto formadora de um conjunto de valores que pautam a vida dos indivíduos e tenta apontar formas de conduta, nesse cenário europeu é anterior e resistente à dinâmica fria e impessoal da lógica capitalista e do mercado caracterizado por uma lógica produtivista. Inglaterra e América possuem em comum suas raízes protestantes – em formas distintas, é claro – que contribuem para que a relação com o trabalho e com as relações impessoais do mercado sejam um problema menor, mas a América, em especial, possuía a vantagem de iniciar uma nova civilização, sem tradições e valores sedimentados há tempos. Dessa maneira, a formação protestante e o surgimento da colônia exatamente por causa do mercado demandam outro tipo de mentalidade e outra forma de conduta que propiciem o pleno desenvolvimento do capitalismo e do mercado naquele país.

Weber, para tratar dessa distinção entre os agricultores europeus e americanos, ilumina a situação histórica do agricultor europeu que tinha de atender as demandas da cidade e do principado, com pagamento de impostos e fornecimento de alimento para toda a população, forma pela qual possibilitava a manutenção da sociedade. Mas essas atividades e essa condição histórica na qual o agricultor europeu foi posto impossibilitaram-no de se tornar “um pequeno

agricultor que produzia racionalmente” (Ibid, 416), de escolher seu destino ou mesmo decidir aquilo que plantaria. A América, no contexto internacional, teve a vantagem da abundância de território. Mas claro que ao falar da sociedade rural e do capitalismo Weber tem em vista que a sociedade capitalista, por mais que dependa da economia rural, não possui ela como seu centro, o autor já observava uma movimentação em direção ao setor comercial e especulativo como a grande força do capitalismo moderno. A questão para ele é como mesmo o setor de sustentação da sociedade moderna aparece de forma desenvolvida na sociedade americana quando comparado com o modelo europeu, ou, mais especificamente, o modelo alemão.

Sua análise se desdobrará, então, em uma tensão entre o campo e a cidade, entre a tradição e a modernização e entre o burguês e o aristocrata. Uma disputa entre a velha ordem econômica, que tinha como questão “como posso proporcionar, nesse pedaço de terra, trabalho e manutenção para o maior número de homens possível?” (WEBER, 1982:417), e a ordem moderna capitalista, que perguntava “desse pedaço de terra como posso produzir o maior número de colheitas, com o menor número de trabalhadores?” (Idem). Se estruturam então duas formas que fariam resistência à ordem capitalista: por um lado o camponês, vivendo em condição semicomunista, que tinha uma grande relação com a terra enquanto meio de produção e aos poucos se adaptava às condições do mercado vendendo suas mercadorias, apenas para seu sustento; por outro, tínhamos um segundo espectro tradicional, a aristocracia rural, que comprava terra dos camponeses e construía um grande monopólio tendo em vista não necessariamente a produção, uma vez que pagava mais do que a terra garantia em produção, mas o prestígio que possuir terras conferia aos indivíduos, assim o aristocrata rural alemão ganhava poder de decisão política e prestígio social, de forma a viver de renda e não da produção ou do fruto de seu trabalho. Com a ascensão dos capitalistas urbanos na Europa, a disputa pelo poder de decisão política e prestígio entre o aristocrata e o burguês foi se intensificando, movimento que implicou uma migração gradual do poder político e do capital econômico do campo em direção à cidade e para as mãos dos industriais. No contexto alemão, da época em que Weber viajava à América, esse cabo de guerra entre duas forças ainda era existente, enquanto no caso Americano esse conflito foi “solucionado”, como ele aponta, pela Guerra de Secessão,

[...] uma das mais sangrentas guerras dos tempos modernos, que terminou com a destruição dos centros aristocráticos, sociais e políticos dos distritos rurais. Mesmo na América, com as suas tradições democráticas vindas desde o puritanismo como um legado perene, a vitória sobre a aristocracia dos plantadores foi difícil e conquistada com os maiores sacrifícios sociais e políticos. Mas, em países de civilizações antigas, a questão se complica muito mais, pois ali a luta entre o poder das noções históricas e a pressão dos interesses capitalistas convocam certas forças sociais à batalha, como adversárias do capitalismo burguês. Nos Estados Unidos, essas forças eram

parcialmente desconhecidas, ou se colocavam em parte ao lado do Norte. (WEBER, 1982:420)

A Guerra de Secessão marcou, em certa medida, o enfraquecimento temporário daquilo que representaria formas econômicas tradicionais e predatórias. A disputa entre o sul escravagista e o norte abolicionista marcou também uma aproximação maior com aquilo que Weber chama de capitalismo moderno. O trecho ainda chama atenção para forças sociais que em meio a disputa entre aristocratas e burgueses acabam tomando posições. Weber, nesse caso, chamará atenção para algo que ocupa posição importante em sua obra: a religião. Então ainda tratando desse conflito entre aristocratas e burgueses, mas pela perspectiva das forças de apoio, dá especial atenção às igrejas. As igrejas ocupam um papel de apoio às aristocracias na Europa, segundo Weber, de diversas formas, mas o que ele marca como motivação para esse apoio é a aversão que a igreja católica e a igreja luterana possuem às relações comerciais, defendendo velhas práticas. Logo

A Igreja vê com satisfação as relações de trabalho patriarcais porque, ao contrário das relações puramente comerciais criadas pelo capitalismo, elas têm um caráter pessoal humano. A Igreja acredita que as relações entre um senhor e um servo, e não as simples condições comerciais criadas pelo mercado de trabalho, podem ser desenvolvidas e dotadas de um elemento ético. Os contrastes profundos e condicionados historicamente, que sempre separaram o catolicismo e luteranismo do calvinismo, fortalecem essa atitude anticapitalista das Igrejas européias. (WEBER, 1982:422)

O que fica perceptível aqui é que as instituições mais tradicionais, como aristocracia rural, funcionalismo público e igrejas, defendem a manutenção da tradição e das velhas instituições, de forma que a economia e o desenvolvimento desta sejam secundários, assim como a possibilidade de ascensão dos indivíduos no conjunto social, pois essas grandes instituições procuram travar qualquer tipo de desenvolvimento ou ruptura com o *status quo*. No caso americano, as estruturas tradicionais e as predatórias presentes naquele país possuíam menor vínculo e sedimentação, de forma que a escravidão, que seria a instituição mais tradicional e predatória, após a guerra de secessão, foi abolida. Claro que isso criou outras questões, como a inserção do negro na sociedade norte americana, problema que perdura até os dias atuais. Mas, no caso, o conflito entre o arcaico e o moderno teve breve duração em solo americano. Para o autor, existe uma gama de problemas pelos quais a Europa passou, com sua sociedade agrária e com uma sociedade hierarquizada de forma tradicional, que afligiram também o país americano com o passar do tempo e com o desgaste de suas condições favoráveis, como, por exemplo, o excesso de território para expansão. O ponto para Weber é que, com o desenvolvimento e com a produção de uma tradição, mesmo no país onde o capitalismo moderno vigorou com maior ímpeto e livre de amarras, a tendência era o encaminhamento para a escassez de terras e formação de monopólios. Então, o movimento e os

problemas enumerados por Weber são, basicamente: 1- escassez de terras livres; 2- aumento dos preços da terra; 3- terra como fonte de renda; 4- acumulação de fortunas; 5- limitação da possibilidade de lucro no âmbito rural e industrial até a luta pela preservação de bens de forma hereditária; e 6- conversão dos burgueses em conservadores e aristocratas de um novo tipo de nobreza. O autor, a partir desses problemas que ocorreram na Europa, ao encerrar sua fala, pondera:

Os Estados Unidos ainda não os conhecem. Este país provavelmente jamais terá de enfrentar alguns deles. Não têm uma aristocracia antiga, e, daí, não existirem as tensões causadas pelo contraste entre a tradição autoritária e o caráter puramente comercial das condições econômicas modernas. Considera com acerto a compra deste imenso território, em cujo centro estamos aqui, como o selo histórico real impresso sobre as suas instituições democráticas; sem essa aquisição, com vizinhos poderosos e belicistas, ele seria forçado a usar a cota de armas como nós, que constantemente mantemos na gaveta de nossas mesas os nossos aparatos bélicos, para o caso da guerra. Por outro lado, a maior parte dos problemas para cuja solução estamos trabalhando agora só surgirá nos Estados Unidos dentro de algumas gerações. A forma pela qual serão solucionados determinará o caráter da cultura deste continente. Jamais terá sido tão fácil, talvez, para uma nação tornar-se uma grande potência civilizada, quanto o é para o povo americano. Não obstante, de acordo com o cálculo humano, também é a última vez, por toda duração da história da humanidade, que tais condições de desenvolvimento livre e grande serão proporcionadas; as áreas de solo livre estão desaparecendo em toda parte do mundo. (WEBER, 1982:436-7)

Nesse texto Weber nos apresenta, a partir do conflito direto entre burguesia e aristocracia rural, um tema que será importante no ensaio *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo* – de que ele já tinha concluído a primeira parte —: a disputa entre espírito do capitalismo e tradicionalismo –por um ponto de partida mais histórico, mas que demonstra bem a visão que o autor tinha sobre os Estados Unidos. A partir dessa apresentação, ele reforça a imagem da América como o bastião das condições econômicas modernas e capitalistas e trata um pouco do seu próprio momento histórico. Como na *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* a representação dos Estados Unidos aparece mais voltada às origens do espírito do capitalismo, isso faz com que Weber se volte, em boa parte do ensaio, para questões presentes na colônia da Nova Inglaterra, para os primórdios dos Estados Unidos da América, tratando, ao fim, um pouco do país em seu momento atual. Mas essas características modernas terão menos ênfase no conflito entre o arcaico e o moderno e mais na importância que as raízes protestantes tiveram na constituição desse país, que vai se afastando do conflito mencionado e abraçando as relações modernas racionalizadas e impessoais. Então, a partir de agora, tentaremos compreender essas condições econômicas modernas que são apresentadas na *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* e como elas produzem uma representação da América como bastião da modernidade.

2.2 PROTESTANTISMO, ESPÍRITO CAPITALISTA E AMÉRICA EM A ÉTICA PROTESTANTE E O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO

A ética protestante e o “espírito” do capitalismo é um texto de Max Weber que procura explicar não a origem do capitalismo moderno, mas, olhando para sua gênese, compreender os contribuintes para a formação de uma conduta tipicamente capitalista que tem como foco o lucro e o trabalho vocacional. Weber em seu corpo explicativo, compreende que elementos do protestantismo ofereceram importantes contribuições para a constituição de um espírito capitalista e também para a disseminação do mesmo. A partir dessa compreensão do que é o espírito capitalista, ele nos oferece uma visão também do que é o capitalismo, tal como ele o pensa, um capitalismo que se distingue e se opõe ao capitalismo aventureiro. No capitalismo moderno temos ao mesmo tempo a procura de segurança e aumento de ganhos que passam pelo controle quase completo do processo pelo qual o lucro será conferido. Weber parte de algumas evidências históricas para reforçar sua tese, como por exemplo, locais que tiveram maior influência do protestantismo puritano desenvolveram seu capitalismo de maneira mais veloz e tiveram menor resistência a ele. Outra evidência em proporção individual é o crescimento econômico e participação de protestantes em melhores cargos de trabalho.

Procuraremos compreender as representações de América feitas por Weber para que possamos compará-las com aquelas elaboradas por Kafka. Temos consciência de que *A ética protestante e o espírito do capitalismo* não é, necessariamente, uma obra sobre os Estados Unidos da América, mas grande parte de sua pesquisa se desdobra com exemplos americanos, sobretudo por ter sido um país onde a cultura protestante foi fundadora de uma tradição. Ponto importante do texto é a representação feita do espírito do capitalismo por meio das máximas de um personagem americano: Benjamin Franklin. Pretendemos, neste capítulo sobre a *A Ética Protestante e o “espírito” do capitalismo* um duplo movimento: 1) deixar claro o plano de pesquisa proposto por Weber junto com as ideias desdobradas dessa pesquisa; e 2) pinçar as representações da América que aparecem em seu texto em três formas: a) Colônia da Nova Inglaterra; b) Benjamin Franklin; c) Capitalismo moderno e América.

2.2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA RELAÇÃO ENTRE A AMÉRICA E A ÉTICA PROTESTANTE E O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO

Devemos levar em consideração alguns aspectos históricos da elaboração do texto de Weber. Ele lança a primeira parte de seu ensaio no ano de 1904. Essa seria constituída pela definição do problema, dividido em: 1) Confissão religiosa e estratificação social; 2) O “espírito” do capitalismo; e 3) O objeto da pesquisa. Dentro dessas três partes, ele tenta

demonstrar certas relações entre o protestantismo e o capitalismo por meio de números e exemplos do comportamento protestante com relação ao trabalho. No segundo tópico, ele tenta fazer uma primeira definição do que seria esse espírito do capitalismo e também do capitalismo do qual ele está falando, além de ponderar no que esses dois elementos se distinguem de outras formas de conduta voltadas ao ganho econômico. Já no terceiro tópico, Weber delimita o objeto de pesquisa, que seria uma investigação da questão “se e até que ponto, influxos religiosos contribuíram para a cunhagem qualitativa e a expansão quantitativa desse ‘espírito’ mundo afora e quais são os aspectos concretos da cultura assentada em bases capitalistas que remontam àqueles influxos” (WEBER, 2004:83), mais especificamente, ele faz um estudo das “afinidades eletivas” entre fé religiosa e a prática econômica capitalista.

Se nos voltarmos para o contexto da escrita, esse texto, escrito em 1904, é, como bem ressalta Antônio Flávio Pierucci em sua apresentação à obra, anterior à viagem de Max Weber aos Estados Unidos da América, porém, ainda assim, a presença dos Estados Unidos é latente, sendo que o autor faz referência à América, de forma direta, em 6 oportunidades, na maioria delas tratando do tipo de conduta e comportamento americano, visto que estavam extremamente relacionados com o protestantismo. Lembrando que os Estados Unidos foram um país colonizado por protestantes puritanos de diversas vertentes. Outro ponto interessante, que também faz referência indireta aos Estados Unidos da América, é a escolha do personagem histórico que melhor define o “espírito” do capitalismo, onde Weber aponta para Benjamin Franklin e suas máximas, dando certos indícios de que, na América, o espírito do capitalismo teria vigorado e agiria separado do protestantismo, tendo em vista que Weber faz questão de desvincular a figura de Benjamin Franklin do calvinismo, que foi importante para sua formação, e vinculá-lo ao teísmo.

Antes de falarmos da importância da América para a segunda parte do ensaio, trazemos a citação, muito bem localizada por Antônio Flávio Pierucci, de Marianne Weber sobre o tempo da escrita do ensaio, que está presente na biografia sobre Max Weber:

Em 1903, possivelmente na segunda metade do ano, logo após terminar a primeira parte de seu estudo sobre Roscher e Knies, deu início à sua obra de maior celebridade até então, *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*. A primeira parte foi concluída antes da viagem à América, no início do verão de 1904; a segunda parte apareceu um ano depois e revela a influência dessas suas experiências recentes. Uma das tantas razões, com certeza não a menor, para que essas experiências tenham instigado Weber tanto assim foi que nos Estados Unidos ele pôde observar por todo canto os rastros vivos das origens do espírito do capitalismo moderno e esse espírito mesmo na pureza de um “tipo ideal” (WEBER, 2003:389-90 *apud* PIERUCCI, 2004:11).

O que fica claro, pela passagem citada, é que a viagem de Weber aos EUA aparece como algo entusiasmante para a continuidade de sua pesquisa, pois estava vendo seu objeto

praticamente em ato. Marianne ressalta a qualidade de pureza do espírito que ele havia definido como um tipo-ideal na primeira parte de sua obra. Vale lembrarmos que tipos-ideais são utopias e não existem na realidade tal como são conceituados, mas ali ele presenciava como que um simulacro de seu tipo-ideal. Mas a viagem não foi importante apenas para isso, houveram outras consequências que citamos no segundo capítulo da presente dissertação, mas especificamente aqui, incidindo sobre a produção da obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, percebemos que a viagem aos Estados Unidos foi importante pela contribuição bibliográfica que conferiu a Weber, que visitou bibliotecas e universidades protestantes para angariar material sobre o protestantismo. Além disso, a viagem disponibilizou um contato direto com seitas protestantes, com os resultados de seus investimentos em educação (universidades) e com a cultura legada por um país basicamente construído com o protestantismo como a principal matriz religiosa. Feitas as considerações históricas do contexto da obra, passemos então ao esboço das ideias presentes no texto de Weber.

1) A ideia da ética e do espírito

Max Weber inseriu na história da sociologia uma nova maneira de olhar para o capitalismo, uma forma cultural de compreender este fenômeno que era observado de maneira mais econômica. Essa visão cultural passa pela sua preocupação com a legitimação dos fenômenos sociais. Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber inicia com apontamentos de que sujeitos que participam da fé protestante ocupam melhores posições no mercado e possuem um ganho maior. Essa ocupação dos cargos elevados é justificada pela “[...] posse de capital, em parte uma educação dispendiosa e em parte, na maioria das vezes, ambas as coisas [...]” (WEBER, 2004: 30). Percebe-se que os protestantes acabam por ocupar lugares, especialmente, na indústria, já migrando do campo para a cidade, onde se faz presente a discussão anterior do tradicionalismo e da economia moderna, “[...] a emancipação ante o tradicionalismo econômico aparece como um momento excepcionalmente propício à inclinação a duvidar até mesmo da tradição religiosa e a se rebelar contra as autoridades tradicionais em geral”. (WEBER, 2004: 30). Mas Weber evita uma leitura determinista ou equivocada e de saída desvincula o protestantismo de uma religião que ampliaria liberdades individuais, ponderando que a substituição da fé católica pela fé protestante não é um afrouxamento ou eliminação da dominação religiosa sobre a vida, o protestantismo aparecia como uma doutrina que agia de maneira muito mais presente sobre a vida dos fiéis, sobre todas as esferas. Com esse controle constante o protestantismo acabou produzindo uma “peculiaridade espiritual inculcada pela educação” (WEBER, 2004: 30).

A busca pelos aspectos que unem o capitalismo e o protestantismo está circunscrita aos seus “traços puramente religiosos” (2004:38). O protestantismo, em certa medida, contribuiria para a constituição de um “espírito” do capitalismo. Na perspectiva assumida por Weber os “protestantes (...) mostraram uma inclinação específica para o racionalismo econômico (...)” (2004: 32), o que acabou por produzir e contribuir, em certa medida, com uma nova forma de se comportar no capitalismo moderno. O ponto aqui defendido por Weber é que as seitas protestantes, sendo maioria ou minoria, estando no poder ou não, tiveram “[...] significação decisiva para o desenvolvimento de toda uma atmosfera de vida, com repercussões também em sua participação na vida econômica [...]” (WEBER, 2004:171). Nesse sentido o protestantismo se distingue, na prática econômica e na conduta de vida, por exemplo, do catolicismo, exemplo utilizado pelo autor por meio de uma comparação em que o protestante tem uma preocupação com o bem comer e o católico com o bem dormir, aparecendo como condição para o bem comer a necessidade de maior esforço e empenho no trabalho. Isso acaba por evidenciar uma nova forma de se relacionar com o trabalho que está respaldada por uma religiosidade.

A partir disso, o autor propõe um questionamento sobre as motivações para que os fiéis protestantes tenham uma forma de agir peculiar e distinta das demais religiosidades, ou seja, o que nessa religiosidade há de específico que produz esse efeito com relação ao trabalho? A primeira tentativa de explicação seria a “alegria com o mundo” que parte dos protestantes exaltavam, sobretudo os franceses, mas que trava polêmica com a teoria do “estranhamento do mundo”, abdicação de uma vida mundana que era característica dos primeiros puritanos, localizados na Holanda, Inglaterra e América. A tese da “*alegria com o mundo*” não seria suficiente, segundo Weber, para explicar a relação entre o protestantismo e o capitalismo, por conta da posição do primeiro calvinismo em relação ao mundo. Este não tinha uma posição de alegria com o mundo, mas de estranhamento. Weber compreende que o “espírito de trabalho”, de “progresso”, é atribuível ao protestantismo, mas não pode ser compreendido na chave da “alegria com o mundo”, até porque, em sua origem, essa visão era pouco popular e a vinculação do protestantismo com o progresso era rarefeita. Ele aparecia como “inimigo declarado de aspectos inteiros da vida moderna, dos quais, atualmente, já não podem prescindir os seguidores mais extremados dessas confissões” (WEBER, 2004:38). A proposta de Weber, então, para explicar essa relação entre capitalismo e religião, é a observação dos aspectos puramente religiosos, mirando as doutrinas de forma a compreender o ascetismo intramundano existente nelas, que necessita de uma ética do trabalho para se realizar.

O autor então dá um passo atrás em seu esforço de compreensão e tenta nos oferecer uma definição preliminar de *espírito do capitalismo* para poder relacioná-lo, em definitivo, com a ética protestante. Weber chama atenção, ao tentar exemplificar o “espírito” do capitalismo, para as máximas de Benjamin Franklin. Trataremos delas com maior especificidade em nosso próximo tópico entrando em aspectos da representação dos Estados Unidos, mas, por ora, acredito que seja suficiente trazermos a apresentação do conteúdo dessas máximas e qual sua importância para o plano de pesquisa. As máximas trazem a ideia da relação direta entre a atividade do homem e o fim econômico. Os dois elementos centrais, que são ressaltados nesse conjunto de máximas e que se estendem por duas páginas, são o dinheiro e o crédito. São esses os dois bens buscados, sendo o crédito ainda possível de redução ao dinheiro, visto que crédito é dinheiro, um é dinheiro real e outro é a possibilidade do mesmo. As formas para adquirir isso variam; o dinheiro é adquirido, na maioria das vezes, pelo esforço, pelo trabalho, que não pode ser desperdiçado, afinal, trabalho mal executado é dispêndio de tempo e tempo é dinheiro; o crédito é adquirido por meio de uma relação de confiança, é um processo de reconhecimento do sujeito *a* pelo sujeito *b*, onde pelas atitudes mais confiáveis e pelos exemplos demonstrados ele possuirá maior ou menor crédito.

Weber, ressaltando o aspecto ético da vida voltada para o ganho de dinheiro e crédito, coloca que as máximas de Franklin não pregam “simplesmente uma técnica de vida, mas uma ‘ética’ peculiar cuja violação não é tratada apenas como desatino, e sim como uma espécie de falta com o dever (...)” (WEBER, 2004:45). Para ressaltar isso o autor coloca as máximas de Franklin em relação a posição de Jakob Fugger, grande banqueiro europeu do século XVI. Para Fugger o importante era ganhar o máximo que pudesse enquanto fosse possível, abandonar o negócio para descansar ou dar oportunidade a outros não era uma opção – isto é o que nos permite compreender a epígrafe de Brentano em seu estudo sobre a gênese do capitalismo moderno apresentada por Weber. Já da perspectiva de Benjamin Franklin, Weber aponta o seguinte: “o que ali é expresso como fruto da ousadia comercial e de uma inclinação pessoal moralmente indiferente, assume aqui o caráter de uma máxima de conduta de vida eticamente coroada (WEBER, 2004:45). Aqui está o grande salto, o aspecto ético que justifica a conduta capitalista, que não existia no capitalismo do renascimento. O renascimento era considerado por Sombart como a gênese do capitalismo moderno e, vale ressaltar, que ocorria quase *pari passu* com a reforma protestante. O capitalismo que Weber está observando/construindo, o capitalismo moderno, está situado na Europa ocidental (especificamente ele dá ênfase à Inglaterra e Holanda) e na América do Norte. Esse capitalismo se distingue dos demais pela presença de um *ethos peculiar*.

Vale então que pensemos o que caracteriza esse *ethos* distinto, que transparece nessas máximas e diferencia o capitalismo moderno de outras práticas capitalistas que visam o lucro. Esse novo espírito acaba por controlar a forma como esse dinheiro será adquirido e também a forma como será gasto. Nesse sentido o espírito do capitalismo propõe uma vida mais sóbria e sem espaço para frugalidades, fazendo com que o negócio se torne um fim em si mesmo e não um meio para a manutenção da vida. Diferente de uma atitude pragmática, para levar uma vida de festas e luxo, a atitude indicada pelas máximas tem o ganho econômico como causa última. Então, todo o reconhecimento e status social ganho pela vida de aparências se volta para o ganho pelo ganho e não para o ganho como meio para outros prazeres. Por esse motivo que tal atitude pode ser percebida como irracional por alguns, mas, como bem pontua Weber, a percepção de qualquer atitude da qual não partilhamos os valores que a move pode ser tomada como irracional. Nessa ética a lógica é invertida “(...) O ser humano em função do ganho como finalidade da vida, não mais o ganho em função do ser humano como meio destinado a satisfazer suas necessidades materiais. (...)” (WEBER, 2004:46). Aqui então Weber compreende, a partir de Benjamin Franklin, que

[...]. Na ordem econômica moderna, o ganho de dinheiro – contanto que de forma legal – é o resultado e a expressão da habilidade na profissão, e essa habilidade, é fácil reconhecer na passagem citada¹⁹ como em todos os seus escritos sem exceção, constitui o verdadeiro alfa e ômega da moral de Franklin. (WEBER, 2004:47)

Quando Weber começa a falar sobre essa especificidade, sobre esse *ethos*, que diferencia o capitalismo moderno dos demais capitalisms, ele principia uma definição de capitalismo. Capitalismo não simplesmente como um sistema econômico que visa o lucro e o ganho econômico, embora essas talvez sejam as características mais latente para nós, mas os aspectos que são mais reforçados por Weber são os culturais que constituíram o capitalismo. Sendo um fenômeno não só econômico, mas também cultural, ele nos toca com maior poder e a todo instante. Não obstante uma das definições que Weber concede a ele é a seguinte:

A ordem capitalista é um imenso cosmos em que o indivíduo já nasce dentro e que para ele, enquanto indivíduo, se dá como um fato, uma crosta que ele não pode alterar e dentro da qual tem que viver. Esse cosmos se impõe ao indivíduo, preso nas redes do mercado, as normas de ação econômica. O fabricante que insistir em transgredir essas normas é indefectivelmente eliminado, do mesmo modo que o operário que a elas não possa ou não queira se adaptar é posto no olho da rua como desempregado. (WEBER, 2004:47-8)

Nesse sentido o capitalismo, como uma crosta que se impõe e na qual não há escolha ou opção, um sistema universal que adentra todas as esferas da vida, se adaptando por meio de outros elementos culturais, acaba, nesse mesmo movimento, produzindo também os indivíduos

¹⁹ “Vês um homem exímio em sua profissão? Digno ele é de apresentar-se perante os reis”. (WEBER, 2004:47)

do qual ele terá necessidade e a ética protestante, incluindo aí a ética de Benjamin Franklin, acaba por produzir sujeitos que se encaixam perfeitamente nas demandas desse sistema econômico. É evidente que essas éticas, que se adaptam de maneira muito eficiente ao capitalismo, atingem um grau maior de afinidade com ele se partem de um grupo social mais amplo, que possui certa capilaridade de disseminação. Inclusive esse é um dos motivos pelos quais os Estados Unidos aparecem como modelo ideal do capitalismo moderno, onde a ética protestante se disseminou com pequenas resistências e se tornou uma prática quase padrão da conduta dos cidadãos. Para falarmos dessa forma de conduta específica é necessário tratarmos a dualidade “espírito do capitalismo x tradicionalismo”, retomando a ideia, proposta no início deste tópico, de desvinculação do protestantismo com o tradicionalismo, o que possibilitou horizontes distintos para desenvolvimentos diversos tanto para o protestantismo quanto para o espírito do capitalismo.

Ao elencar o capitalismo desregrado, movido pelo sentido pecuniário e pela *auri sacra fames*, Weber chama atenção para uma “espécie de sensibilidade e de comportamento”, (WEBER, 2004:51) a qual ele chama *tradicionalismo*. É contra esse tradicionalismo que o espírito do capitalismo faz frente no processo de construção do capitalismo moderno. Como a temática do tradicional é algo que passa pela obra de Max Weber com relativa frequência, tentaremos elaborar essa noção de tradicional para podermos pensar o tradicionalismo, que será peça chave na análise aqui feita, visto que há na descrição de Weber uma América que está mais vinculada ao mesmo e à *auri sacra fames*, e uma América onde o espírito do capitalismo imperava.

Ao passarmos pela dicotomia *tradicionalismo x espírito do capitalismo*, temos duas formas de legitimação e de justificativa das ações humanas. Se faz necessário que tenhamos ideia de que a “ação”, dentro da elaboração de Weber, seria “um comportamento humano (...) sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um sentido subjetivo” (WEBER, 2014:3), dessa forma ação não é qualquer ato reflexo, mas aquele dotado de sentido e significado, de forma que a ação social “significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento dos outros, orientando-se por este em seu curso.” (WEBER, 2014:3). Assim a ação é apresentada, na obra de Weber, a partir da discussão dos sentidos das ações e do sentido subjetivo que os sujeitos dão àquilo que fazem. No caso da pesquisa de Weber ele está construindo conceitos puros por meio daquilo que os agentes sociais que ele observa, expressam buscar. Weber está preocupado com o sentido que é atribuído às ações dos agentes e não simplesmente às ações automáticas e reativas, como ele mesmo pondera na primeira parte de *Economia e Sociedade*. Dentro da proposição

metodológica de Weber existem questões que possibilitam a percepção da dicotomia entre tradicionalismo e espírito do capitalismo, sendo uma delas acerca da *importância funcional* de uma ação. Essa importância nos direciona a pensar “do ponto de vista da ‘conservação’ (...) e do desenvolvimento em determinada direção de um tipo de ação social [...]” (WEBER, 2014:11). Posta essa questão e descoberta a resposta, podemos pensar então nas seguintes: qual é a origem dessas ações e quais são os motivos que as determinam? Pensando a relação entre capitalismo moderno e tradicionalismo, Weber pondera que este último não ocupa uma importância funcional para a forma de ser do primeiro fenômeno, enquanto o espírito do capitalismo, que tem grande contribuição do protestantismo, confere uma ação muito mais condizente com o desenvolvimento do capitalismo ocidental.

O ponto seguinte a compreendermos é o que é a ação tradicional, para que assim avancemos na definição de tradicionalismo que o autor propõe. Weber compreende que a ação de tipo tradicional é aquela que está arraigada em costumes fortes, que são tomados praticamente como naturais, devido a conversão de uma ação em hábito, ganhando, inclusive, certo automatismo. Quando então Weber fala de tradicionalismo, ciente da impossibilidade de definição que dê conta dessa forma de agir, desse estilo de vida – que se opõe ao “‘espírito do capitalismo’ que é regido por normas e folhado a ‘ética’” – nos traz exemplos do tradicionalismo que vai de frente contra o capitalismo moderno. O problema levantado por Weber em *A ética protestante* que se relaciona e se opõe ao tradicionalismo, seria o da formação de trabalhadores para a produção capitalista, aquela que deseja maior produtividade, velocidade e pouco gasto para gerar lucro. O comportamento tradicionalista e pré-capitalista com a inserção do trabalho assalariado passou não a produzir mais, mas menos, pois o trabalhador passou a fazer o cálculo para que com o menor esforço ganhasse o necessário para sua subsistência, caracterizando a típica vida pré-capitalista: manter apenas a subsistência e fazer manutenção de sua vida como está. Sendo o salário por tarefa um meio pouco eficiente de garantir a estímulos ao trabalhador, de acordo com a mentalidade tradicionalista, pois trabalhar menos era algo mais atrativo do que ganhar mais. Esse era o cálculo feito, segundo Weber. A empresa pré-capitalista tinha seus trabalhadores com uma mentalidade distinta, que dizia respeito a trabalhar menos ou apenas o necessário e manter sua vida como sempre foi. Isso quando a empresa capitalista não lançava mão do trabalho escravo, como era o caso de metade dos Estados Unidos da América e outras colônias.

O que está sendo colocado em questão é uma forma de mentalidade que se adapte à nova ordem econômica que está se constituindo no ocidente. A ordem capitalista moderna não combinava uma mentalidade tradicionalista, pois esta predizia imobilidade e constância,

enquanto o capitalismo pedia por dinamismo e mão de obra que se submetesse ao trabalho de forma produtiva para manter os lucros dos empresários e também seus próprios. O que seria necessário ao capitalismo, e que constitui seu espírito, seria “A capacidade de concentração mental bem como a atitude absolutamente central de sentir-se no dever de trabalhar” (WEBER, 2004:55), que “encontra-se aqui associadas com particular frequência a um rigoroso espírito de poupança que calcula o ganho e seu montante geral, a um severo domínio de si e uma sobriedade que elevam de maneira excepcional a produtividade” (WEBER, 2004:55). O trabalho passando a ser visto como fim em si mesmo, como vocação profissional, e não mais como meio para a subsistência, acaba por gerar um novo tipo de trabalhador com uma mentalidade forjada por um tipo de educação religiosa. Desta nova mentalidade protestante, que considera o trabalho como um dever, começa a surgir trabalhadores que possuem um *ethos* e uma ética do trabalho distintos dos trabalhadores que partilham de um *ethos* tradicionalista, e alimentam o capitalismo moderno, conforme sua necessidade de disciplina para o trabalho. Há um outro elemento da sociologia weberiana que nos ajuda a compreender essa questão das formas de conduta: a legitimidade. Toda ação social pode ser representada pela existência de uma ordem vigente, por sua vez a ordem vigente carece de um elemento que a torne legítima. Weber, ao falar da vigência da ordem, indica que ela é “algo mais do que a mera regularidade, condicionada pelo costume ou pela situação de interesses, do decorrer de uma ação social” (WEBER, 2014:19) e prossegue para um exemplo sobre a vigência da ordem da seguinte forma:

Quando (...) um funcionário público comparece todos os dias, à mesma hora, à repartição, isto se explica (também, mas) não apenas pelo hábito (costume) e (também, mas) não apenas por sua situação de interesses, segundo a qual pudesse agir ou não segundo sua conveniência. Explica-se (em regra: também) pela “vigência” de uma ordem (regulamento de serviço), como mandamento, cuja violação não apenas seria prejudicial, mas – normalmente – também abominada de maneira racional referente a valores, por seu “sentimento do dever”. (WEBER, 2014:19)

Mas Weber, em *Economia e Sociedade*, não para por aí sua explicação sobre a vigência de uma ordem que irá aparecer em sua *Ética Protestante*. Ele ainda continua a elaborar sobre o conteúdo das relações e sobre quando deve ser compreendida uma ordem, e quando deve ser compreendida a vigência desta. Dessa forma o autor afirma que

chamamos b) “ordem” somente nos casos em que a ação se orienta (em média e aproximadamente) por “máximas” indicáveis, e somente falamos b) de “vigência” dessa ordem quando a orientação efetiva por aquelas máximas sucede, entre outros motivos, também (quer dizer, num grau que tenha algum peso na prática) porque estas são consideradas vigentes com respeito à ação, seja como obrigações, seja como modelos de comportamento. (WEBER, 2014:19)

E aí surge o problema da legitimação de uma ordem que, segundo Weber, apenas pode ser garantida de duas formas: por atitudes internas e externas. No primeiro grupo temos a garantia da legitimidade dada:

1) “de modo afetivo: por entrega sentimental; 2) de modo racional referente a valores: pela crença em sua vigência absoluta, sendo ela a expressão de valores supremos e obrigatórios (morais, estéticos ou outros quaisquer); 3) de modo religioso: Pela crença de que de sua observância depende a obtenção de bens de salvação; (WEBER, 2014:19)

Sobre as atitudes externas como garantia da legitimidade ele aponta para “situações de interesse” e “expectativas de determinado gênero”. Ou seja, uma ordem se legitima pensando nos ganhos ou nas vantagens que advém dela, sejam elas materiais, no sentido econômico, ou em qualquer outro sentido objetivo, como garantia de segurança. As ordens são guiadas por conjuntos de normas específicas, regidas por convenção, quando a prática social de uma pessoa próxima a um grupo é reprovada e causa represália deste em relação ao indivíduo, ou pelo direito, quando existem normas prescritas e instituições para lidar com as faltas e rupturas do segmento. Mas ainda há um terceiro tipo de norma mais fluída e que não deriva necessariamente de uma obrigatoriedade ou produz represália, que seria o simples costume.

Quando o autor passa para a compreensão do tradicionalismo na perspectiva do empresário ele chama atenção para as distinções entre a mentalidade tradicionalista e aquela dotada de espírito capitalista. O empresário com um *ethos* tradicionalista seguiria um “sistema de economia de satisfação das necessidades” e Weber considera que mesmo as empresas que possuem como foco algum lucro podem ser dotadas também de aspectos tradicionalistas. O espírito capitalista, que seria uma “disposição que nas raízes de uma profissão de forma sistemática ambiciona o ganho [legítimo e racional](...)” (WEBER, 2004:57) fica bem expresso pelas máximas de Benjamin Franklin, mas não se faz aparente, como aponta Weber, entre aqueles capitalistas de hábitos tradicionalistas. Enquanto o empresário mais tradicionalista que produzia em domicílio procura se aproveitar dos períodos de bonança para poupar dinheiro e manter seu padrão de vida, no capitalismo moderno, já no ambiente da fábrica e com tecnologia investida, aparece uma nova forma de tocar os negócios, mais tempo dispendido na empresa, cuida com mais proximidade do que acontece na empresa e na forma como se relaciona com seu consumidor, a produção e venda se tornam um fim constante, busca pelos melhores trabalhadores e não simplesmente venda para sustar necessidades ou fazer uma pequena poupança, mas sim vender para poder reinvestir na própria empresa. Acontece aqui um processo de racionalização da forma de cuidar dos negócios, onde a manutenção da vida e o consumo como fins foram substituídas pelo lucro.

O ponto de virada não seria a entrada de mais dinheiro ou mais riqueza na economia, contrariando a tese materialista do reflexo das estruturas, mas sim o desenvolvimento de um novo “espírito capitalista”, que alterou mentalidade e ações dos agentes sociais nas mais diversas esferas, não apenas do topo da pirâmide para a base, visto que, como Weber tenta

demonstrar com seus exemplos, tanto funcionários quanto empresários trocaram o *ethos* tradicionalista pelo *ethos* capitalista moderno. O que esse novo *ethos* acaba por produzir, além da racionalidade e dominação completa das ações profissionais e ganhos capitalistas, é a noção do trabalho como algo essencial à vida. Vale aqui lembrar que durante boa parte da história da nossa sociedade trabalhar foi visto como algo delegado às baixas camadas do estrato social, como algo que ao invés de enobrecer o homem o aproxima da animalidade. O trabalho, que era visto de forma negativa, por meio desse *ethos* adquire positividade e também se torna algo indispensável. Weber aponta que essa indispensabilidade do trabalho expressa algo de irracional, uma conduta em que o ser humano existe para o seu negócio e não o negócio para o ser humano. Aparece aqui uma inversão dos valores tradicionais e uma grande mudança, não na forma de produção ou nas condições materiais, mas na própria mentalidade dos indivíduos agentes do capitalismo.

A partir dessa reflexão dos diferentes *ethos* e mentalidades, Weber elaborará as razões para que o capitalismo, como ele o está concebendo, não tivesse surgido na Itália, centro financeiro durante o século XIV e XV. No país europeu, na época, havia abundância de recursos e moeda, mas o tipo de capitalismo era um capitalismo aventureiro e especulativo. Ele ressalta que o capitalismo moderno teve muito mais terreno para surgir na Pensilvânia do século XVIII, onde mal havia moeda e havia a probabilidade da queda em uma economia de trocas por escambo, no lugar de uma economia de trocas monetárias, onde todas as condições materiais para o desenvolvimento do capitalismo jogavam contra o mesmo (falta de indústria, de moeda, bancos). Aqui a justificativa que o autor nos oferece para explicar o desenvolvimento em um lugar e não em outro é o racionalismo econômico, que coloca em questão os limites fisiológicos do homem e também condiciona os “ideais de vida” da sociedade burguesa moderna. Dessa forma, o trabalho passa a ter um novo papel na vida moderna, que não é apenas manter a subsistência, e adquire também “(...) o objetivo de dar forma racional ao provimento dos bens materiais necessários à humanidade (...)”, apresentando-se como uma forma de controle sobre si, sobre a natureza e sobre os rumos da vida.

Weber antes de tratar das seitas protestantes puritanas, trata do movimento feito por Martinho Lutero e as mudanças que ele trouxe para a religião. Faz isso tendo em vista uma novidade específica que surge com seu pensamento, a ideia de “vocação” e de valorização do trabalho, ou “valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral é capaz de assumir” (WEBER, 2004: 72). Dessa forma Lutero coloca como novo paradigma para a vida religiosa não mais o monasticismo, mas o atendimento de um chamado para uma vocação profissional. Realizar

obras no mundo é a forma de agradar Deus e não mais se retirar do mundo. O protestantismo de Lutero oferece uma nova perspectiva para a conduta de uma vida louvável aos olhos de Deus sem que essa precise se retirar do mundo, e sim cumprir os deveres que existem nesse mundo.

O grande problema em torno do luteranismo é que ele ainda está atrelado com o tradicionalismo. O atendimento desse chamado de Deus para uma determinada vocação profissional não diria respeito ainda à possibilidade de lucrar, que inclusive era algo criticado por Lutero, segundo o qual o correto seria que cada um se contentasse “com seu sustento e deixe que os ímpios se lancem ao lucro” (WEBER, 2004:75). Aqui fica claro o tradicionalismo da vida que seria levada da mão para a boca e que não vislumbra uma certa racionalidade da vida econômica ou desejo de ascensão de suas condições de vida, pois havia uma ideia de respeitar os planos de Deus e a destinação que ele estabeleceu para a vida de cada um, ou seja, os indivíduos deveriam aceitar as condições mundanas que lhe foram concedidas e viver nelas da melhor forma possível, cumprindo seus deveres, sem contrariar os “planos divinos”.

Nesse sentido, no luteranismo, há uma ideia de vocação e de vida no mundo, mas não há relações que estejam vinculadas ao problema tratado por Max Weber que seria a relação entre protestantismo e capitalismo, visto que o luteranismo era avesso ao capitalismo e ao lucro, e estava preso nas amarras tradicionalistas. Por isso o autor passa à análise de outras vertentes do protestantismo – Calvinismo, Pietismo, Anabatistas, Batistas e Metodistas. Ao falar disso ele tenta deixar bem claras as intenções e condições em que estão colocados os objetos dos quais ele está tratando, onde os reformadores miravam resultados religiosos e que trouxessem solução para a alma, todas as consequências éticas, econômicas, sociais, “os efeitos culturais da reforma foram em boa parte – (...) – consequências imprevistas e mesmo indesejadas do trabalho dos reformadores, o mais das vezes bem longe, ou mesmo ao contrário, de tudo o que eles próprios tinham em mente” (WEBER, 2004:81). Por esse motivo, o autor não falará de uma relação de causa e efeito entre capitalismo e protestantismo. Os dois existem de formas separadas e pertencem a esferas relativamente autônomas (econômica e religiosa). A questão central para Weber é como esses dois fenômenos históricos produzem influências mútuas um sobre o outro e como os influxos do protestantismo colaboram para o estabelecimento e sedimentação de um “espírito” capitalista. Dessa forma, ao invés de tratar de uma relação de causa e efeito ele nos fala das *afinidades eletivas* entre fé religiosa e ética profissional, ou seja, como que após o encontro entre capitalismo e protestantismo ambos saíssem de uma forma diferente do que eram antes. Para compreender essas afinidades eletivas, Weber analisará quatro vertentes do protestantismo: calvinismo, pietismo, metodismo e seitas batistas. Ressaltaremos

então as principais contribuições de cada confissão religiosa para o espírito do capitalismo na perspectiva do autor.

Calvinismo e a predestinação:

O calvinismo aparece, na análise de Weber, como a confissão religiosa que recebe maior espaço e atenção. Ele considera que essa foi a vertente religiosa que esteve envolvida nas maiores disputas políticas e religiosas na Europa durante o século XVII e XVIII – vale lembrar que essas lutas políticas e religiosas foram as responsáveis por um grande fluxo de migração da Inglaterra para os EUA. O calvinismo coloca, por meio da doutrina da predestinação, sua característica mais marcante, o ser humano sem conhecimento dos planos de Deus, e sem liberdade frente este. O acesso do homem às ideias de Deus acontece apenas vagamente e quando este tem intenção de comunicá-la. Dessa forma, a vida humana, nessa perspectiva, se torna um grande mistério. Disso decorre que todos os seres humanos já possuem seu futuro traçado no início dos tempos e os planos de Deus são inalteráveis pelas ações humanas, de forma que quem está predestinado à salvação assim será e quem está predestinado à danação não possui margem de manobra alguma para se salvar.

A segunda característica do calvinismo ressaltada por Weber é a *solidão interior do indivíduo*. Essa solidão é responsável por uma nova forma de se relacionar com Deus, e algo que, em certa maneira, se mantém na esteira do luteranismo e será um lugar comum para as denominações protestantes. A relação com Deus não é mais mediada e passa a ser individual. Isso traz algumas consequências para a vida cotidiana também, para além da esfera religiosa, o caminho da salvação como caminho solitário se extravasa para a vida de forma mais ampla criando um certo tipo de individualismo. A única confiança é em Deus. Junto disso temos um terceiro elemento constitutivo do calvinismo, a desvalorização da “ordem sensitiva e sentimental”, onde o homem acaba por desprezar qualquer tipo de estímulo e impulso sentimental, de forma a confirmar a contrariedade de Weber com relação à explicação da relação entre capitalismo e protestantismo pela ideia da “alegria com a vida”. O calvinismo propõe uma vida de controle e de abandono de qualquer coisa que seja inútil à salvação e que não exalte Deus. A partir da doutrina calvinista o homem tem como fim os planos de Deus e não seus planos, o que reforça ainda mais um certo tipo de individualismo, que se volta ao seu objetivo último: a comprovação de ser um eleito à salvação, que acontece por meio da realização da obra de Deus, e exclusão de tudo aquilo que eleva a criatura no lugar do criador.

Mesmo partindo da doutrina da predestinação, onde a salvação não é alcançada e sim dada, e de um forte individualismo que impinge o indivíduo a confiar apenas em si mesmo e em Deus, surge a necessidade de manter uma comunidade como pré-condição para a salvação,

pois Deus não criou apenas os indivíduos, mas também a ordem social. Dessa forma, os indivíduos devem agir em comunidade, pois esta é também obra de Cristo. A função dos indivíduos, então, seria agir para elevar a obra de Cristo, não por interesses pessoais, mas porque assim estariam realizando a própria vontade de Deus por extensão. Weber complementa, ainda, que a realização dessa vontade é sempre racional, ela não acontece por acaso, mas está centrada no conhecimento e consciência daquilo que se está fazendo, controlando sua ação e exercendo um bem para o mundo social, e junto dessa racionalização também se faz presente a impessoalidade das ações acometidas nesse mesmo mundo. O autor resume essa forma de conduta racional que tem em vista a manutenção da ordem social criada por Deus em sua nota 31, onde afirma, sobre a visão calvinista, o seguinte:

[...]. [Aos calvinistas entusiasma a ideia de que Deus, ao formar o mundo, formou também a ordem social, por isso há de querer fins objetivos como meios de se exaltar a Sua glória: não a criatura por amor dela mesma, mas o *ordenamento* do que foi criado sob a Sua vontade. Daí que a ânsia de agir que tem o santo, desencadeada pela doutrina da predestinação, desemboca em cheio na ambição de racionalização do mundo.] E também a ideia de que a utilidade “pública”, ou ainda, “the good of the many” (o bem da maioria), como diz Baxter bem no sentido do racionalismo liberal posterior (forçando um pouco a citação da Epístola aos Romanos 9,3), tem primazia sobre o bem “pessoal” ou “privado” dos indivíduos (cf. *Christian Directory*, IV, p.262) era para o puritanismo – por menos que ela contivesse algo de novo – consequência da rejeição da divinização da criatura. – O [tradicional] horror dos americanos pela prestação de serviços pessoais [ao lado de outras razões de monta decorrente de sentimentos “democráticos”] prende-se (de modo indireto) a essa mesma tradição. [...]. (WEBER, 2004:209)

Aqui apresenta-se uma tensão dentro do próprio calvinismo, que, por um lado, exalta um tipo de individualismo e solidão, mas, por outro, demanda certa preocupação dos indivíduos com a ordem social na qual estão inseridos. Aqui então a preocupação social e o individualismo que seriam uma contradição em termos é solucionado por um elemento transcendental, a vontade divina, que retira, da ação individual, o interesse próprio como centro. Dessa forma, produz-se certa impessoalidade e ausência de interesse nas ações executadas, pois, toda ação feita nesse mundo se volta para a realização da obra divina. E nesse sentido, Weber aponta para algo que ele considera característica “tradicional” da sociedade Americana: a não confusão entre o público e o privado/pessoal, dessa forma, as relações pessoais e as relações “institucionais” acabam por não se misturar e muito disso é tributário dessa primeira formação calvinista da América. Assim, esse aspecto político e institucional moderno remonta uma cultura religiosa do período de formação e se constitui enquanto valor e tradição do país. Weber, então, compreende a noção de trabalho social entre os calvinistas da seguinte forma:

[...]. O trabalho social do calvinista no mundo é exclusivamente trabalho *in majorem Dei Gloriam* {para aumentar a glória de Deus} Daí porque o trabalho numa profissão está a serviço da vida intramundana da coletividade também apresenta esse caráter. [...]. (WEBER, 2004:99)

Sendo assim, duas coisas distintas se apresentam: por um lado, a justificativa do trabalho social, que é extramundana – se trabalha tendo em vista a vontade de Deus e sua glória, por outro, é o ato de trabalhar que só pode ser realizado neste mundo e é a única forma de realizar a vontade de Deus por extensão. Então há um duplo movimento de aceitar uma causa extramundana que justifica e uma atividade mundana que tem como razão não o mundo ou a criatura, mas um valor superior. O trabalho social intramundano é a forma de aprimorar a obra e realizar a vontade de um ser extramundano. Se esses são os aspectos da justificativa para o trabalho social, que possui papel importante na dinâmica das seitas protestantes, nos falta compreender as justificativas para o trabalho individual, que não é visto como uma forma de interesse ou ganho individual, mas como uma forma de prática do ascetismo intramundano, de se privar das tentações do mundo estando nele, e a realização bem sucedida e com obtenção de lucros deste mesmo trabalho seria um sinal de que o indivíduo estaria entre os escolhidos. Dessa forma, pelos parâmetros religiosos, o trabalho era uma forma de alcançar indícios sobre a salvação e não o lucro em si, mas o lucro não era algo mal visto pelos protestantes.

Pensando sobre a doutrina calvinista, e em sua maior problemática – a doutrina da predestinação – nota-se uma questão de ordem teológica e prática: como o sujeito sabe se foi escolhido ou não? Haveria a seleção de Deus no início dos tempos, mas ela seria inacessível aos homens, formando assim um grande mistério em torno da predestinação. Uma das soluções para esse problema, apresentada por Weber, é a de que o fiel deveria acreditar que era predestinado, a dúvida disso já seria indício de não ser, então cabia “*considerar-se* eleito”. Mas como ter confiança de que realmente se seria eleito? Weber afirma que seria “*o trabalho racional sem descanso*” o meio para alcançar a autoconfiança necessária para considerar-se um eleito, pois, “Ele, e somente ele dissiparia a dúvida religiosa e daria a certeza do estado de graça.” (WEBER, 2004:102). Desta forma há um processo de tentativa de justificação da própria graça, que os calvinistas chamam de *justificação pela fé*, mas fica claro, no exemplo de Weber, que é um movimento de trabalhar e por meio de um trabalho que traz frutos perceber sinais da graça. Para tanto, seria necessária uma condução ascética da vida, onde o trabalho racional e sem descanso eliminaria espaço para tentações, sentimentos, frugalidades e qualquer outro tipo de pecado possível. Além disso, o trabalho apresentaria um sinal objetivo da salvação, não simplesmente um sentimento de que se seria salvo.

Então, se o homem realiza sua potencialidade ao máximo, pois isso espera Deus e essa é sua vontade, tendo bons frutos e ótimas realizações, ele seria escolhido e estaria apenas atendendo ao *chamado* divino. Em certa medida isso é expresso na cultura americana, em parte, pela conhecida doutrina do destino manifesto. Assim como a doutrina calvinista introjetou a

ojeriza à mistura entre o público e o privado, a teoria da predestinação introjeta na sociedade americana a ideia de que aquela terra é prometida e, junto disso, a predestinação, revelada por alguns sinais, sendo o fruto do trabalho um dos principais, aparece também como justificativa para o expansionismo americano em questão, já que como povo escolhido por Deus a sua expansão não seria simplesmente vontade dos homens, mas uma missão atribuída pela divindade. Observamos, então, que um dos posicionamentos políticos da sociedade americana tem como base uma justificativa teológica e, embora este seja apenas um comentário complementar de algo que não está presente na obra de Weber, reflete mais uma característica puritana da formação da América.

Nas atitudes individuais o calvinismo produz, além do individualismo solitário e autoreflexivo inserido pela doutrina calvinista, uma conduta extremamente minuciosa e regrada na vida dos sujeitos, de forma a fazê-los controlar cada uma de suas ações e se voltar para o trabalho de maneira incessante. Como que uma sistematização da vida que se volta para um único fim: a realização da obra divina, que seria a forma de ter maior ou menor consciência de ser escolhido ou não. Para isso é necessária uma vida planejada, sistematizada e no mundo, como aponta Weber (2004: 107). Isso resulta em “Poder levar uma vida sempre alerta, consciente, clara, ao contrário do que se fala em muitas das representações populares, era a meta; eliminar a espontaneidade do gozo impulsivo da vida, a missão mais urgente; botar ordem na conduta de vida de seus seguidores, o meio mais importante da ascese”. (WEBER, 2004:108-9). O calvinista é conhecido por “controlar continuamente seu estado de graça”.

Pietistas

Ao passar para o pietismo, Weber, marcará as diferenças deste com o calvinismo, principalmente por seus aspectos emocionais e sentimentais que tanto eram criticados pelos calvinistas. A partir do pietismo se pensa não apenas em receber os sinais de salvação em uma outra vida, mas de ter nessa vida mesmo “os trilhos do gozo da bem aventurança eterna”, o que acarretava uma distinção com a vida ascética do calvinismo puritano, que se voltava à uma sistematização e racionalização quase absoluta, negando o misticismo luterano e católico, com os quais o pietismo irá, em certa medida, se reconciliar. Cabe aqui também perceber a distinção sobre a salvação, pois a salvação na perspectiva pietista é algo possível para todos, a grande questão é estar preparado para perceber essa oportunidade única. Em certa medida isso exigia, de início, um rigor maior na conduta profissional e no ascetismo. Havia um trabalho para o melhor desenvolvimento da santidade, então há um aspecto metódico para o alcance da graça. Mas a partir do desenvolvimento cruzado entre calvinismo e luteranismo, assimilado pelo pietismo, a racionalização da vida, com foco no presente, tendia a ser menor e menos rígida. O

sucesso na vocação profissional passa a ser não mais sinal de salvação em outro mundo, mas “sentimento de reconciliação e comunhão com Deus já agora”. Weber encerra falando do pietismo radical o seguinte:

[...]. Se fosse preciso caracterizar ao menos provisoriamente uma consequência prática da diferença, pode-se apontar que as virtudes que o pietismo inculcava eram antes aquelas que podiam pôr em prática, de um lado, o funcionário, o empregado o operário e o trabalhador que produz em domicílio “fiéis à sua profissão” e, do outro, empregadores de conformação preponderantemente patriarcal, ostentando sua *condescendência* a fim de agradar a Deus (à maneira de Zinzendorf). O calvinismo, em comparação, parece ter mais afinidade eletiva com o rígido senso jurídico e ativo do empresário capitalista-burguês. O *puro* pietismo do sentimento, por fim – como ressaltou Ritschl –, é um passatempo religioso para *leisure classes* (classes ociosas). Por menos exaustiva que seja essa caracterização, ela corresponde a certas diferenças ainda hoje presentes na peculiaridade econômica dos povos que estiveram sob a influência de uma ou outra dessas duas correntes ascéticas. (WEBER, 2004:126)

Metodismo

Após caracterizar o pietismo e as possíveis contribuições dele para o espírito do capitalismo, o autor passa às definições do metodismo, que é considerado a contrapartida do pietismo continental e teve desenvolvimento maior na Inglaterra e Estados Unidos. Se desenvolveu no seio da igreja oficial inglesa como uma tentativa de reavivar o puritanismo. Nessa doutrina temos presente o ascetismo e a religiosidade sentimental, e Weber também ressalta a negação da doutrina da predestinação calvinista. Assim como no Pietismo há uma batalha penitencial que pode ser travada de maneira metódica tendo em vista a salvação, aqui fica ressaltado o aspecto metódico da conduta como meio para a certeza desta. Nessa doutrina há a aceitação do pecado humano e, por consequência da conversão, há uma consciência dessa condição que deve ser combatida incessantemente. A doutrina, que é marcada por um forte sentimentalismo e aceitação do humano enquanto pecador que busca a salvação, suscita constante dúvida de seus fieis, o que é demonstrado por Weber no exemplo do banco dos angustiados. Por esse conjunto de elementos o autor pondera que “essa religiosidade emocional, não sem poucas dificuldades internas, acabou por estabelecer um vínculo peculiar com a ética ascética de uma vez por todas marcada com o selo racional do puritanismo.” (WEBER, 2004:127).

O metodismo procura demonstrar que o indivíduo pode construir seu caminho à perfeição deixando para trás a vida do pecado por meio de uma vida ascética e metódica. Dessa forma os sinais da salvação seriam cada vez mais claros e iluminariam já a vida terrena dos fiéis, entretanto, o alcance da santificação seria pouco provável, mas há, nessa doutrina, também uma preocupação com o presente. Por meio de sua vida ascética o convertido “prova pra si mesmo e para os outros ao menos isto, que o pecado ‘não mais tem poder sobre ele’”. Weber conclui a seção sobre o metodismo da seguinte forma:

[...] A *regeneration* do metodismo criou assim um único *complemento* da pura salvação pelas obras: uma ancoragem religiosa para a conduta de vida ascética na eventualidade de ser abandonada a predestinação. Os sinais da mudança de conduta, indispensáveis para o controle da conversão, como sua “condição”, conforme disse Wesley oportunamente, eram a bem da verdade exatamente os mesmos que no calvinismo. Na discussão da ideia de vocação profissional que vem a seguir, basicamente podemos deixar de lado o metodismo, uma vez que, como fruto tardio, não contribuiu com nada para seu desdobramento. (WEBER, 2004:130)

Weber compreende o pietismo e o metodismo como movimentos secundários para a formação de uma ascese, dessa forma, passa à caracterização dos últimos movimentos a que ele oferece centralidade e autonomia na concepção desta. O anabatismo e as seitas batistas ocupam importância na obra de Weber que quase recebem especial atenção no ensaio *seitas protestantes e o espírito do capitalismo*, que trataremos em breve. Mas cabe, neste momento, observarmos a compreensão que o autor tem destes movimentos e sua relação com a formação de uma ascese e contribuição com o espírito do capitalismo.

Anabatismo e seitas batistas

Dando posição de prestígio na relação entre protestantismo e espírito do capitalismo aos anabatistas e seitas batistas – aqui ele dá importância aos anabatistas, quakers, batistas e menonitas –, Weber passa a analisar o desenvolvimento de suas doutrinas. De início eram doutrinas que miravam certa reclusão do mundo, mas algo que não durou muitas gerações de fiéis, que se voltaram a um trabalho e demonstraram exímio desempenho nas atividades burguesas. Mas a grande preocupação era de formar comunidades de eleitos que possuiriam vínculos fraternais. Integrar a comunidade batista passa então pelo batismo, que seria o início de um processo constituído por regeneração, justificação, santificação e glorificação. Os indivíduos que constituem as comunidades então possuem a liberdade, relacionada pelo toque de Deus, em decidir se serão ou não batizados, pois o batismo passa pela compreensão do que se é. O sujeito deve se arrepender dos pecados cometidos e possuir conhecimento dos mandamentos bíblicos, por esse motivo os batismos e rebatismos eram apenas feitos com adultos. Há aqui uma grande relação entre consciência e liberdade que é inspirada por essas doutrinas. Junto com o calvinismo essa é uma das doutrinas que possuem grande contribuição para o processo de desencantamento do mundo, segundo Weber, por também se voltar à uma luz interior que possibilita e habilita a verdadeira compreensão das próprias revelações bíblicas de Deus.

Weber, falando sobre a descrença dos anabatistas no dogma da predestinação, coloca que a atividade metódica dos fiéis é inspirada pela ideia de *espera perseverante*. A espera perseverante é demonstrada por ele com a análise de Barclay de um culto de silêncio, um tipo de atividade presenciado por Weber em sua viagem à América. O culto silencioso constitui

basicamente em uma reunião – feita por Quakers – onde a proposta é que todos ali fiquem em silêncio até terem algum tipo de revelação da luz divina para que se pronunciem, é como uma busca de inspiração no profundo silêncio para poder ouvir a Deus. Muitas vezes esse culto pode terminar, assim como foi a experiência de Weber, sem ninguém se pronunciar. E a partir desse tipo de culto e de espera perseverante Weber compreendeu que “[...]. Quando o anabatismo se carregou para vida profissional mundana normal, a ideia de que Deus fala somente quando a criatura se cala passou a ter claramente o sentido de educar para a *ponderação* serena da ação orientada por um cuidadoso exame de consciência individual” (WEBER, 2004:135)

Marca dos batistas e anabatistas é sua relação problemática com a política. Não a toa pregavam a separação entre igreja e Estado. Na elaboração weberiana isso aparece como forma de fuga dessa vida no estado e das atividades políticas, os fiéis à essa doutrina voltavam suas “virtudes ascéticas” para o trabalho profissional. Mais importante que a política externa era a gestão e decisões das comunidades constituídas por essas seitas, a melhoria desta dependia do trabalho e da obra social promovida pelos próprios fieis. O afastamento do mundo, de certa forma, se converte em atividade profissional constante para fugir das “tentações do mundo”, e também em trabalho coletivo que tem em vista a melhoria da comunidade participante, que estimula uma certa conduta democrática decisória com relação à solução de problemas internos e de tarefas a serem feitas.

Weber encerra sua seção sobre as seitas protestantes trazendo duas ideias, que reproduziremos aqui na íntegra, para retomar a importância do protestantismo na forja do espírito do capitalismo, ressaltando o motivo da importância que ele atribuiu às seitas protestantes em boa parte de seu ensaio:

De caso pensado, *não* partimos das instituições sociais objetivas das antigas igrejas protestantes e suas influências éticas, nem em particular da *disciplina eclesiástica*, tão importante, mas dos efeitos que a apropriação *subjetiva* da religiosidade ascética por parte do *indivíduo* estava talhada a suscitar na conduta de vida. E não só porque esse lado da coisa foi de longe o menos estudado até hoje. Mas também porque o efeito da disciplina eclesiástica nem sempre ia na mesma direção. O controle eclesiástico-policia da vida do indivíduo, tal como foi praticado nos territórios das igrejas estatais calvinistas, tocando as raias da Inquisição, *podia* ao contrário *contrapor-se*, por assim dizer, àquela liberação das forças individuais que era condicionada pela busca ascética da apropriação metódica da salvação, e de fato assim ocorreu em certas circunstâncias. E do mesmo modo que a regulamentação estatal do mercantilismo podia evidentemente fazer valer sua disciplina desenvolvendo indústrias, mas não, pelo menos sozinha, o “espírito” do capitalista – muito pelo contrário, pois onde assumia um caráter policial e autoritário ela muitas vezes paralisou o desenvolvimento deste – , assim também podia surtir o mesmo efeito a regulamentação da ascese pela disciplina eclesiástica quando desenvolvia modos excessivamente policialescos: ela impunha então um determinado comportamento exterior, mas em certas circunstâncias paralisava os estímulos subjetivos à conduta de vida metódica. Toda discussão desse ponto deve pois levar em conta a grande diferença que, em seus efeitos, havia entre a polícia moral das *igrejas* oficiais, que era autoritária, e a polícia moral das *seitas*, que repousava na submissão voluntária. Que o movimento anabatista em todas as suas

denominações tenha produzido fundamentalmente “seitas”, e não “igrejas”, é um fato que de todo modo reverteu em benefício da intensidade de sua ascese, tanto quanto – em graus diversos – foi esse o caso daquelas comunidades calvinistas, pietistas e metodistas, que foram impelidas por sua situação de *fato* para os trilhos da formação de comunidades voluntárias. (WEBER, 2004:137-8)

Voltaremos à esse tópico do voluntarismo quando tratarmos do texto *seitas protestantes e o espírito do capitalismo*, porém, fica claro na argumentação do autor, que existe na participação das seitas e das religiões protestantes, por parte dos indivíduos, um processo de subjetivação de certa forma de conduta, que não é necessariamente imposto de fora para dentro, mas, paulatinamente aceito e construído no indivíduo de forma que ele não se nasce um protestante, mas vai, com o passar do tempo se tornando um por meio de uma escolha. As seitas e o protestantismo colocam não uma instituição externa observando e julgando os atos individuais ou mesmo inculcando práticas a serem perseguidas, mas o indivíduo passa a ser o sujeito de um policiamento constante, que tem como foco não tanto a presença da religião, mas a assimilação dos dogmas. Acredito que tenhamos sido suficientemente explicativos sobre o plano de obra de Weber e também sobre os conceitos abordados, de forma a contemplar nosso objeto de pesquisa, então passaremos a observar os conceitos e as problemáticas postas pelo autor à luz de uma representação dos Estados Unidos da América em três contextos diferentes do ensaio *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, onde também estará presente uma análise maior sobre o último capítulo não tratado nessa introdução à obra.

2.2.2 AMÉRICA EM TRÊS CONTEXTOS: COLÔNIA, BENJAMIN FRANKLIN E PRESENTE DE WEBER

Levantando os principais pontos de argumentação de Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, podemos finalmente passar às representações que o autor faz dos Estados Unidos. Temos em vista que Weber não apenas constrói uma teoria que relaciona religião e economia, mas, em certa medida, elabora uma teoria do moderno que procura compreender como o mundo cultural se tornou o que é e quais os caminhos tomados para que a modernidade e o processo de racionalização se expandissem pelo ocidente. Weber compreende que história não se desenvolve sem lutas e resistências das ordens vigentes com relação ao novo. Nesse caminho, partilhamos afinidade com a proposição de Gangolf Hubinger, para quem

[...]. Decisivo é saber quais são as batalhas culturais travadas por uma época em torno da primazia interpretativa sobre o que se contempla como conduta e ordenação “modernas” da vida e sobre o que se desqualifica como antimoderno. A experiência fundamental da modernidade não é somente a da “aceleração”. Não menos característica é a experiência da tensão permanente entre imagens de mundo concorrentes entre si – religiosas e seculares, por exemplo –, que não se deixam mais

hierarquizar. “Segundo as posições últimas de cada singular, um é o demônio e o outro é o deus; e cada um precisa decidir qual é o seu demônio e qual é o seu deus” (mwig/17, p. 101) – eis a maneira drástica como Weber explicará, mais tarde, esse traço fundamental da modernidade a seus estudantes de Munique, em “A ciência como profissão”. (HUBINGER, 2012: 120)

Dentro desse processo de desenvolvimento em direção ao moderno, que não é necessariamente um projeto a ser seguido, mas circunstâncias históricas que desaguam nisso, temos alguns países que alcançam com maior facilidade certas condições modernas em detrimento de outros. Nesse sentido Weber considera que os Estados Unidos tiveram um desenvolvimento moderno mais veloz que os demais países, sobretudo quando o assunto é a constituição do espírito do capitalismo, que tentamos descrever no tópico acima. Na América o espírito do capitalismo, segundo Weber, aparece com maior ímpeto e força nas engrenagens do capitalismo moderno do que em relação a outros países. Isso acontece por conta de algumas circunstâncias especiais do país. Nesse tópico, tentaremos demonstrar como essas circunstâncias especiais e como a mobilização da América, por Weber, constituem quase um exemplo empírico de seu tipo ideal.

América colonial, Nova Inglaterra e Guerra de Secessão

O protestantismo tem papel importante nos Estados Unidos para fundar uma nação que está atrelada a um *ethos* que Weber considera propulsor do processo de racionalidade do ocidente. Em um primeiro momento, as terras do Norte foram ocupadas basicamente por puritanos que estavam fugindo da perseguição religiosa na Inglaterra e na Europa de forma mais ampla. As colônias do Norte, por desinteresse da metrópole, criaram formas muito específicas e novas de conduzir seus assuntos internos e de organizar também sua produção. No Norte, pela ausência das *plantations*, cada um possuía um pedaço de terra e reinava a lógica de ser dono de si e de seu próprio negócio. Dessa forma, haviam pequenas plantações nas terras que possuíam, mas também prestavam alguns serviços, o que acabou criando um mercado e um comércio dentro das colônias que não tinha produção voltada para o mercado externo. Se adaptando às condições postas por um solo pouco fértil, na Nova Inglaterra, o investimento foi em comércio e indústria. Na América a única cultura que poderia disputar com a cultura puritana, pois estava calcada ali, seria a cultura autóctone, porém, sabemos que os processos de colonização puseram fim rapidamente à cultura do povo local e substituíram por uma cultura majoritariamente europeia. No caso inglês a cultura matriz vinda da Europa foi a puritana, entre esses batistas, metodistas, calvinistas, pietistas, quakers e outros anabatistas. Sua fé, como demonstra Weber, se volta para uma conduta ascética de realizar a obra de Deus no mundo, muito diferente do catolicismo, que dominava a Europa no período. Os puritanos realizando a obra de Deus no mundo, procuravam poder fazer da América o céu na terra, tendo chance de começar, quase do

zero, uma nova cultura e tradição. Tanto é que, durante a viagem de Weber à América, os elementos e os *ethos* presentes nessas seitas religiosas ainda existiam, mesmo que secularizados.

Weber, em meio a seu texto, vai fazendo algumas leves distinções entre as colônias do Sul e as colônias do Norte. Percebemos que nos primeiros dois capítulos de seu trabalho Weber lança vista a algumas imagens e exemplos localizados nos EUA, e não por acaso, se pensamos na grande dicotomia que ele constrói para poder elaborar sua noção de capitalismo moderno - a dicotomia “tradicionalismo X espírito do capitalismo” -, que, de certa forma, se apresenta no exemplo americano, sobretudo quando vemos dois modos de produção distintos nas colônias: o Sul das *plantations* escravagistas e o Norte manufatureiro e abolicionista. Mesmo havendo essa dicotomia, das formas de produção e de mentalidades capitalistas (aventureira X moderna) em terras americanas, devemos levar em consideração que o tradicionalismo americano está menos arraigado nos costumes, ou, se preferirmos, os costumes possuem menor tempo de estabilização e constituição enquanto “ordem vigente”. A disputa entre o tradicionalismo e o espírito do capitalismo, pelo menos ali, é a disputa entre duas mentalidades nascidas em um mesmo período. As colônias do Norte, que são constituídas, em sua maioria, por protestantes que fugiram de perseguição religiosa e eram também colônias que não estavam ligadas ao mercantilismo, devido a sua baixa produtividade para o mercado externo e terras pouco férteis para alimentar o sistema da metrópole, conquistaram, inclusive, liberdades políticas e a autogestão. Enquanto isso as terras do Sul, onde estavam estabelecidas as *plantations*, estiveram constantemente sobre as vistas da metrópole inglesa por serem extremamente rentáveis com suas produções latifundiárias, alimentando o mercantilismo de tipo predatório, aventureiro e especulativo que era comum à época.

Temos aqui, por uma condição histórica muito específica, uma situação atípica no desenvolvimento social que permitiu uma percepção mais acurada do fenômeno de conflito entre as duas mentalidades, e que teve um desenvolvimento em formato de disputa/luta social que resultou na guerra de secessão americana no ano de 1861-65, onde a tradição colonialista europeia sucumbiu frente o projeto proposto pelo Norte, de mão de obra livre, distribuição de terras, desenvolvimento da indústria e um forte comércio voltado para o interior do país. Eram dois projetos concorrentes, representados pelo arcaico Sul e o moderno Norte, o tradicional capitalismo aventureiro contra o espírito do capitalismo de que nos fala Max Weber. Sem fazer qualquer referência, intencionalmente ou não, Weber acaba nos oferecendo elementos para compreendermos a disputa que fora travada na guerra de secessão americana, entre o Norte livre, seguindo de maneira mais rigorosa o puritanismo, e o Sul escravagista marcado por um

capitalismo aventureiro. Essa talvez fosse a disputa decisiva entre dicotomias para marcar o que viria a ser o moderno na América. Essa grande distinção entre sul e norte fica bem colocada em uma passagem já no fim de seu ensaio:

É bem verdade que entre os puritanos a agricultura era estimada como um ramo de negócios particularmente importante e particularmente salutar até mesmo para a devoção (veja-se o exemplo de Baxter), só que a estima não se endereçava ao *landlord*, mas ao *yeoman* e ao *farmer*, e no século XVII não ao *junker*, mas *agricultor* “racional”. [A partir do século XVII, a sociedade inglesa se vê atravessada pela cisão entre “*squirearchy*”, portadora da “*merrie old England*” {radiante Inglaterra de outrora}, e os círculos puritanos, cujo poder social oscilava muito. Os dois traços: um deles, a alegria de viver ingênua, integral e o outro, o domínio de si reservado e estritamente regulado por um vínculo ético convencional, figural até hoje lado a lado na imagem do “caráter do povo” inglês”. E da mesma forma atravessa o período histórico mais remoto da colonização norte-americana o agudo contraste entre os *adventurers*, de um lado, que instituíram as *plantations* com a mão de obra escrava dos *indentured servants* e queriam viver ao modo de senhores, e, no outro polo, a disposição especificamente burguesa dos puritanos.] (WEBER, 2004:157-8)

A assimilação de uma vida ascética e metódica, com vista no trabalho vocacional, trouxe suas consequências para as colônias do Norte, mas mais que isso, a assimilação do *ethos* capitalista propiciou uma noção de *coerção ascética à poupança*, que contribuiu para o acúmulo de capital nas colônias do Norte e possibilitou o reinvestimento do dinheiro, visando a geração de mais capital. Essa coerção à poupança deriva da vida contida e regrada pregada pelas seitas protestantes, prevendo gastos com apenas o necessário e uma vida que não se voltasse ao luxo. Para Weber isso acaba caracterizando a formação cultural dos países, tanto que os exemplos sobre poupança que ele dá são dois: a Holanda e as colônias do Norte da América. Assim, o autor atribui ao puritanismo parcela de responsabilidade pela acumulação de capital e expansão industrial que aconteceu nos Estados Unidos. Esse aspecto é tão marcante, que Weber cita a posição de um historiador americano sobre o assunto na nota 278 do último capítulo:

[...] Pois o decisivo não era a simples acumulação de capital, mas a racionalização ascética da vida profissional como um todo, -- [Quanto às colônias na América, Doyle deu nitidez ao contraste entre as condições do Sul e as do Norte ao assinalar que no Norte puritano sempre havia capital necessitado de aplicações: por causa da “coação ascética à poupança”.] (WEBER, 2004:269)

E ainda sobre essa situação dicotômica entre norte e sul, o autor continua em sua nota seguinte, ressaltando o desenvolvimento de um em detrimento do outro:

279. Doyle, *The English in America*, vol II, cap.1. A existência de empresas siderúrgicas (1643) e de tecelagem (1659) voltadas para o Mercado (ao lado do grande florescimento dos ofícios artesanais) na Nova Inglaterra durante a primeira geração após a fundação da colônia é, do ponto de vista puramente econômico, um anacronismo e oferece um contraste marcante, tanto com a situação do Sul como também com Rhode Island, uma ilha não calvinista mas que reconhecia a liberdade de consciência, onde, apesar do excelente porto, ainda em 1686 o relatório do *Governor* e do *Council* dizia: “{O grande empecilho aos negócios é a falta entre nós de mercadores e de homens de posições sociais respeitadas}” (Arnold, *History of State of R. I.* p.490). Com efeito, não cabe duvidar de que aí também desempenhava seu papel a coação a investir sempre de novo o capital poupado graças à restrição puritana

do consumo. Acrescente-se a ela o papel da disciplina eclesiástica, que não discutiremos ainda. (WEBER, 2004: 269)

Weber utiliza então exemplos históricos da América para demonstrar a afinidade entre desenvolvimento econômico e industrial do país e protestantismo puritano. Aqui o país é apresentado, pelo menos parte dele, como majoritariamente puritano e essa parte puritana, seguidora da ascese foi a que prosperou economicamente, apesar de todos os percalços, como, por exemplo, o solo infértil e de difícil produção. Essa América puritana possuía cidadãos que contribuíam com sua ascese intramundana que tem como base o trabalho vocacional, com a forma de agir racionalizada quando voltada aos negócios e com consciência social quando o assunto era a comunidade. Esse tripé estabelecido desde os tempos coloniais acabou formando um caráter americano de ser, que trataremos com maior acuidade nos próximos dois tópicos, mas principalmente expresso nas máximas de Benjamin Franklin.

Benjamin Franklin: máximas e espírito do capitalismo.

A escolha para a apresentação do espírito do capitalismo com alguns exemplos reforça a representação da América na obra de Weber. Ela aparece como pano de fundo e muitas vezes como exemplo empírico, mas ao se utilizar de um exemplo que bem representa o “espírito” do capitalismo, Weber partirá das máximas de um dos *Founding Fathers* americanos, Benjamin Franklin. É por meio dessas máximas que o autor procura delinear de maneira prévia o espírito do capitalismo e chama atenção para um elemento que, aparentemente, reforça sua tese: as máximas de Franklin são isentas de pressupostos religiosos e representam em uma pureza quase clássica o que ele chama de “espírito” do capitalismo. Franklin adveio de família calvinista e assim se manteve até seus 19 anos, quando se tornou deísta, porém, seu período no calvinismo parece ter sido considerável para inculcação da fé calvinista e de alguns hábitos. Levando isso em consideração devemos pontuar que a “liberdade de pressuposto” levantada por Weber é relativa. Mas nos importam aqui os conteúdos das máximas²⁰. As ideias essenciais

²⁰“Lembra-te que tempo é dinheiro; aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais.

Lembra-te que/crédito é dinheiro. Se alguém me deixa ficar com seu dinheiro depois da data do vencimento, está me entregando os juros ou tudo quanto nesse intervalo de tempo ele tiver rendido para mim. Isso atinge uma soma considerável se a pessoa tem bom crédito e dele faz bom uso.

Lembra-te que o dinheiro é procriador por natureza e fértil. O dinheiro pode gerar dinheiro, e seus rebentos podem gerar ainda mais, e assim por diante. Cinco xelins investidos são seis, reinvestidos são sete xelins e três pence, e assim por diante, até se tornarem cem libras esterlinas. Quanto mais dinheiro houver, mais produzirá ao ser investido, de sorte que os lucros crescem cada vez mais rápido. Quem mata uma porca prenhe destrói sua prole até a milésima geração. Quem estraga uma moeda de cinco xelins, assassina (!) tudo o que com ela poderia ser produzido: pilhas inteiras de libras esterlinas.

Lembra-te que — como diz o ditado — um bom pagador é senhor da bolsa alheia. Quem é conhecido por pagar pontualmente na data combinada pode a qualquer momento pedir emprestado todo o dinheiro que seus amigos não gastam.

presentes nas máximas apresentadas por Weber são as seguintes: tempo é dinheiro; crédito é dinheiro; dinheiro é procriador por natureza e fértil; um bom pagador é senhor da bolsa alheia; nada contribui mais para um jovem subir na vida do que pontualidade e retidão em todos os seus negócios; as mais insignificantes ações que afetam o crédito de um homem devem ser por ele ponderadas; honestidade e cuidado aumentam o crédito de um homem.

Essa perspectiva do bom pagador e honestidade que está em Franklin não é algo exclusivo de seu pensamento, estava bem disseminado em solo Americano, até mesmo nas colônias do Sul. Para embasar nossa argumentação trazemos a perspectiva de que

Segundo um axioma do pensamento político da época, o governo republicano exigia um corpo de cidadãos livres, independentes e proprietários²¹. Uma nação de cidadãos, cada um dos quais tivesse uma propriedade suficiente para sustentar sua família, poderia ser uma república. A consequência lógica era que uma nação de devedores, que tivessem perdido sua propriedade ou que a tivessem hipotecado a credores, estava madura para a tirania. (MORGAN, 200:124)

Havia uma preocupação geral com política de bom pagamento e uma preocupação também com sujeitos que pudessem ser donos de si, não depender dos demais e conseguir se manter – essa era uma problemática, segundo Morgan, levantada por Washington, Madison e Jefferson quando o assunto era mão de obra urbana livre, visto que estes não eram proprietários e entre os americanos havia uma grande valorização da propriedade de terras no período. Mas Franklin voltava seu interesse para a possibilidade dos indivíduos se tornarem comerciantes, negócio que também não era visto com bons olhos nas colônias mais ao sul. Mas se olharmos

Isso pode ser de grande utilidade. A par de presteza e frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que pontualidade e retidão em todos os seus negócios. Por isso, jamais retenhas dinheiro emprestado uma hora a mais do que prometeste, para que tal dissabor não te feche para sempre a bolsa de teu amigo.

As mais insignificantes ações que afetam o crédito de um homem devem ser por ele ponderadas. As pancadas de teu martelo que teu credor escuta às cinco da manhã ou às oito da noite o deixam seis meses sossegado; mas se te vê à mesa de bilhar ou escuta tua voz numa taberna quando devias estar a trabalhar, no dia seguinte vai reclamar-te o reembolso e exigir seu dinheiro antes que o tenhas à disposição, duma vez só.’

Isso mostra, além do mais, que não te esqueces das tuas dívidas, fazendo com que pareças um homem tão cuidadoso quanto honesto, e isso aumenta teu crédito.

Guarda-te de pensar que tudo o que possuis é propriedade tua e de viver como se fosse. Nessa ilusão incorre muita gente que tem crédito. Para te precaveres disso/mantém uma contabilidade exata de tuas despesas e receitas/Se te deres a pena de atentar para os detalhes, isso terá o seguinte efeito benéfico: descobrirás como pequenas despesas se avolumam em grandes quantias e discernirás o que poderia ter sido poupado e o que poderá sê-lo no futuro...

Por seis libras por ano podes fazer uso de cem libras, contanto que sejas reconhecido como um homem prudente e honesto. Quem esbanja um groat {quatro pence} por dia esbanja seis libras por ano, que é o preço para o uso de cem libras. Quem perde a cada dia um bocado de seu tempo no valor de quatro pence (mesmo que sejam só alguns minutos) perde, dia após dia, o privilégio de utilizar cem libras por ano. Quem desperdiça seu tempo no valor de cinco xelins perde cinco xelins e bem que os poderia ter lançado ao mar. Quem perde cinco xelins não perde só essa quantia, mas tudo o que com ela poderia ganhar aplicando-a em negócios — o que, ao atingir o jovem uma certa idade, daria uma soma bem considerável”. (FRANKLIN, 1748: 87 apud WEBER, 2004: 42-44)

²¹ Ver Caroline Roberts, *The eighteenth-century commonwealthman: studies in the transmission, development and circumstance of English liberal thought from the restoration of Charles II until the war with the thirteen colonies*. Cambridge, Mass., 1959; J.G.A. Pocock, *Machiavelli, Harrington, and English political ideologies in the thirteenth century*, *William and Mary Quarterly*, 22, p. 549- 583, out. 1965.

mais de perto, as colônias do sul e do norte se distinguem em um aspecto, a valorização do trabalho que aparece de forma latente nas máximas benjaminianas não tem tanta força ao sul, onde o capitalismo desenvolvido foi de caráter mais predatório e valorizava em demasia a propriedade. Como já dissemos, existiam dois tipos de realidades econômicas conflitantes na América de Franklin, uma aventureira e outra puritana. Franklin vinha de Massachusetts, colônia do norte formada por puritanos que se voltavam ao comércio e à indústria por questões geográficas, mas mesmo com poucas condições de desenvolver o capitalismo essa colônia assimilou de maneira robusta um espírito do capitalismo muito mais vívido. Isso é demonstrado por Weber na descrição da terra de origem de Benjamin Franklin:

[...]. Por ora, é suficiente para nosso propósito indicar: que na terra de Benjamin Franklin (o Massachusetts) o “espírito do capitalismo” (no sentido por nós adotado) existiu incontestavelmente antes do “desenvolvimento do capitalismo” [(já em 1632 na Nova Inglaterra, havia queixas quanto ao emprego do cálculo na busca de lucro, em contraste com outras regiões da América)]; e que esse “espírito capitalista” permaneceu muito menos desenvolvido, por exemplo, nas colônias vizinhas – os futuros estados sulistas da União – muito embora estas últimas tivessem sido criadas por grandes capitalistas com finalidades mercantis, ao passo que as colônias da Nova Inglaterra tinham sido fundadas por razões religiosas por pregadores e intelectuais em associação com pequeno-burgueses, artesões e yeomen. Neste caso, portanto a relação de causalidade é de todo modo inversa àquela que se haveria de postular a partir de uma posição “materialista”. (WEBER, 2004:49)

Aqui o autor propõe pensar uma lógica que não fosse mecânica ou materialista, onde as condições materiais definiriam as ideias. Mas não devemos também pensar que o movimento inverso seja válido – as ideias formam as práticas —, há uma relação de mútua adequação entre ideias e práticas que vão se permeando, mas mais que isso, existem especificidades e circunstâncias em cada desenvolvimento. No caso o espírito do capitalismo se desenvolveu antes nas colônias onde as condições materiais não eram propícias, enquanto na região de condições propícias para capitalismo de grande produção foi desenvolvido com base em uma mentalidade aventureira. A América aparece então cindida entre colônias do sul que se desenvolviam com base no trabalho escravo, valorização da grande propriedade e a maior rentabilidade possível, sem vista com disciplina ou racionalidade, enquanto nas colônias do norte o desenvolvimento se deu por meio de um processo de racionalização do ganho e da produção, de uma ética do trabalho e também dos negócios que visava o ganho, porém, não a qualquer custo. Aqui temos apresentado no caso americano a dicotomia weberiana de capitalismo aventureiro e capitalismo moderno, que, como dissemos acima, travaram uma batalha que alterou as estruturas do capitalismo aventureiro norte-americano.

Para lançar luz sobre a distinção desses dois desdobramentos e ressaltar as características do capitalismo moderno em detrimento das do capitalismo aventureiro, Weber utiliza mais uma vez Benjamin Franklin como exemplo. E aqui nessa descrição Weber nos

apresenta, de maneira sutil, uma América cindida entre dois tipos de capitalismo: o capitalismo das colônias sulistas, alienado à *auri sacra fames*, que tinha como base de seu desenvolvimento os meios de produção escravos, não tinha escrúpulos e pensava apenas na ganância do ganho econômico mais rentável, e que não passava pelo processo de disciplinarização do trabalhador, visto que as condições de trabalho eram compulsórias, e, ao norte, teria se desenvolvido, um capitalismo com maior grau de racionalização, mais rebuscado em sua forma de dominação e convencimento do trabalhador que exerce sua função de forma a se orgulhar de uma ética do trabalho. Ou seja, por um lado um capitalismo aventureiro e por outro um capitalismo racionalizado, mesmo apesar das poucas condições de desenvolvimento capitalista.

Weber se empenha também em tentar demonstrar que a perspectiva capitalista, inspirada pelo espírito do capitalismo moderno e atrelada à ética protestante, não se desenvolve apenas tendo em vista o ganho, mas forma alguns ideais de vida, que não se limitam à manutenção da força de trabalho ou a subsistência. O tripé do espírito do capitalismo apresentado por Weber com base nas seitas protestante é constituído pela ética do trabalho racional e planejado, lucro individual e, o muitas vezes esquecido, espírito coletivo, a preocupação com a humanidade e com a comunidade na qual o trabalhador está inserido - no caso, a comunidade religiosa-. Esse tripé final, que tem origens na ascese protestante que se preocupa com a comunidade é expresso, mais uma vez, por um exemplo tirado dos diários de Benjamin Franklin e serve para contrastar a visão que os europeus tinham desse espírito capitalista existente na América enquanto algo hipócrita ou meramente aparente que visava apenas o ganho, uma conduta eudemonista. Para termos noção disso, segundo Weber,

Basta ler, por exemplo, a descrição feita por Benjamin Franklin dos próprios esforços a serviço dos melhoramentos comunais da Filadélfia para apreender essa verdade palmar. E o júbilo e o orgulho de ter “dado trabalho” a inúmeras pessoas, de ter colaborado para o “florescimento” econômico da cidade natal, no sentido demográfico e mercantil que o capitalismo confere a esse termo — tudo isso faz parte, é claro, daquela alegria de viver que é específica do empresariado moderno e é de um matiz claramente “idealista”. E com igual clareza é uma das qualidades fundamentais da economia privada capitalista ser racionalizada com base no cálculo aritmético rigoroso, ser gerida de forma planejada e sóbria para o almejado sucesso econômico, contrariamente à existência do camponês, o qual leva a vida da mão para a boca, à rotina privilegiada do artesão das antigas corporações [e ao “capitalismo aventureiro”, orientado pelo oportunismo político e pela especulação irracional]. (WEBER, 2004:67)

Cabe aqui então introduzirmos a visão europeia do desenvolvimento do espírito capitalista americano tal como Weber coloca, mais uma vez, evidenciando o conflito entre o tradicional e o moderno. Essa discussão em sua obra é feita a partir da percepção alemã das máximas de Benjamin Franklin, do pensamento alemão e do próprio modo de vida daquele país. Weber coloca esse debate entre o tradicional e o moderno por meio de uma paródia

poética, feita por Ferdinand Krunberger, intitulada “*Cansado da América*”, e com esse texto nos chama atenção para o fato do autor em questão considerar, em seu “*retrato da cultura americana*”, esse tipo de prática exposto nas máximas como “(...) profissão de fé ianque” (WEBER, 2004:44), então na Alemanha o tipo de atitude proposta por Franklin era visto como algo tipicamente americano e contrastante com a cultura local, como na sátira de Krunberger. Ao discutir a percepção das máximas de Franklin e seu modo de vida pelos alemães, Weber irá colocar que elas eram vistas como “hipocrisias” das virtudes americanas. Como nas máximas do autor e político americano todas as virtudes se voltam para o ganho do dinheiro não seria necessária uma virtude real, mas apenas a aparência da virtude seria o suficiente para atingir o objetivo almejado: o ganho econômico.

Estranho e hipócrita, para os alemães em relação às máximas, seria a não necessidade de ser, por exemplo, honesto, mas apenas parecer honesto, pois essa aparência geraria o reconhecimento necessário para obter ganhos econômicos, o que nos possibilita ampliar a noção de aparência para uma noção de interesse. As ações executadas têm como objetivo o interesse nas vantagens econômicas que algo derivará, evitando o desperdício de energias. Mas onde os europeus percebiam hipocrisia das virtudes americanas e um simples utilitarismo, Weber percebeu que não era uma posição puramente “egocêntrica” de Benjamin Franklin, mas sim o *summum bonum* da ética do político americano, pois esse utilitarismo da aparência que visa o ganho estaciona exatamente na realização do ganho econômico, não se manifesta como luxo ou qualquer outro tipo de frugalidade. A passagem retirada do diário de Benjamin Franklin, onde aparece seu orgulho com o desenvolvimento de melhorias à cidade de Filadélfia, gerando empregos e ampliando o “espírito do capitalismo”, apresenta essa dupla tensão presente no “espírito” do capitalismo como descrito por Weber, flutuando entre o individualismo econômico que visa o lucro e certa preocupação com obras sociais. Devemos perceber que Weber considerava o capitalismo moderno, em sua origem, não necessariamente como uma atividade pura e simplesmente egoísta, visão corrente na sociedade tradicional Europeia.

A produção de uma imagem dos Estados Unidos dentro da Ética protestante não parte de um ponto zero da interpretação, pois está em discussão com as interpretações vigentes na Europa naquele período. O que podemos perceber é que Weber lança luz a certos aspectos da vida na colônia da Nova Inglaterra e também nos jovens Estados Unidos da América como exemplares para compreender melhor seu objeto de estudo, o que acabou plasmando certas visões de mundo sobre o que era a América antiga, e como a tradição americana constituiu a América atual. Tendo como base um referencial mais amplo, que inclui Inglaterra e Holanda,

o debate sobre o capitalismo mercantil na Itália renascentista e os aspectos luteranos e tradicionais na Alemanha, Weber foi elaborando as origens da forma como o capitalismo se desenvolveu no mundo moderno, e para isso a imagem que ele constrói dos Estados Unidos, sua viagem à América e a aparição do país em outros textos e contextos de sua obra, são importantíssimos para ir além do capitalismo, abordando a própria constituição do mundo moderno nas duas esferas que mais causam impacto na vida dos indivíduos modernos, que seriam as políticas e as econômicas. Nosso próximo passo será então compreender o quanto a *Ética Protestante* de Weber falava sobre a América contemporânea ao autor.

O capitalismo moderno e a imagem dos Estados Unidos

O mundo dos princípios do protestantismo e o moderno já não são os mesmos, mas esse mundo passado nos legou uma herança, conforme elabora Weber quando coloca os países de origem protestante como os que possuíram um desenvolvimento capitalista mais acelerado do que os que estavam calcados em outro tipo de tradição religiosa. Tanto que ele argumenta no início de seu capítulo sobre ascese e capitalismo que nos tempos modernos “já não somos capazes de fazer a menor ideia, os poderes religiosos que faziam valer nessa práxis foram plasamadores decisivos do ‘caráter de um povo’”. (WEBER, 2004:141). Porém, a aposta weberiana aponta, não podemos esquecer, que a tradição é responsável, pelo menos em parte, pela constituição do presente e esse é o motivo pelo qual ele coloca um movimento que renova a tradição em oposição ao tradicionalismo. O capitalismo teve desenvolvimento mais veloz onde o tradicionalismo teve menor força para combatê-lo, ou onde a tradição que estava sendo constituída era a tradição protestante, exemplo de Inglaterra e Estados Unidos, junto com Holanda.

Weber fecha a costura de seu ensaio retomando as hipóteses iniciais com as evidências apresentadas no corpo de sua pesquisa sobre o protestantismo puritano, onde fica bem esclarecido o desenvolvimento de uma ética vocacional metódica desenvolvida de maneira ampla pelas doutrinas protestantes que ele suscita e também um processo de racionalização da conduta da vida. Esses dois elementos aparecem como decisivos para forjar o espírito do capitalismo. O trabalho se volta então para três objetivos dentro da doutrina protestante, em ordem de importância: 1) a realização e melhoramento da obra de Deus, que seriam os critérios morais desse trabalho; 2) a contribuição que esse trabalho oferece para a coletividade e para o bem comum, com foco no produto do trabalho; e 3) A “capacidade de dar lucro”, lucro econômico e privado. O protestante não vê problema em ter ganhos com suas atividades, o problema é localizado no que fazer com esse ganho advindo de um trabalho lícito. Ao protestante é preferível que lide com o dinheiro de maneira moderada e sóbria, reinvestindo

para obter mais ganhos, ou poupando, não de forma a se tornar ocioso, mas de forma a não cair no gozo desnecessário.

Weber, ao tratar do trabalho especializado e vocacional, compreende não só os homens do passado, mas acaba por produzir uma interpretação das ações presentes, dos homens que em outros tempos por serem seguidores de uma doutrina religiosa se comportavam de certa forma, mas em sua contemporaneidade percebeu que aquela doutrina religiosa do passado constituiu um tipo de mentalidade mais ampla que é visível nos Estados Unidos da América até os dias de hoje. A cultura americana encarnou desde seus primórdios a ideia do *self-made man* e isso aparece na interpretação weberiana da seguinte forma:

Assim como o aguçamento da significação ascética da profissão estável transfigurará eticamente o moderno *tipo de homem especializado*, assim também a interpretação providencialista das oportunidades de lucro transfigura o *homem de negócio*. A posada lassidão do grão-senhor e a ostentação rastaquera do novo-rico são igualmente execráveis para a ascese. Em compensação, verdadeiro clarão de aprovação ética envolve o sóbrio *self-made man* burguês: *God Blesseth his trade* {Deus abençoa seu negócio} era a expressão usual quando alguém se referia àqueles santos que haviam seguido com sucesso os desígnios divinos, e todo o peso do *Deus do Antigo Testamento*, que remunerava a piedade dos seus já nesta vida, haveria de operar na mesma direção para o puritano que, seguindo o conselho de Baxter, controlava seu próprio estado de graça comparando-o com a constituição anímica dos heróis bíblicos e interpretava assim as sentenças da Bíblia “como parágrafos de um código de leis”. (WEBER, 2004:148-9)

Fica reforçada a ideia de uma vida moderada e que não possui grandes luxos, mas também fica evidente outro aspecto com o qual o protestantismo contribuiu para o “espírito” do capitalismo moderno: o individualismo. Por um lado, o protestantismo coloca a obra social em vista da coletividade como aprimoramento da obra de Deus na Terra, porém, junto disso aparece a necessidade do sujeito construir a si mesmo, colocar todo seu empenho para alcançar uma posição elevada, que no caso do protestantismo não é em nome de honrarias ou por uma vaidade individual, como no capitalismo moderno onde esses ganhos estão vinculados à noção de mérito, esforço próprio e merecimento. Na perspectiva protestante é caracterizada pela bem-sucedida perseguição dos “desígnios divinos”, a perseguição dos exemplos dados pelos heróis bíblicos. No capitalismo com o qual Weber teve contato durante sua viagem os elementos do protestantismo se introjetaram a ponto de não serem mais reconhecidos como raízes protestantes e a atividade econômica e ética do trabalho, segundo ele, no mundo moderno a necessidade de atribuição de sentido ao ganho e ao trabalho se torna algo secundário ou mesmo inexistente, por conta de sua naturalização.

Dessa forma o sujeito que possui uma conduta ascética não tem tempo para pequenas frugalidades, para desperdício de tempo ou para “conversa mole”, seu tempo deve ser metodicamente bem aproveitado com foco em ampliar seus ganhos e também a glória de Deus,

apenas deve ser feito aquilo que realmente valer a pena dentro dos direcionamentos morais impressos pela conduta ética pré-determinada na doutrina protestante seguida. Weber pondera que esse tipo de atitude acaba por produzir uma uniformização do estilo de vida, que no capitalismo é visto na *standartization* da produção que procura ampliar e otimizá-la, além de produzir trabalhadores eficientes e empenhados com seu trabalho de forma que esse pudesse ser o único motivo de suas vidas.

Percebemos que no capitalismo com o qual Weber teve contato durante sua viagem os elementos do protestantismo se introjetaram a ponto de não serem mais reconhecidos como raízes protestantes. A atividade econômica e ética do trabalho no mundo moderno, segundo ele, perderam a necessidade de atribuição de sentido, ocorrendo de forma naturalizada pela tão bem inculcada tradição protestante do passado que se disseminou na cultura de forma desvinculada da religião por meio do Espírito do capitalismo. Vocação profissional e vocação para o lucro se tornaram dois elementos que, de certa forma, constituem a segunda natureza do homem moderno. Ambas inculcadas, em boa parte, por uma conduta de vida protestante que se disseminou nos lugares onde o capitalismo acabou por vingar com maior velocidade. Weber encaminha-se para concluir seu ensaio demonstrando que essas características incutidas na mentalidade dos indivíduos e introjetadas em suas subjetividades por meio do protestantismo passou a não carecer mais dele, pois o que era a escolha protestante de outrora se tornou a condição do mundo capitalista moderno, então seria indispensável viver para uma vocação e também ter o lucro como finalidade. Weber pontua que na modernidade o capitalismo não carece mais de seus suportes, suas muletas. No caso americano, quando fala do emblemático receptáculo de aço – que se tornaram os bens materiais e a esfera econômica de forma mais ampla – onde vive o homem moderno é muito provável que o velho espírito do capitalismo já tenha fugido da jaula e deixado o homem sozinho. A tradição que tinha fortes conflitos com o capitalismo já não existe mais, aquilo que contribuiu para a ascensão de um espírito capitalista se tornou tradição, pelo menos na América, mas mais que isso, a própria forma de agir que o espírito promovia se tornou um hábito humano. Weber lança mão dos Estados Unidos uma última vez ao descrevê-lo como local onde o capitalismo já pode viver sem espírito, pois compreende, a partir de sua viagem, que nos Estados Unidos o ganho se aproxima de “paixões puramente agonísticas que não raro lhe imprimem até mesmo um caráter esportivo” (WEBER, 2004:166), que fica retratado na disputa incessante entre *self-made men* tentando se colocar na melhor posição possível dentro dessa maquinaria capitalista.

2.3 SEITAS PROTESTANTES E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO: UM RELATO HISTÓRICO

Após sua viagem à América, em 1905, Weber além de retomar seu projeto d'*A ética protestante e o "espírito"* do capitalismo, também elaborou um texto, que tinha como base sua experiência de viagem, chamado *Igrejas e seitas na América do norte: um esboço sócio-político eclesiástico*, e que recebeu em sua versão final o título *As seitas protestantes e o espírito do capitalismo*. Esse trabalho reforça a importância que teve a viagem à América e o papel que o país ocupava em sua obra para a representação do capitalismo moderno. Nesse trabalho apareciam além de uma demonstração das teses presentes na *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*, também uma tentativa de compreensão das relações capitalistas e sociais com base na formação protestante do país. Weber vislumbra, como citado no trecho de Marianne Weber acima, seu objeto em ato, de forma que os Estados Unidos se tornam uma representação histórica de onde o protestantismo agiu de forma mais latente em relação com o capitalismo. Mas mais que isso, Weber tenta demonstrar como as seitas e igrejas protestantes contribuíram para a constituição de formas de agir para além das relações capitalistas, constituindo mecanismos de reconhecimento e de agir político-social, enraizando uma cultura distinta da cultura Europeia. Weber faz então uma comparação entre América e Alemanha onde

[...] a filiação às Igrejas, nos Estados Unidos, encerra ônus financeiro incomparavelmente maior, especialmente para os pobres, do que na Alemanha. Os orçamentos familiares conhecidos mostram isso, e travei contato pessoal com muitos casos desses, numa congregação de uma cidade do lago Erie, quase que inteiramente composta de imigrantes alemães. Suas contribuições regulares para finalidades religiosas equivaliam a 80 dólares por ano, retirados de uma renda anual de aproximadamente 1.000 dólares. Todos sabem que mesmo uma pequena fração desse ônus financeiro levaria, na Alemanha, a um êxodo em massa da Igreja. Mas, à parte isso, ninguém que visitasse os Estados Unidos 15 ou 20 anos antes, isto é, antes de iniciada a recente europeização do país, poderia ignorar a intensidade da participação nas Igrejas que então predominava em todas as regiões ainda inundadas de imigrantes europeus.* (WEBER, 1982:347-8)

A América nesse período, segundo Weber, possuía um baixo índice de não religiosos: 6%. E isso mesmo com os ônus financeiros que eram causados pela participação religiosa. O que interessará para Weber não serão tanto os aspectos de ganhos financeiros que as igrejas propiciavam aos fiéis, mas um outro tipo de ganho que a participação religiosa garantia aos indivíduos: o ganho de crédito. Na América, Weber percebeu que existia uma questão comum que vinha da história longínqua e permanecia viva naquele momento, que seria a pergunta sobre a igreja a qual o indivíduo era ligado. Essa pergunta, que se tornou espécie de tradição, não era desinteressada, como também não é o esforço de Weber para demonstrar, por meio de exemplos, o peso que a religião possuía em relação ao ganho de crédito, econômico e social, de forma que "Se examinarmos mais atentamente a questão nos Estados Unidos,

veremos facilmente que a questão da filiação religiosa era quase sempre formulada na vida social e na vida comercial que dependiam de relações permanentes e de crédito” (WEBER, 1982:348). Assim o autor vai para suas percepções e experiências de viagem para reforçar o argumento que está desenvolvendo.

Suas percepções de viagem nos são passadas pelos três exemplos usados: uma conversa de trem, um atendimento médico e um batismo. No primeiro caso, Weber rememora uma frase que ouviu de um caixeiro viajante em uma viagem de trem em Oklahoma, que demonstra a importância que era dada à filiação religiosa: “Senhor, de minha parte, quem quiser pode acreditar ou não; mas se eu visse um agricultor ou um comerciante que não pertencesse a nenhuma Igreja, não lhe daria crédito de cinquenta centavos. Por que me havia de pagar, se não acredita em nada?” (Ibid., 349). No segundo caso, durante o atendimento médico, Weber ficou surpreso com uma declaração de um paciente ao médico; ele dizia fazer parte da Igreja Batista, como se isso auxiliasse no caso que estava sendo tratado, mas a justificativa, mais uma vez, é dada por um colega de Weber, que presenciava a situação: “Este, sorrindo, disse que a declaração do paciente sobre a Igreja a que pertencia queria simplesmente dizer: “Não se preocupe com os honorários”. Mas por que deveria significar exatamente isso? Talvez isso se torne ainda mais claro com um terceiro acontecimento” (Ibid., 349). A religiosidade, naquele local, mais uma vez expressava a fama de bom pagador, como no primeiro exemplo. O último caso é um pouco mais extenso e gostaríamos de tratar dele em um momento posterior, já o relacionando com o romance de Kafka diz respeito ao batismo de um indivíduo, na Carolina do Norte, que tinha interesse em abrir um banco, e participando da Igreja aumentaria sua cartela de clientes e além disso “A admissão à congregação é considerada como uma garantia absoluta de qualidades morais, especialmente as qualidades exigidas em questões de comércio” (Ibid., 350). Complementando essa afirmação e sua tese sobre o capitalismo moderno, no mesmo parágrafo o autor ainda conclui que “Em geral, apenas tinham êxito nos negócios os homens que pertenciam às seitas batista, metodista ou outras semelhantes” (Ibid., 350).

O que está se elaborando aqui, para além de uma teoria que procura compreender a formação do capitalismo moderno, é, no caso específico dos Estados Unidos, uma teoria sobre a atribuição de valores e qualidades individuais, onde participar de uma seita religiosa significa ser dotado de certas qualidades e conferido de certo crédito social que produz uma rede de confiança que valoriza certos sujeitos em detrimento de outros. Mas o ganho de prestígio social não é automático (ingresso na seita = ganho de prestígio). O próprio Weber pondera que participar de uma seita passa por um processo de seleção e avaliação prévia, onde “Decisivo era o fato de que uma seita de reputação só aceitaria como membro a pessoa cuja ‘conduta’ a

tornasse moralmente em condições disso, fora de qualquer dúvida” (Ibid., 351). Então, a participação na seita vem coroar uma prática que já era anterior mesmo ao ingresso a esse grupo seletivo, fazendo com que o ingressante participe de uma dinâmica de reconhecimento e distribuição de prestígio.

Dessa forma o autor terá a preocupação em pensar como a seita e as igrejas se distinguem, considerando que as seitas tiveram maior espaço na América exatamente pela inexistência de uma igreja oficial e também de um contexto onde foi pregado, durante bom tempo, a liberdade religiosa e um país que era refúgio de perseguidos religiosos na Europa. A distinção entre a Igreja e a Seita se apresenta da seguinte maneira:

É importante que a participação numa seita significasse um certificado de qualificação moral e especialmente de moral comercial para a pessoa. Isso contrasta com a participação numa “Igreja” na qual a pessoa “nasce” e que permite que a graça brilhe igualmente sobre o justo e o injusto. Na verdade, uma Igreja é uma corporação que organiza a graça e administra os dons religiosos da graça, como uma fundação. A filiação a uma Igreja é, em princípio, obrigatória e portanto nada prova quanto às qualidades dos membros. A seita é, porém, uma associação voluntária apenas daqueles que, segundo o princípio, são religiosa e moralmente qualificados. Quem encontra a recepção voluntária da sua participação, em virtude da aprovação religiosa, ingressa na seita voluntariamente. (WEBER, 1982:351)

Nesse sentido está posta uma diferença entre ser e se tornar. A igreja está baseada na lógica da origem, do nascimento. Se pertence à igreja a partir do momento que se nasce dentro de uma tradição e as visões de mundo e os valores instituídos por ela estão postos. Enquanto as seitas possuem uma lógica distinta, que é a da participação e do ingresso, da qualificação necessária para fazer parte. Junto disso há também o vir a fazer parte que possui certa afinidade até mesmo com o viver na América, que diz respeito a um tornar-se americano e abandonar suas origens, característico com o ganho e prova de certas qualidades morais para a sociedade em questão. Se constrói na lógica da seita uma espécie de voluntarismo e voluntariedade, que tem relação com as escolhas a serem feitas pelos indivíduos. Mas a relação de perda de prestígio é relativamente semelhante. Se participar de uma seita diz respeito à certa trajetória percorrida, certos hábitos adquiridos e condutas executadas, a exclusão significa a perda de crédito econômico e social, da mesma forma que “a exclusão de uma Igreja, por motivos de ofensas morais, significa economicamente, a perda de crédito e, socialmente, a perda de classe” (Ibid., 351). Junto à religião se produz uma espécie de ética que guarda afinidade com práticas econômicas, mas que se espalham para outras esferas da vida como a social e política, como Weber tentará demonstrar em seu ensaio.

O que está sendo apontado aqui por Weber é um movimento de participação de indivíduos em dados grupos que é efetuado por meio de votação destes e de um exame de comprovação ética das virtudes necessárias. Mas como é comum na análise weberiana, ela parte

da religião para compreender algo que foi se secularizando na sociedade e formando práticas comuns para além da vida religiosa. Então, olhando para os Estados Unidos, Weber percebe que essa prática de entrar em grupos para ganhar distinção era algo comum que em

Um exame mais detalhado revela o constante progresso do processo característico de “secularização”, a que, nos tempos modernos sucumbem todos os fenômenos que se originam em concepções religiosas. Não só as associações religiosas, e daí as seitas, tiveram esse efeito na vida americana. As seitas exerceram sua influência em proporção constantemente decrescente. Se atentarmos bem, será notável observar (mesmo há 15 anos) que um número surpreendentemente maior de homens entre as classes médias americanas (sempre fora das áreas metropolitanas bastante modernas e dos centros de imigração) usavam um pequeno distintivo (de cor variada) na lapela, que lembrava a roseta da Legião de Honra francesa. (WEBER, 1982:353)

Esse tipo de participação em clubes, associações e seitas, acaba produzindo um tipo de relação distinta entre os membros, uma relação de contribuição mútua, de forma semelhante àquele trabalho social protestante que tem como preocupação o seu meio social e a realização da obra de Deus no mundo. Mas aqui se produz uma lógica de fraternidade que é descrita pelo autor da seguinte maneira:

[...] Mas com frequência, e especialmente nas áreas menos tocadas pela desintegração moderna, a associação oferecia ao membro o direito (ético) de ajuda fraternal por parte de todos os irmãos que tivessem meios. Quem enfrentasse uma emergência econômica pela qual não era responsável, poderia reivindicar essa assistência. E, em vários casos de que tive notícia na ocasião, tal reivindicação seguia também o princípio *mutuum date nihil inde sperantes*, ou pelo menos cobrava-se uma taxa de juro muito baixa. Evidentemente, a prestação dessa assistência era voluntariamente reconhecida pela irmandade. Além disso — ponto principal no caso — o ingresso na associação era obtido por votação, depois de uma investigação e uma determinação do valor moral. Por isso, o distintivo na lapela significava: “Sou um cavalheiro certificado depois de uma investigação e um período de observação e garantido pela minha participação nesta fraternidade”. E isso significava, principalmente na vida econômica, um crédito garantido. Podia-se observar que as oportunidades comerciais eram, com frequência, influenciadas de forma decisiva por essa legitimação. (WEBER, 1982:353-354)

Essas associações, que possuem certa afinidade com a dinâmica das seitas, acabam por contribuir para a disseminação do *ethos* econômico burguês e capitalista pela classe média, pois, ao oferecer certas vantagens aos seus integrantes, ela pressupõe uma certa conduta prévia e um modo de ser e agir que se volta não apenas para o desenvolvimento individual, mas também para uma dinâmica de crescimento e prosperidade dos integrantes do grupo, da comunidade. Por fim, esses clubes ocuparão uma importância crucial na vida da classe média e da burguesia norte-americana, que seria exatamente o recorte e a preocupação nos dois estudos de Weber sobre o protestantismo. A centralidade desses clubes como mecanismos de atribuição de crédito, prestígio e legitimação da trajetória percorrida é tamanha que o sociólogo afirma que

Toda a vida de um ianque típico da última geração era levada através de uma série dessas associações exclusivas, começando com o Clube dos Rapazes, na escola, passando depois para o Clube Atlético ou a Sociedade de Letra Grega ou a qualquer outro clube estudantil, em seguida para um dos numerosos clubes notáveis de homens

de negócios e da burguesia, ou finalmente para os clubes da plutocracia metropolitana. A admissão equivalia a um bilhete de ascensão; significava que o candidato se havia “provado a si mesmo”. Um aluno de universidade que não fosse admitido em nenhum clube (ou sociedade) era habitualmente uma espécie de pária. (Tive informações de suicídios provocados pela recusa à admissão.) O homem de negócios, o funcionário, o técnico, ou o médico que tivessem o mesmo destino eram considerados, habitualmente, como de capacidade duvidosa. (WEBER, 1982: 355)

A participação de clubes é a forma secularizada da participação de seitas religiosas ou mesmo de uma igreja. O ponto para Weber é que a participação nesses grupos pode levar a um ganho financeiro, pois, participando dessas associações se ganha crédito, prestígio e honras sociais. Essas honrarias não são compradas pelo dinheiro, mas contribuem para o ganho deste. Pensando nessa lógica, Weber faz uma distinção dessas associações na Europa e na América. No contexto europeu há a possibilidade de ascensão social para adquirir títulos de nobreza e propriedades, que irão contribuir na produção de uma herança para as gerações futuras. Na América o ganho das honrarias e a participação em grupos de distinção é mais valorizado quando oriundo de um esforço individual, remetendo à lógica do *self-made man* que também aparece n’*A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*.

A preocupação que Weber atribui às associações extravasa para além do plano microsocial das relações individuais dos participantes destas, se tornando importante para a constituição da democracia do país. Olhando para o fenómeno da democracia americana, no passado e no presente, ele afirmará que “uma das características da democracia especificamente americana era precisamente a de que ela não constitui um monte informe de areia, composto de indivíduos, mas um animado complexo de associações rigorosamente exclusivas, embora voluntárias” (WEBER, 1982:356). Weber está olhando nesse momento para um sistema associativo e voluntarista existente nos EUA que faz com que a democracia exista mesmo fora do sistema partidário ou da estrutura do Estado, como se a democracia se apresentasse mais que como um momento ou instituição, mas como uma forma de agir associativista e voluntarista, que guarda grande relação com a tradição das seitas, sobretudo as batistas, que possuem um sistema democrático de decisão. Mas para além disso, o complexo de associações rigorosamente exclusivas, embora voluntárias, também contribui para a regionalização da solução de problemas locais por meio das próprias associações que possuem autonomia para agir e se preocupam com o cuidado do espaço ocupado por aqueles que fazem parte da associação e são vistos como iguais.

Além desse aspecto democrático e político que Weber atribui às associações, ele também irá apresentar outros pontos que estão ligados com a ascensão individual na sociedade americana. Participar de uma associação é sinónimo de ser um cavalheiro e é também um

facilitador. Para ressaltar esses aspectos o autor chama atenção para a importância que os alemães davam para as associações:

[...] quem desprezasse as associações, como era habitual entre os alemães, *** tinha de trilhar o caminho difícil, especialmente na vida econômica. (***) Note-se, porém, o que dissemos acima. O ingresso num clube americano (na escola ou posteriormente) é sempre o momento decisivo para a perda da nacionalidade alemã.) (WEBER, 1982:357)

Somado a esse caminho facilitador, o autor nos apresenta outro elemento de que já tratamos aqui, que consiste em se tornar um igual, de perder sua nacionalidade originária e integrar a cultura americana, podendo se tornar um americano. Essas participações em determinados clubes ou espaços sociais vão ofertando uma nova identidade aos indivíduos, que passam a se voltar para os assuntos locais e vão apagando os vínculos passados, se colocando em contato com o seu presente e com as responsabilidades que essas associações lhe atribuem, lhe emprestando uma forma de ser e agir no mundo. Dessa forma, Weber vai, em sua narrativa, demonstrando o ponto de início desse fenômeno nas seitas protestantes, sobretudo nos Estados Unidos, e como ela vai se espalhando para clubes e associações e se tornando uma lógica local que envolve participação, qualificação e disciplina como elementos decisivos para se tornar um cidadão americano e um sujeito bem visto pela sociedade. Essa forma de inserção e participação em grupos que atribuem prestígio e instituem uma sociedade de iguais produz uma ética que deve ser seguida e respeitada.

Weber pensa então em três princípios que são essenciais nessa dinâmica de participação das seitas e das associações: 1 – princípio voluntarista; 2 – princípio da soberania da comunidade sacramental local; e 3 – da disciplina moral extraordinariamente rigorosa. O princípio voluntarista, presente nas seitas protestantes, faz oposição à associação compulsória das igrejas, sendo assim a escolha de participação é do indivíduo, que se esforça para integrar certo grupo e alterar sua conduta para realizar isto. O segundo princípio diz respeito às realizações locais de que falávamos, os pequenos grupos e as seitas possuem certa autonomia para ditar suas regras e executar as tarefas e solucionar problemas de forma que atenda os interesses locais da comunidade. No que diz respeito ao terceiro princípio, percebe-se, como dito n’*A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, que a religião protestante torna a disciplina e o controle sob a vida dos fieis não mais frouxa, mas muito mais rígida e rigorosa, de forma que o processo de seleção daqueles que se submetem a entrar nas seitas é extremamente minucioso, pois a ideia é formar uma sociedade de seletos. Por mais que elas causem um impacto enorme para fora de suas fronteiras, com trabalhos locais e cuidados que privilegiem a comunidade local, a lógica interna do grupo, apesar de democrática, é extremamente rígida e disciplinar, extravasando o sentido da salvação individual.

Há, além disso, a necessidade da manutenção da autoimagem para o grupo no qual os indivíduos vão se inserindo (seja para a facilitação da vida econômica, pela convicção e concordância com os valores pregados ou qualquer outro tipo de motivação que leve os indivíduos a integrarem as seitas, os clubes e as associações). O ponto de Weber é que as qualidades exigidas pelas seitas para nelas ingressar contribuem para a formação do espírito do capitalismo. Esse processo de manutenção das qualidades exigidas – qualidades que são decididas por aqueles que são integrantes do grupo formado – efetua uma provação contínua dos sujeitos. A partir disso, Weber compreende que o protestantismo é um dos maiores, se não o maior, contribuinte para o ascetismo intramundano, uma forma de agir que ganha maior ênfase na modernidade e é decisiva para a constituição do capitalismo, pois acaba por produzir uma ética a ser seguida e também disciplina indivíduos para agir no capitalismo. O que há de mais importante nas seitas e clubes, então, é a capacidade que elas dispõem de tornar uma forma de agir desejável ou execrável. Sendo assim, o autor resume a perspectiva que possui sobre a importância das seitas para o mundo moderno e para o espírito do capitalismo da seguinte forma:

Repetimos: não é a doutrina ética de uma religião, mas a forma de conduta ética a que são atribuídas recompensas que importa.³⁵ Essas recompensas funcionam na forma e na condição dos respectivos bens de salvação. E essa conduta constitui o *ethos* específico de cada pessoa, no sentido sociológico da palavra. Para o puritanismo, tal conduta era um certo modo de vida, metódico, racional que — dentro de determinadas condições — preparou o caminho para o “espírito” do capitalismo moderno. As recompensas eram atribuídas a quem se “provava” perante Deus, no sentido de alcançar a salvação — que se encontra em todas as seitas puritanas — e “provar-se” frente aos homens no sentido de manter a posição social dentro das seitas puritanas. Ambos os aspectos foram mutuamente suplementares e funcionaram no mesmo sentido: ajudaram ao nascimento do “espírito” do capitalismo moderno, seu *ethos* específico: o *ethos* das classes médias burguesas modernas. (WEBER, 1982:368-9)

Essa dinâmica das seitas, presente também em clubes e associações, como demonstrado no início do ensaio de Weber, é base da formação da América, de forma a elaborar condutas localizadas e seleção de indivíduos crentes e expulsão de réprobos. Essa formação aprofunda um tipo de individualismo – vista no sujeito que vai se qualificando para ingressar no grupo – e também um dinâmica de grupo de seletos, que inclui os qualificados e exclui aqueles que não são vistos como fiéis, santos ou suficientemente qualificados. A lógica não é a da fraternidade e da igualdade ampla e irrestrita, mas atende uma dinâmica que vê uns mais iguais do que outros e também uns mais corretos que outros, principalmente quando a avaliação passa pela conduta e pelo respeito à uma ética pré-estabelecida. É uma forma de organização social que pressupõe democracia em pequena proporção e igualdade dentro dos grupos, mas por outro lado é extremamente controladora para manter a coerência com as normas. Isso cria dois efeitos, uma imagem de liberdade para escolher participar ou não de tais organizações,

visto que a participação é voluntária, mas um cerceamento de liberdade em troca de igualdade por ser extremamente necessário seguir as regras estabelecidas e executar a manutenção do prestígio e qualificações necessárias para ingressar no grupo, sendo então um grupo menos tolerante com a diferença ou a quebra da norma.

Weber finaliza seu ensaio resumindo quais seriam as consequências do desenvolvimento de um espírito do capitalismo em comparação com as guildas do renascimento e da idade média. Esse último seria responsável por uma organização do trabalho extremamente necessária ao capitalismo, mas o primeiro seria responsável pela formação de um *ethos* capitalista e burguês, que como pudemos perceber pela introdução de seu ensaio e pelos exemplos utilizados pelo autor, se desenvolve com maior fôlego nos Estados Unidos da América, por conta de sua formação protestante e das derivações e importâncias que ganharam os clubes e associações naquele país, pelo menos a partir da interpretação weberiana. Então Weber fecha seu ensaio da seguinte forma:

As seitas, por sua vez, uniram os homens através da seleção e criação de companheiros crentes eticamente qualificados. Sua participação não se baseava no aprendizado ou nas relações familiares com os membros tecnicamente qualificados de uma ocupação. A seita controlava e regulamentava a conduta dos membros exclusivamente no sentido da proibição formal e do ascetismo metódico. Não tinha a finalidade de uma política de subsistência material que prejudicasse uma expansão na luta racional pelo lucro. O êxito capitalista do membro da guilda solapou o espírito desta — como acontecera na Inglaterra e França — e daí ser desprezado o êxito capitalista. Mas o sucesso capitalista de um irmão de seita, se conseguido legalmente, era prova de seu valor e de seu estado de graça, e aumentava o prestígio e as possibilidades de propaganda da seita. Tal êxito era, portanto, bem recebido, como o mostram as várias afirmações citadas acima. A organização do trabalho livre em guildas, na forma medieval ocidental, foi, sem dúvida — e muito contra a sua intenção — não só uma dificuldade, mas também uma precondição para a organização capitalista do trabalho, que talvez fosse indispensável. Mas a guilda, decerto, não pode dar origem ao moderno *ethos* capitalista burguês. Só o modo de vida metódico das seitas ascéticas poderia legitimar e colocar um halo em torno dos impulsos econômicos “individuais” do *ethos* capitalista moderno. (WEBER, 1982:369-370)

3. PONTES ENTRE WEBER E KAFKA

3.1 O OLHAR ESTRANGEIRO: EXPERIÊNCIAS DE WEBER E ROSSMANN NA AMÉRICA

Se procurarmos relações de afinidade entre a obra de Kafka e Weber com relação à América devemos olhar não exatamente para os autores, por mais que essa análise também seja importante e seja o que fizemos até aqui, mas devemos neste momento fazer um movimento um pouco diferente: observar correlações entre a experiência de Weber e de Karl Rossmann na América. Kafka nunca esteve nos Estados Unidos da América, porém, produziu um romance que nos oferece um tipo de interpretação sobre alguns aspectos daquele país; Weber, como já dissemos, permaneceu 7 meses em terras americanas no ano de 1904, o que ofereceu importantes contribuições para sua obra dali para frente. O que propomos nesse tópico é levantar as experiências pelas quais passaram Max Weber e Karl Rossmann, de forma a compreendê-las enquanto pertencentes a estrangeiros e traçarmos alguns paralelos possíveis. Percebemos que existem alguns temas comuns em suas experiências, sendo que “comuns”, aqui, está vinculado às suas percepções de alguns fenômenos: suas relações com essa vida na metrópole, com experiências com a alta industrialização e mecanização, a falta de uma zona “rural”, a viagem ao Oeste e o contato com movimentos grevistas.

O que propomos aqui, então, é traçar paralelos entre dois tipos de objetividades distintas de dois estrangeiros; Weber é um cientista, que vai até a América com seus olhos treinados para ver aquilo que considera seu objeto; Karl Rossmann, por outro lado, é a representação de um estrangeiro como nos apresenta Georg Simmel em seu ensaio “*O estrangeiro*”, o personagem do romance possui certa objetividade pois não partilha dos valores daquele espaço, seu olhar é mais suscetível a tudo aquilo que vê de forma peculiar, e inserido em um novo mundo há muito de peculiar a ser visto e muito sobre o que se produzir julgamentos. A tarefa é relativamente complexa por sairmos até mesmo do âmbito da obra de Weber e olharmos mais para as cartas e relatos do autor enquanto viajava²², para cruzarmos com as experiências de um personagem ficcional, o que pode, inclusive, reforçar o potencial interpretativo da obra de Kafka que, sem nunca ter estado lá e sem ter nenhuma pretensão de realismo ou reflexo da América em sua obra, executou uma descrição realista e que levantou temas extremamente pertinentes ao período histórico.

Karl Rossmann e Max Weber desembarcaram no mesmo porto na cidade de Nova York, na Ellis Island. Nesse ponto ambos presenciaram uma chegada grande de europeus à

²² Esses estão contidos na obra *Max Weber in America*, de Lawrence A. Scaff.

América, o que caracteriza um grande fluxo de imigração para aquele país. Os personagens com quem Karl se relaciona durante o romance são, em sua maioria, imigrantes – Delmarche (França), Robinson (Irlanda), Jakob, foguista, cozinheira-mor (Alemanha), Therese (Pomerânia), Giacomo (Itália), funcionários do navio (Alemanha e Romênia), Pollunder, Klara, Mak, Green, Renell (EUA), camareiro-mor (Húngria) –. Aqueles que não são estrangeiros, com exceção de Renell, não são necessariamente trabalhadores, mas estão bem estabelecidos em classes abastadas – ser americano não é necessariamente o único caminho para fazer parte dos abastados, outra forma de traçar esse caminho é se tornar um americano pelo hábito, como fez Jakob, que se considera americano e também tem uma vida bem sucedida. Para voltarmos ao aspecto da imigração gostaríamos de ressaltar uma conversa entre o Jakob e o Capitão do navio no qual Rossmann havia chegado, eles discutiam sobre “o intercâmbio de professores universitários”, tema importante, pois naquele período realmente havia chegada de alguns professores da Alemanha na América e o próprio Max Weber foi convidado por estes que ali estavam, para participar de um congresso em St. Louis, que contaria também com a presença de outros vários professores germânicos²³. Pensamos então em duas frentes: 1- a experiência de Karl Rossmann que mostra relacionamentos dele com imigrantes tentando construir uma vida nova em uma nova pátria; 2- a experiência de Weber como um pesquisador que percebe essa organização de pequenos grupos e colônias alemãs – que fez questão de visitar durante sua estadia na América –, mas também participando desse intercâmbio cultural promovido pelas universidades e pelo contato com aquele novo país.

Podemos dizer que existe uma certa preocupação com o tema da imigração tanto na obra de Kafka quanto na experiência de viagem de Max Weber e Marianne Weber. Kafka logo no segundo capítulo demonstra uma preocupação muito válida e sensível com relação ao tema e externa através do narrador:

[...]Onde teria ele sido obrigado a morar, se tivesse desembarcado em terra como humilde imigrante? Bem, talvez nem tivessem permitido sua entrada nos Estados Unidos da América, o que o tio considera inclusive muito provável, dado o seu conhecimento das leis de imigração – tê-lo iam enviado para casa, sem se preocuparem com o fato de que ele não tinha mais uma pátria. Pois aqui não se devia esperar por compaixão, e era totalmente correto o que Karl tinha lido a esse respeito sobre a América: só os felizardos pareciam desfrutar verdadeiramente de sua felicidade entre as faces despreocupadas em seu entorno. (KAFKA, 2012: 43)

Podemos perceber que quando ele fala de felizardos ele não está se referindo a pessoas que possuem alguma rede de relacionamento minimamente bem estabelecida naquele país, e conseguem chegar com certa estabilidade para poder construir uma vida que já não é do

²³ Troelsch, Brentano, Tonnies entre outros.

zero, possuindo alguns pontos de apoio. Façamos um breve comparativo de experiências estrangeiras; Karl tinha seu tio como ponto de apoio para que o ajudasse a se inserir na sociedade norte-americana, quando olhamos para a vida de seu tio percebemos que algo muito distinto acontece, Jakob chegou nesse novo país sozinho e construiu a si mesmo. Aparece aqui, em certa medida, uma primeira interpretação da imigração com relação ao sonho de se auto-realizar e mudar sua vida, construir uma nova, que entra em tensão com uma segunda, que seria a da imigração enquanto a realidade daquele que ainda não possui um lugar no mundo, e que conseqüentemente corre o risco de ser rebaixado ou mesmo de ser inserido como engrenagem em um sistema ausente de condição para reivindicar condições melhores de vida. Podemos vislumbrar essa situação no capítulo do Hotel Occidental, onde a maioria dos personagens do hotel são imigrantes e trabalhadores, e se formos um pouco mais distante no enredo podemos pensar um capítulo que trata da tentativa de assimilação dos excluídos, que consistem naqueles que vão para o Teatro Oklahoma, onde encontram um lugar, em terras que ainda estavam para ser habitadas e estavam sendo assimiladas pelo território norte-americano no período em que Kafka escrevia, sendo algumas territórios indígenas, o que aparece também na palestra ministrada por Weber no congresso de St. Louis *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha*, assunto que voltaremos mais adiante.

Se olharmos da perspectiva de viagem de Marianne e Max Weber, essa questão da imigração aparece de forma muito semelhante. Olhemos para a seguinte passagem da biografia de viagem feita por Lawrence A. Scaff:

Mas Marianne salvou seu longo e substantivo comentário para uma para uma das duradouras questões de políticas sociais que seria recorrente em sua viagem: imigração. Essa era uma preocupação clara, levando em consideração as circunstâncias da embarcação. Tendo observado os quartos apertados dos imigrantes da Europa Oriental, todos juntos “como ovelhas na charneca”, ela percebeu que o custo relativo do cruzamento do Atlântico significava poucos privilegiados vivendo às custas de outros – “realmente terrível,” se queixou, e “a isso deveria ser dada atenção pública” (August 24; MWP). A luta dos imigrantes e as condições de vida abaixo do padrão nas comunidades imigrantes estava recebendo atenção em algumas partes dos Estados Unidos, como ela logo descobriria. (SCAFF, 2011:26) (Tradução minha)

A descrição de Marianne cria aqui um ponto de contato e uma preocupação comum que passava não apenas pelo pensamento de Kafka e Weber, mas algo que era uma questão latente daquele período, tal que ganha forma literária no texto de Kafka e atenção nos relatos de viagem de Marianne e Max Weber, que presenciaram as baixas condições e desvalorização dos imigrantes naquele país – que se apresentava como uma terra de novas oportunidades. As duas apresentações da imigração compreendem e marcam que este é um problema que deve receber especial atenção, a simples presença e chegada à América chama atenção para esse

problema social, de forma que ambas as perspectivas estrangeiras, fictícia e objetiva científica, contemplam esse problema social de alguma forma em suas representações.

Essa preocupação com a condição daqueles que vem de fora, não era a única similitude de viagem existente entre os Webers e Karl Rossmann. Temos também as experiências sensoriais colocadas a todos aqueles que são estrangeiros em uma nova terra. Ser estrangeiro é praticamente um exercício antropológico onde tudo é novo e muito nos chama atenção por conta de nossa curiosidade. É uma atitude comum se deslumbrar com a nova paisagem que está a frente de nossa vista, sobretudo quando é algo tão gigantesco como a *skyline* americana, que tanto para Karl quanto para Weber, era algo extremamente novo, visto que na Europa não haviam arranha-céus daquela magnitude. Na descrição do romance de Kafka aparece o impacto das grandiosidades americanas em alguns momentos. Ao chegar no porto de Nova York e se deparar com a estátua de liberdade, que empunhava uma espada no lugar de uma tocha, Karl pensava: “‘Tão alta’ disse consigo, e como nem pensasse em sair dali, ia sendo lentamente empurrado até a borda do navio pela multidão cada vez mais numerosa dos carregadores que desfilavam diante dele” (KAFKA, 2012:13), essa grandiosidade não aparece apenas uma vez no romance, ao mesmo tempo que paralisa ela também causa um outro efeito, que seria uma espécie de cosificação, como podemos ver na descrição onde Karl vislumbra a *skyline* de Nova York pela primeira vez: “Por trás de tudo isso, porém, estava Novayork a contemplar Karl com as cem mil janelas de seus arranha-céus. Sim, nessa sala sabia-se exatamente onde se estava” (KAFKA, 2012:22). O impacto da novidade e também da magnitude dos elementos na paisagem produzem a inversão do observador em observado, onde as janelas olham para Karl e não Karl para as janelas, um efeito que pode ser interpretado de diversas maneiras, se olharmos para o desenrolar da história, como, por exemplo, um indício de que por mais que Karl seja o agente de suas ações, as consequências nunca são as quistas, e a própria paisagem possui uma vida própria, algo que aparece como uma certa ideia de coisificação, que podemos ver como que inserida na lógica do *quid pro quo* de que nos fala Marx no primeiro capítulo d’*O Capital*, onde há uma inversão de valores entre o homem e o fruto de seu trabalho, tornando o criador em uma criatura e criatura em criador. Aqui Rossmann deixa de ser observador e passa a ser o observado pelos próprios prédios, assim Karl sempre é dominado pela situação, mesmo quando tenta tomar as rédeas dessa.

Já no caso do casal Weber essa experiência de chegada é marcada com algumas diferenças. Não apenas como um turbilhão de sensações, mas por algumas observações que eram interesse de pesquisa de Max Weber, onde Scaff deflagra o seguinte:

[...] os dias de chegada ofereceram um pouco mais do que um turbilhão de primeiras impressões: os contrastes econômicos e étnicos, a compressão de diferentes nacionalidades, as mansões dos ricos pela Quinta Avenida, as condições pobres e barulhentas das ruas da cidade (confirmando o aviso presente no guia Baedeker), o oásis de calma no Frederick Law Olmsted's Central Park (devidamente notado pelos Webers como uma lembrança do Jardim zoológico de Berlin), o celebrado Greenwood Cemetery no Brooklyn, e a bolsa de valores de Wall Street. [...] (SCAFF, 2011:27) (Tradução minha)

Aqui temos alguns elementos que chamaram atenção do casal Weber em sua primeira passagem por Nova York, que são muito característicos da cidade americana, e tanto cultural quanto urbanisticamente, aparece um belo resumo da cidade, que não se limita a essas primeiras impressões e a essa lista de monumentos e lugares visitados. Essa passagem por Nova York se converte em uma descrição um pouco mais sensorial no decorrer do texto de Scaff e se aproxima um pouco do texto de Kafka e da própria experiência de Karl Rossmann.

Se a imaginação popular do tempo representava a América em monumentos visíveis, então ela poderia com certeza encontra-los na Ponte do Brooklyn e na estrutura de aço urbana dos arranha-céus, uma nova e distintiva inovação da arquitetura americana no que diz respeito à estilo e construção. Atravessando o East River, os Webers comentaram a vista quase pintada, com Max juxtapondo as impressões da esquerda da ponte e a massa de humanos em movimento com a vista distante da “fortaleza da capital” na baixa Manhattan, que lembram as torres da *grandi* nas cidades italianas medievais. Bem em frente de seu hotel ficava o St. Paul Building e, Park Row Building, com trinta andares, o último reconhecido por Baedeker, e elogiado pela King's Views de Nova York, como “a mais alta estrutura deste tipo no mundo.” “Aluguel de terrenos leva edifícios às alturas” era a máxima de Max. Marianne capturou o momento escrevendo: “Duas poderosas bestas, arranha-céus de 30 andares, surgem exatamente à nossa frente. É preciso vê-los para acreditar que são reais. Eu continuo me perguntando se eles são simplesmente terríveis, grotescos e chamativos, ou se eles exibem sua própria beleza e dignidade. Em todo caso, como a torre de Babel, eles anulam tudo mais na vizinhança, como por exemplo a pequena igreja [Capela de St. Paul] com suas torres góticas que tentam se afirmar como uma ilha de paz em meio ao ruído indomável das ruas”(Setembro 2; MWP. (SCAFF,2011: 27) (Tradução minha)

A descrição do cenário americano pela sua arquitetura é comum, visto que eram edificações muito distintas daquilo que podia ser visto na Europa. Kafka que fazia uma descrição, considerada por ele, hipermoderna, coloca diante dos olhos de Rossmann uma Nova York muito próxima daquela experienciada por Max e Marianne Weber. Tanto que a passagem de Weber, fazendo referência às massas humanas vistas de pontos altos da cidade, encantado pela grandeza dos arranha-céus, também irá se encontrar na representação fictícia de Franz Kafka, mais exatamente no segundo capítulo de seu romance, quando Karl estava se estabelecendo no sexto andar do prédio de seu tio, aonde ficaria seu quarto. A personagem para por um instante para vislumbrar a paisagem e a passagem é tão sensualista e estética como a descrita acima pelo casal Weber:

Uma estreita sacada estendia-se diante do quarto em todo o seu comprimento. Mas o que na cidade natal de Karl teria sido o mais alto mirante, aqui não permitia muito mais do que avistar uma rua que corria reta por entre duas fileiras de casas virtualmente entrecortadas e que por isso corria como que em fuga para longe, onde

em meio a uma espessa bruma erguiam-se monstruosas as formas de uma catedral. E tanto pela manhã quanto à noite e nos sonhos da madrugada agitava-se nessa rua um tráfego cada vez mais intenso que, visto de cima, aparecia como uma mistura de figuras humanas deformadas e tetos de veículos de toda a espécie que se fundiam continuamente uns com os outros, na qual elevava uma espécie de confusão ainda maior e mais selvagem, formada por ruídos, poeira e cheiros – tudo isso envolto e penetrado por um feixe de luz poderoso que era constantemente dissipado, levado e trazido de novo escrupulosamente pela massa de objetos, uma luz que parecia tão corpórea ao olhar atordoado, como se por cima da rua a cada instante se espatifasse violentamente uma placa de vidro que a tudo recobrisse. (KAFKA, 2012:44)

Se nos atentamos aos adjetivos, todos remetem à monstruosidade, à grandiosidade, uma experiência estética tão intensa e tão diferente que atordoa e encanta os sentidos ao mesmo tempo, gerando confusão tanto na descrição de Marianne Weber como na do narrador do romance de Kafka. Weber chama atenção para a massa humana trafegando ao lado da Brooklyn Bridget da mesma forma que Rossmann ao olhar pela sua sacada vê “uma mistura de figuras humanas deformadas e tetos de veículos de toda a espécie que se fundiam continuamente uns com os outros, na qual elevava uma espécie de confusão ainda maior e mais selvagem”. As impressões da cidade grande, da metrópole, o choque com os arranha-céus e o atordoar dos sentidos, imprimem similitudes experienciais tanto para o Weber, que estava naquele país, quanto para Karl Rossmann, um personagem ficcional que descreve as experiências da forma como alguém que esteve ali na vida real. A experiência de Rossmann e Weber são próximas, mas em algum ponto elas se afastam, como a atitude que cada um teria de tomar frente a situação em que foram postos. Weber decide levar a vida naquele lugar exatamente como um estrangeiro, como um turista deslumbrado que tudo quer conhecer, aquilo que o tio de Rossmann recomenda a quem quer se estabelecer naquele país não fazer, a recomendação de Jakob para Karl é que ele se adapte o quanto antes à América, sem se deslumbrar. Podemos perceber que existe elemento muito semelhante a esse posicionamento de Jakob, tentando instruir Rossmann, na viagem de Weber. Os colegas de viagem de Weber, Troelsch, por exemplo, guardam certa relação com o posicionamento de Jakob, com visões diferentes, claro, Jakob esperava que Rossmann se adaptasse ao país, os colegas de viagem de Weber apenas viam decadência naqueles elementos estéticos e urbanos, de forma que viam aquela experiência sensorial e arquitetônica da nova cidade de forma pouco simpática, com certo desprezo. Scaff²⁴ nos traz o relato de Marianne onde aparece o afastamento de Weber de seus colegas de viagem, justamente por essa posição pouco aventureira e pouco curiosa deles, que olhavam para a América com certo desdém. A curiosidade Weber sobre aquele país não cessou, motivo pelo

²⁴ (2011:28)

qual decidiu viajar por ele para conhecer de forma melhor os detalhes da vida americana, por meio de contatos e conhecendo novas pessoas e lugares,

Falávamos do desdém dos colegas de Weber com relação aos aspectos da vida americana, como em uma relação de comparação com o que era usual para eles e o que era extraordinário, a descrição de Weber e Rossmann entram nessa chave, como já dissemos, na perspectiva de Rossmann aparece sempre em relação com aquilo que havia visto na Europa, de onde veio, assim como acontece com Weber. No caso de Karl Rossmann ele fica chocado quando, ao ir à casa de campo do Sr. Pollunder descobre que também existem casas antigas na América, o que gera a resposta de Klara, filha de Pollunder, de que ele tinha uma visão estranha sobre o que era a América. No caso de Weber, durante sua viagem por algumas cidades dos Estados Unidos, ele pôde presenciar uma América que não era necessariamente a das metrópoles e do grande desenvolvimento, algo que fica bem marcado em sua visita à North Tonawanda, Scaff mostra

O comentário de Max, enfatizando o gritante contraste entre a metrópole urbana pela qual tinham passado e as modestas casas de madeira unifamiliares da comunidade de imigrante de mais ou menos dez mil habitantes, que visitaram em North Tonawanda. (SCAFF, 2011:29) (Tradução Minha)

Se excluirmos o último fragmento do texto de Kafka, percebemos que o único vislumbre da cidade como algo não metropolitano é exatamente a consideração de Rossmann à Klara e também, em certa medida, em seu trajeto até o Hotel Occidental, embora ali o moderno e o antigo se sobreponham, em sua descrição da paisagem na viagem com a trupe do Teatro Oklahoma, onde percebe quão grande é o território americano. Enquanto Weber vislumbrou um território marcado por essa contradição do extremamente moderno e do extremamente modesto. Rossmann, sobretudo quando sai de Nova York, para mantermos um mesmo percurso para ambos, a partida da cidade de chegada, acrescenta, olhando a ponte (inexistente) que liga Nova York a Boston ele afirma o seguinte:

[...]. Chegaram a uma região que se elevava e, nas vezes em que pararam, ao olhar para trás podiam ver descortinar-se cada vez mais extensamente o panorama de Nova York e seu porto. A ponte que liga Nova York a Boston pendia suavemente sobre o rio Hudson e quando apertavam os olhos para enxergar melhor, ela parecia estremecer. Aparentemente a ponte estava completamente desimpedida e abaixo dela estendia-se a faixa de água lisa, inanimada. Tudo naquelas duas cidades grandes parecia deserto e sem utilidade. Quanto aos prédios, mal havia diferença entre grandes e pequenos. Nas invisíveis profundezas das ruas a vida provavelmente continuava à sua maneira, mas sobre elas não se via nada além de uma leve névoa que embora não se movesse parecia fácil de dissipar. [...] (KAFKA, 2012:98)

Aqui o olhar das janelas que se voltavam a Rossmann no primeiro capítulo é invertido, e dessa vez ele observa a cidade e vê sua grandiosidade em panorama novamente, com menos encanto, percebendo alguns elementos importantes, como a aparência desértica e a

falta de utilidade de tudo que ali se encontrava. Essa nova visão se deve, em muito, ao fato de que estava partindo e também, de certa forma, porque tudo aquilo era uma grande sedução e ele não conseguiu viver como seu tio havia lhe proposto, então seu deslumbramento muda para o realismo, ao ver que aquilo não mais lhe pertence e desvelar o que não conseguia perceber antes: o aspecto utilitário, mecânico, coisificado e alienado em demasia que existe naquela grande metrópole. No entanto, Karl não sabia o que o esperava adiante; a vida humana, mesmo de longe, era imaginada por ele como sendo a mesma forma, pois, aparentemente ela desenvolve um padrão na cidade moderna.

Se seguirmos na viagem que Weber faz pela América podemos encontrar algumas mais similitudes, por exemplo, sua chegada e impressões da cidade de Chicago. Chicago era uma cidade nova, que respirava o capitalismo e a industrialização ali no início do século XX. A descrição que aparece na biografia de Scaff faz um paralelo com essa relação entre o mundo europeu e o mundo americano, buscando não uma completa cisão, mas as rupturas e continuidades. Dessa forma, o texto de Scaff, acompanhado das impressões de Weber sobre Chicago nos apresenta uma boa descrição dessa experiência em um mundo novo do capitalismo em relação ao mundo capitalista europeu:

Como Berlim, era o novo polo comercial e industrial e centro de transporte, com um rápido e vertiginoso crescimento da classe trabalhadora e de problemas de trabalho, saúde pública e sociais. Em nenhum outro lugar alguém poderia experienciar de forma tão imediata a bruta e indomável energia do novo mundo, bem como o ritmo dinâmico e assalto dos sentidos que o colega de Weber, Georg Simmel, havia descrito em seu memorável ensaio de 1903 sobre a metrópole moderna. A linguagem que Weber usaria em uma ocasião posterior se adequa bem à Chicago: “A metrópole moderna com seus bondes, metrô, luzes elétricas, vitrines, salas de concerto, restaurante, cafés, chaminés, prédios gigantes, e a dança selvagem de impressões de som e cor que performam na fantasia sexual, afeta a constituição da alma, e nos encoraja a refletir sobre todas as aparentes e inexauríveis possibilidades de conduzir nossas vidas [Lebensführung] e alegrias”. (SCAFF, 2011:39-40) (Tradução minha)

Para o jovem Karl Rossmann a realidade não é muito diferente, visto que ao chegar no Porto de Nova York ele se depara com uma imagem semelhante à descrita por Scaff sobre a Chicago que Weber visitou. Rossmann chega em um porto extremamente movimentado com inúmeras embarcações, transatlânticos, barcos com mercadorias e também pequenos botes, levando e buscando passageiros, a descrição do porto no romance acaba sendo a seguinte: “Um movimento sem fim, uma inquietação, transposta da inquieta natureza para os desamparados homens e suas obras!” (KAFKA, 2012:26). Se olharmos bem para a constituição da frase de Kafka, podemos perceber dois elementos que se sobrepõem: a velocidade e o fluxo constante, característicos da cidade. Mas Kafka também atribui um elemento a essa situação, que ele considera da natureza, sendo este o mar, cuja inquietude é transferida para o homem, vista como resultado do desenvolvimento e evolução das técnicas com que Rossmann está se deparando ali

naqueles momentos iniciais de vislumbre com a cidade de Nova York através das janelas do navio.

Essa sobreposição não se limitará apenas a essa situação do navio, temos também algo semelhante, após Karl sair da casa de campo do Sr. Pollunder e iniciar sua marcha à Ramsés. Karl Rossmann nos descreve uma estrada com trânsito de carros que se movem em direção à Nova York, levando alimento para aquela grande metrópole. A presença de um número excessivo de veículos chama atenção junto também com a velocidade do tráfego desses carros. Como que uma situação caótica que possui uma própria ordem, o cenário é o seguinte:

Mais tarde começaram a aparecer caravanas de veículos que levavam alimentos para Nova York e, que compondo cinco fileira que ocupavam a estrada se alargava até formar uma praça, cujo centro um policial caminhava de um lado para outro sobre uma elevação em forma de torre para poder vigiar o tudo e dirigir com um pequeno bastão o trânsito da estrada principal, bem como o das estradas laterais que ali desembocavam; em seguida o trânsito permanecia sem vigilância até a próxima praça e o próximo policial, mas por sua livre e espontânea vontade cocheiros e choferes mantinham-no em suficiente ordem. [...]. Quando, devido a um afluxo excessivamente intenso proveniente das estradas laterais, era preciso fazer grandes desvios, todas as filas paravam, andando em marcha lenta; mas também acontecia que por um instante tudo disparava com a rapidez de um relâmpago, até que, como se regido por um freio único, tudo se acalmasse novamente. [...] (KAFKA, 2012:96)

Aquilo que parecia caótico assumia sua própria ordem, assim como a massa humana marcava um movimento que era específico e padronizado pela própria dinâmica da cidade grande moderna. Percebemos que a velocidade é inserida não apenas pelo movimento, mas por uma espécie de tecnologia que é utilizada em demasia, como os carros e as estradas. Mas estes não são os únicos meios de imprimir um ritmo mais veloz e moderno à América, temos também algumas representações de bondes, sobretudo na cena da greve enquanto Karl está indo para a casa de campo de Sr. Pollunder, embora se tratasse de um bonde apagado por conta da paralização da greve de trabalhadores metalúrgicos, impedido de se mover. Aqui o desamparo do homem em relação à sua obra é recolocado em outros termos pela própria greve, onde os homens colocam as obras no lugar de coisas dominadas e não dominantes. Mas voltando aos meios de transporte, percebemos que Jakob propõe que Rossmann abandone Nova York de trem, que também aprofunda e marca esse aspecto de velocidade de que vínhamos falando. Caso Karl tivesse aceito a viagem de trem a história teria sido outra, não havendo uma marcha até Ramsés haveria uma diferença experiencial para Rossmann pois, nesse caso, o trem seria responsável por cruzar todo o país, até chegar em São Francisco, destino proposto pelo tio para que o jovem recomeçasse sua vida. A imagem do trem voltará enquanto ele caminha junto com Delamarche e Robinson na expectativa de chegar em Butterford para conseguir emprego. A imagem já não é tão citadina quanto as outras, mas possui elementos característicos desse país, que é considerado um novo mundo por Weber e representado como tal por Kafka. Rossmann é

envolto por uma cena que mistura mais uma vez natureza e as obras dos homens, causando, outra vez, inquietude e incômodos:

[...] A seu redor viam-se campos sem divisões que se estendiam com seu tenro tapete verde por cima de suaves colinas; ricas propriedades rurais margeavam a estrada, e por horas a fio caminharam passando por entre as grades douradas dos jardins, atravessaram várias vezes o mesmo rio de lenta correnteza e muitas vezes ouviram sobre as suas cabeças o estrépito dos trens de ferro passando pelos viadutos que se erguiam em arcos no alto. (KAFKA, 2012:102)

O que gostaríamos de ressaltar aqui é esse entrecruzamento, mais uma vez, da natureza com o desenvolvimento, que na citação anterior era marcada pelas embarcações junto ao mar, aqui é o trem em meio à uma paisagem calma e tranquila, cortada apenas por uma estrada e também pelo intrusivo trem que passava de tempo em tempo, causando inquietude, dessa vez, onde não haveria, caso não fosse a obra humana. Mas a inquietude é ampliada quando percebe-se que na estrada não cessava de passar automóveis de forma veloz em duas direções. Essa inquietude e mistura da natureza com a modernização é um tema que aparece na obra de Weber, sobretudo em seu texto sobre o capitalismo e a sociedade rural alemã, mas também fica bem expresso em trecho de uma carta onde coloca essa questão da sobreposição e coexistência do moderno com o antigo com base em sua viagem para Oklahoma, onde estava vendo a expansão territorial dos Estados Unidos. Na carta, Weber comenta que em “nenhum lugar o velho romantismo indígena se mistura com a mais moderna cultura capitalista do que aqui e agora” (WEBER apud SCAFF, in WILLIAM, 2016: EPUB), e isso porque há uma ferrovia recém construída que beira o rio Canadian e atravessa uma floresta virgem. Então ele faz uma descrição da paisagem, da floresta, do rio e de toda a história que circunda aquele local, tradicionalmente espaço natural e território indígena, que agora era cruzado por uma ferrovia. A segunda descrição de Weber é a seguinte:

Mas a hora da floresta virgem chegou até aqui. Na floresta, ocasionalmente, vemos grupos de genuínas antigas cabanas – aquelas de indígenas, reconhecíveis pelos xales coloridos e roupas penduradas para secar – mas próximo a elas também temos chalés de madeira e casas bastante modernas da fábrica de fundação de pedras, estimadas em 500 dólares para mais, próximo delas uma grande clareira com algodão e milho plantados. As bases das árvores foram manchadas com alcatrão e marcas de queimada. Elas estão morrendo, esticando seus pálidos e cinzentos dedos para o ar em um emaranhado confuso, o que junto com o cultivo novo da região cria uma impressão peculiar, mas de forma alguma reconfortante. Ali perto existe uma longa e extensa pradaria dividida parte em pasto e, mais uma vez, parte em campo de algodão e milho. De repente começa a cheirar petróleo: se vê uma grande estrutura parecida com a Torre Eiffel, usada pra furos de perfuração, bem no meio da floresta, e chega-se à uma “cidade”. Esse tipo de lugar é uma coisa realmente incrível: campos de tendas dos trabalhadores, sobretudo seções de trabalhadores para as numerosas ferrovias em construção; “ruas” em estado natural, normalmente encharcadas com petróleo duas vezes no verão, para prevenir a poeira, e cheirando como tal; [...]. Acrescente a isso o emaranhado habitual de fios dos telégrafos, telefones e dos trens elétricos em construção, tudo isso para que a “cidade” se expanda para distâncias sem fronteiras. [...].(WEBER apud SCAFF, in WILLIAM, 2016: EPUB) (Tradução minha)

O relato demonstra bem o processo de expansão do capitalismo em terras onde jamais havia chegado, como a modernização se coloca em um novo local e como o olhar de Weber, um estrangeiro, se atentou para isso. Se aproxima da descrição kafkiana da inquietude causada na natureza, tanto pelos navios quanto pelos trens, o processo de modernização promovido pelo homem altera a natureza e retira dela sua condição original, modificando totalmente a paisagem, alterando os costumes, os hábitos e também a destruindo. Ao fim da carta, Weber comenta que naquele local existe um modesto hotel, aproveitamos esse gancho para voltarmos à experiência de Karl Rossmann que, após presenciar estradas e trens cortando o campo, já se aproximava do Hotel Occidental, um hotel suntuoso, imaginando a possibilidade de ali próximo existir uma grande cidade, visto que “o primeiro salão do hotel por onde Karl entrou estava tomado por uma ruidosa multidão” (KAFKA, 2012:103), que é uma das características que diferencia uma metrópole e grande cidade de uma simples e modesta cidadela como a que Weber estava observando surgir. O Hotel Occidental e a multidão nos remete ao papel que o trabalho ocupa nas descrições de Max Weber e na experiência de Karl Rossmann, trabalho, junto com multidão, é algo extremamente importante, pois nos remete ao desenvolvimento do trabalho industrial e mecanizado, que acaba derivando em greves trabalhistas. Daqui em diante desenvolveremos um pouco a questão do trabalho e a experiência de greve tanto de Weber quanto de Rossmann.

Já dissemos que o trabalho é um ponto central, tanto no romance de Kafka quanto na análise de Weber sobre o capitalismo moderno e no processo de racionalização do mundo. As experiências de estrangeiros de Karl Rossmann e Max Weber também trazem a questão do trabalho em seu bojo. Como mostraremos mais a frente, Karl Rossmann fica chocado com o tamanho da empresa de seu tio, com o número de funcionários, o ritmo acelerado que existe nessa empresa de transporte que é muito maior do que qualquer outra que havia no país onde estava. Scaff ressalta, na experiência de Weber em Chicago, esse desenvolvimento industrial da cidade americana, os grandes centros de transporte que aparece na representação de Kafka do porto de Nova York e da empresa de Jakob. Na experiência de Rossmann a empresa do tio expressa uma mecanização, ao passo que seu emprego no Hotel Occidental também é uma forma de representar um tipo de taylorismo desenfreado que eleva a mecanização e a alienação do trabalho ao seu paroxismo. A viagem de Weber para Chicago apresentou a ele um processo de mecanização e industrialização do trabalho que aparece para ele como novidade e surpresa, visto que ele reconhece a mecanização em abatedouros de gado e porcos, atividades que seriam, inicialmente, não industriais. A frase ressaltada por Scaff, em uma carta de Weber, é a seguinte: “Em todo lugar se é atingido pela enorme intensidade do trabalho” após citar a descrição de

Weber dessa linha de produção da carne americana, onde tudo tem um processo e um procedimento, todos os passos são seguidos de maneira automática e regrada, o comentário de Scaff sobre a “observação participante” de Weber, é:

A mecanização da linha de montagem já estava bem avançada nas fábricas de embalagem, com eficiência na velocidade da linha e cálculos de lucro direcionando o processo de produção, e especialização de tarefas permitindo a gerência substituir trabalhadores de ofício qualificados por trabalhadores não qualificados. As fábricas serviram como uma ilustração perfeita do fordismo em prática bem antes da primeira linha de montagem de Henry Ford em 1913, embora se deva notar que a mudança de Ford foi acompanhada de um extraordinário aumento do salário para 5 dólares por dia.

Para a classe trabalhadora, a racionalização desumanizadora do ambiente de trabalho e de vida não se limitou às plantas dos abatedouros. (SCAFF, 2011:45) (Tradução Minha)

Weber amplia sua percepção para os trabalhadores do transporte na cidade de Chicago que sofriam com altos índices de acidentes e morte no trabalho, além do problema da poluição da água naquela região, a questão da locomoção e tempo de viagem dos trabalhadores de volta para suas residências após a jornada de trabalho. A industrialização e extrema racionalização trazia, nessa análise, encanto pela funcionalidade, mas também a percepção de grandes problemas sociais, de saúde e laborais. Todos esses problemas, produzidos por um capitalismo extremamente desenvolvido e industrializado, calham de eclodir na considerada primeira grande greve de Chicago do século XX, que havia acontecido pouco antes da chegada de Max Weber e Marianne Weber:

Quando o casal Weber chegou em Chicago, a primeira grande greve de açougueiros, trabalhadores de empacotamento, motoristas de caminhão, e negócios afiliados aos abatedouros, tinham apenas se encerrado com a derrota para *Amalgamated Meat Cutters and Butcher Workmen's Union* (Sindicato dos trabalhadores do ramo). [...] No mínimo a greve e suas consequências aumentaram o drama e as paixões da semana dos Webers. (SCAFF, 2011: 40) (Tradução minha)

Esse é o cenário no qual se insere as descrições dos problemas produzidos por esse grande desenvolvimento do capitalismo nessa cidade industrial dos Estados Unidos. A experiência de Weber coincide com a insurgência de movimentos de trabalhadores requisitando melhorias em suas condições de trabalho e também de vida. Aparentemente esse é um tema que marca os Estados Unidos, visto que no romance de Kafka encontramos também passagens que fazem referências a movimentos de trabalhadores reivindicando melhores condições de vida e de trabalho. Rossmann em sua aventura pela América se defronta com duas greves. A primeira quando ainda está indo para a casa de campo do Sr. Pollunder, a descrição mistura elementos metropolitanos, policialescos, modernos e reivindicativos, de forma que mistura uma tentativa de produzir em nós a impressão sensorial do que está acontecendo, trazendo elementos de um

mundo moderno relativamente novo para o personagem²⁵. Esta primeira greve é de metalúrgicos, e se liga, na sequência do enredo, com Rossmann conhecendo Robinson e Delamarche, dois torneiros mecânicos que não conseguiam emprego há muito tempo, o que, em certo sentido, apresenta dificuldades vividas pela classe de metalúrgicos que estavam fazendo reivindicações no segundo capítulo do romance. A segunda greve diz respeito aos trabalhadores do ramo da construção civil, um forte ramo da sociedade industrial norte-americana, principalmente se pensarmos que a arquitetura americana é constituída de grandes arranha-céus e que, historicamente, o início do século XX é reconhecido pelo *boom* da verticalização. Este *boom*, na obra de Kafka, é demonstrado pelo encanto/espanto de Rossmann pela arquitetura verticalizada, por sua vez, a greve da construção civil causava prejuízo de milhões e colocava em risco o próprio negócio de um amigo de seu tio, conhecido seu, Mack. Claro que Rossmann olhava para essas greves muito mais com curiosidade do que com preocupação de justiça, visto que duvidava de que Mack estivesse errado. Sua situação com o trabalho e condição dos trabalhadores é extremamente complexa, indo da injustiça feita com o foguista à dúvida com relação aos grevistas e, por fim, vivendo na pele as condições modernas e injustas de trabalho.

3.2 TRABALHO E VOCAÇÃO

Weber abre espaço especial para o tema do trabalho em sua obra, não ao trabalho de forma ampla e geral, mas de uma forma a pensa-lo enquanto trabalho vocacionado. O trabalho vocacionado aparece como elemento responsável por uma mudança substancial do mundo moderno. Dessa perspectiva, compreendendo as contribuições que o protestantismo pôde conferir ao espírito do capitalismo, a ideia de vocação à luz da *beruf* protestante e do *calling* fazem menção a atender ao chamado e uma determinação de Deus para sua vida, sendo o trabalho e a profissão as formas e modos de realizar a obra de Deus dentro do mundo. Essa perspectiva inserida pela tradução de Martinho Lutero da Bíblia em alemão, segundo Weber, trará grande impacto para a forma de condução de vida do homem moderno, de forma que sua explicação será de que

[...]assim como o significado da palavra, assim também — como é amplamente sabido — a idéia é nova, e é um produto da Reforma. Não que certos traços dessa valorização do trabalho cotidiano no mundo, inerente a esse conceito de *Beruf*, não estivessem presentes já na Idade Média ou mesmo na Antigüidade (helenística tardia) — falaremos disso mais adiante. Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a auto-realização moral é capaz de assumir/ Isso teve por

²⁵ Descrevemos esse movimento grevista na p. 52

consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *Beruf* esse sentido. No conceito de *Beruf*, portanto, ganha expressão aquele dogma central de todas as denominações protestantes que condena a distinção católica dos imperativos morais em “*praecepta*” e “*consilia*” e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua “vocação profissional” (WEBER, 2004:72)

“Cumprir os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna sua ‘vocação profissional’”, esse sentido novo atribuído ao trabalho e à perspectiva sobre o trabalho irá se disseminar por meio da religião protestante, de forma que a partir dele não mais se esconde do mundo, mas se mergulha nele de forma a não rejeitá-lo ou excluir-se dele. Somada à essa ideia de vocação protestante, que se volta ao trabalho e tem ele como forma de realização dos desígnios de Deus, temos de ter em vista que é pelo trabalho que existe a possibilidade da realização de um ascetismo intramundano. Se é característico do ascetismo extramundano tradicional uma recusa e um refúgio para além deste mundo, para poder escapar ao hedonismo e eudemonismo, na perspectiva protestante, guiada pela noção de *beruf*/vocação, não existe mais a necessidade de uma dinâmica monacal, pois o trabalho vocacionado, extremamente empenhado, seria a forma para fugir do hedonismo e do eudemonismo, pois felicidade e o prazer não seriam os valores supremos que deveriam guiar a conduta neste mundo, mas sim a obra de Deus e a salvação. Junto dessa dupla fuga, o trabalho vocacionado trazia consigo o ganho econômico, que não era visto como fruto da usura, mas como um possível sinal de salvação, em contrapartida esse ganho não deveria ser despendido com luxos e prazeres, mas reutilizados nos negócios, de forma que a vida do protestante deveria ser uma vida sóbria, guiada por uma conduta regrada e metódica, controlando sua conduta por meio do trabalho vocacionado, que seria um meio da possível revelação da salvação por estar atendendo os desígnios de Deus.

Essa forma de conduta e visão da vocação por parte dos protestantes contribui para a cunhagem do espírito capitalista que tem o trabalho como ponto central da vida dos homens na modernidade. Ela contribui na produção de uma espécie de ética de trabalho muito bem disseminada no mundo moderno pelos protestantes. No mundo moderno trabalhar com afinco é notório e possuir uma profissão de ofício, uma vocação, é necessária para a realização pessoal. O trabalho metódico, regrado e vocacionado passam a ser formas de “avaliação” da conduta dos indivíduos, um fator de distinção social dentro do espírito do capitalismo. Trabalhar exaustivamente e exercer uma profissão de ofício confere status e também crédito, como tenta demonstrar Weber pelas máximas de Benjamin Franklin, ela configura uma posição, uma

definição prévia de quem se é. Trabalho e profissão aparecem quase como categorias ontológicas de definição do ser, onde o homem é como que equivalente à sua profissão e suas atitudes com relação à essa.

Constitui-se a partir da ética protestante uma mentalidade de que o trabalho é um dever – tanto em seu formato religioso quanto no já secularizado espírito do capitalismo. Dever esse que tem de ser, para o protestante, efetuado de forma metódica e sistemática. Isso também se espalhará para o espírito capitalista, mas com motivos distintos da dominação da própria conduta ou de busca por sinal de salvação. Essa metamorfose na relação com o trabalho – enquanto fim em si mesmo junto com o ganho, não mais como meio para sobrevivência – o distanciam de uma prática que será meio para atingir felicidade ou prazer, mas como uma espiral que tem como estágios o trabalho, a acumulação e o investimento do acumulado, o que caracterizaria a sobriedade do protestante e será importante para a constituição do burguês na sociedade moderna, como se essa espiral refletisse, necessariamente, virtudes para tocar os negócios. Dessa forma, o espírito capitalista é representado por uma espécie de conduta sistemática e metódica com relação ao trabalho que são eticamente coroadas, como afirma o próprio Weber. Essa forma de racionalizar o trabalho, a produção e a própria conduta de vida, a ponto de levar uma vida regrada e pautada pelo trabalho, é um dos aspectos importantes ressaltados por Max Weber. E como já afirmamos anteriormente, aparece em sua representação dos Estados Unidos ao passo que ele considera a América um dos berços do espírito do capitalismo, onde o país foi claramente dividido entre um *ethos* aventureiro, que saiu derrotado da guerra de secessão, e um *ethos* protestante que valoriza e dá características positivas ao trabalho enquanto dever para a vida humana; além disso como forma racionalizada e calculada, o trabalho, que tem “o objetivo de dar forma racional ao provimento dos bens materiais necessários à humanidade é também, não há dúvida, um dos sonhos dos representantes do ‘espírito capitalista’, uma das balizas orientadoras de seu trabalho na vida.” (WEBER, 2004: 67)

De certa forma, o trabalho enquanto centro gravitacional da vida moderna, é uma forma de racionalização e controle do mundo e da própria vida. *A Ética Protestante e o “espírito” do capitalismo* é um estudo sobre uma forma de racionalização da vida e de avanço do racionalismo ocidental. Ponto interessante a ser levantado é: se a racionalidade é uma forma de atribuir sentido ao mundo, de forma a conhece-lo, controla-lo e prever os resultados possíveis a partir de determinadas condutas e em acordo com certos valores, qual seria o seu limite? Esse limite, em certo sentido, é posto ao fim da *Ética*, quando Weber propõe uma problematização da expansão desenfreada do capitalismo e da esfera econômica como ponto central da vida

moderna, sendo o ganho o fim último e o que pauta a vida dos homens, de forma a ficar registrada a ética do trabalho ascético e especializado como parte responsável pela “edificação do poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem” (WEBER, 2004:165), decorrente dessa avaliação, Weber, chega a uma conclusão poética e negativa sobre o desenvolvimento desenfreado do capitalismo e da esfera econômica dominando a vida dos homens, que se tornariam “especialistas sem espírito, gozadores sem coração: esse Nada imagina ter chegado a um grau de humanidade nunca antes alcançado”. (WEBER, 2004:166). Forma de vida que Weber relaciona com a conduta econômica norte-americana da busca pelo lucro que, ausente de qualquer lastro ético ou metafísico, “associa-se a paixões puramente agonísticas que não raro lhe imprimem até mesmo um caráter esportivo” (WEBER, 2004:166).

A interpretação weberiana do trabalho se estrutura em torno de alguns termos: sistematização, método, dever, cálculo, disciplina, vocação e reconhecimento. Se pudéssemos organizar esses termos em uma frase talvez ela ficasse da seguinte forma: “Vocação é o trabalho visto enquanto um dever, de forma a ser realizado sistemática e metodicamente, calculando seus ganhos e resultados, produzindo reconhecimento social”. Feita essa síntese podemos passar à interpretação possível feita no romance de Kafka acerca do trabalho, até que ponto ele se relaciona, ou não, com a visão de Max Weber? Sobretudo no que diz respeito à poética frase “especialistas sem espíritos e gozadores sem coração”. O que ocorre então com os trabalhadores quando deparados com a ausência de sentido e liberdade? Essas são algumas questões que aparecem na obra de Kafka e já tratamos aqui. Em um primeiro plano, quando falávamos dos valores e da conduta de vida em Weber e Kafka, tratamos da perda do sentido e da liberdade, de forma que tentamos delinear elementos para os quais ambos chamam atenção à sua maneira, mas no caso de Kafka, mesmo quando em confluência com Weber, a representação dessas perdas aparece de forma paroxística. Com relação ao trabalho, o paroxismo de Kafka, em relação a algumas formulações weberianas, é mantido enquanto forma da própria expressão literária kafkiana – não são paroxismos das afirmações de Weber, mas paroxismo de situações do mundo moderno –, a expressão do trabalho, no romance de Kafka, também possui suas especificidades quando comparadas com a compreensão da ética do trabalho no mundo moderno e sua difusão na América.

Um primeiro elemento que nos salta aos olhos quando pensamos no tema trabalho dentro do romance *Amerika* é a importância que Franz Kafka atribuiu aos ofícios e profissões, de tal forma que muitos personagens não possuem nome – elemento característico da obra

kafkiana, se lembrarmos que em *O Castelo* o agrimensor se chama apenas K. aspectos que atribuem individualidade muitas vezes desaparecem na obra de Kafka, tornando o personagem não um indivíduo, mas um modelo ou tipo ideal – e são reconhecidos pelo trabalho que desenvolvem ou pela função que exercem em dado lugar. Podemos elencar aqui os personagens inominados: foguista, cozinheira-mor, porteiro, camareiro-mor, capitão, e mesmo o senador. O foguista, aquele que enreda o primeiro capítulo do livro, melhor amigo de Karl Rossmann na América não conhecemos o nome, apenas a função que ele ocupa no navio. De algumas personagens tomamos conhecimento dos nomes, no primeiro capítulo o senador apenas é reconhecido como Jakob bem ao fim, porém, mesmo assim, ninguém o chama dessa forma ele é o senador. A cozinheira-mor se chama Grete Mitzelbach, mas se referem a ela apenas como cozinheira-mor e o porteiro-mor se chama Feodor, mas apenas o camareiro-mor o chama assim, assim como Isbary revela ser o camareiro-mor, mas nunca é agraciado dessa forma. Sendo assim, os nomes definem menos quem as personagens são do que suas ocupações, seus ofícios.

Hannah Arendt, em *Franz Kafka a revaluation*, chama atenção para esses aspectos da falta de individualidade e caracterização de personagens por iniciais ou como simples empregados. A autora afirma o seguinte sobre as personagens, suas individualidades e suas relações com empregos:

Primeiro, tem seus heróis que não tem nem mesmo um nome e são frequentemente apresentados apenas por iniciais; eles certamente não são pessoas com quem poderíamos nos encontrar no mundo real, para eles faltam várias detalhadas características supérfluas que juntas constituem um indivíduo real. Eles se movem em uma sociedade onde todos possuem um papel e todos possuem um emprego, com os quais eles são contrastados pelo simples fato de que seus papéis são indefinidos, carentes, como estão, de um lugar definido no mundo dos empregados. E todos dessa sociedade, sejam os indivíduos menores como as pessoas comuns n' *O Castelo* que tem medo de perder seus trabalhos, ou os grandes indivíduos como os oficiais n' *O Castelo* e *O Processo*, ambicionam por certo tipo de perfeição superhumana e vivem em completa identificação com seus trabalhos. Eles não possuem nenhuma qualidade psicológica porque eles não são outra coisa que não empregados. (ARENDR, 1994: 75)

A autora ainda chega a apontar um exemplo do romance *Amerika* para chamar atenção para essa relação de que os personagens são a posição que ocupam e a profissão que possuem, de tal forma que ela resgata uma frase do porteiro do Hotel Occidental, durante a demissão de Karl Rossmann. O porteiro, tentando acrescentar substâncias à decisão do camareiro-mor de demitir Karl, afirmava que este saía do Hotel todas as noites, quando Karl tenta se defender de uma falsa acusação, contrariando o porteiro, e afirmando que ele devia estar se confundindo, visto que ele não saía, o porteiro diz o seguinte:

“Cale-se imediatamente! – gritou o porteiro-mor, brandindo o punho, enquanto outros teriam apenas levantado um dedo. – Eu estaria confundindo você com outra pessoa! Bem, então não posso ser mais o porteiro-mor, se eu estou confundindo as pessoas. Escute bem, senhor Isbary, então não posso mais ser o porteiro-mor, pois confundo as

peças! Nos meus trinta anos de serviço nunca aconteceu de eu me confundir, como confirmarão obrigatoriamente as centenas de camareiros-mores que tivemos desde aquela época; e seria no seu caso, seu garoto miserável, que eu supostamente teria começado a confundir as pessoas. Você e sua cara lisa de doer! O que há para confundir? Poderia ter corrido para a cidade todas as noites pelas minhas costas que só de olhar para sua cara eu já posso ter certeza de que é um vadio de marca maior.” (KAFKA, 2012: 154)

Marcam-se aqui dois aspectos. Primeiro é ultrajante para o porteiro-mor a possibilidade dele ter cometido um equívoco, pois uma de suas funções, enquanto porteiro, é reconhecer rostos e nisso ele seria impecável. O que deflagra o segundo aspecto, o ultraje produz um exagero da parte do porteiro, que se sente descaracterizado, se ele não pode mais reconhecer pessoas ele não deve mais ser o porteiro-mor. Arendt argumenta que na obra de Kafka

“errar é perder o emprego; portanto, ele não poderia admitir nem mesmo a possibilidade de um erro. Trabalhadores que a sociedade obriga a negar a possibilidade humana de errar não podem continuar sendo humanos, mas devem agir como se fossem super-homens. Todos os empregados, oficiais e funcionários na obra de Kafka estão muito longe de serem perfeitos, mas eles agem com uma idêntica suposição de omnicompetência”(ARENDT, 1994: 75-76)

Essa perfeição e essa competência absoluta, bem analisadas por Hannah Arendt, podem ser colocadas em termos mais presentes na dinâmica do texto de *Amerika* e em um cenário menos geral da obra de Kafka. Podemos pensar nessa dupla característica em termos de mecanismo. Karl, no primeiro capítulo do romance revela ao foguista que se tivesse ficado na Europa e estudado para se formar, provavelmente, cursaria engenharia, afirma ele: “— Eu sempre me interessei tanto pela técnica – disse Karl, permanecendo numa determinada linha de pensamento – e certamente teria me tornado engenheiro mais tarde, se não tivesse precisado viajar para a América.” (KAFKA, 2012:16). Mas sua paixão pela técnica se demonstra em um segundo episódio onde explicita, minuciosamente, o funcionamento de uma escrivaninha extremamente rebuscada que havia em seu quarto, que o fazia lembrar de um presépio mecânico que ele havia visto na Europa. Sobre esta escrivaninha, seu tio aconselha “Karl a se possível nunca usar o regulador; para reforçar o conselho, o tio alegou que o mecanismo era muito sensível, fácil de estragar, e o conserto dispendioso” (KAFKA, 2012:46); a imagem da técnica e do mecanismo aparece uma terceira vez, na primeira passagem de Karl pelo Hotel Occidental, quando, com a ajuda da cozinheira, conhece os interiores do bufê, e vai até a dispensa, passando por portas, corredores e desviando de garçons; ao fim desse percurso Karl diz a si mesmo “É preciso conhecer o mecanismo”(KAFKA, 2012: 105), no sentido de que as coisas aconteciam de uma certa maneira, seguindo um certo padrão. Em um mecanismo quando algo vai mal tudo se põe a perder, para o funcionamento de um mecanismo as coisas devem proceder da maneira planejada, cada uma ocupando seu papel e desenvolvendo sua função, a menor intrusão ou

elemento externo pode fazer o mecanismo parar, como acontece com uma máquina. A demissão de Karl Rossmann do Hotel Occidental se justifica nesses termos, em certa medida, ele rompeu a dinâmica do mecanismo, deixou seu posto de trabalho, que deveria ser robótico, constante e contínuo, de maneira ininterrupta até que tivesse seu tempo de folga, além de desobedecer a hierarquia, ele comprometeu o funcionamento de todo o Hotel naquele momento que abandonou aquilo que ele era, um ascensorista, para tentar resolver uma intempérie, salvar seu emprego e evitar os problemas que ter um amigo seu bêbado no saguão do hotel poderiam lhe causar.

A lógica do mecanismo é a de que cada um ocupa um papel e uma função e que os indivíduos são esses papéis e essas funções. As funções atribuem aos indivíduos uma identidade, que é mais importante do que qualquer outro aspecto. Esse aspecto de ocupar um papel em um mecanismo é como a extrapolação e secularização da noção de vocação em Weber, pois o trabalho que aqui confere identidade deve ser executado de maneira metódica, sistemática e regrada, no caso de Weber com foco no ganho econômico e na possibilidade de alcançar a salvação, aqui Kafka demonstra outra faceta, que é a condição para ser: Karl trabalhava de forma mecânica imaginando a possibilidade de ascender algum dia – ironicamente ocupava o cargo de ascensorista, o mais baixo de todos e aquele que leva as pessoas para baixo ou para cima. Neste momento que estamos ilustrando, o trabalho ocupa uma posição de inserir os indivíduos em um mecanismo, atribuir-lhe uma identidade que seria equivalente ao seu ofício/vocação (se nos atentarmos ao exemplo do porteiro, onde ele é um porteiro e não pode ser outra coisa, como se fosse designado para isso). Mas existe uma outra característica que se relaciona com o trabalho e está para além da composição de um mecanismo, que diz respeito à possibilidade de ascensão, primeiramente a trajetória de Jakob enquanto *self-made man* que se fez com esforço ininterrupto, e na tentativa de repetição disso na ocupação de Karl no Hotel Occidental.

Karl tinha grande ansiedade em aprender mais sobre os negócios do tio assim que chegou na América, pois, dessa forma, poderia retribuir e dar orgulho aquele que o estava acolhendo em um território que, muito provavelmente, o teria devorado assim que desembarcasse do navio. Seu empenho com inglês, aulas de equitação e leitura de textos sobre comércio, em segredo, demonstravam o grande esforço que fazia para poder deixar sua condição de amparado e pudesse ter uma vida ativa, trabalhando. Levou algum tempo para que ele tomasse conhecimento dos negócios do tio, mas a primeira experiência foi marcante, primeiramente, pelo tamanho da empresa – ele afirmava nunca ter visto uma empresa de transportes e despachos daquele tamanho na Europa –, a empresa lidava com transporte, entre

um dos produtos transportados que ressaltamos aqui, por ser sinônimo da América moderna que está sendo descrita por Kafka, estavam os “produtos e matérias-primas para os grandes cartéis industriais e para os cartéis entre si”. Era um depósito que mantinha um fluxo de informações muito grande, onde haviam muitas cabines telefônicas e inúmeros funcionários, “o salão dos telégrafos não era menor, aliás era maior do que a agência telegráfica que a cidade de Karl”. A descrição do local e do ritmo de trabalho remete à mecanização e ritmo produtivo daquele local:

No salão dos telefones, para onde quer que se dirigisse o olhar abriam-se e fechavam-se as portas das cabines telefônicas, aquele tilintar confundia os sentidos. O tio abriu a porta mais próxima e sob uma faiscante luz elétrica viu-se um funcionário, indiferente ao barulho das portas, com a cabeça encaixada uma tira de aço que lhe apertava os fones contra as orelhas. Sobre uma mesinha pousava os dedos que seguravam o lápis e faziam movimentos inumanamente regulares e velozes. Era muito lacônico ao microfone, e várias vezes percebia-se que ele tinha algo a objetar ao interlocutor, pretendendo fazer perguntas mais precisas; mas antes que pudesse realizar sua intenção, certas palavras que ouvia obrigavam-no a baixar os olhos e escrever. (KAFKA, 2012:50)

Esse é mais um exemplo da extrema mecanização do trabalho, mas ressaltamos dois elementos importantes dessa descrição, que ressaltam aspectos de um trabalho mecânico e também de uma atitude quase maquinal. Quando nos é descrito “*os lápis faziam movimentos inumamente regulares e velozes*” temos mais um exemplo daquilo que Hannah Arendt considera a produção de super-homens, a profissão que individualiza ao mesmo tempo que os torna impecáveis, a ponto de não poderem errar naquilo que fazem, mas a essa descrição acrescentamos a dinâmica do mecanismo que ela se revela quando o tio de Karl explica melhor o que está ali acontecendo, de forma que mesmo na ansiedade do trabalhador, para poder esclarecer algo

Ele não era obrigado a falar, como explicou o tio a Karl em voz baixa, pois os mesmos comunicados que aquele homem anotava eram simultaneamente registrados por dois outros funcionários e depois comparados, de forma que na medida do possível os erros eram evitados. (KAFKA, 2012:50)

A correção dos erros é o foco do mecanismo, pois um erro pode custar todo o funcionamento da maquinaria, é dessa forma que são descritos os ambientes de trabalho nesse romance de Kafka. O trabalho é descrito sempre como essa relação social que procura otimizar e melhorar a produção, uma espécie de *taylorismo à kafkiana* – aspecto é ressaltado por Michel Löwy em *Redenção e utopia*. O processo de desumanização e mecanização se desenvolve de forma clara no decorrer desta passagem que estamos observando, onde a movimentação constante nos remete um pouco à clássica e famosa descrição da personalidade *blasè*, de Georg Simmel, aplicada ao ambiente de trabalho. Dessa forma, o ambiente de trabalho é descrito da seguinte forma:

No meio da sala havia um movimento permanente de pessoas que corriam de um lado para o outro. Ninguém cumprimentava, os cumprimentos haviam sido abolidos, cada qual ia seguindo os passos de quem o precedia, olhando para o chão sobre o qual pretendia avançar de maneira mais rápida possível, ou então, capturando com olhadelas para os papéis que tinha em mãos o que na certa eram apenas palavras ou números isolados e que esvoaçavam com seu passo apressado (KAFKA, 2012:50)

Esse aspecto das relações e do contato humano em escassez demonstra ao mesmo tempo a imagem do trabalho em escala industrial e também do ritmo de trabalho desenfreado, que faz com que os homens se convertam praticamente em máquinas. A conversão do homem em máquina relacionado com a equivalência do homem à profissão de que dispõe é um tema recorrente em Kafka, e vale a pena lembrarmos o fatídico fim do oficial no conto *Na colônia penal*, onde esse aspecto do homem ser sua profissão, junto à arbitrariedade da justiça e do respeito às regras, é repetido, no caso desse conto kafkiano, o oficial se torna a própria máquina de tortura quando percebe a má avaliação feita pelo explorador sobre aquele método de justiça. O texto é complexo e possui uma infinidade de possibilidades hermenêuticas que não desenvolveremos aqui, apenas fazemos essa breve referência que reforça a visão do trabalho enquanto ofício e enquanto definição do ser, ali é onde a definição aparece de forma mais profunda e paroxística.

Mas retornemos a reflexão em torno do trabalho no romance *Amerika*. A segunda faceta de que falávamos é justamente o aspecto do auto-crescimento por meio do trabalho, o trabalho como a forma de se construir uma vida, sendo a América um lugar onde existe essa possibilidade – lembrando que nesse momento histórico Weber fazia crítica a mecanismos aristocráticos Europeus, que travavam a possibilidade de ascensão social ou mesmo do desenvolvimento industrial alemão. Jakob, tio de Karl, é um sujeito que imigrou para a América sem nada, diferente de Karl que encontrou Jakob muito bem estabelecido na política e nos negócios, ele faz questão de pontuar que sua trajetória, para chegar até onde chegou, é permeada por muito esforço e também por um trabalho intenso. Sua caminhada até se tornar dono de um dos maiores depósitos de Nova York é descrita da seguinte forma:

– E fique sabendo que tudo isso fui eu mesmo que construí há trinta anos. Naquela época eu possuía um pequeno negócio no bairro do porto; se um dia cinco caixas tivessem sido descarregadas, já era muito e eu ia todo inflado para casa. Hoje em dia eu possuo o terceiro maior depósito do porto, e aquele armazém lá é o refeitório e o depósito da aparelhagem do sexagésimo quinto grupo dos meus carregadores.
– Parece mágica – disse Karl.
– As evoluções acontecem todas tão rápido por aqui – disse o tio, interrompendo a conversa (KAFKA, 2012: 50-51)

Aqui podemos compreender a figura do tio como um sujeito que deu muito certo na América, mas não diz respeito à maioria dos imigrantes ali presentes, tanto que o tio se considera um americano, como abordaremos mais a frente. O ponto é que Jakob aparece como

um esboço do *self-made man* clássico, tal como a cultura americana dissemina amplamente e tal como é abordado por Max Weber no último capítulo de *A Ética*, que fica descrito nos seguintes termos:

Assim como o aguçamento da significação ascética da profissão estável transfigura eticamente o moderno tipo de homem especializado, assim também a interpretação providencialista das oportunidades de lucro transfigura o homem de negócios. A posada lassidão do grão-senhor e a ostentação rastaquera do novo-rico são igualmente execráveis para a ascese. Em compensação, verdadeiro clarão de aprovação ética envolve o sóbrio *self-made man* burguês: [...]. (WEBER, 2004: 158-149)

Dessa forma é valorizado o duro trabalho e abdicação de tudo que possa desviar o homem de seu caminho para poder se tornar um homem bem instituído na sociedade capitalista. Nos termos em que Weber compreende o capitalismo moderno essa é uma característica típica dele e que se ressaltam nos exemplos utilizados pelo autor quando trata da colônia da Nova Inglaterra e também da América Moderna. O personagem Jakob, no texto de Kafka, está em relação com essa característica de um homem centrado, disciplinado e metódico com relação a seus negócios, um sujeito que não vê espaço para distrações ou desvios do caminho que é considerado correto – características que tentamos ressaltar quando tratávamos da expulsão de Karl da casa de Jakob. Os ensinamentos de Jakob para Karl e sua preocupação com a formação do sobrinho estão relacionados com a expectativa de que este se torne alguém dotado de um futuro muito promissor. Dessa forma gostaríamos de trazer aqui o exato momento onde Jakob ensinará à Karl a necessidade de, na América, rejeitar qualquer postura de tipo contemplativa e assumir uma postura ativa e, de certa forma, renunciar aos prazeres. Jakob aconselhava a Karl, em seus primeiros dias, a “examinar e observar tudo, mas não se deixar prender por nada”. Uma conduta perigosa era encarar o mundo com princípios frágeis, pois assim se evitaria o destino de outros imigrantes, que segundo Jakob, executando esse ato contemplativo incessante da vida cidadina, não se comportando “segundo esses bons princípios, tinham ficado plantados em suas sacadas, olhando como ovelhas desgarradas para baixo”. Segundo Jakob a contemplação e a possibilidade de se perder era um problema para aqueles que pensavam em se estabelecer de forma definitiva na América. Dessa forma, Karl fez a renúncia àquilo que ele considerava um prazer, tentando se adaptar à situação nova que era estar na América e agradar ao tio, visando um futuro promissor.

Weber traz uma compreensão das origens de uma certa conduta de vida típica do capitalismo moderno. Um dos elementos constitutivos dessa conduta seria o exercício do trabalho racional metódico e sistemático que, na modernidade, deixa de ser tão racional, no sentido de que aquilo era uma deliberação dos homens passa a ser uma atividade naturalizada e vista como dever de trabalhar, o que guarda relação com um dos finais possíveis atribuídos

pelo autor ao futuro da vida dentro da *crosta de aço*, onde uma das possibilidades seria “uma petrificação chinesa [ou melhor: mecanizada] , arrematada com um espécie convulsiva de autossuficiência”. A questão da autossuficiência já aparece, em parte, no discurso do tio de Karl, no que diz respeito à responsabilidade individual com relação à disciplina e certas condutas que endereçariam Karl à uma boa vida. A questão da petrificação e da mecanização guarda relação com a dinâmica do mecanismo que dizíamos existir nas práticas laborais dentro da obra. Porém, na possibilidade de ampliar um pouco mais a análise, juntando esses dois elementos, percebemos uma construção na obra de Kafka que demonstra, de maneira mais clara e secular, resultados futuros da atitude laboral e da secularização do espírito do capitalismo ao extremo. Para lançar luz sobre esse fenômeno observaremos com maior cuidado o processo de admissão e trabalho de Karl Rossman no Hotel Occidental.

O trabalho no Hotel Occidental seria o primeiro trabalho de Karl em território americano, também faz parte dos primeiros passos sozinhos na América – visto que havia sido expulso da residência do tio há pouco tempo. As condições e posição de trabalho não eram das melhores, mas eram bem vistas por Karl e pela cozinheira-mor, que lhe oferecia o cargo. A própria cozinheira-mor, ao explicar para o jovem que não seriam necessárias grandes habilidades para ocupar o cargo, descreve o trabalho da seguinte forma:

Isso é o menos importante – [...] –, por ora ocuparia um cargo bem baixo e teria então que procurar ascender trabalhando com zelo e atenção. De qualquer forma creio que seria melhor estabelecer-se nalgum lugar, ao invés de vagar assim pelo mundo. Não parece feito para essa vida. (KAFKA, 2012: 116)

O trabalho de ascensorista era o mais baixo na escala hierárquica do hotel, e ele seria a porta de entrada para poder ascender naquele local, desde que efetuasse um bom serviço, com suficiente afinco. Ressaltamos também a necessidade de se estabelecer, possuir um ofício, lembrando que os personagens são definidos por sua profissão, isso é um ponto importante na fala da cozinheira-mor. Se estabelecer não é apenas ficar em algum lugar, mas também desenvolver algum tipo de atividade que caracterize Karl como alguém. A aceitação do cargo de ascensorista é imediata, pois o próprio protagonista considera sua trajetória e poucos estudos suficientes. A conclusão de Karl coloca felicidade e ironia a um mesmo tempo: “De resto Karl sempre simpatizara com ascensoristas, pareciam-lhe um pouco como os ornamentos do hotel.” (KAFKA, 2012:117). Por que ironia? Pois ornamentos são elementos decorativos, elementos que não são essenciais, mas por outro lado ocuparia uma função onde trabalharia exaustivamente e qualquer deslize lhe custaria o trabalho. Ao analisarmos sua demissão percebemos que um de seus motivos foi o jovem ter atrapalhado toda a dinâmica do hotel, fazendo uma volta completa com a relação com ornamentos, ela se apresenta de duas formas,

uma vez como realmente é, como algo decorativo, logo, algo dispensável, mas, por outro lado, até mesmo os ornamentos possuem uma função na grande máquina “Hotel Occidental” e Karl havia interrompido sua dinâmica e funcionamento, sendo assim demitido e descartado. Mas passemos à descrição da atividade que seria desenvolvida por ele no Hotel.

O primeiro contato que Karl estabelece com a função de ascensorista, se dá no momento em que iria para o quarto onde passaria a noite, sendo acompanhado pela cozinheira-mor, entra em um elevador. A cena é a do ascensorista dormindo no horário de trabalho, a cozinheira-mor diz que poderiam subir sem auxílio do jovem, explicando um pouco mais sobre a função que Karl ocuparia:

– Podemos subir sem ele – disse a cozinheira-mor em voz baixa, deixando Karl entrar primeiro –, Uma jornada de trabalho de dez a doze horas é de fato um pouco excessiva para um garoto desses – disse ela, depois, enquanto subiam –, mas é curioso na América: eis aí esse rapazinho, p. ex. Ele também chegou aqui há apenas meio ano com seus pais, ele é italiano. Agora ele parece ser absolutamente incapaz de aguentar o trabalho, já está com o rosto que é só pele e osso, dorme no serviço, embora por natureza tenha muita boa vontade; no entanto, ele precisa trabalhar apenas mais meio ano, aqui ou em qualquer outro lugar da América, e será capaz de aguentar tudo facilmente e, em cinco anos, será um homem. Poderia continuar citando exemplos desse tipo por horas a fio. E não é que eu esteja em absoluto pensando no seu caso, porque você é um rapaz robusto – [...] (KAFKA, 2012:118)

A descrição é de um trabalho de tipo constante, doze horas a fio ocupando o mesmo cargo e na mesma posição, levando os hóspedes para cima e para baixo no hotel, as vezes os auxiliando com bagagens e tudo mais. O que gostaríamos de ressaltar aqui, além do excessivo e constante trabalho, é a importância do trabalho para constituir o jovem garoto italiano como um homem. O trabalho como meio para aguentar as dificuldades da vida, expressa na frase “ele precisa trabalhar apenas mais meio ano, aqui ou em qualquer outro lugar da América, e será capaz de aguentar tudo facilmente”, é difícil afirmarmos qual era a idade do jovem garoto e qual a relação dos cinco anos para ele se tornar homem, visto que não temos aqui parâmetros de idade e também o choque da cozinheira-mor, na sequência da passagem, descobrindo que Karl possuía apenas 16 anos. Mesmo assim, o exercício do trabalho faz com que se possa adaptar ao próprio trabalho, mas também encarar as dificuldades da vida. Essa descrição guarda relação com o trabalho de tipo ascético de que nos fala Max Weber na *Ética Protestante e o “espírito” do capitalismo* o trabalho enquanto forma de receber indícios da salvação divina, enquanto forma de melhorar suas próprias condições e ganhar reconhecimento social, aspecto mais valorizado em sua condição secularizada.

A caracterização do trabalho enquanto desgastante, para além do breve caso do ascensorista dormindo em sua posição de trabalho, é bem expresso pelo relato de Therese, onde ela conta para Karl o percurso que fez naquele hotel com a ajuda da cozinheira-mor. Therese

assim que conhece Karl, recém chegado ao hotel, conta um pouco de sua trajetória trabalhando ali: ela era ajudante de cozinha, “estava prestes a ser despedida, pois não conseguia dar conta do trabalho pesado” (KAFKA, 2012:121), ela conta a Karl, para reforçar seu argumento, que uma ajudante havia desmaiado enquanto ali trabalhava, o motivo era o excesso de trabalho e a exaustão causada por ele, necessitando de atendimento médico temporário. Therese apresenta sua trajetória sofrida e demonstra indícios de que vem tentando superá-la. A jovem, natural da Pomerânia, possui fragilidades físicas que atrapalham na execução do próprio trabalho. Mas a cozinheira-mor, mais uma vez colocada como uma figura benevolente e dotada de muita “compaixão” – adjetivo utilizado por Therese – certa vez, percebendo as dificuldades que ela possuía e vendo seu esforço e trabalho bem feito, a deslocou para a função de sua secretária. A passagem de ajudante da cozinha para secretária da cozinheira pode até nos soar estranho, mas Therese ocupa realmente um cargo de secretária, escreve cartas, faz relatórios e resolve problemas na cidade.

Therese justifica sua aproximação de Karl por ver a possibilidade de construir um vínculo de amizade, visto que uma de suas reclamações no ambiente trabalho era a solidão. A secretária afirmava que não podia falar com ninguém, fica pouco claro os motivos pelos quais isso lhe era negado, mas quando trabalhava na cozinha tinha amigas, que também trabalhavam com ela. Mesmo ao ser promovida, para o cargo de secretária, continuou mantendo relações com as antigas companheiras de função, mas elas foram embora. Ao falar de sua relação com a cozinheira-mor ela ressalta que há ali uma relação profissional que deve respeitar uma hierarquia, apesar de ser muito boa com Therese, a cozinheira-mor não era uma amiga, pois “há uma diferença grande demais na nossa posição para que eu possa falar com ela abertamente”. Quando falávamos de disciplina falávamos desse tipo de relação, que marca uma distância na relação entre funcionário e superior. Fechando sua descrição da função de secretária que ocupa no hotel, Therese afirma:

[...] No final das contas, às vezes tenho a impressão de que meu trabalho atual me cansa mais do que o antigo e que eu nem sequer o realizo tão bem quanto o outro e que a senhora cozinheira-mor me mantém nesse cargo somente por compaixão. Afinal, é preciso que se tenha tido realmente uma formação escolar melhor para ser secretária. É um pecado dizer uma coisa dessas, mas tenho cada vez mais medo de ficar louca. [...]. (KAFKA, 2012:122)

Mesmo de forma literária, esse trecho que segue a fala sobre a relação com a cozinheira-mor, representa um bom resumo das características presentes no trabalho moderno, trabalho hierarquizado, onde as relações de trabalho são distintas e marcadas por posições, o trabalho que ocupa maior parte da vida individual é ininterrupto, além de outros aspectos do trabalho moderno, como a especialização do trabalho e mesmo as patologias causadas por este

estão presentes no relato de Therese. Aqui fica bem demonstrada a necessidade de se voltar ao trabalho de forma completa e com toda sua força, mas mesmo assim ele não é garantia para uma boa realização da função, e isso por diversos fatores, a formação é uma delas, problemas de saúde e adaptação são outras. Derivado das preocupações com o trabalho e a necessidade de exercer uma boa função, em compensação ao que a cozinheira havia feito por ela, Therese exaure sua força de trabalho até o último fio de cabelo, sentindo a iminência de colapsar, aspecto do trabalho que ainda permanece atual, o aumento de problemas de ordem psicológicas derivadas de atividades laborais cada vez mais aumentam.

Therese nos oferece um gancho para tratarmos da condição de trabalho na qual Karl Rossman é posto no Hotel Occidental, ela pondera que os “ascensoristas são os que estão em melhor situação [...]— ganham um bom dinheiro com gorjetas e, afinal de contas, não precisavam nem de longe dar duro como o pessoal da cozinha”. Karl teria outra perspectiva sobre o trabalho, apesar de ter indícios de executar um trabalho mais simples que os da cozinha, ainda havia ascensoristas dormindo no posto devido exaustão. Karl, receberia um dia para poder conhecer a cidade e o Hotel, mas abre mão dessa folga, dada pela cozinheira-mor, para iniciar o quanto antes em seu novo trabalho, pois, segundo ele, estava atrasado com relação a todos os demais e

[...]; para ele, o mais importante era começar a trabalhar, pois na Europa ele já havia feito o erro de interromper um trabalho que tinha um propósito muito diverso, e só agora começava a trabalhar como ascensorista, numa cidade em que outros rapazes, pelo menos os mais capacitados, estavam prestes a assumir um cargo superior como consequência natural de seu trabalho. Era perfeitamente correto começar como ascensorista; mas igualmente correto era o fato de que devia fazê-lo o mais rapidamente possível. Em tais circunstâncias a visita à cidade não lhe proporcionaria prazer algum (KAFKA, 2012:124)

Nesse trecho se expõe a forma como Karl compreende o trabalho, sobretudo quando ele abre mão da possibilidade de desfrutar de algum prazer para trabalhar, para se empenhar em tomar os trilhos de sua vida que já está aquém daquilo que deveria, pois, segundo ele, muitos jovens de sua idade, por terem começado antes e terem trabalhado arduamente estariam em uma posição melhor. Nesse trecho também podemos observar indícios de uma prática obstinada do trabalho, que guarda relações importantes com o trabalho vocacionado descrito por Max Weber, um trabalho que aparece como uma forma de se afastar dos prazeres, pois o trabalho é a primeira responsabilidade e deve aceitar apenas aqueles prazeres que são fruto do trabalho. Mas também coloca temas como posição social, ascensão e mérito: de início o pensamento demonstra que há uma posição inicial àqueles que são inseridos no mundo do trabalho, em seguida apresentasse que há a possibilidade de mudar essa posição inicial, ascender na hierarquia e na posição social, o que decorre dos méritos laborais de cada indivíduo.

Após certo tempo em seu trabalho temos a descrição de seus momentos de descanso, onde nos é apresentado com maior clareza a posição de Karl com relação à renúncia aos prazeres e preocupação em executar seu ofício com cada vez mais afinco, de forma que o personagem abria mão de diversões e entretenimentos que eram tão comuns aos seus colegas de trabalho, algo de que tratamos brevemente quando falávamos da discussão de Karl com o porteiro-mor, onde Karl afirmava que nunca saía do hotel. O ritmo de trabalho do jovem alemão apresentado em uma “jornada de doze horas, três dias às seis da tarde e, outros três dias, às seis da manhã” (KAFKA, 2012:127) era tão intenso que ao fim “Karl estava tão cansado que, sem se preocupar com mais ninguém ia diretamente para a cama” (KAFKA, 2012:127) pouco depois dessa descrição da jornada de trabalho seguida de períodos de descanso nos é apresentado, com mais detalhes, a condução de vida quase ascética empreendida por Karl Rossman enquanto estava no Hotel Occidental:

[...]. Com frequência Karl passava quase todas as suas doze horas tentando obter algumas horas de sono, embora sentisse muito atraído a participar dos divertimentos dos demais; entretanto, parecia-lhe que todos os outros levavam na vida alguma vantagem sobre ele, uma vantagem que ele teria de compensar trabalhando com mais afinco e com alguma disposição e renúncia. [...] (KAFKA, 2012:127)

Aqui o romance de Kafka possui um ponto de contato extremamente profícuo com a compreensão de Max Weber do trabalho vocacionado. A vida do protestante que nos fala Weber é uma vida de renúncia que procura controlar o mundo o máximo possível, o trabalho irá aparecer com dupla característica de dominar o mundo e a própria conduta de vida e também de receber sinais para a salvação. O ponto é que esse tipo de trabalho se seculariza e recebe características agonísticas, como aparece no último capítulo da *Ética Protestante*. Essas características agonísticas que Weber nos apresenta, de maneira breve, como característica americana é muito bem apresentada nessa descrição do descanso de Rossmann, onde ele sente que sempre lhe estão tirando algum tipo de vantagem, pois é como se estivesse acontecendo algum tipo de competição ou mesmo houvesse algum tipo de aproveitamento de sua inocência. A forma do jovem fugir dessa sensação de desvantagem é se jogar no trabalho com maior afinco, para que assim se coloque em pé de igualdade com os demais, porém, isso pedia renúncia de tudo que os outros ascensoristas consideravam algo prazeroso, a abdicação de partilhar divertimento com seus colegas de trabalho é exemplo de uma espécie de conduta ascética secularizada, que em alguma medida é compreendida por Kafka em seu romance. Essa posição de se voltar ao trabalho faz com que Karl caia quase em um conformismo e uma aceitação de qualquer tipo de condição. Tanto que, mesmo estando extremamente incomodado com as condições do dormitório compartilhado entre os ascensoristas, que atrapalhava seu descanso, Karl nunca foi capaz de fazer qualquer tipo de reclamação, se voltando

especificamente às suas obrigações, e quando tinha 24 horas de folga ia à cidade acompanhar Therese em seu trabalho ou ia ver a cozinheira-mor também enquanto trabalhava. Em resumo a vida de Rossmann nesse capítulo do Hotel Occidental gira em torno do trabalho, quando não o seu ou de seus interlocutores.

Kafka, além de nos apresentar uma espécie de conduta do trabalho por meio de suas descrições, também nos apresenta a forma de trabalho que é desempenhada, nesse caso um trabalho mecanizado e, em certo sentido, alienado, para que retomemos a discussão sobre o mecanismo e a mecanização em seu romance, que guarda certa relação, mas vai um pouco além, daquilo que Weber chamará de *standartização* e também dos mecanismos petrificados. Karl, ao assumir seu posto de trabalho se depara com as condições de trabalho que irá assumir, o responsável por apresentar seu novo trabalho e sua rotina é o mesmo ascensorista que foi visto por ele e pela cozinheira dormindo no exercício do ofício. Descobrimos nesse momento que seu nome é Giacomo e também que ele foi removido da função de ascensorista, motivo aparente pelo qual ele apresenta a função a ser exercida por Rossmann de maneira pouco detalhada e até com certa má vontade, mas também é ponderado que não existe muita coisa a ser apresentada para o novo ascensorista do Hotel Occidental. Kafka então descreve a experiência de Rossmann com o novo trabalho da seguinte forma:

[...] Karl decepcionou-se sobretudo como fato de que o único vínculo de um ascensorista com o mecanismo do elevador estava em apertar um botão para simplesmente colocá-lo em movimento, sendo que para os consertos do motor eram utilizados única e exclusivamente os mecânicos do hotel, de modo que Giacomo, p. ex., em meio ano de serviço jamais vira com seus próprios olhos nem o motor no poço, nem o maquinário da parte interna do elevador, embora ele desejasse muito fazê-lo, como dissera expressamente. De modo geral era um serviço monótono e tão cansativo com sua jornada de doze horas de trabalho em turnos noturnos e diurnos alternados, que, de acordo com as informações de Giacomo, aquilo se tornava absolutamente insuportável se não se pudesse dormir alguns minutos em pé. Karl não comentou nada, mas deu-se conta de que fora precisamente esse talento de Giacomo que lhe custara o posto. (KAFKA, 2012: 125)

Chamamos atenção aqui para a forma como Kafka coloca a relação da alienação, como aparece em Marx e também em *Ciência como vocação* de Weber, nesse caso, um tipo de trabalho onde o trabalhador pouco sabe, ou nada sabe, do todo do processo de produção, onde sua tarefa é tão especializada, que no caso de Karl Rossmann a função é apertar um botão, elemento atualíssimo posto na obra de Kafka, que revela certa sensibilidade com o desenvolvimento das técnicas de trabalho, onde representa o ofício de Karl como um ofício totalmente taylorista, com longas jornadas de trabalho, mas estruturado em uma espécie de conduta de vida muito típica do personagem em questão que é uma conduta de vida extremamente regrada e voltada ao afincado em tudo aquilo que faz. Dessa forma, é como se

Kafka aqui construiu um retrato de um mundo do trabalho tão claro quanto aquele que nos é apresentado nas obras de sociólogos como Weber e Marx.

Outro elemento importante a ser ressaltado é a perda de controle de si do personagem, se em outro momento ele dizia “basta conhecer o mecanismo”, a essa altura sua preocupação é de outra ordem, pois, para ascender no hotel o conhecimento do mecanismo lhe é excluído, a ele basta apertar o botão, saber o que está por traz do movimento do elevador ou o que pode causar problemas a seu funcionamento não cabe a Karl, mas a outro indivíduo que é especializado naquela questão. Karl se empenhou de forma exemplar na função que lhe foi destinada e tomou como aquilo que merecia, dali ele poderia crescer dentro do hotel. Ele se adaptou e desenvolveu as técnicas corporais e hábitos de um ascensoristas, fazendo reverências, apanhando gorjetas no ar, foi adaptando-se à função e também foi adaptando seu corpo e corporalidade à função que estava exercendo, algo que é extremamente importante visto que o trabalho ali descrito é muito equivalente a um trabalho de tipo taylorista, onde a produção e perfeição das técnicas corporais são exigência para a melhor execução do trabalho. Porém, como já dissemos, todo seu afinho não foi suficiente para que o jovem sobrevivesse à tentativa de evitar problemas no ambiente de trabalho e mais uma vez é penalizado e expulso sem ter grandes oportunidades de se explicar. Após a expulsão o protagonista segue então sua marcha para o oeste da América em busca de sentido e de lugar para se encontrar.

3.3 LÓGICA DOS SENTIDOS DUALIDADE COMUM ENTRE KAFKA E WEBER

Não é objeto estranho, na análise empreendida até aqui, a importância que os valores e a busca por sentido ocupam nas obras de Weber e Kafka. Na obra de Kafka a questão do sentido aparece de duas formas: primeiramente dentro do enredo, é comum a personagem principal dos romances e textos de Kafka se depararem com situações onde o sentido dos acontecimentos está sendo buscado, talvez o texto mais exemplar desse aspecto seja *O Processo*, onde Josef K. é processado e declarado culpado sem nem ao menos saber o que fez. A partir desse primeiro acontecimento se desdobra a busca pelo sentido da acusação e do processo, então, o sentido aparece como tema. Uma segunda maneira pela qual o autor lida com a questão do sentido é a partir da forma de sua escrita; acerca disso Walter Benjamin chama atenção para um aspecto dual presente na obra de Kafka, onde a clareza da escrita, a objetividade da forma, entra em conflito com a obscuridade e o enigma do conteúdo escrito. O que está sendo posto por Benjamin é que, no romance clássico, é importante que a obra tenha um desfecho que atribui sentido ao conjunto da narrativa, enquanto é uma característica dos romances de Kafka possuir uma espécie de final em aberto, deixar o sentido final sujeito a

interpretações. Isso que faz com que Benjamin afirme, sobre a obra de Kafka, que ela se furta dessa responsabilidade de oferecer um final, que dará sentido ao todo, mas não se furta de convidar o leitor a interpretar o sentido daquilo que está escrito e também o sentido da própria vida. O ponto de Benjamin, nesse caso, é que qualquer interpretação feita sobre os textos de Kafka não dá conta dos sentidos possíveis que a obra pode ter. Sendo assim, a escrita de Kafka é, ela mesma, uma forma de reflexão sobre a interpretação e sobre o sentido. A forma de escrita de Kafka é considerada por Benjamin uma espécie de mistura de elementos da narração antiga (parábola) e do romance moderno, o que o faz concluir que esse sentido que fica aberto no texto de Kafka produz parábolas sem lição e romances sem desfechos.

Dessa forma, os textos de Kafka não se deixam ser apreendidos em sua completude, pois em sua materialidade ele não prediz uma completude, mas um aspecto fragmentário. Em sua narrativa, o sentido que vai sendo construindo, de uma hora para outra, é modificado. Se olharmos para o romance *O desaparecido* percebemos que a trama construída e o enredo elaborado, de um capítulo para outro, se modificam drasticamente, em uma constante sucessão de *plot twists*. Kafka nos oferece situações para pensarmos o sentido de nossas vidas cotidianas, pois estes são os elementos constitutivos das narrativas do autor; no caso de *O desaparecido*, o trabalhar e o estudar são duas atividades cotidianas presentes, e junto a essas atividades são acrescentados valores também cotidianos e ao mesmo tempo elevados, como justiça, autoridade e hierarquia. Olhemos para o primeiro capítulo do romance: Karl Rossmann chega ao porto de Nova York, no momento do desembarque percebe ter esquecido seu guarda-chuva e ao iniciar a busca pelo bem perdido, se perde pelos corredores labirínticos do navio, que parecia ser diferente daquele no qual viajou da Alemanha até a América. Nesse caminho se depara com o foguista; ao iniciar conversa com ele passa a se preocupar com sua mala, o foguista aponta para a possibilidade dele já a ter perdido, mas o convence a não se preocupar e lhe fazer companhia, ao invés de procurar seus bens. A mala e o guarda-chuva vão deixando de ser uma preocupação e o que fica em evidência são as trocas de experiências entre Karl e o foguista, o primeiro conta a tragédia que o levou até ali – a expulsão de casa por seus pais – e o segundo fala sobre sua insatisfação com os tratamentos injustos que recebe no trabalho. Em poucas páginas, e um breve diálogo, Karl torna-se “advogado” do foguista, apoiando sua reclamação na sala do capitão do navio. Em meio às argumentações, para tentar defender o funcionário, naquela mesma sala, se revela figura que afirma ser o tio de Karl, Jakob, que estava ali para busca-lo, pois havia recebido correspondências da empregada que engravidou de Karl. Após essa descoberta, a defesa do foguista, por parte de Karl, passa a ser colocada de lado, seu tio vai o dissuadindo de tomar partido na disputa e hierarquia daquele navio, o levando embora para sua residência.

Ao observarmos bem o desenrolar da trama, aquilo que motiva a personagem a tomar uma atitude – procurar o guarda-chuva, procurar sua mala, ajudar o foguista – é colocado em suspensão pela nova interpelação que lhe é feita. Ao fim do episódio, Karl sai do navio sem guarda-chuva, sem mala e sem saber o que aconteceu com o foguista. Tudo aquilo que promove o desencadeamento de ações e suas motivações, acaba por desaparecer. Ou seja, aquilo que dá sentido aos atos de Karl, nesse primeiro capítulo, é aquilo que se perderá de vista. O capítulo intitulado “O foguista”, termina sem nos apresentar o desfecho da história dessa personagem que não terá outra aparição ao longo de todo o romance. Os bens de Karl retornarão ao fim do terceiro capítulo do livro, quando seu tio o expulsa de casa por meio de um mensageiro (Green), que entrega a ele mala e guarda-chuva, dizendo que elas foram entregues por Schubal, que era chefe do foguista no navio, naquele mesmo dia. Escolhemos aqui o primeiro capítulo pois é onde a ausência do sentido e de um desfecho se faz mais presente, visto que tudo que foi construído naquele capítulo, com exceção do tio, que é o título do capítulo subsequente, deixa de existir. E não há uma explicação textual para que seja assim. Na obra kafkiana, poucas explicações são dadas sobre aquilo que acontece – a impressão que fica é que em *O desaparecido* existem até explicações em demasia para um texto de Kafka, como o motivo da ida dele à América, o motivo da expulsão da casa do Tio, o motivo de sua demissão – é aquilo que Patrícia Silva Santos e Anatol Rosenfeld chamam de fórmula do “é assim”, as coisas além de não se explicarem na obra de Kafka, são o que são, uma espécie de hiper-realismo, que não opera de forma simbólica. A nível de exemplo, em *A Metamorfose*, se tornar um inseto é mesmo se tornar um inseto, não é metáfora para outra coisa. Seguindo esse mesmo sentido, podemos pensar junto com Patrícia da Silva Santos, que chama atenção para o fato de que “o mundo dos textos literários de Kafka desafia as estruturas legitimadas de sentidos” (SILVA, 2009: 8), de forma que aquilo que tomamos como comum ou usual aparece de forma nova e surpreendente no enredo kafkiano.

O procedimento efetuado por Kafka em sua escrita – tendo em vista esse desafio às estruturas legitimadas de sentido apontadas por Silva – diz respeito, também, a um processo de desnaturalização do comum, que Gunther Anders (ANDERS, 2007:15) chamará, em seu ensaio sobre Kafka, de *desloucar* “a aparência aparentemente normal do nosso mundo louco, para tornar visível a sua loucura”. Essa leitura não é específica do autor alemão, mas a renomada filósofa Hannah Arendt, em suas considerações sobre o autor de Praga, afirma que “Kafka quer destruir esse mundo expondo sua estrutura hedionda e oculta, contrastando a realidade e a pretensão”(ARENDT, 1994: 72). O que é comum à análise que relaciona a obra de Kafka com o mundo externo – e aqui vale ressaltar que pensam a obra como explicação do mundo e não o

mundo como explicação da obra –, é que ela é responsável por uma espécie de desmascaramento de uma condição não percebida e a maneira pela qual torna algo percebido é exatamente o exagero que lhe é tão característico.

No romance *O desaparecido* – apesar de ser um dos textos de Kafka que possui menos aspectos fantásticos –, podemos perceber que o exagero, tão característico de sua obra e que tem como função desvelar algo e desmascarar uma estrutura do mundo, se faz evidente nas situações de representação de justiça e obediência. Retomemos a expulsão de Karl Rossmann da casa de seu tio, Jakob. Após o jovem passar um dia na casa de campo de um amigo de seu tio, com ele concordando a contragosto, o jovem, ao decidir ir embora, retornar à residência de seu familiar, antes mesmo do combinado – voltar no dia seguinte, pela manhã, para a aula de inglês e equitação –, recebe, à meia-noite, a prometida surpresa de Green: uma carta de seu Tio o expulsando de casa e enviando seus pertences. A razão da expulsão era a tormenta que a decisão de autorizar a ida de Karl à casa de campo causava aos seus princípios, logo, já que o jovem havia decidido partir, que partisse de uma vez e nunca mais voltasse, temos assim outra figura que desaparece do enredo e nunca mais se tem notícias. O exagero está exatamente na motivação para a expulsão, na desmedida e desproporcional reação do tio para com o sobrinho. Tal situação nos remete ao evento presente no texto *O Veredito*, onde há um entrevero entre pai e filho (Georg Bendenmann) sobre noticiar o noivado do segundo a um amigo que havia fracassado em um empreendimento e na vida amorosa na Rússia, o medo do filho era gerar inveja e frustração no amigo, enquanto o pai inicia uma espécie de julgamento e afirma já ter contado tudo sobre a vida do filho para esse amigo, que, segundo o pai, havia abandonado a todos e não percebia por conta de seu sucesso na vida como comerciante e sua visão para si e para sua noiva. Ao fim o pai sentencia o filho à morte por afogamento, sentença que é cumprida sem o menor questionamento. Karl, assim como Georg Bendenmann, aceita o destino imposto por aquele que é seu responsável sem questionar, se lança para uma nova vida, o veredito está dado e será cumprido, o vínculo com o tio é cortado e o motivo, ou sentido, desse excesso nem mesmo é problematizado ou posto em questão pelas personagens, que agem quase de forma passiva frente à situação, cumprindo ordens.

É exatamente esse não questionamento e esse exagero que são responsáveis pela produção do questionamento do sentido, não apenas o do texto; é razoável se questionar sobre a razão do que está acontecendo no texto, mas também é razoável se perguntar se as autoridades não agem assim também na vida real, é esse tipo de questionamento que Kafka coloca pela sua forma literária. Nesse movimento, de entrecruzamento entre o verossímil e o exagerado, Kafka apresenta problematizações sobre a interpretação, como aponta Benjamin, mas também sobre

o sentido da vida e das suas estruturas, como aponta Hannah Arendt e Gunther Anders. Movamos então a segunda peça de nossa análise, Max Weber. O sociólogo de Heidelberg é conhecido por sua análise dos sentidos das ações e dos sentidos atribuídos aos fenômenos do mundo moderno. Transparece, na elaboração de uma sociologia compreensiva, o interesse também em desvelar, de certa forma, aquilo que está oculto no comum, de forma a desnaturalizar e problematizar as práticas mais comuns do cotidiano. Weber, em seu ensaio sobre *O sentido da “neutralidade” axiológica nas ciências sociais e econômicas* afirmará que

[...] O que realmente é discutível é o seguinte: que na ciência seja possível se contentar com qualquer uma de tais evidências fatuais, que foram estabelecidas convencionalmente, no que se refere a certas tomadas de posição, por mais difundidas que sejam. A função da ciência é, a nosso ver, exatamente a contrária: transformar em problema o que é evidente por convenção. [...]. (WEBER, 2016: 572-3)

Esse procedimento da ciência é muito semelhante ao que os analistas da obra de Kafka afirmam sobre o procedimento que ela executa: desnaturalizar e deslincar a realidade. Weber procura, por meio da sociologia compreensiva, algo próximo ao que conferem à obra de Kafka, que seria colocar o convencional, o cotidiano e o evidente em questão, de forma a compreender que a realidade social, além de ser caótica e fragmentária, é também pautada por valores e sentidos atribuídos pelos atores sociais. Caberia, então, ao cientista social observar e procurar compreender que valores estariam pautando as ações dos agentes e quais sentidos estão sendo atribuídos às ações executadas. Dessa forma, podemos perceber que, ao executar seu projeto *d'A Ética Protestante e o “Espírito” do capitalismo*, Weber executa esse movimento de deslocamento e problematização de uma leitura comum e rotineira acerca do capitalismo moderno, então, a partir de sua análise ele nos propõe olhar para o capitalismo não como se as estruturas materiais alterassem as mentalidades e formas de pensar e agir, mas numa leitura de tipo diferente, também *desafiando as estruturas legitimadas de sentido*. O capitalismo, em sua perspectiva, ganha uma leitura de tipo cultural, onde aspectos culturais e materiais vão agindo em confluência e de forma combinada para constituir a mentalidade e a forma de agir capitalista vocacionada que aparece na era moderna. Olhando para um movimento religioso e seus preceitos éticos, Weber conseguiu problematizar, renovar e alterar a forma como compreendemos o capitalismo moderno, pois o capitalismo não é, a seu ver, apenas um fenômeno econômico, mas também cultural. Em Weber, assim como em Kafka, o sentido tem um duplo aspecto: é aquilo que o sociólogo investiga. Ele lança vista em compreender os sentidos atribuídos aos fenômenos, mas ao mesmo tempo, dispensa especial atenção a um aspecto da realidade que não fora percebido antes, ressaltando aquilo que estava escondido ou não havia sido posto em evidência, produzindo além da compreensão dos sentidos, uma nova interpretação da realidade e um novo sentido da mesma.

3.4 CONDUTA DE VIDA E OS VALORES EM WEBER E KAFKA

Max Weber, em sua análise, compreendeu que as condutas humanas são pautadas por valores adotados pelos agentes sociais. Dessa forma, os valores são responsáveis, em alguma medida, pela formação das personalidades individuais e também de grupos sociais, onde constituem um tipo de ética que norteia ações desses grupos. Weber elaborou, em sua análise da *Ética*, assim como em *Ciência como vocação*, *Seitas Protestantes e o espírito do capitalismo* e *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha*, formas de compreender os valores que guiavam as condutas de vida no mundo moderno. Por uma condição histórica, essas condutas de vida se demonstravam latentes de maneira mais clara e evidente nos Estados Unidos da América, e por esse motivo é o país que aparece como pano de fundo de suas análises. Kafka, por sua vez, não nos fala em valores, mas em sua obra aparecem noções similares como as de princípio e hierarquia, que são responsáveis por guiar as condutas humanas. Vamos aqui perscrutar os valores e os princípios que guiam as condutas de vida na América no caso weberiano e kafkiano.

Nós propomos fazer uma análise prévia do que seria considerado como valor na obra de Weber partindo de “Consideração intermediária”, texto em que o autor irá desenhar e formular, de forma mais robusta, a existência de ordens da vida e de esferas de valor relativamente autônomas. Quando Weber lança mão de uma tipologia de esferas, ele reforça a existência de uma espécie de politeísmo de valores. Em sua compreensão, há uma grande tensão entre as religiões de salvação, enquanto sistemas que buscam ordenar a conduta total da vida dos indivíduos, e as esferas de valor. Há algumas questões lógicas a serem postas quando usamos valores de uma esfera para avaliar condutas de outras, pois cada uma é orientada para uma finalidade específica – exemplo disso é o exercício de nossa pesquisa. Mas o que nos interessa aqui dessa concepção weberiana é que cada esfera produz normas, validações e legalidades próprias. Essas esferas, por regerem objetivos e finalidades distintas não apenas entram em conflito nos períodos de avaliação, mas se mesclam na própria personalidade individual, visto que nem sempre uma esfera produz valorações para todos os objetos da vida social. Sendo assim, o sujeito empírico carrega dentro de si uma constelação de valores de esferas distintas que passam a entrar em conflito, de forma consciente ou não, no interior do agente. Esse conflito entre valores é explicado por Weber através de sua noção de politeísmo de valor, onde:

Toda consideração empírica desta situação conduziria, como já observou Stuart Mill, ao reconhecimento do politeísmo absoluto como a única metafísica apropriada a ela. [...]. No que diz respeito aos valores, na realidade, sempre e em toda parte, definitivamente, não se trata de alternativas, mas de uma luta de vida e morte irreconciliável entre “Deus” e o “Demônio”. Entre estes não é possível uma

relativização e transições nenhuma. [...]. Em quase qualquer tomada de posição importantes os homens concretos, as esferas de valores se entrecruzam e se entrelaçam. A superficialidade da “vida cotidiana”, no sentido mais próprio da palavra, consiste precisamente no fato de que o homem que nela vive imerso não toma consciência – nem quer fazê-lo – desta mescla, condicionada, em parte, psicologicamente, e, em parte, pragmaticamente, por valores irreconciliáveis, nem tampouco toma consciência – nem quer tomar – do fato de que ele evita a opção entre “Deus” e o “Demônio” e sua própria decisão última com referência a qual dos valores em conflito ele mesmo está sendo regido e em que medida [...] (WEBER, 2016;577-578)

Weber aqui dá mais consistência à sua teoria da ação que será formulada posteriormente. As ações, dotadas de sentido, são acompanhadas de valores, de validações e justificativas. Não são apenas atos. Como já dissemos, a interpretação weberiana da realidade insere uma nova forma de olhar para a ela no campo da sociologia, acrescentando à análise das ações a análise das motivações para as ações e também de suas legitimações, de forma que a questão de fundo se torna “por que agir assim e não de outra forma?”. Weber, apesar de dar importância aos valores, não oferece uma definição fechada e conceitual deste, ponto para o qual Schluchter chama atenção em sua explicação sobre o politeísmo de valor, por esse motivo o autor faz um esforço para explicar o conceito de valor em analogia ao conceito de finalidade. Pela ausência do conceito de valor a explicação de Schluchter é a seguinte:

[...] há uma definição do conceito de finalidade (Zweck). Seria, escreve Weber no ensaio sobre a objetividade “para nossa consideração a imaginação de um sucesso que se torna motivo de uma ação”. Mas agora ele distinguiu entre finalidade e valor, não em último lugar no seu sistema de orientações de ações, onde ele fala de orientações valorativas racionais e finalísticas racionais. Em analogia ao conceito “finalidade” podemos definir “valor” como imaginação de uma validade que se torna motivo de uma ação. Valores têm a ver com reivindicações valorativas que apontam para normas de validade e para pretensões de validade. Definido assim, o conceito “valor” mostra ao mesmo tempo seu fundamento numa teoria de ação e também numa teoria mentalista da consciência. [...]. (SCHLUCHTER, 2000; 22-23)

Nessa citação, Schluchter nos mostra que um conceito de valor pode dar fundamento a uma teoria da ação e também à uma teoria mentalista da consciência. Aqui vislumbramos que experiência e conhecimento estão interligados, não há uma divisão irreconciliável entre o mundo sensível e o mundo intelectual. O fazer, em Weber, não é destituído de justificativa, e sua justificativa não repousa novamente no fazer. Exemplo dessa posição está em *A Ética Protestante e o “Espírito” do capitalismo*, o ato de trabalhar metodicamente não se explica pelo simples ato de trabalhar metodicamente, há algo que, consciente ou inconscientemente, pauta essa ação. Ou seja, na teoria weberiana, nem tudo está dado no plano empírico, há, em certa medida, construções mentais e simbólicas que explicam a materialidade para além do fato empírico.

O movimento de análise feito por Weber para compreender os fenômenos modernos que acontecem nos Estados Unidos da América é o de olhar para esse jovem país, que possuía

um grau de desenvolvimento capitalista avançado, e compreender as condições que possibilitaram que ele se vinculasse tão bem à cultura capitalista moderna do trabalho vocacionado. O autor, como tentamos demonstrar anteriormente, considera a ausência de uma tradição antiga que sedimenta valores como um ponto importantíssimo para a elaboração da cultura capitalista de forma tão veloz. Junto disso, o autor também considera que a formação protestante do país é importantíssima para a disseminação de uma ética e para a construção do espírito capitalista naquele país. Podemos, com certa segurança, afirmar que o território americano era uma espécie de tábula rasa para o processo de racionalização do mundo moderno capitalista. Os valores que ali se constituíram foram os de uma ética protestante do trabalho metódico e racional, que não tinha problemas com relação ao ganho econômico, e também, após a guerra de secessão, ali foi onde se disseminou uma cultura do progresso e desenvolvimento tecnológico que pouca resistência fez ao desenvolvimento industrial. Nesse cenário, olhando para a gênese e formação da sociedade americana, Weber produz uma representação de país que se constitui criando sua tradição já moderna se compararmos com os valores que constituem a sociedade Europeia e colocavam alguns freios ao desenvolvimento de um capitalismo tão acelerado e industrializado. Em resumo, uma nova terra onde se sedimentaram novos valores. A grande questão, posta ao fim do ensaio da *Ética protestante*, é que no mundo moderno – e isso é importante de ressaltarmos para relacionarmos com a perspectiva e trajetória do herói do romance de Kafka –, o que antes era um valor e uma escolha individual, pois a ética pode apenas existir em um âmbito de liberdade de escolha e deliberação, se tornou um dever. Como explicita Weber,

[...] O puritano *queria* ser um profissional – mas nós *devemos* sê-lo. Pois a ascese, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje se determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem – não só dos economicamente ativos – e talvez continue até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil. [...] (WEBER, 2004: 165)

O trabalho vocacional, enquanto um valor oriundo da ética protestante, assumido pelo fiel, deixou de ser uma escolha e passou a ser uma obrigação a todos os homens. Mas essa não foi a única consequência, pois, derivado disso há o domínio amplo da esfera econômica sobre as demais esferas de valor, movimento que é materializado na *Ética* pela passagem sobre *a crosta de aço* da seguinte forma:

[...]. Na opinião de Baxter, o cuidado com os bens exteriores devia pesar sobre os ombros de seu santo apenas “qual leve manto de que se pudesse despir a qualquer momento”. Quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço. No que a ascese se pôs a transformar o mundo e a produzir no mundo os seus efeitos, os bens exteriores deste mundo ganharam poder crescente e por fim irresistível sobre os seres

humanos como nunca antes na história. Hoje, seu espírito – quem sabe definitivamente? – safou-se dessa crosta. O capitalismo vitorioso, em todo caso, desde quando se apoia em bases mecânicas, não precisa mais desse arrimo. [...] (WEBER, 2004:165)

E esse processo de mecanização e assimilação automática do espírito do capitalismo pelo homem moderno possui consequências mais drásticas, que se voltam exatamente para aquilo que chamávamos atenção logo acima: a perda da liberdade de escolha que define os homens enquanto sujeitos autônomos, dotados de dignidade e integridade para definir e escolher seus valores:

Também a rósea galhardia de sua risonha herdeira, a Ilustração, parece definitivamente fadada a empalidecer, e a ideia do “dever profissional” ronda nossa vida como um fantasma das crenças religiosas de outrora. A partir do momento em que não se pode remeter diretamente o “cumprimento do dever profissional” aos valores espirituais supremos da cultura – ou que, vice versa, também não se pode mais experimentá-lo subjetivamente como uma simples coerção econômica –, aí então o indivíduo de hoje quase sempre renuncia a lhe dar uma interpretação de sentido. Nos Estados Unidos, território em que se acha mais a solta, porquanto despida de seu sentido metafísico [ou melhor: ético-religioso], a ambição de lucro tende a associar-se a paixões puramente agonísticas que não raro lhe imprimem até mesmo um caráter esportivo. [...] Então, para os “últimos homens” desse desenvolvimento cultural, bem poderiam tornar-se verdade as palavras: especialistas sem espírito, gozadores sem coração: esse Nada imagina ter chegado a um grau de humanidade nunca antes alcançado”. (WEBER, 2004:165:166)

Aqui Weber dá ênfase para o trabalho na modernidade enquanto ausente de justificativa ou motivação, como uma atividade naturalizada, que é por si mesmo, ausente de valor que o atribua legitimidade. Nesse sentido, é impossível ao homem fazer um movimento contrário àquilo que lhe parece natural. Ele presenciou nos Estados Unidos, onde as raízes ético-religiosas outrora eram fortes, esse aspecto da naturalização do trabalho e da ambição de forma a se relacionar com uma disputa entre todos os sujeitos como em uma luta pela sobrevivência ou uma tentativa de se adaptar à própria seleção natural. Maria Helena Oliva-Augusto, retomando a discussão de Brubaker sobre as visões morais em Weber e a ética da personalidade, toca em questões importantes da obra do autor, como, por exemplo, o desaparecimento da atribuição de sentido por meio da naturalização de um fenômeno. Traremos aqui duas citações da autora para podermos prosseguir para a relação da interpretação kafkiana sobre valores e princípios na América. A primeira diz respeito à conduta de vida que necessita da liberdade

“Da mesma forma que o significado distingue uma ação humana individual de um evento da natureza, é o significado que distingue uma vida humana verdadeira de uma cadeia de eventos naturais” (ibid., p. 94). Nesse contexto, o individualismo envolve a responsabilidade racional e a obrigação do indivíduo para consigo mesmo.¹⁵ Só se pode constituir como “personalidade” aquele cuja vida é significativa, dotada de dignidade – isso querendo dizer que ela se rege por um padrão unificado, baseado em valores fundamentais –; aquele cuja vida é racional, na medida em que há coerência entre seus fins e valores, que são perseguidos com constância e projetados com clareza, manifestando, portanto, integridade; aquele que dispõe de liberdade, isto é, sua vida como um todo tem o potencial de ser livre em sentido positivo – liberdade não significando apenas ausência de coerção, mas dizendo respeito à autonomia, no

sentido de ser guiada por normas próprias do indivíduo (cf. *ibid.*, pp. 91-114). (OLIVA-AUGUSTO, 2018:254)

Aqui, se nos atentarmos bem, percebemos características que estão presentes naquilo que Weber considera a vida do protestante, mas não diz respeito à vida do sujeito imerso no capitalismo moderno, um sujeito que organiza sua vida, se pauta por valores, e certa planificação daquilo que está sendo executado. A leitura de Weber do capitalista e dos últimos-homens demonstra oposição com relação ao protestantes, pois os últimos-homens, e em alguma medida os capitalistas, já não atribuem sentido às suas práticas, que são planejadas, mas não de acordo com alguns valores. Ao fim a esfera econômica coloca o dinheiro e o lucro como os valores supremos que acabam sendo fins em si mesmos. Não entraremos nos meandros da discussão sobre a possibilidade de uma personalidade autêntica ou da possibilidade de organização total da vida, apenas ressaltaremos que quanto mais apertado o receptáculo de aço fica e quanto menor a possibilidade de manobra dos homens, menos eles são capazes de exercitar alguma liberdade e personalidade; quanto mais as coerções econômicas são postas de forma natural, menor a possibilidade deles atribuírem sentido às condutas de suas vidas, sejam elas com relação a valor ou a fins. A segunda citação do artigo de Oliva-Augusto, apesar de ser sobre Weber, em um primeiro olhar parece nos remeter mais à Kafka, por isso é a partir dela que faremos a ponte para introduzirmos esse assunto na perspectiva do literato:

A massa dos homens está condenada ao sem sentido (inexpressivo) de uma existência meramente natural: somente os virtuosos éticos são privilegiados a levar uma existência verdadeiramente humana. Desse modo, o problema fundamental da modernidade diz respeito a como os indivíduos podem preservar sua verdadeira identidade – dignidade, integridade e autonomia – no mundo racionalizado. (OLIVA-AUGUSTO, 2018:246)

Weber se perguntava se os homens viriam a fugir do receptáculo de aço, se escapariam dessa condição do capitalismo moderno e se haveria possibilidade do exercício de uma identidade, seleção de valores e impressão/compreensão de sentidos para condução da vida. Olhemos agora para o romance *O desaparecido*, de Kafka, para que procuremos o ponto de contato ou distanciação com essa perspectiva oferecida por Weber. Kafka, diferente de Weber, não fala tanto de uma nova terra que tem potencial para o desenvolvimento do racionalismo oriunda da ausência de valores tradicionais, ele nos conta a história de um jovem garoto que chega à América e precisa se adaptar a esse novo habitat, assimilar os valores daquele local e construir uma nova identidade, como se tivesse nascido outra vez. Karl Rossmann não conhece nada da América, nem mesmo seu idioma, tendo que se adaptar à nova situação em que é posto. O herói se depara com uma das características mais marcantes da ficção kafkiana: a pressão que o meio externo impõe sobre os indivíduos.

Se aquele que imprime valor e sentido à sua vida, na obra de Weber, é aquele que é dotado em algum sentido de “personalidade”, no romance de Kafka o herói aparece quase sempre impossibilitado de imprimir sentido a qualquer coisa, o sentido, ou os valores, são apresentados por outros personagens ou por estruturas sociais que aparecem na obra. Por mais que Karl Rossmann faça escolhas, ou decida por algo, essas sempre possuem resultados adversos, ou opostos ao previsto. Suas decisões nem sempre terminam como esperado por conta de forças externas e superiores que o frustram. Enrique Mandelbaum, no artigo *Das possibilidades de desaparecer na Amerika*, comenta que dentre as obras de Kafka, talvez, em *O desaparecido*, é onde o protagonista possui maior margem de manobra contra aquilo que lhe acontece, o que faz com que o personagem se reinvente a cada capítulo. A isso gostaria de fazer um comentário: não necessariamente Karl possui maior margem de manobra para se reinventar, mas a dinâmica desse primeiro romance de Kafka é distinta, por exemplo, de *O Processo e O Castelo*, onde a trama se desenvolve em torno de um objeto e um problema para o qual se busca uma resolução. No caso de *O Desaparecido*, a história de Rossmann tem algo de épico e do romance de formação, não é em torno de um mesmo problema/objeto que sua história se desdobra, mas em torno de um mesmo tipo de situação, o que faz com que Roberto Calasso, no capítulo *Fugas e Embates*, de seu livro *K.*, comente que há certa serialidade, onde “A repetição do idêntico e a substituição incessante apresentam-se com o mesmo semblante” (CALASSO, 2012:EPUB). As situações de Karl na América são caracterizadas pela seguinte sequência: assimilação dos padrões, acomodação, estabelecimento e fracasso. Suas situações vão da boa atuação ao fracasso, impingindo-o a recomeçar em outro lugar sua tentativa de se estabelecer.

Karl em um primeiro momento procura ajudar o foguista, pois se convenceu de que sua causa era justa e ele estava sendo injustiçado em seu trabalho, mas o desenrolar do enredo mostra a ele que por mais que ele confie no foguista, por mais que sua história seja verossímil, o valor que fará a justiça já está dado e é inflexível. Karl acabou de chegar, é apenas um garoto, por mais eloquente e convincente que seja, não é capaz de vencer a hierarquia de comando do navio e ajudar seu novo amigo, e seu tio tenta lhe convencer disso enquanto estão indo embora da sala do capitão, deixando o foguista por sua própria conta, contra todos seus superiores. Ali se tem a primeira evidência que demonstra que por mais que Karl escolha fazer algo, há uma estrutura hierárquica que aparentemente impede que o foguista esteja certo e seus superiores errados, fazendo com que a obediência vença a justiça. Há ali um código pré-estabelecido que tem que ser aceito, e essa é a lição do tio para o sobrinho recém-chegado. O segundo momento onde os valores – dessa vez não os hierárquicos, mas também de autoridade – se demonstram como exteriores e destrutores da vontade de Karl, é no terceiro capítulo. Após, de forma regrada,

se empenhar em seus estudos, aprender equitação e algumas coisas sobre os negócios do tio, tudo para impressioná-lo, Karl pede por um tempo para ir à casa de campo do Senhor Pollunder, como já narramos no tópico anterior, e o tio o autoriza mesmo a contragosto. Estando lá, Karl descobre, por meio da carta entregue pelo Senhor Green, que seu Tio o está expulsando de casa, pois ele deve permanecer fiel a seus princípios e Karl estava fazendo com que ele os traísse. Então, apesar de ter uma relação familiar com seu tio e ele ser sua única salvaguarda consanguínea nas terras além-mar, o tio decide colocar seus valores e princípios a frente dos vínculos familiares. Aqui, assim como durante o julgamento do foguista, ele não tem outra escolha se não ir embora.

Ainda há um terceiro momento onde regras e valores pré-estabelecidos agem sobre o herói, em sua demissão do Hotel Occidental. Para ajudar Robinson, que se encontrava bêbado e chamava por ele nas imediações do Hotel, Karl deixa seu posto de trabalho por alguns instantes e leva-o até o dormitório dos funcionários. Quando retorna a seu posto recebe a notícia de que o camareiro-mor queria falar com ele e, ao chegar à sala deste, apenas sob a justificativa de ter abandonado o posto de trabalho, Karl é demitido, sem a chance de explicar mais do que aconteceu. Karl, durante todo o tempo que esteve no hotel foi um trabalhador exemplar, cumprindo horários, regras e mesmo deixando de aproveitar seu tempo livre em suas folgas para poder trabalhar melhor, mas ao primeiro deslize é demitido. A cozinheira-mor, que conseguiu o trabalho para Karl e era sua compatriota, tinha muito apresso por ele, ao receber a notícia e ser convencida pelo camareiro-mor que ele havia cometido algo grave - abandonar seu posto e, como acrescentado pelo porteiro-mor, ser um farrista, que saía todas as noites e apenas retornava pela manhã – não teve condições de empreender grandes esforços para defender o jovem. Acrescentado a isso descobriram Robinson no quarto dos empregados, o que apenas piorou a situação e concretizou sua demissão e também a sensação de desapontamento que Karl causou na cozinheira-mor, que de início tentou fazer algo pelo jovem, mas foi dissuadida pelo camareiro. O interessante da situação é compreender a motivação da demissão. Mesmo que Karl tivesse um vínculo afetivo grande com a cozinheira-mor e que o camareiro-mor, apaixonado pela cozinheira, fizesse todas as suas vontades, o chefe de Karl responde: “Não posso lhe fazer concessões, minha cara senhora cozinheira-mor. Trata-se da minha autoridade, há muita coisa em jogo, um rapaz desses perverte todo o grupo” (KAFKA, 2012:152). O camareiro-mor não podia fazer diferente para não contrariar, primeiro, o regulamento do Hotel,

do qual Karl tinha consciência relativa²⁶; e segundo, sofrer com a possibilidade de perder a autoridade e o comando da equipe. Mais uma vez os valores e as regras se colocam acima das relações pessoais. Então uma estrutura externa ou um valor superior é colocado como guia para pautar as decisões e atitudes das personagens. O grande ponto aqui é que esses valores que são impessoais estão sempre a favor de figuras que possuem grandes poderes e causam uma derrota ao herói do romance kafkiano. Karl, não totalmente assimilado a esse sistema e não possuindo grandes poderes por ser um simples funcionário, não podia fazer muita coisa contra as decisões imperiosas das regras e dos valores, concluindo o seguinte:

“Karl deu-se conta de que na verdade já tinha perdido o emprego, pois o camareiro-mor já o havia declarado e o porteiro-mor o repetira como fato consumado, e em se tratando de um simples ascensorista por certo não deveria ser necessária a confirmação da demissão por parte da direção do hotel. Tudo aquilo se passara mais rápido do que ele tinha pensado, pois afinal de contas por dois meses ele havia executado o serviço da melhor maneira que pudera, seguramente o melhor do que muitos outros rapazes. Mas na hora H, evidentemente, em parte alguma do mundo, nem na Europa, nem na América, tais coisas são levadas em consideração; decide-se segundo a sentença que escapa pela boca no primeiro momento de raiva. Talvez o melhor fosse despedir-se imediatamente e ir embora; [...] (KAFKA, 2012:150-151)

Podemos perceber, pela tríade de situações apresentadas, que as relações pessoais e as relações afetivas do tipo mais tradicional, pouco têm efeito em solo americano, elas até fazem com que o herói do romance ganhe e conquiste algo, mas não garante a permanência ou segurança de algo conquistado. As coisas devem ser minuciosamente feitas de acordo com as normas, regras e princípios que não pertencem e nem estão sob controle do herói, que é pequeno e atingido por eles, não sendo capaz de mobilizar princípios, valores ou regras, pois, mesmo que as possua, elas não são vistas como legítimas e não se aplicam ao contexto no qual se encontra. As normas, para ele, já estão dadas, sem espaço para manobrar, apenas para cumprimento e acatamento, sendo que ao menor dos deslizes ele será expulso ou descartado. Deve-se respeitar princípios, hierarquias, normas e autoridades, sendo esse o único caminho para manter o que se conquistou, posto que o domínio dos valores, das normas e dos princípios está sempre nas mãos de quem possui o poder de mando, decidindo sobre sua aplicação ou não; a demora para o tio expulsá-lo é exemplo disso, a decisão não se deu no momento em que ele saiu de casa, a notícia nem foi informada pessoalmente, mas por um mediador, via carta. Essa é uma das interpretações possíveis sobre essas situações de Karl em solo americano.

Essa forma como Kafka descreve as relações de respeito às regras e às normas, que são como bússolas para as condutas, nos remete a certa afinidade com os escritos de Max

²⁶ -- Conheço essa cláusula, eu também recebi o regulamento e o li com atenção. Mas justamente uma disposição dessas, que nunca se usa, se esquece. Eu estou há dois meses no serviço e nunca abandonei meu posto. (KAFKA, 2012:149)

Weber. A afinidade diz respeito à participação de seitas e de clubes nos Estados Unidos da América, exposto em *Seitas Protestantes e o espírito do capitalismo* onde Weber argumentará em torno dos ganhos econômicos e de prestígio que acarreta a participação em uma seita religiosa ou em algum tipo de grupo que partilha da mesma dinâmica de ingresso que esta. Fazer parte desses grupos prediz a necessidade de possuir algumas qualidades éticas prévias, que serão avaliadas por conselho de líderes ou pelos participantes. Da mesma forma, a permanência nesses grupos é conquistada pela manutenção e exercício dos valores pregados. É necessário agir de acordo com as cartilhas caso se tenha intenção de manter-se vinculado e desfrutar das vantagens que eles proporcionam na vida social americana, tendo em vista que participar de um clube ou de uma seita é indício de ser um sujeito bem qualificado e dotado de um conjunto de valores que antecede qualquer conhecimento de sua personalidade, é um facilitador na vida econômica, profissional e mesmo política. Os grupos e seitas produzem uma espécie de controle sobre seus participantes, mas esse controle tem origem na deliberação do agente pela participação. O ingresso em seitas e clubes significa a redução e menor valorização de relações pessoais e afetivas por relações de ordem normativas, éticas, racionais e individuais, trocando aquilo que seria uma ordem mais personalista por uma ordem construída e legitimada pelos participantes e pela sociedade.

Tanto em Kafka, quanto em Weber, se elabora uma relação entre sujeitos mais livres do que outros, sujeitos que possuem maior facilidade por estar em uma dada posição do que outros. Weber deixa explicitamente marcado que os alemães que não aderiam à dinâmica dos clubes ou das seitas, na América, tinham de fazer um caminho mais difícil, assim como aqueles que estavam dentro dos clubes e das seitas, e agiam em desacordo com as normas, sofriam fortes represálias sendo a maior delas a exclusão da seita, que acarretava na perda de prestígio social e econômico. No universo construído por Kafka, nas oportunidades que Karl agiu contra aqueles que são capazes de decidir com base nos valores e possuem certo controle sobre eles, contra aqueles que já estão instituídos e possuem maior liberdade para agir contra outros indivíduos, Karl sofre alguma espécie de represália, quando ele se move contra aqueles que estão em uma hierarquia maior, ou que lhe garantem alguma espécie de prestígio ou oportunidade, ele sofre a pior das represálias, que seria a expulsão. Karl, possui pouca liberdade para definir como agir, assim como os sujeitos da crosta de aço de Max Weber, ele tem o dever de seguir as regras estabelecidas e reclamar o mínimo possível quando estiver em desacordo com elas, pois a vida é assim. Se há um questionamento de quem viverá sob a crosta de aço, se perguntando se o espírito do capitalismo já não fugiu dessa crosta, sobretudo na América, Kafka talvez acrescentaria que nessa crosta de aço a substituição do espírito do capitalismo é por uma

ética da obediência, que limita e reprime a liberdade dos indivíduos, de forma que ou eles agem de acordo com as regras do jogo, de maneira rigorosa, ou eles são marginalizados.

3.5 A EXPANSÃO PARA O OESTE:

Aqui fazemos referência a uma coincidência que pode significar muito no plano da interpretação. A América, vista como espaço do novo e do esperançoso é comum tanto em Weber quanto em Kafka, ela é o local da possibilidade do recomeço, tanto que é considerado por Weber um dos pontos de surgimento do espírito do capitalismo, como também o local onde muitos protestantes, fugindo da perseguição religiosa, puderam reiniciar suas vidas. Em Kafka a história é semelhante, a grande maioria dos personagens são imigrantes que saíram de suas terras natais e foram tentar uma nova vida na América, mas com especial atenção à Karl, é o recomeço e uma espécie de punição, pois fora expulso da Europa, para ele também a América apresentava uma nova esperança, um começar do zero, pois não conhecia nada daquele país, a América aparece como um grande livro em branco. O ponto que gostaríamos de levantar, para além dessa relação entre recomeços, novos pontos de partida e símbolo da esperança é uma coincidência textual entre ambos os autores. Weber, quando viajava à América, presenciou a expansão para o Oeste, considerando o final de seu texto sobre a *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha*, o autor chama atenção para o potencial de desenvolvimento daquele país por ainda possuir terras ao Oeste, partindo exatamente de Oklahoma. Karl Rossman, inicia sua jornada em Nova York e a cada expulsão vai sendo jogado cada vez mais ao Oeste do país, seu fim é no Teatro de Oklahoma, exatamente para onde o país estava se expandindo na ocupação das novas terras.

Qual seria a esperança depositada por Max Weber no projeto americano em curso? No ensaio *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha*, o autor traz um comparativo entre a situação europeia e a situação americana em sentido econômico e social. Ele dava atenção aos conflitos existentes na Europa de formas tradicionais de sociabilidade, de trabalho, de organização burocrática e distribuição de prestígio. Weber, como suscita Clauss Offe, pensa em dois movimentos possíveis no processo de racionalização do mundo moderno: ou a europeização da América, ou a Americanização da Europa. A americanização da Europa colocaria em questão os processos de burocratização, secularização, racionalização desenvolvidos pelo capitalismo e poderia “preservar a liberdade não apenas para pequenas minorias no topo do estado, partidos e aparatos administrativos, mas de forma coletiva na base

do corpo civil e em suas associações”²⁷. Em sua análise, além de ressaltar os aspectos de jovem país, chama atenção ao fato de que, na América, muitos dos problemas enfrentados pela Europa, em decorrência do processo de racionalização, ainda não são latentes.

Em *capitalismo e sociedade rural na Alemanha* ele lança vista sobre a abundância de terras, dinâmica da produção nas terras disponíveis, incipiente problema de acumulação de renda e ausência de uma cultura de heranças e estabelecimento de uma “nobreza”. Na *Ética Protestante* se ressalta a ausência de tradicionalismos que fazem frente ao desenvolvimento de um espírito capitalista e estabelecimento de uma ética do trabalho de tipo protestante. Em *Ciência como vocação* o autor ressalta as diferenças entre o *privatdozent* e o professor universitário americano, onde o primeiro se garante pelas instituições tradicionais e burocráticas que garantem sua posição independente de qualidade ou produtividade, o segundo é como um proletário da ciência, tendo que investir arduamente em sua profissão para ascender e se estabelecer. Em *Seitas Protestantes e o Espírito do capitalismo*, Weber, aponta para a dinâmica associativista e coletivista que enaltece o desenvolvimento individual em oposição ao modelo Europeu que lança vista primeiramente sobre os prestígios garantidos pelo nascimento relacionados com certo patriarcalismo. Ao cabo, a esperança de Weber por uma americanização da Europa é derrotada, pois o próprio processo de racionalização produz uma dinâmica própria naquele país por conta de suas especificidades e mesmo as especificidades americanas, vista por Weber como um desenvolvimento que contempla maior liberdade, são assimiladas pelo processo de racionalização ocidental e aplicadas na Europa. É como se houvesse um duplo movimento simultâneo, tanto de europeização da América quanto de americanização da Europa, de forma que ambos os continentes contribuíssem mutuamente para o desenvolvimento do capitalismo moderno, cada um com aquilo que a ele melhor se adequava.

Weber, ao falar em liberdade, como comentamos acima, a refere à um pequeno grupo de pessoas que possui essa potencialidade, que seria a de agir e tomar a dianteira de certas situações, mesmo que na contramão das ordens vigentes no mundo. Esse tipo de ação que revela a liberdade, que ainda não exclui totalmente a figura do líder e do agente, era visto como uma das qualidades existentes nas terras Americanas, que não eram totalmente escravas dos funcionários burocratas, ainda existia voluntarismo e ação individual em detrimento de um certo objetivo. Dessa forma que os clubes, seitas e associações americanas selecionavam aqueles que eram qualificados para as atividades dos grupos. Essa era a esperança que Weber

²⁷ OFFE, C. American Escape Routes from the Iron Cage. In: OFFE, C. **Reflections on America: Tocqueville, Weber and Adorno in the United States**. Polity, 2005. (EPUB)

guardava com relação à livre conduta de vida americana que poderia fazer frente ao enrijecido modelo burocrático europeu e o já mecanizado modo de vida capitalista. Mas a América também foi considerada como esperança para os protestantes que fugiram de algum tipo de perseguição religiosa e tentaram uma nova vida na antiga colônia da Inglaterra, o que contribuiu para que ela fosse o ponto de maior desenvolvimento de uma ética de tipo protestante, o que acarretou no desenvolvimento mais pleno daquilo que Weber definiu como *espírito do capitalismo*.

Weber, que viajou para Oklahoma e para o coração da América – território que ainda era indígena ou que estava deixando de ser –, conheceu outras formas de sociabilidade que não a industrial e capitalista de Chicago e Nova York, mas uma zona onde havia um forte conflito e resistência dos autóctones, da natureza, de defensores dos direitos indígenas contra o capitalismo, a racionalização e a burocracia. Weber foi testemunha de uma disputa entre autoridade tribal tradicional, as forças racionalizantes da lei e administração modernas, e posição independente de uma figura carismática como Robert Owen”²⁸. Weber bem observou as paisagens das terras indígenas, onde a mecanização, a dominação, o capitalismo e a racionalização tocavam de maneira pouco profunda, mas, mesmo assim, via certo conflito entre a natureza e as estruturas que buscavam por petróleo, os trens e a modernidade que afligiria em breve os poucos espaços de terra para onde a América ainda poderia crescer. A esperança de Weber, em que os Estados Unidos poderiam oferecer alternativas ao processo de racionalização, eram limitadas. Lawrence A. Scaff percebe esse movimento de desencorajamento em cartas que ele escreveu durante sua viagem, exatamente após conhecer e passar por territórios indígenas. A interpretação do cientista político, com base nas cartas dos dias 28 e 29 de setembro e também do dia 1º de outubro é a seguinte:

Weber também não tinha dúvidas de que a chegada da civilização industrial moderna significaria o rápido desaparecimento de um passado romantizado. “A hora da floresta virgem chegou até aqui”, como ele afirmou, e o “romantismo Leatherstocking” da vida nativa e da fronteira estava chegando ao fim. Depois de sua viagem por Muskogee ele notou “um atrativo maravilhoso – isto é, não esteticamente atrativo – imagem do crescimento que no próximo ano já terá assumido as características da cidade de Oklahoma e outras mais, isto é, as características de qualquer outra cidade ocidental”. No dia seguinte o mesmo pensamento foi reforçado em outra passagem: “Uma lástima; em um ano esse lugar parecerá Oklahoma, isto é, como qualquer outra cidade americana. Quase que na velocidade da luz, tudo que fica no caminho da cultura capitalista está sendo destruído”. As últimas linhas sobre o território repetiam o sentimento: “Mas chega desta viagem à ‘velha romântica terra’. A próxima vez que eu vier aqui, o último remanescente do ‘romantismo’ terá desaparecido”. (SCAFF, 2016: EPUB) (Tradução minha)

²⁸ SCAFF, L. Remnant of Romanticism, in: SWATOS JR, W H.; KAELEBER, L. **The Protestant Ethic Turns 100: Essays on the Centenary of the Weber Thesis**. Routledge, 2016. EPUB (Tradução minha)

Essa impressão de estar presenciando o canto do cisne da natureza e a força destrutiva do capitalismo assolava, em certa medida, a esperança que Weber tinha com relação à possibilidade da americanização da Europa, de forma que no fim de sua palestra, pronunciada em Saint Louis, ele afirma o seguinte sobre o avanço dos problemas com quais a Europa tem de lidar e a América ainda terá de enfrentar:

Por outro lado, a maior parte dos problemas para cuja solução estamos trabalhando agora só surgirá nos Estados Unidos dentro de algumas gerações. A forma pela qual serão solucionados determinará o caráter da cultura deste continente. Jamais terá sido tão fácil, talvez, para uma nação tornar-se uma grande potência civilizada, quanto o é para o povo americano. Não obstante, de acordo com o cálculo humano, também é a última vez, por toda duração da história da humanidade, que tais condições de desenvolvimento livre e grande serão proporcionadas; as áreas de solo livre estão desaparecendo em toda parte do mundo. (WEBER, 1982:436-7)

Weber depositava esperança que certas condutas americanas pudessem fazer frente ao processo de racionalização do ocidente. Mas seu pessimismo não o deixava se iludir. A possibilidade do novo estava acabando naquele continente ao passo que a expansão territorial daquele país chegava ao fim e as tradições passariam a se sedimentar, criando grandes problemas e conflitos como aqueles pelos quais a Europa já vinha passando há longa data, monopólio e grandes propriedades, poderes e riquezas mal distribuídos, desigualdade e afins. Weber vislumbrava, em alguma medida, a América como esperança para frear um processo universal. Kafka, por sua vez, colocará a América como esperança para projetos individuais, assim como era para aqueles protestantes que atravessavam o mar fugindo da perseguição, ou mesmo os imigrantes que tentavam melhorar de vida, pois vislumbravam na América mais oportunidades, começar uma vida em locais que estavam, também, apenas começando sua história, exemplo das novas terras no interior do país que nos descreve Max Weber. Kafka representa a esperança a partir da trajetória individual de Karl Rossmann, sujeito que está já em conflito com aquilo que era considerado por Weber os problemas Europeus – mecanização, burocratização, secularização e racionalização.

Karl Rossmann, após ser expulso da casa de seus pais, na Alemanha, migra para a América, chegando em Nova York. Nesse cenário o país aparece como a chance de recomeçar uma nova vida longe daquilo que era considerado um problema por seus pais – ter engravidado a empregada. Enquanto está na casa de seu tio, projeta alguns planos, como aprimorar seu idioma e aprender mais sobre a empresa do tio para poder exercer uma função. Porém, com a expulsão da casa de seu tio, Karl fica relegado a migrar mais uma vez, seu tio propõe que ele vá para São Francisco, onde ficaria longe o suficiente para não manter relações. A realidade é que Karl vai se movimentando cada vez mais para dentro do continente, sua meta, apresentada quando se encontra com Robinson e Delamarché, é ir até a Califórnia, onde poderia trabalhar

no garimpo, mas, para isso passariam por algumas cidades, entre elas Butterford, onde poderiam conseguir emprego. A possibilidade de superação da adversidade está sempre em se mover cada vez mais território adentro. Nesse movimento de migração, Karl se depara com mais um ponto de parada, o Hotel Occidental, após os problemas encarados com seu superior e a demissão mais uma vez se coloca em marcha com Robinson para a residência periférica que Delamarche e ele dividiam com Brunelda. Após sair com Brunelda, Karl encontra seu último destino, o Teatro Oklahoma, o teatro que levaria ele para o coração norte-americano em uma locomotiva, tendo noção de quão grande e vasto era o território daquele país, mas também, é onde Karl acredita ter encontrado a redenção definitiva, visto que sua história, até o momento, era a história da repetição da frustração, um ciclo entre o estabelecimento e o desterro.

Por coincidência, Karl rumo para o lugar que Weber considera ter presenciado o romantismo sobrevivente, as últimas terras vazias e não atropeladas pelo capitalismo. Uma coincidência sem precedentes. O caminho de Karl pela América é marcado por ter que encarar ou assimilar à dinâmica de vida de seu tio, um grande capitalista e político, que lhe cobrava obediência e respeito a seus princípios, mesmo que ele fosse sangue do seu sangue, partilhasse um vínculo de nascimento com o tio, ele não seria exceção ao respeito das regras. No Hotel ele é atropelado pela hierarquia e pelo respeito às normas do trabalho mecanizado, automatizado e constante, que não deve ser abandonado jamais, independente das circunstâncias, a produção e o exercício da função é o mais importante. Os desterramentos de Karl Rossmann não são frutos necessariamente do capitalismo, não há tal reflexão dentro da obra de Kafka, mas oferecem um horizonte de reflexão sobre a situação moderna, onde o último recanto para a salvação de Karl – coisa que ele busca desde o início de sua trajetória – se dá exatamente lá em terras que ainda não foram completamente ocupadas, naquele território quase virgem que possibilita um *modus operandi* diferente de todo o resto das terras americanas, pois, lá em Oklahoma, ainda há espaço para todos, mesmo para aqueles que nos polos mais modernos e civilizados do país são vistos com maus olhos. Se Weber depositava sua esperança na América pela ausência de problemas da modernidade e espaço para expansão territorial, Kafka produz uma metáfora na trajetória de Karl Rossmann, onde a esperança no mundo moderno se realiza lá onde o moderno não se desenvolveu em sua potencialidade, lá há fuga da autoridade, da mecanização do trabalho, e das estruturas sociais que em alguma medida sempre entram em conflito com a liberdade do indivíduo. Weber vê na América uma esperança para o mundo moderno, Karl Rossmann vê na América a esperança para sua própria vida, essa esperança se encontra justamente nos territórios ainda intocados pelo processo da modernidade ocidental de maneira profunda.

3.6 DESAPARECIMENTOS AMERICANOS: DESAPARECIMENTO É INSERÇÃO.

Seitas protestantes e o espírito do capitalismo é um ensaio de Max Weber que trata da relação entre filiação religiosa e ônus financeiro. Nesse caso ele apresenta um texto recheado com exemplos de sua viagem aos Estados Unidos. Nesse esforço explicativo, o autor nos brinda com a imagem de uma América protestante onde o batismo é extremamente importante para obtenção de certo prestígio social. Na obra *O desaparecido*, de Franz Kafka, temos a história de Karl Rossmann, jovem alemão que, expulso de casa por ter engravidado a empregada, tenta uma nova vida nos Estados Unidos. Sua trajetória é marcada por um *looping* entre o reconhecimento e o desamparo em suas relações, até que consegue se estabelecer em solo americano. Aquilo para o que gostaríamos de chamar atenção neste momento de nossa dissertação é que para o estabelecimento dos sujeitos em solo americano, nos textos de Weber e Kafka – no caso de Weber isso diz respeito ao ônus financeiro, no caso de Kafka diz respeito a encontrar um lugar para si na sociedade –, os sujeitos passam por um processo de desaparecimento, ou de esquecimento de sua vida passada.

Seitas protestantes e o espírito do capitalismo é um texto de Weber que se estrutura a partir de suas experiências nos EUA, de forma que ele vai dando base empírica à sua teoria. Os diversos exemplos empíricos de que lança mão são vivências de situações onde os agentes sociais utilizavam o fato de pertencerem a alguma seita protestante para tomarem para si algum crédito ou mesmo vantagem social em relação aos demais agentes. Pertencer a uma seita protestante naquele contexto serviria como produção de certo reconhecimento de bom pagador, trabalhador e homem de negócio, mas, também era algo que criava vínculos entre os agentes sociais, produzindo certa ideia de comunidade endógena, que se volta para si em uma espécie de solidariedade com seus pares. Para o fim de nossa pesquisa, olhemos para um relato de viagem de Max Weber que está inscrito em um trecho de *Seitas Protestantes e o Espírito do capitalismo*. Peço desculpa pela longa citação, mas acredito que o texto na íntegra nos ajuda a compreender melhor a situação e o argumento que o autor irá defender e isso colabora para nosso argumento:

Numa bela e clara tarde de domingo de princípios de outubro compareci a uma solenidade de batismo numa congregação batista. Estava eu em companhia de alguns parentes que eram agricultores no interior, a alguns quilômetros da cidade de M., na Carolina do Norte. O batismo deveria realizar-se num pequeno lago alimentado por um riacho que descia das montanhas Blue Ridge, visíveis a distância. Estava frio, e houvera geada durante a noite. Inúmeras famílias dos agricultores estavam de pé pelas

encostas dos morros; haviam vindo, algumas, de grandes distancias, outras das vizinhanças, em suas leves charretes de duas rodas.

O pregador, num terno preto, estava mergulhado até o peito no lago. Depois de vários preparativos, cerca de dez indivíduos de ambos os sexos, em suas melhores roupas dominicais, entraram na agua, uma depois da outra. Declaravam sua fé e em seguida eram totalmente mergulhados — as mulheres nos braços do pregador. Voltavam à tona ensopados e tremendo com suas roupas molhadas, saíam do lago e todos se ‘congratulavam’ com eles. Eram rapidamente envolvidos em cobertores e levados para casa. Um dos meus parentes observou que a “fé” constituía uma proteção infalível contra resfriados. Outro parente permaneceu ao meu lado e, não sendo homem de Igreja, dentro das tradições alemãs, olhava e cuspiam com desdém, por cima do ombro. Disse a um dos batizados: “Olá, Bill, a agua não estava muito fria?”, e recebeu a resposta imediata: “Jeff, pensei num lugar bastante quente (Inferno!) e por isso não me importei com a agua fria”. Durante o mergulho de um dos jovens, meu parente agitou-se:

— Veja! Eu bem lhe disse!

Depois da solenidade, perguntei-lhe como havia adivinhado que tal homem se batizaria.

— Porque ele deseja abrir um banco em M. — respondeu-me.

— Ha ali tantos batistas, que lhe possam garantir movimento?

— Não, mas ao ser batizado ele conseguirá a preferência de toda a região e superará qualquer pessoa. (WEBER, 1982, p. 349-350)

Um primeiro elemento, para que não percamos de vista a discussão que vínhamos fazendo, é o elemento colocado dentro do texto sociológico de Weber como base de uma análise teórica e sustentação de um argumento, o relato de viagem, e esse uso de exemplos irá se repetir no decorrer do texto. Ele lança mão destes relatos para embasar sua proposta compreensiva de que há uma relação entre prestígio social e pertencimento a determinada religião, assim como há uma relação entre essa mesma religião e crescimento financeiro. Esse relato tem a estrutura de uma história ficcional. Caso tivéssemos ele de forma solta em uma página, sem saber nenhuma referência sobre sua escrita, dificilmente saberíamos que ele faz parte de um texto teórico, poderíamos, facilmente, confundi-lo com parte de um romance, ou mesmo um conto. O que esse relato faz é nos oferecer uma perspectiva sobre certa realidade, perspectiva limitada dela, ele serve para tentar ligar a teoria à uma realidade empírica.

Mas olhemos para o conteúdo da narrativa. Weber nos mostra uma cena de batismos em uma lagoa gélida da Carolina do Norte, onde uma série de sujeitos passavam pelo frio do mergulho para serem batizados nas águas. O batismo para as religiões cristãs, incluindo os batistas protestantes, tem uma importância central, é o primeiro sacramento da religião e indica, simbolicamente, uma crença em Cristo e pragmaticamente a conversão à nova religião. O batismo representa em si — principalmente entre os batistas, que apenas aceitam batizar adultos, pois para estes, o batismo passa por um processo de decisão racional e é uma escolha — a morte do sujeito para a vida mundana, para a vida em pecado e, conseqüentemente, o renascimento em Cristo, quando o sujeito abdica de suas condutas, de sua carnalidade e de um mundo de danação, que não condizem com os mandamentos e passam a levar uma vida regrada.

O significado simbólico do batismo nas religiões cristãs é a morte e o renascimento. Weber, junto com seu parente, percebe um elemento além do simbólico religioso, um elemento de ordem mais prática que o batismo de um sujeito em especial representava. No contexto em que ele estava presente, o batismo indicava a entrada e o pertencimento à seita batista e com isso o indivíduo ganharia uma insígnia de prestígio social para desfrutar das vantagens materiais de ser batista. Pertencer a tal grupo indicaria que esse sujeito é alguém de bom crédito, alguém que merece votos de confiança, pois, ter uma filiação religiosa indicaria, aos demais, também possuir uma ética de trabalho e uma conduta mundana exemplar. Mesmo que os batistas não fossem maioria entre a população, antes de abrir um banco o sujeito se batiza, pois a ele será atribuída uma maior confiança.

Percebemos que para uma inserção específica, que seria a inserção de sucesso na vida de negócios, os indivíduos precisam morrer para suas vidas passadas e renascerem em Cristo, precisam abandonar, em tese, velhos vícios e apresentar qualificações éticas exemplares para ingressarem no grupo e obterem prestígio social. Essa construção e interpretação do cenário americano feitas por Weber indica que os indivíduos, na busca da confiança e de uma melhor vida financeira, devem abandonar seus velhos hábitos, devem ir apagando a si para serem reconhecidos como merecedores de tais honrarias. Não é qualquer homem que merece confiança e também não é qualquer religião que oferece prestígio. Alguns sacrifícios devem ser feitos para que se alcance certos objetivos, para que se crie vínculos na sociedade americana e para que também se produza uma boa imagem de si.

Enquanto a obra weberiana nos mostra um lado dos EUA onde se consegue produzir vínculos duradouros que garantirão uma melhor vida econômica, a obra de Kafka nos mostra a dificuldade de inserção dos estrangeiros nessa sociedade. A fórmula não é tão simples como o batismo descrito por Weber. O caminho que Weber demonstra é o da religião que casa com um modelo econômico, uma religião muito individualizante em sua doutrina, porém, agregadora em suas práticas, o que produz essa coesão e teia de vínculos entre os indivíduos que partilham de uma mesma religião, pois, ser protestante é praticamente conquistar com maior facilidade melhores possibilidades de vida, como indica seu testemunho sobre um sujeito que pretendia abrir um banco e se batiza como batista pois, mesmo que ali não houvessem muitos batistas, apenas o gesto de se converter faria com que ele ganhasse a preferência da “clientela”. Weber observa e a partir disso produz uma interpretação de que nos Estados Unidos existem mecanismos de atribuição de prestígio que podem também conceder vantagens àqueles que forem eticamente qualificados para fazer parte do grupo em questão. Kafka também acabará por produzir uma interpretação que vai no sentido de construção de prestígios e concessão de

vantagens para determinados indivíduos, mas de forma um pouco mais específica e que tentaremos tratar daqui em diante.

A representação da América, como tentamos apresentar, aparece por meio de descrições arquitetônicas, de ambientes americanos, dos aspectos da modernidade, enquanto outra parte pode ser percebida pelos modos de conduta das personagens, onde a América aparece representada em condutas de vida que transparecem nas histórias dos personagens do romance, ou seja, aparecem algumas maneiras de ser americano e também de ser na América. Essa segunda perspectiva é um pouco diferente da primeira, que nos oferece algo sobre a maneira como o mundo é, enquanto a segunda nos oferece a perspectiva de como os personagens se colocam nesse mundo, e são essas as características que abordaremos nesse tópico. Pensemos então a forma como Karl Rossmann tenta se colocar nesse novo mundo e o que ela nos oferece de uma representação da América.

De saída, a história de um jovem expulso de casa, por ter engravidado a empregada, na Europa, enviado para a América para livrar a família e a si mesmo das consequências que isto poderia causar já produz uma imagem da América como uma espécie de refúgio, local onde reinícios são possíveis. Se pensamos na linha do poema de Emma Lazarus, poema escrito para descrever a estátua da liberdade, cenário inicial do romance, podemos facilmente perceber que Rossmann era um “exilado” – um “*wretched refuse*” – que foi acolhido nessa nova terra, mas muito disso por conta de ter um tio senador, que possuía grandes influências naquele país e era também dotado de muito prestígio. Essa posição de seu tio, Edward Jakob, transparece na cena de encontro com Rossmann. O encontro de ambos acontece na sala do capitão do navio da linha “Hamburg-Amerika”²⁹. Antes de Karl chegar à sala, para tratar das questões trabalhistas do foguista, o capitão e Jakob discutiam negócios (o intercâmbio de professores da Europa para a América – vale ponderar que Weber foi à Europa em meio a esse tipo de viagem). Ser recebido na sala do capitão demonstra certa posição e prestígio social por parte de Jakob. Vejamos as palavras do capitão ao presenciar o encontro entre Karl e Jakob:

[...]. – Trata-se do conselheiro de Estado Edward Jakob que se identificou como seu tio. Daqui para frente, com certeza à revelia de suas experiências anteriores, uma carreira brilhante o espera. Procure compreender isso da melhor forma possível neste primeiro momento e acalme-se! (KAFKA, 2012: 32)

Percebemos que ser sobrinho de Jakob proporciona certo status e distinção para Karl assim que chega à América, porém, antes de entrarmos de vez nessa questão gostaríamos de explorar um pouco o encontro entre tio e sobrinho. A apresentação dos dois é cercada de

²⁹ Essa linha é uma linha histórica e foi responsável pelo transporte de inúmeros imigrantes que partiam da Alemanha para a América.

alguns desencontros: Karl não reconhece o tio de início, principalmente por este não possuir mais o nome europeu de outrora. Karl esperava por um tio chamando Jakob Bendelmayer, nome de solteiro de sua mãe, mas não Edward Jakob, nome que adotou na América. Após solucionado esse desencontro, Karl passava a ter consciência de que, independente do nome, a relação parental que eles tinham, pelo menos no começo, lhe garantiria alguma chance de se tornar um felizardo, levando em consideração o que o próprio Capitão havia dito. Inclusive, esse novo batismo de seu tio em terras americanas, que tem motivos escondidos, demonstra um movimento pelo qual Karl Rossmann também passará. O personagem ao fim do romance abandona o nome Karl Rossmann e, em seu momento de redenção no Theatro Oklahama, assumindo o nome Negro. Esse movimento de rebatizar é marcado pelos cortes com vínculos antigos (familiares e de amizade) e construção de uma nova história, quase que do zero. Mas, por ora, trataremos apenas da experiência do tio, que demonstra que ele mesmo não apenas abandona seu antigo nome, mas se torna um americano:

– Em todos esses longos anos de minha estadia americana (a palavra “estadia” não combina muito bem nesse caso para o cidadão americano que sou de toda a minha alma), em todos esses longos anos tenho vivido completamente separado de meus parentes europeus, por razões que, em primeiro lugar, não cabem aqui e, em segundo, realmente me custaria demais revelar. (KAFKA, 2012: 32)

Mais adiante, Jakob ainda chama atenção para uma maneira americana de agir, caracterizada pela ausência de atenuações, o jeito americano seria mais direto, forte e intenso. Dizia isso enquanto contava a história da expulsão do sobrinho para o Capitão e todos que se encontravam em sua sala. Concluía a história não apenas demonstrando o destino de seu sobrinho, mas também lançando luz sobre a sua perspectiva da América, onde esta aparecia como uma terra prometida para aqueles que procuravam se encontrar. Mas claro que isso dependia de algumas redes de relacionamento bem estabelecidas. Essa relação com a pessoa certa Rossmann possuía, seu tio. Jakob concluía da seguinte forma a história de seu sobrinho:

[...] despacharam para a América o seu filho, meu querido sobrinho, equipado, como se vê, de modo irresponsavelmente precário, e, se não fosse pelos símbolos e milagres que ainda permanecem vivos justamente na América, o rapaz estaria abandonado à própria sorte e teria decerto logo sucumbido nalguma ruela do porto de Novayork, não fosse aquela empregada ter-me contado, numa carta a mim dirigida e que ontem chegou às minhas mãos depois de um longo périplo, toda a história, dando inclusive a descrição de meu sobrinho e, muito sensatamente, também o nome do navio. (KAFKA, 2012: 34)

O capitão, que ouvia a história demonstrava certa vergonha por ter transportado o sobrinho do senador em condições que não eram as melhores, em entrecobertas. Essa vergonha esclarece de uma melhor forma o que o Capitão considerava ser um felizardo. Os felizardos merecem tratamentos privilegiados, não devem ser tratados como qualquer um, mas também os felizardos devem ser reconhecidos, devem demonstrar que o são e merecem aquele tipo de

tratamento, em suma, devem enunciar suas condições. No caso, Karl não tinha como pedir nada mais que um tratamento simples, pois não tinha conhecimento da posição de seu tio na América, não podendo, dessa forma, fazer parte do tratamento privilegiado de grupos seletos.

Visto que a relação entre Karl e seu tio Jakob seria uma relação que delegaria certos privilégios a Rossmann, é natural que nos perguntemos qual foi o caminho do tio do jovem até chegar à sua posição atual. Jakob, diferente de Rossmann, não possuía nenhum contato na América quando ali chegou, pelo menos a narrativa não nos demonstra nada nesse sentido, porém vai tentando demonstrar o caminho traçado por Jakob e o sucesso que ele havia alcançado. Quando Karl chega à América, seu tio é extremamente bem-sucedido, senador e conselheiro de Estado, além de proprietário de uma grande e moderna empresa, descrita por Karl da seguinte forma: “[...] uma espécie de empresa de transporte e despachos, de um tipo que, até onde Karl podia lembrar, na Europa talvez nem existisse [...]” (KAFKA, 2012:49). Se tomamos a perspectiva inicial de Jakob, como um sujeito orgulhoso de ser americano, mesmo tendo nascido na Europa, percebemos que, em relação a seu crescimento na América, ele oferece uma perspectiva do que é crescer na América e quais os meios disponíveis para que isso seja feito. O que marca seu discurso é o orgulho que ele possuía de seu grande negócio ser fruto de seu mais forte esforço e trabalho com afinco, dando um sentido extremamente individualista a seu processo de crescimento:

- E fique sabendo que tudo isso fui eu mesmo que construí há trinta anos. Naquela época eu possuía um pequeno negócio no bairro do porto; se num dia cinco caixas tivessem sido descarregadas, já era muito e eu ia todo inflado para casa. Hoje em dia eu possuo o maior depósito do porto, e aquele armazém lá é o refeitório e o depósito da aparelhagem do sexagésimo quinto grupo dos meus carregadores.
- Parece mágica – disse Karl.
- As evoluções acontecem todas tão rápido por aqui – disse o tio, interrompendo a conversa. (KAFKA, 2012:50-51)

Karl, que pensava naquilo como algo mágico, demonstra sua surpresa com a possibilidade de ascensão e crescimento naquele novo país. Seu tio faz questão de marcar que ali as coisas são muito velozes, reforçando os aspectos da modernidade que citamos acima. Se a América possibilita essa ascensão àqueles que trabalham de maneira dura, quase em um modelo meritocrático, ela também reivindica algumas abdições por parte daqueles que desejam o desenvolvimento. Mas, se bem observarmos, essa trajetória de Jakob, esse empenho pelo trabalho e pela autoconstrução por meio deste, nos remete a uma espécie de ética que é tratada por Weber enquanto algo voltado para a busca da salvação, mas que na América encontrava indícios de secularização. Se olharmos para as máximas de Benjamin Franklin, podemos dizer que elas se relacionam de maneira muito clara com a trajetória traçada pelo jovem Edward Jakob, que relaciona a situação americana ao ganho econômico que foi possível

para ele e também com a velocidade como as coisas acontecem, remetendo à primeira máxima citada por Weber: “Tempo é dinheiro”. Além disso Jakob é um exemplo de sujeito que soube reinvestir seus ganhos no próprio negócio, fazendo com que um pequenino armazém, após todo o crescimento da empresa, se transformasse em apenas um dos refeitórios da empresa de Jakob.

Jakob também demonstra, já em seu encontro com Rossmann, que não tinha mais vínculos com seus familiares europeus, agora havia se tornado um americano de fato e se dedicava apenas à sua realidade local, o que nos dá certa pista de que a ascensão é acompanhada de um preço a ser pago. O preço pago por Jakob foi o desligamento, foi a reinvenção e seu renascimento em terras americanas, renascimento marcado pelo batismo, se pensarmos em uma chave mais simbólica que procuraremos abordar mais à frente. Mas o que Jakob sempre faz questão de pontuar, para além da disciplina, que é uma qualidade indispensável a quem quiser algum sucesso, era a necessidade de se tornar americano, a necessidade de abdicar aos hábitos de turista e mesmo europeus para que pudesse ascender. Isso fica claro na descrição da chegada de Karl à casa de seu tio, onde ele havia desenvolvido o hábito de ficar contemplando pela sacada o dia novayorkino, algo que seu tio condenava, dizendo tratar-se de coisa permitida “[...] a um turista talvez [...], mas para alguém que quisesse permanecer ali, ela era uma perdição [...]” (KAFKA, 2012: 44). Seu conselho era que Karl tomasse aquilo como um novo nascimento e se adaptasse ao seu novo ambiente. A descrição de Jakob sobre a chegada da Europa é a seguinte:

[...]. Os primeiros dias de um europeu na América podiam ser comparados a um nascimento, e se era verdade que era mais rápido habituar-se ali – dizia ele para que Karl não tivesse medos desnecessários – do que quando se entra no mundo dos homens vindo do além, também era preciso ter em vista que o primeiro julgamento que se faz de um lugar sempre se constrói sobre bases frágeis e que talvez não conviesse fazer com que todos os julgamentos futuros, com o auxílio dos quais se pretendia conduzir a vida futura naquele país, fossem colocados em desordem. [...]. (KAFKA, 2012: 44)

Karl deveria, então, se preparar para tornar-se um americano de fato. Por essa razão, seu período de estadia na casa de seu tio foi um período de aprendizado da nova língua, estudos esparsos sobre comércio, para poder em algum momento auxiliar seu tio e também caminhar com as próprias pernas. Todo esse desenvolvimento de Karl é marcado como algo que aconteceu de forma muito rápida, inclusive pela gana do jovem em dar orgulho ao tio que o estava acolhendo, mas também dando sentido às várias afirmações da narrativa de que na América as coisas acontecem de forma muito veloz. Kafka então vai desenhando situações onde o jovem não tem tempo para se ocupar com deslumbres, mas precisa agir a todo momento para seu desenvolvimento pessoal e inclusão social nos círculos do tio. As recomendações e prestígio que Jakob possui são extremamente importantes para o início de Karl, porém, o seu esforço e

disciplina seriam decisivos e diferenciais para que ele pudesse caminhar com as próprias pernas, e se tornasse um legítimo americano.

Quando confrontamos essa necessidade colocada pelo tio, de tornar-se um legítimo americano, com a nacionalidade constituinte das personagens do romance, percebemos, de forma mais clara, a diferença que existe entre ser e não ser um americano. No desenrolar do romance os dois capítulos onde temos personagens se apresentando como americanos são nos dois primeiros, no primeiro caso temos o Jakob, tio de Karl Rossmann, e no segundo capítulo aparecem os amigos do tio, Sr. Green, Mack e Pollunder, todos são grandes empresários³⁰, ou então parceiros de negócios de Jakob. Os demais personagens com quem Karl Rossmann se relaciona são, em sua maioria, imigrantes europeus, representam, na realidade, uma classe trabalhadora que antes de ali chegar sonhavam com uma nova vida. No primeiro capítulo já vemos algumas imagens mais diretas da representação dos imigrantes, uma das preocupações de Karl, ao perder sua mala e se relacionar com o foguista é ter a garantia de que ele não era, por exemplo, irlandês, pois “[...] havia ouvido falar muito dos perigos que ameaçam os recém-chegados à América, sobretudo da parte dos irlandeses” (KAFKA, 2012:15). O problema pelo qual passa o foguista, de não ser valorizado por seu trabalho, passa pelo seu incômodo com os estrangeiros que estão levando vantagem em um navio alemão. Ali os funcionários alemães são menos valorizados e essa é uma das críticas que pretendia levar a seus superiores. A avaliação negativa do estrangeiro não se dá apenas com relação ao ser americano, é claro, mas os estrangeiros, dentro do romance, ocupam uma posição social mais baixa. Rossmann, mesmo na posição de imigrante, assume nos primeiros capítulos do romance uma posição privilegiada na América, por conta de seu tio e isso passa pela reflexão de qual teria sido seu destino se não fosse por esse familiar:

[...]. Onde teria sido ele obrigado a morar, se tivesse desembarcado em terra como humilde imigrante? Bem, talvez nem tivessem permitido sua entrada nos Estados Unidos, o que o tio considerava inclusive muito provável, dado o seu conhecimento das leis de imigração – tê-lo-iam enviado para casa, sem se preocuparem com o fato de que não tinha mais uma pátria. Pois aqui não se devia esperar por compaixão, e era totalmente correto o que Karl tinha lido a esse respeito sobre a América: só os felizardos pareciam desfrutar verdadeiramente de sua felicidade entre as faces despreocupadas de seu entorno. (KAFKA, 2012: 43)

Isso reforça a posição de felizardo de que fala o Capitão durante o encontro entre tio e sobrinho. Por mais que Kafka, para abrir seu romance, utilize a Estátua da Liberdade, símbolo do acolhimento de todos, da possibilidade de redenção e salvação dos excluídos de outras nações – como demonstrado no poema de Emma Lazarus – sua narrativa segue um

³⁰ A excessão é Rennell, um jovem trabalhador do Hotel Occidental

caminho que contradiz essa imagem clássica da América. Na representação kafkiana, a América é um lugar onde, apesar da possibilidade de ascensão e melhora, também os privilégios são levados muito em consideração, onde ser um “felizardo” faz toda diferença no futuro de cada um. A posição que cada um ocupa e as boas relações que mantém com pessoas importantes tem um peso considerável nas trajetórias que se pretende construir.

Se o vínculo familiar foi algo importante para Karl Rossmann inicialmente se estabelecer, podemos perceber que esse não é a única forma pela qual é possível ganhar certo prestígio. No romance de Kafka, percebemos certa noção de solidariedade com relação ao pertencimento a determinado grupo, que faz com que as personagens acabem ganhando prestígio e também oportunidades em suas trajetórias. Weber, como tentamos demonstrar na análise acima, tenta traçar um vínculo das oportunidades adquiridas com a participação de seitas religiosas ou clubes, que são a forma secularizada das seitas, elas fornecem certa ideia de pertencimento e produzem também empatia e confiabilidade, Kafka não avançará nesse sentido, de tratar religião e nem de forma mais profunda participação em clubes, por mais que Karl Rossmann tenha ingressado em um clube com auxílio de seu tio, justamente para se inserir na sociedade americana. No caso, Kafka lançará vista sobre outras instâncias de pertencimento que garantem uma melhor condição de vida e certas seguranças. Essas instâncias seriam: a família que veio da Europa para a América (e já tratamos no exemplo do tio), a naturalidade que o liga a outros indivíduos por pertencerem a uma mesma nação (o caso da cozinheira-mor) e as amizades criadas em contextos de dificuldade (Robinson e Delamarche). Para pensarmos essas formas de atribuição de prestígio e noção de pertencimento, vejamos o caso do primeiro emprego conseguido por Karl Rossmann após ser expulso de casa por seu tio. Abaixo segue trecho do diálogo entre a camareira-mor do Hotel Ocidente e Karl Rossmann:

Mas de repente recobrou ânimo, e tomando Karl pelas mãos, exclamou:

– Agora que descobrimos que é meu compatriota, não poderá sair daqui de modo algum. Não pode fazer isso comigo. Teria vontade, p. ex., de ser ascensorista? É só dizer sim, e vai ser. Se já não estive em outros lugares, deve saber que não é particularmente fácil conseguir esse tipo de emprego, pois é o melhor começo que se pode imaginar. Entra-se em contato com todos os hóspedes, eles o vêm sempre, lhe dão pequenas tarefas, em suma, terá todo o dia a possibilidade de obter algo melhor, Deixe o resto comigo.

– Gostaria muito de ser ascensorista – disse Karl depois de uma breve pausa.

Teria sido uma bobagem ter reservas em relação ao posto de ascensorista considerando os cinco anos de colegial que frequentara. Pelo contrário, na América teria ainda mais motivos para envergonhar-se desses cinco anos de colegial. De resto Karl sempre simpatizara com ascensoristas, pareciam-lhe um pouco como ornamentos do hotel. (KAFKA, 2012, 117)

Rossmann consegue um emprego em um hotel por partilhar da mesma nacionalidade com cozinheira-mor, e sua fala é categórica: “Agora que descobrimos que é meu compatriota não poderá sair daqui de modo algum. [...]”. A cozinheira-mor apresenta o

trabalho como algo difícil de se conquistar, e Rossmann reitera que, com seus estudos, ele não teria condição de consegui-lo, mas essa noção de pertencimento lhe coloca em posição privilegiada para assumir o cargo, que era de grande estima para Karl. Os três grupos que oferecem reconhecimento a Rossmann são, no limite, três dos tipos mais tradicionais de relação. Relacionamentos onde o reconhecimento é algo esperado de saída, como se fosse algo ganho já no nascimento, não se precisa provar mais do que a origem, tema que passa, em certa medida na diferenciação que Weber faz entre igreja e seita, onde a primeira tem aspecto universal e já se nasce nela, a segunda é seletiva e é necessário provar merecimento para estar ali. Com algumas ressalvas à naturalidade, mas tanto família quanto amigos oferecem um reconhecimento de ordem afetiva e mais tradicional, que passam pouco pelo filtro da racionalidade, a nacionalidade em comum também não carece de esforço, com exceção da amizade, que é um tipo de relação que se constrói – mas no caso de Karl Rossmann não é bem assim, as amizades são quase naturais, principalmente se pegamos o caso com Delamarche e Robinson – as demais relações, nacionalidade e consanguinidade, são dadas a partir da existência, se nasce em um país e se nasce em uma família. Nesse caso da cozinheira-mor, a relação compatriota, entre Rossmann e ela, ganha extrema afetividade que se vincula à certa nostalgia da cozinheira-mor para com sua velha pátria. O que vai sendo elaborado na narrativa de Kafka é que os vínculos criados pelo protagonista do romance sempre esbarram em alguns empecilhos, que se desdobram em outras formas de relacionamento, o que nos passa a impressão de vínculos relativamente frágeis no mundo onde Rossmann passa a viver. Qualquer erro torna-se motivo para ruptura, além de que há uma espécie de competição entre os vínculos sociais da protagonista que geram conquistas e frustrações ao mesmo passo. A relação com seu tio é esmagada pela relação com seus amigos e desrespeito aos princípios do tio, a relação com seus amigos de estrada é destruída pela relação com a cozinheira-mor e oportunidade de emprego, a relação com a cozinheira-mor se destrói por conta do desrespeito às regras do trabalho. O ponto onde Karl Rossmann irá alcançar a redenção, e voltaremos a isso mais à frente, é exatamente quando abre mão de todos seus vínculos com o passado e se rebatiza para entrar no Theatro Oklahoma.

Já que tratamos sobre o primeiro emprego de Karl Rossmann, também é necessário que mostremos como a própria atividade laboral é uma forma de distinção e de atribuição de prestígio na sociedade que Kafka representa. No capítulo seguinte à sua demissão do Hotel Occidental, Karl Rossmann se defronta com um problema policial, onde algumas questões padrões lhes são postas, a primeira dela é sobre seus documentos, nesse caso, como acabara de ser expulso do Hotel de onde trabalhava, não estava de posse de seus documentos, eles haviam

ficado no hotel. A pergunta seguinte demonstra a importância que o emprego adquire na sociedade que está sendo descrita por Kafka e mostra as consequências de não possuir um emprego, pois não possuir um emprego é mal sinal e demonstra uma possível falha de caráter e perda de prestígio e confiabilidade. O policial, para que o liberasse, precisava de alguma segurança de que Karl não era um indivíduo que estava, de fato, perturbando a ordem. Vejamos a passagem:

- Tem algum emprego? – perguntou finalmente o policial.
- Fui ascensorista – disse Karl.
- Foi ascensorista, quer dizer que não é mais, então do que é que vive?
- Agora vou procurar um outro trabalho.
- [...] Eu precisaria pelo menos saber por que ele foi despedido assim de repente – disse por fim o policial, enquanto Delamarche olhava para o outro lado com uma expressão aborrecida e amassava o cartão com a ponta dos dedos.
- Mas ele nem foi despedido – exclamou Robinson para surpresa geral, inclinando-se o mais que podia para fora do carro, apoiando-se no chofer. – Ao contrário, ele tem um bom emprego lá. No dormitório ele é quem manda e pode levar quem quiser. Só que está sempre tremendamente ocupado e quando se quer algo dele, é preciso esperar muito tempo. Sempre está nos aposentos do camareiro-mor ou da cozinheira-mor e é pessoa de confiança. Demitido ele não foi absolutamente. Não sei por que ele disse isso. Como pode ele estar demitido? Eu me feri gravemente no hotel e ele foi incumbido de me trazer para casa; como naquele exato momento ele estava sem paletó, ele veio comigo assim mesmo, sem paletó. Eu não podia esperar que ele ainda voltasse para buscar. (KAFKA, 2012, 181-183)

Aqui o trabalho aparece como forma de atribuição de dignidade ao indivíduo, esse é o motivo da preocupação do policial com relação à ocupação de Rossmann, ter um trabalho garantiria ao policial que Rossmann não era um desordeiro. Seguido dessa pergunta respondida em negativa, há uma tentativa de traçar um perfil de identidade pelas aparências coletadas pelo policial até o momento, então há uma descrição de suas vestimentas, há um apanhado de todos os elementos possíveis de serem coletados à uma primeira vista, na tentativa de conseguir construir uma identidade, então o fato de não estar vestido com um paletó, o fato de não possuir documentos e a impressão de que algo ali não estava em ordem faz com que o policial chegue à pergunta decisiva que poderia contrariar todas as impressões primárias, era a posse de uma ocupação, ela poderia por fim à dúvida do policial com relação à Karl e serviria como indício de que ele era um bom cidadão, pois, na sociedade moderna, o trabalho assume uma posição central no que diz respeito à constituição dos indivíduos, eles são as suas ocupações, mas também lhe assimilam à sociedade, não sendo um agente subversores da ordem.

A trajetória de Rossmann aparece, dessa forma, como um constante ganho de prestígio e confiança seguido pela perda destes, sempre por conta de uma decepção de algum princípio ou valor que está implícito na relação que ele está construindo com outros personagens ou com certas ocupações. Na situação do policial Karl chega ao confronto dessa situação com o próprio estado. No começo do romance, se não fosse por seu tio, ele teria se defrontado com

o estado, que poderia tê-lo mandado ele de volta para a Europa, porém, apenas agora ele presta conta com as autoridades do estado e já não tem muitas formas de confrontar-se com ele, aqui, em um local periférico onde moravam Delamarche e Robinson, ele se defronta com uma força exterior que o caracteriza como não pertencente da ordem estabelecida, mesmo com os ardis de Delamarche, tentando justificar a condição de Karl estar ali sem documento, mal vestido e sem emprego, construindo algumas mentiras sobre o que aconteceu com o jovem, não é suficiente para fazer com que o policial recue. A narrativa que Delamarche tenta elaborar joga exatamente com a tentativa de construir um sujeito em quem se deve confiar, então na história contada pelo francês ele não teria perdido o emprego, ele seria um funcionário tão exemplar e que tinha tão boas relações com seus superiores que lhe foi atribuída a tarefa de cuidar de Robinson, que havia passado mal. A autoridade não recua em sua desconfiança com relação à Rossmann e o desdobramento da situação, depois de não conseguir provar que merece confiança e que é apenas um sujeito de pouca sorte, mas não um “desviante”, Karl foge, justamente por perceber que seria impossível dissuadir o policial da imagem que ele já tinha constituído de si. A fuga do policial acontece em um bairro operário, onde a polícia era vista em baixa estima, o que reforça a imagem de tensão entre polícia e trabalhadores, apesar do trabalho ser uma importante forma de constituição de prestígio para os indivíduos.

Aqui mais uma vez podemos traçar um paralelo com as máximas de Benjamin Franklin, citada por Weber, onde importante não é apenas trabalhar, mas aparentar que estar trabalhando, pois além da sociedade se basear em aparências, o trabalho é algo visto como um dos valores mais importantes da sociedade e é ruim para imagem ser visto como um sujeito que não empenha um ofício de maneira rigorosa. Tanto na perspectiva de Weber quanto na de Kafka, o trabalho ocupa uma posição importante. A grande questão aqui é o que acompanha esse trabalho. Para Weber, ter uma religião que lhe empresta uma ética a ser seguida que contribui para um melhor desenvolvimento da profissão. Enquanto a representação que Kafka faz é a de que o trabalho, por si mesmo, é dotado de uma importância fundante perante a sociedade, o trabalho acompanha a confiança e a dignidade do sujeito, ou seja, o trabalho, no sentido da máxima de Benjamin Franklin, dignifica o homem, enquanto a falta dele o denigra, e isso aparecerá na obra de Kafka como um outro tipo de ética, uma ética da obediência.

No texto de Kafka, como podemos ver, a personagem passa por um constante movimento de ganho e perda de prestígio. Não há um lugar onde esse prestígio seja estável, como na imagem da América de Weber, onde a igreja passa uma confiança enorme aos pares que circundam os sujeitos que pertencem às seitas religiosas. Como a terra nova de oportunidades para a personagem principal, ela também acaba por ser uma terra envolta em

inseguranças e cobranças fortes. O trabalho ocupa um lugar importante e caracteriza, perante as autoridades, aquilo que há de mais importante para garantia de alguma segurança para si e uma imagem confiável para os outros (entre os outros temos também o estado). Na obra de Kafka, a personagem principal só consegue alcançar sua completude quando chega em um local onde o prestígio e seu passado pouco importam, o Teatro de Oklahoma, onde ele já não é Rossmann, mas, simplesmente, Negro. Quando Rossmann se desliga de tudo que lhe remete à sua origem, ou o caminho que traçou até ali, acaba por alcançar aquilo que subitamente lhe salva.

O que acontece é que a construção e o ponto de redenção da personagem no romance de Kafka seguem a mesma lógica do batismo relatado por Weber. A personagem Karl Rossmann alcança seu ponto alto onde não precisa de amarras e de insígnias de prestígio quando se rebatiza e entra para o Teatro de Oklahoma. A personagem escolhe um novo nome e percebe que ali todos são bem recebidos. Independente dos estigmas que carregam, independente de qualquer coisa, ali ele avistou todos aqueles que eram mal vistos na sociedade e se sentiu, pela primeira vez, confortável, pois sabia que recomeçaria e faria parte de algo maior do que as regulações e injustiças pelas quais havia passado até o momento. A cena do Teatro Oklahoma e de sua admissão é importante para compreendermos o ponto de redenção. Aqueles que faziam a seleção dos que entrariam para a companhia pediam apenas documentos e formação. Karl os tentou enganar dizendo ser engenheiro. Ao descobrirem a tentativa de engano não o excluíram, mas o acalmaram dizendo que a falta de documento não seria problema e que eles teriam espaço para todos, não era necessário ser um engenheiro. Rossmann se sentiu mais leve. A última coisa que lhe foi perguntada no processo de seleção foi o nome e ele decidiu tomar para si o nome que tinha recebido no Hotel Occidental, Negro. As pessoas tiveram certa dúvida em relação ao nome, porém, aceitaram. Todos que foram em direção ao teatro foram aceitos, e como fica claro na narrativa: “[...] Quanta gente despossuída e suspeita estava ali agrupada, e era tão bem recebida, tão bem tratada! [...]” (KAFKA, 2012, p. 266). A partir de agora o único pedido que lhe fora feito era de que honrasse o Teatro Oklahoma. Assim é encerrada a busca de Karl Rossmann por um lugar, quando ele abre mão de si, assim como o batizado, narrado por Weber, pôs fim à sua velha vida e à possibilidade de ir ao inferno, ganhando, acima de tudo, uma nova vida, principalmente no aspecto econômico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa pesquisa, pudemos perceber que as interpretações sobre um fenômeno – ou objeto – não se esgotam em apenas uma perspectiva. A aproximação das obras de Kafka e Weber nos levaram a uma investigação acerca da possibilidade de interpretações múltiplas de um fenômeno. Passamos pela representação da América, pela representação do trabalho no mundo moderno, da ruptura do tradicional, dos novos vínculos na sociedade capitalista ou da sociedade moderna e outros temas contemplados em suas obras. Esses temas trabalhados em nossa pesquisa escapam à tradicional investigação da burocracia e traçam outros pontos de contato entre as obras de dois grandes autores do século XX. No início tínhamos interesse em compreender a representação que ambos construíram dos Estados Unidos da América em suas obras, porém, ao aprofundarmos nossa investigação, percebemos que suas obras encapsulavam mais do que a imagem de um país. A América acabava por ser o pano de fundo mais suscetível no qual se esboçava, de forma mais clara, a tentativa de conciliação de dois processos: o de modernização técnica (compreendido enquanto razão instrumentalizada, expresso na fala de Rossmann “É preciso conhecer o mecanismo” (KAFKA, 2012:105) e o de modernidade (compreendida enquanto razão emancipadora do homem que o encaminha em direção à liberdade, autonomia, conhecimento, autossuficiência, bem expressa pela imagem que Jakob formula do país: “se não fosse pelos símbolos e milagres que ainda permanecem vivos justamente na América, o rapaz estaria abandonado à própria sorte e teria decerto logo sucumbido” (KAFKA, 2012:34)). A América aparece, tanto em Kafka quanto em Weber, como ponto de fuga, mas fuga de quê? Fuga da tradição, a América é o terreno onde modernização e modernidade disputam apenas entre si, e podem sofrer menor influência de aspectos tradicionais. O empenho de nossa pesquisa foi, justamente, o de observar como essas fugas são representadas nas obras de Kafka e Weber e como elas poderiam se relacionar.

A fuga kafkiana apresenta-nos a América como esperança para Rossmann, a renovação da vida de um jovem expulso de sua terra natal. Essa América é um cenário novo, como qualquer outra terra é para um estrangeiro, mas sua novidade apresenta-nos a modernidade a plenos pulmões, apresenta-nos os vínculos tradicionais fragilizados, a regra e a disciplina como bússolas para as ações e o indivíduo como aquele que deve tomar as rédeas do mundo. Junto dessa modernidade temos a modernização em velocidade máxima, essa se apresenta pelo desenvolvimento tecnológico expresso pelo constante choque e surpresa de Karl Rossmann ao comparar sua vida europeia e sua vida americana. Por sua vez, a fuga weberiana se apresenta, em alguns momentos, como alternativa para o desenvolvimento do processo de racionalização do mundo ocidental, mas essa possibilidade – da América como alternativa – é

rapidamente deixada de lado pelas observações do próprio Weber, que observa na América indícios de europeização. Ao mesmo tempo, outra fuga aparece nos escritos de Weber, a fuga de uma ética do trabalho que nasce na Europa e encontra solo fértil na América, onde a tradição não pode barrar uma conduta de vida que guarda afinidades eletivas com o capitalismo moderno. De certa forma a América, então, aparece como um laboratório para o próprio capitalismo moderno conceituado por Weber.

Kafka e Weber convergem em temas e em interpretações. Por vezes, em nossa dissertação, chamamos a atenção para o paroxismo presente em Kafka das interpretações weberianas da realidade. Isso acontece não porque sua literatura sirva para exemplificar a sociologia de Weber, mas porque o próprio Kafka apresenta em sua ficção uma interpretação possível da realidade do mundo moderno. Os autores aqui tratados não influenciaram um ao outro de maneira mútua, até porque é pouco provável que Kafka tenha lido Weber, apesar de ter sido aluno de seu irmão, e é quase impossível que Weber tenha lido Kafka, visto que, em vida, o autor tcheco era conhecido apenas em círculos pequenos, tendo ganhado grande fama apenas após sua morte. Essas informações só poderiam nos ser delegadas pelos dois autores em questão. Porém, podemos afirmar que o que ambos fizeram foi olhar para o mundo a partir de suas tradições e encontrar elementos similares, de forma que uma interpretação quase completa a outra. Weber nos fala da secularização e de um processo de racionalização brutal que praticamente mecaniza as relações. Ao abrirmos livros de Kafka vemos, muito claramente, representações disso, como se Kafka tivesse dado continuidade à análise sociológica por meio da literatura e ainda a desdobrado.

Os autores nos representam mundos em mudança que caminham em direção à mecanização, para o progresso, onde os elementos que constituiriam uma tradição e seriam responsáveis por estabelecer vínculos duradouros e significativos acabam sendo substituídos por procedimentos que precisam apenas ser respeitados, mas, ao mesmo tempo, não respeitar os procedimentos é produzir relações ruidosas e dotadas de obstáculos. Nesse sentido, não há muita margem para a liberdade, escolhas e caminhos alternativos. Processos como o de racionalização, secularização, desencantamento do mundo vão tornando o mundo e as condutas de vida mais automáticos, como Kafka reforça algumas vezes em seu romance. Para que se viva nesse mundo é suficiente que se conheça o mecanismo, que é, nesse sentido, a representação de uma automatização desenfreada que vai excluindo a humanidade das próprias relações pessoais. A América se apresenta como um espaço onde a tradição que estrutura o mundo moderno é um pouco diferente da usual tradição que pretende ligar o passado e o futuro dando alguma continuidade histórica e estabelecendo certas permanências. Se tomarmos os exemplos da obra

de Weber percebemos que a tradição protestante aparece como um trampolim para o progresso do capitalismo. Porém, logo ela é abandonada. Weber olha para a tradição protestante na América e, ao cabo, compreende que ela se enraizou de tal forma na cultura que não se vê mais no protestantismo os fundamentos de condutas e ações. A conduta que outrora possuía um sentido oriundo do protestantismo havia então se transformado em uma conduta econômica. Kafka leva essas condutas racionalizadas ao paroxismo e nos mostra que relações pessoais (familiares, amizade e nacionalidade) passam a ser secundárias frente princípios, produção e lucro. Há uma tensão entre essas duas dicotomias na obra de Weber que recai sempre na ruptura com o tradicional para reafirmar aquilo que configura o moderno.

Essas interpretações do mundo moderno, que aparecem nas obras de Kafka e Weber, nos ajudam a compreender algo que tentamos explorar exaustivamente em nosso percurso até aqui: a multiplicidade de perspectivas que podem constituir a realidade social. Falávamos, no início de nossa dissertação, da perspectiva de Weber sobre a multiplicidade de causas e valores que tornam possível compreender um mesmo fenômeno. Além disso, também tratávamos do aspecto construtivo da própria sociologia weberiana na tentativa de nos oferecer uma compreensão da realidade social. Essa forma de pensamento tornou instigante e convidativa a aproximação com a literatura, pois a literatura, muitas vezes, é vista como algo sem relação com a realidade por ser uma construção ficcional, às vezes uma abstração. Porém, a própria sociologia weberiana apresenta a ciência em termos de abstração, em termos de distanciação do mundo real com o intuito de melhor compreendê-lo. Procuramos aproximar a literatura da sociologia a partir dessa chave. A literatura estaria nos oferecendo alguns tipos ideais e apresentando algumas perspectivas de mundo que são capturadas pelo olhar do literato e transpostas para sua obra. Literatura e sociologia aqui são aproximadas justamente por ambas produzirem interpretações possíveis acerca da realidade. Kafka nos apresenta imagens do mundo do trabalho, imagens da vida burguesa e do *self-made man*, imagem da própria América e de seus símbolos. Em seu romance podemos ter contato com imagens de mundos possíveis que se aproximam da realidade em algum grau, pois mobilizam conhecimentos e concepções sobre esses temas para construir uma obra e uma perspectiva própria. Weber elabora também uma interpretação possível em dois sentidos: os fenômenos só são significados e dotados de sentido a partir de uma perspectiva humana, posto que não há conhecimento sem o sujeito do conhecimento. O segundo sentido da interpretação possível é que Weber abre e deixa claro que sua interpretação não é a única, existem outras que não necessariamente negam a sua, mas podem vir a complementá-la ou mesmo contradizê-la.

Construir esse diálogo entre sociologia e literatura é justamente explorar as potencialidades do conhecimento que não se limita à perspectiva científica. Há um leque de possibilidades para formular conhecimento e também para obtê-lo. É evidente que em meio ao processo de racionalização do mundo ocidental a interpretação científica foi assumindo papel decisivo como interpretação válida e dotada de maior grau de racionalidade. O esforço de nosso trabalho foi, ao máximo, o de tentar evitar hierarquizar saberes, pois entrando nesse campo, devemos considerar critérios técnicos que não caberiam, ou fariam sentido, à literatura. Nossa empresa foi a de investigar os conteúdos produzidos pela literatura e pela sociologia, o que nos possibilitou observar a ambas como atribuidoras de sentido para o mundo. Tanto sociologia quanto literatura fazem um jogo duplo: em um primeiro momento, observam e compreendem os sentidos que existem no mundo; em seguida, organizam esses sentidos, mais ou menos difusos, em uma unidade ordenada.

No que diz respeito a essa unidade ordenada, temos algumas diferenças entre sociologia e literatura: a sociologia nos oferece uma interpretação planejada, nos oferece compreensão específica e clara daquilo de que está tratando, pois há um projeto que se apresenta no início do texto sociológico e vai se desenvolvendo, até que, ao fim, nos oferece uma nova forma de interpretar a realidade. A literatura, por sua vez, nos convida a uma interpretação do próprio texto, que nos conta uma história de personagens. O fim é contar a história desse personagem, mas junto dessa história apresentam-se elementos da realidade, não necessariamente de forma tão clara e evidente como a sociologia, mas de forma a demandar de nós atenção e criação de certas relações para que essa realidade representada vá ficando mais clara. Este não é o objetivo último da obra, mas é algo que a constitui e é uma chave de leitura possível que nos ajuda a compreender melhor a obra literária e o mundo onde estamos. A literatura nos oferece uma outra forma de compreender o mundo pois dentro dela nos são apresentadas várias perspectivas do mundo, ampliando nosso horizonte de visão³¹ sobre a realidade e sobre as possibilidades do mundo.

³¹ Tributamos à ideia de ampliação de horizonte à obra de Hans-Georg Gadamer e seu conceito de fusão de horizontes, onde o autor compreende o processo de interpretação como uma fusão do horizonte presente no texto com o horizonte daquele que interpreta, ou seja, toda interpretação e compreensão partem de uma certa tradição, de um conteúdo já produzido, de *preconceitos* já instituídos. Também compreende a impossibilidade de uma compreensão ou de uma interpretação totalizante da realidade, pois essa depende sempre desse processo de fusão de horizontes, onde a tradição e as interpretações se encontram, significando e ressignificando a realidade. De tal forma que uma interpretação passada pode ganhar novos sentidos a depender do horizonte com o qual ela se encontra ou do horizonte que está empreendendo uma nova interpretação. (Sobre isso ver Hans-Georg Gadamer, *Verdade e Método* v.1, especificamente o capítulo 2- Os traços fundamentais de uma teoria da experiência hermenêutica). (GADAMER, 2015, p.p 354-405)

Ler Weber e Kafka a partir das interpretações da realidade que produziram e a partir dos conteúdos de seus discursos nos oferece um alargamento de perspectiva ao nos apresentar outros horizontes possíveis, mas sempre tendo em vista que o horizonte não se encerra, apenas se expande. Construir o diálogo entre as obras de Weber e Kafka nos aproxima de certa perspectiva interdisciplinar, tendo em vista que quanto mais perspectivas e mais materiais da realidade tivermos, maiores são as condições de produzirmos interpretações sobre ela. O conhecimento da realidade é sempre uma ficção que vai recordando a pluralidade do próprio mundo com a intenção de compreender algo em específico, dada a impossibilidade de compreender o todo. Mas o movimento de expansão do específico (aquilo que encontramos em uma perspectiva de explicação) para o plural, para o diverso, a construção de pontes entre saberes distintos, ajuda-nos também a retomar um pouco a complexidade do mundo e complementar aquilo que por vezes está ausente em um tipo de discurso muito específico. A sociologia weberiana contribui em muito nesse projeto, pois ela sempre se coloca como produtora de um conhecimento limitado, parcial e específico. Dessa forma, ela nos oferece um convite enquanto pesquisadores para ampliar o quadro do conhecimento com aquilo que falta, com aquilo que pode contribuir para uma melhor compreensão de um fenômeno. Em cada um dos seis tópicos do capítulo três tentamos fazer isso por meio da literatura de Kafka, oferecer complementos à interpretação da realidade, não por meio de exemplos da literatura, mas considerando-a como outra forma de conhecimento – assim como a sociologia – que também é específica, limitada e parcial, mas que vai preenchendo o quadro do conhecimento sobre as condições da própria existência do humano e da sociedade. Aproximar as duas interpretações nos oferece maior subsídio para podermos fazer asserções sobre temas complexos, sobretudo acerca própria constituição do mundo moderno.

5. REFERÊNCIAS

- ANDERS, G. **Kafka: pró e contra**. Trad. Modesto Carone. São Paulo, Cosac Naify, 2007.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2013
- ARENDT, H. Kafka a revaluation. In: ARENDT, H. **Essays in Understanding: 1930 – 1954**. New York, Harcourt Brace & Company, 1994.
- ADORNO, T. W. "Anotações sobre Kafka." In: _____. **Prismas: Crítica Cultural e Sociedade**. São Paulo, Ática (1998): 263.
- BENJAMIN, W. Franz Kafka: A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Ed. 8ª, São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, W. **Carta a Gershom Scholem**. Trad. Modesto Carone. **Novos Estudos Cebrap**. São Paulo, 1993. p.p 100-106.
- BIONDILLO, R. Benjamin e a doença da tradição em Kafka. **Revista Limiar**, v. 3, n. 6, p. 355-370, 2016.
- BROD, M. **Franz Kafka, a biography**. 2ª Ed. New York, Schocken Books, 1960.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária**. 13ª Ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2014.
- DA FONSECA, C. “Deus Está do Nosso Lado”: Excepcionalismo e Religião nos EUA. **Contexto Internacional**, v. 29, n. 1, 2007.
- GADAMER, H-G. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2015.
- HÜBINGER, Gangolf. Max Weber and the cultural history of modernity. **Tempo Social**, v. 24, n. 1, p. 119-136, 2012.
- IANNI, O. Variações sobre arte e ciência. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 16, n. 1, p.7-23, June2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- IANNI, Octavio. Sociologia e literatura. **RUA**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 55-74, out. 2015.
- ISSN 2179-9911. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640630>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

JANOUGH, G. KAFKA, Franz. **Conversas com Kafka**. Novo Século, 2008.

JANOUGH, G. **Conversations With Kafka**, 2ª Ed. New York, New Directions, 2012.

KAFKA, F. **Escritos Sobre el arte de escribir**. Madrid, Ediciones y Talleres de Escritura Creativa Fuentejala, 2003

KAFKA, Franz. **The Man who Disappeared:(America)**. OUP Oxford, 2012.

KAFKA, F. **O desaparecido ou Amerika**. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

KAFKA, F. **Diaries**. New York, Schocken Books Inc. (Versão Digital)

KAFKA, F. **Letters to friends, family and editors**. New York, Schocken Books Inc. 1977.

LEPENIES, W. **As três culturas**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LÖWY, M. **Redenção e Utopia: O Judaísmo libertário na Europa Central (um estudo de afinidade eletiva)**, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

MORGAN, E. S. Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. **Estudos Avançados**, v. 14, n. 38, p. 121-150, 2000.

OFFE, C. American Escape Routes from the Iron Cage. In: OFFE, C. **Reflections on America: Tocqueville, Weber and Adorno in the United States**. Polity, 2005.

OLIVA-AUGUSTO, M. H. Condução da vida e governo de si: essa aproximação é possível? In: JARDIM, F. A. A.; TEIXEIRA, A. L.; LÓPES-RUIZ, O. J.; OLIVA-AUGUSTO, M. H. **Max Weber e Michel Foucault: paralelas e intersecções**. [S.l: s.n.], 2018.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. 3ª Ed. São Paulo, Editora 34, 2013.

POLLAK, M. Max Weber: elementos para uma biografia sociointelectual (parte II). **Mana**, v. 2, n. 2, p. 85-113, 1996.

ROSENFELD, A. Kafka e o romance moderno. In: **Letras e leituras**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

ROSENFELD, A. Kafka e Kafkianos. In: **Texto e Contexto I**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996

ROSENFELD, A. Reflexões sobre o romance moderno. In: **Texto e Contexto I**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

SANTOS, Patrícia da Silva. **(Im)possibilidades na literatura de Franz Kafka**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCAFF, L. A. **Max Weber in America**. New Jersey, Princeton University Press, 2011.

SCAFF, L. Remnant of Romanticism, in: SWATOS JR, W H.; KAELEBER, L. **The Protestant Ethic Turns 100: Essays on the Centenary of the Weber Thesis**. Routledge, 2016. EPUB

SCHLUCHTER, W. Politeísmo de valores. SOUZA, J. **A atualidade de Max Weber**: Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2000. (13-49)

SELL, C. E. **Max Weber e a racionalização da vida**. Pétropolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2013

SEVÄNEN, E. Literatura Moderna como forma de discurso e de conhecimento sobre a sociedade. **Sociologias**, v. 20, n. 48, 2018.

TAMBLING, J. Lost in the American City: Dickens, James, and Kafka. Springer, 2001.

WARNER, M. Kafka, Weber and organization theory. **Human Relations**, v. 60, n. 7, p. 1019-1038, 2007.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações**. 18ª ed. São Paulo, Cultrix 2011.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro, LTC, 1982.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais parte 1**. 4ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Cortez, 2001.